COELHO NETTO

A
Conquista

(Episodios da vida litteraria)

RIO DE JANEIRO
LAEMMERT & C.—EDITORES
CASAS FILIAES EM S. PAULO E RECIFE
1899

A

CONQUISTA

Este livro, amigos meus, é mais vosso, é todo vosso, devo mesmo dizer, porque na sua composição entrou apenas a minha memoria; eu, como o ollam, *lembrei-me e venho contar aos que surgem a odysséa da nossa mocidade.*

Triste, bem triste foi a nossa vida posto que, de longe em longe, como um raio de sol scindindo a densidão dum céo tempestuoso, o riso viesse pallidamente á flor dos nossos labios, posto que o estribilho dos nossos desalentos fosse sempre a canção. Triste, bem triste foi a nossa vida: mas chegamos, vencemos... Deus o quiz! e, se ainda não tomamos de assalto a praça em que vive acastellada a indifferença publica, já cantamos em torno e, ao som dos nossos hymnos, ruem os muros abalados e, avistamos, não longe, pelas brechas, essa cidade Ideal com que sonhamos.

Mas, no dia em que nella pudermos entrar victoriosos, pisando a verde, macia e cheirosa folhagem, indo repousar á sombra das arvores, perto da frescura e do murmurio d'agua, nesse dia, reunidos pela saudade, sacrificaremos, com religioso sentimento, aos manes dos que ficaram nesse longo e penoso caminho adormecidos á sombra merencorea dos cyprestes.

E' vosso todo este livro, meus amigos. Eu vim seguindo a caravana que a Musa precedia, cantando como Maria, a prophetiza, á frente de Israel, em Pharan; vim seguindo e apanhando pelo caminho saibroso e secco as gottas de sangue, as gottas de lagrimas, as estrophes sonoras, os arrancados soluços e os suspiros que deixaveis e, durante a marcha, só tres vezes paramos, com as lyras caladas, os olhos gottejando, para guardar na terra santa os que cahiram.

Já lá vão quinze annos! Já lá vão quinze annos de sonhos e de soffrimentos!

Eis-nos acampados diante da cidadella e que temos nós? e que thesouro possuimos depois de tão arduo combate? temos ainda, e só, a moeda com que nos lançamos á aventura: — Esperança e alguns louros na fronte: os primeiros cabellos brancos. Emfim..! Já é muito não havermos perdido a Esperança.

Irmãos meus debruçai-vos sobre este rio caudal de lagrimas e revêde-vos recordando os dias amargos do passado saudoso. O ollam *vai fallar...* Sursum corda!

C. N.

1897

I

A manhã, tépida, rosada e resoante, porque os sinos badalavam festivamente em todas as torres agudas illuminadas pelo sol magnifico dum sabbado de verão, tinha para Anselmo um encanto novo, inexprimivel. Seus vivissimos olhos pardos, fulgurantes como os dos tigres, filtravam através das lentes do *pince-nez* a alegria, toda espiritual, que lhe ia n'alma — errando pelo céo muito azul, repousando na copa frondosa das arvores do parque onde cantavam, á compita, cigarras e passarinhos, alastrando pela verdura macia dos taboleiros, boiando nas aguas quietas, lisas, espelhentas dos lagos, raro em raro frizadas pelas palmouras dum cysne que ia airosamente da margem á ilha, tão sereno como se o levasse a mesma correnteza, não viam senão a casa para onde o levavam anciosamente os passos sofregos, do outro lado do parque, perto dos Bombeiros.

Que lhe importava o esplendor da manhã se outro maior lhe estava reservado além daquellas grades, numa casa que elle imaginava de byzantino fausto, entre discretas sombras repousadas, como um templo oracular.

Alli sim ! dilataria a alma sequiosa e seus olhos teriam a desejada visão dum sanctuario d'Arte ; o soalho, ou dum caprichoso e miudo mosaico de madeira, encerado, luzido, ou forrado por um largo tapete de altas felpas molles, todo semeado de flores por entre as quaes nymphas, graciosamente núas, andassem fugindo aos egypans, não porque os temessem, senão para que, demorando a posse, mais os desejos nelles inflammassem.

Nas paredes preciosos e raros gobelinos, pannos d'Asia de seda e ouro com deuses truculentos e aves abrindo caudas immensas, resplandecentes, oculadas de ouro. E telas de artistas celebres em molduras sobrias e *bronzes* e marmores, panoplias d'armas authenticas; uma severa bibliotheca de madeira negra sabiamente abastecida, a mesa, vasta e pesada, manuelina; cadeiras altas como faldstorios e, acima da mesa, suspensa do tecto por uma grossa corrente de velhissima prata, a lampada serena das meditações. Anselmo ia, pela primeira vez, á casa de Ruy Vaz.

Conhecêra o romancista, cujo nome era citado na academia, com admiração, por quantos se interessavam pelas lettras, na rua do Ouvidor, dias antes, e ia vel-o na intimidade do seu

gabinete d'Arte, nas suas vestes maneiras de trabalho.

Ia penetrar esse ádyto em que habitava o escriptor que elle seguia de longe, enamoradamente, quando o via passar na multidão com os grandes olhos femininos, de longas, sedosas e curvas pestanas, sempre ennevoados de sonhos, cofiando o bigode negro, num andar rapido como se sempre fosse á pressa annotar uma idéa, registrar uma observação, rematar uma pagina, esboçar um romance, consultar uma nota e tinha revoltas violentas vendo a indifferença da multidão que nem sequer abria alas ao autor de tantas e tão soberbas paginas humanas.

Seguia e, se elle fosse á uma apetitosa aventura de amor, muito discreta e arriscada, sorver extasiadamente o primeiro beijo criminoso, enlaçar, com ancia, o corpo branco e fragrante, mollemente languido, da mulher amada não levaria o coração tão sobresaltado. Quando passou o portão deteve-se um momento ao sol, hesitante. « Mas, áquella hora o romancista devia estar almoçando... » Uma corneta soou gravemente, em notas prolongadas, e o dobre de um sino passou rolando nos ares lúcidos. Meio dia! Atravessou a rua e, de olhos altos, consultando as placas, parou diante de um largo portão que, abrindo sobre um pateo ladrilhado, dava ingresso á casa, de dois altissimos andares. Um homem barbado, em mangas de camisa e descalço, varria preguiçosamente a entrada, com a cabeça derreada,

um olho fechado para evitar a fumaça do cigarro que lhe rolava, humido, nos beiços. Anselmo abordou-o:

— Não mora aqui o senhor Ruy Vaz? O homem cuspio para um lado a ponta do cigarro e, levantando a cabeça hirsuta e ruça de poeira, fitou com indifferença o estudante:

— Quer fallar ao senhor Ruy Vaz?

— Sim.

— E' por aqui, a terceira porta : e, enristando a vassoura, indicou uma passagem estreita ao lado da escada que levava aos pavimentos superiores. Anselmo, tomando a direcção indicada, ganhou um corredor cimentado onde amarelleciam pontas de cigarros, ao longo do qual corria uma banqueta de tinhorões que o calor escaldante da hora amollecia, curvando-os flaccidamente. Seguindo lançava os olhos indiscretos por todas as janellas surprendendo interiores modestos: camas desfeitas, mesas abarrotadas de livros, malas aos cantos. Em um delles um estudante, em camisa, com as pernas núas, curvado diante de um lavatorio de ferro, fazia, ao espelho, o laço da gravata emquanto outro, moreno, de oculos, ia e vinha alarmando o silencio com um vozeirão tormentoso á medida que escovava, com furia, o casaco que sustentava nas mãos suspenso pela gola:

A vindima eis terminada
E' beber, toca a beber!

Mentalmente Anselmo concluio a quadra da copla da opereta :

> Bôa pinga preparada
> Vai provada agora ser.

Justamente chegava diante da janella que arejava e illuminava o retiro espiritual do romancista. Deteve-se e o sangue, violentamente sacudido pelo choque duma grande surpresa, borbulhou no coração do estudante. O' sonho! Ruy Vaz alli estava, não como um deus no sanctuario veneravel, mas homem, simples homem, modesto e pobre, entre moveis pobres, de calças de brim, camisa de setineta aberta no peito, curvado sobre a bacia do seu lavatorio de vinhatico escovando os dentes com desespero.

Ao centro da sala a mesa accumulada de livros e de papeis, duas estantes de ferro, a cama ao fundo e as paredes núas, tristemente núas como as da cella de um monge. O estudante, passada a primeira impressão, sentio-se mais á vontade: aquella singeleza de habitos tornava o homem mais accessivel, humanisava o deus e, repentinamente, como nesse relampago cerebral dos moribundos que revêem a vida inteira no momento afflicto da agonia, Anselmo lembrou-se dos grandes escriptores : Camões seguindo lentamente as ruas de Lisboa na fria, nevada tristeza das manhãs de inverno, estendendo a mão gloriosa e forte da penna e da espada á caridade ; Cervantes

encolhido num carcere, com um cantil e um pão; Shakspeare sofreando os cavallos das seges á porta dos theatros e, mais proximo, o dulcissimo Lamartine acabrunhado e esquecido; Balzac decompondo o cerebro para abrandar os credores que o perseguiam implacavelmente ; Murger acabando na triste sala dum hospital e...

— Oh!

— Bom dia!

— Entra. Vendo-o, Ruy Vaz precipitou-se para a porta arrastando chinellas e convidou-o desceremoniosamente : Entra... Então? Offereceu-lhe uma cadeira, Anselmo, porém, repousando o chapéo sobre a mesa, ia sentar-se em outra, mas o romancista oppôz-se :

— Essa não! joga muito, é o meu navio, é a cadeira das sensações d'aventura e um edificante exemplo dos funestos resultados do vicio. Serve para dar-me a illusão das grandes viagens pelos mares fortes e, ao mesmo tempo, previne-me contra as bancas. Joga tanto que até perdeu os fundos... Mas, que ha de novo? Está um dia magnifico para um passeio ao campo. Atulhou de fumo um cachimbo, repoltreou-se na sua cadeira de trabalho, esticou as pernas, cruzou os pés e ficou-se baforando. Anselmo achava-o intimo de mais. A sua mobilia não era das mais preciosas, isso não era, mas o talento dava-lhe direito a uma resteasinha de orgulho, elle, emtanto, era de uma tão lhana franqueza, de uma tão simples camaradagem... Ainda era orgulho, pensou o estudante;

o romancista, vendo-lhe a timidez e o vexame, queria pôl-o á vontade. Magnanimo isso sim, magnanimo como um leão.

— Vim interromper o seu trabalho, disse Anselmo tomando da mesa um espatula de osso.

— Não, por hoje tenho a minha conta. Ia agora justamente fazer o meu pequeno passeio á chacara. Quer vir ?

— Podemos ir. Sahiram seguindo para o fundo da casa. O que o romancista chamara pomposamente, imaginosamente « chacara » era um terreno abandonado de herva bravia, que fôra, em tempos mais prosperos, jardim cheiroso e de trato. Um caramanchel sobre o qual alastrava, viçosa, a verde folhagem de uma passionaria fazia uma arcada rustica dando passagem para esse canto isolado e mudo de meditação e de entulho. Ao centro, sitiado pelo matto damninho, um velho tanque escalavrado e secco, com um outeirinho ao meio donde subiam, largas e duras, as folhas de ferro de uma planta que, em tempos, esguichara a agua sussurrante por um bico insinuado entre as hastes derreadas e enferrujadas; um banco forrado de conchas com assento de mosaico escaldava ao sol, junto ao muro; outro havia fronteiro, resguardado pela ramada frondosa dum tamarindo, com muita herva em torno e, derrubado, meio occulto pelas hervas, um hercules de louça, fendido e ennegrecido, com a pelle do leão sobre os hombros, um côto da maça ao punho, numa attitude contemplativa, jazia num esquecimento

triste. Os olhos alcançavam os fundos das casas visinhas: janellas abertas á luz, chaminés fumegando, mulheres debruçadas fallando para os quintaes; e, de instante a instante, cortava fundamente o silencio o grito de uma araponga, metallico como a pancada sonora e resoante do malho na bigorna. Sentaram-se os dois e Anselmo pôz-se a fallar saudosamente da terra amada e longinqua, berço de ambos, provincia farta que é um celleiro e um Parnaso onde, com a mesma exuberancia, pullulam o arroz e o genio, terra de algodão e de odes donde, com ingrata indifferença, emigram os fardos para os teares da America e os vates para a rua do Ouvidor, terra das lyricas, terra das palmas verdes, terra dos sabiás canóros.

O romancista ouvia a facundia do patricio, fumando com a impassibilidade de um thuribulo, os olhos altos como se seguisse um sonho, ao longe, no céo. O silencio de extase em que ficou Ruy Vaz foi interpretado pelo estudante como uma prostração de saudade.

Elle fôra reviver na alma do romancista a nostalgia que o tempo consumidor havia esmaecido, lembrando-lhe a terra nativa onde lhe haviam corrido os dias da infancia, onde haviam rolado as suas primeiras lagrimas. Céos que seus olhos languidos tanto namoraram nas doces manhãs cheirosas quando, das margens remotas dos grandes rios vinham, em abaladas, muito brancas, sob o azul translucido do céo, as garças peregrinas; campos de moutas verdes onde, nas arroxeadas tardes

melancolicas, ao som abemolado das frautas pastoris, o gado bravio, descendo das malhadas, em numeroso armento, muito junto, entrechocando os chifres aguçados, mugia submissamente como se rezasse quando, por traz dos cerros frondosos, lenta e alva, a lua subia espalhando pela terra morna o seu diaphano e pallido esplendor; ribeiras, frescas ribeiras sonorosas onde o mururú expande o seu aroma, á noite; serras e alcantis agrestes, sitios do alto sertão, cabanas hospitaleiras das estradas, noites de idyllio, noites de festa... Ah! tabarôas morenas de olhos negros, collos que cheiram como baunilhaes, bocas que rescendem mais que bogarys... Ah! minha terra! cantilenas de amor junto á fogueira, balsas vogando rio abaixo, ao sabor da corrente... O' tempos nunca esquecidos! Ah! minha terra! Dois pombos passaram no ar batendo as azas.

— Em que pensa? perguntou Anselmo.

— Na minha terra. Emfim... que hei de fazer se o coração entende que, apezar de tudo, hei de ter saudades della.

— Apezar de tudo... Tem então alguma queixa?

— Se tenho alguma queixa?! da terra, não: dos homens, muitas. Depoz o cachimbo e miudamente, numa narração sentida, recapitulou a sua vida de soffrimento e heroismo. Primeiro no commercio, vida acabrunhadora e rude, toda material. De manhã, á hora dormente d'alva, quando ainda, com a luz doirada que nasce, brilha a

pallida estrella, de pé, os olhos mal abertos, lá ia varrer os cantos da casa, espanar o balcão, os moveis e arrumar á porta as amostras. Depois todo um longo dia de pé, a servir, entre o tédio dos freguezes e a grosseria dos patrões, ganhando apenas o alimento escasso que parecia ser dado como esmola. A' noite, num quarto abafado, sobre uma enxerga, com uma candeia lugubre, emquanto os companheiros, extenuados, roncavam trovejantemente abalando o tabique, entregava-se á furtiva leitura; lia, lia sem ouvir os sinos da Sé que, no silencio da noite, gravemente annunciavam as horas; lia, mas com que receio, estremecendo ao menor ruido, preparando-se para soprar a candeia afim de que o não apanhassem em flagrante perpetrando tão nefando crime; e os gallos cantavam, rompia a manhã. Cerravam-se-lhe então as palpebras mas, um dos brutos companheiros, que havia bestamente dormido a noite inteira, com o pulso acostumado ás arrobas dos fardos, ia arrancal-o ao leito impellindo-o para a vassoura:

— Eh! mollenga! Quem sabe se temos aqui um filho de morgado!

Só aos domingos dava um pulo á casa e, com o rosto no collo maternal, soluçava, sentindo uns dedos brandos e carinhosos andarem por seus cabellos e, de vez em quando, um beijo na fronte mas, quando os labios fugiam, no ponto em que soara o beijo, lagrimas ficavam.

Mas quiz Deus que o livrassem do tormento — lá foi aos estudos e, á medida que no

Lycêo escutava a palavra lenta de Sotero, o mestre amigo que sabia de cór Horacio, Ovidio e Virgilio, no *atelier* de um artista passava as horas de folga familiarisando-se com o desenho : estirando as primeiras linhas, contornando imagens, debuxando *academias*, entre esboços de telas, *estudos*, *manchas*, até que um dia o mestre lhe pôz diante dos olhos uma téla nova, deu-lhe uma palheta e liberdade para que desviasse os olhos daquelles modelos inexpressivos onde nada havia da grande vida palpitante que elle sentia andar-lhe em torno como uma namorada que o seduzisse chamando-o para o supremo amor, para a felicidade suprema. Ah ! foi um dia feliz, foi o seu primeiro dia espiritual esse em que o mestre, escancarando a porta larga do *atelier* que abria para um terreno amplo, mostrou-lhe a Natureza, a esplendida e viva Natureza na sua agitação alegre, num esplendor de côres, numa harmonia de sons e disse-lhe : trabalha ! Foi nesse dia de deslumbramento que elle sentio no coração o impulso artistico — era como um renascimento. Trabalha !

E, maravilhado, alegre, dilatando os olhos e lançando-os livremente pelas avelludadas relvas, pelas frondosas copas do arvoredo, pelas aguas claras que fugiam e pelo céo alto, magnifico, de um azul forte e sem mancha de nuvem, tomou dos pinceis e, febrilmente, apaixonadamente, num enlevo, foi transportando a Natureza tal qual a via alli ao ar livre sem sentir o ardor caustico do sol que lhe dourava a cabeça ardente. De quando

em quando ouvia a voz animadora e sympathica do velho mestre : «Trabalha!» Elle, porém, não precisava de que lhe dissessem — era com ancia que alli estava possuido, num delirio, como se receiasse que a tarde viesse rapida e lhe apagasse aquellas côres admiraveis que eram as galas da terra e as maravilhas do espaço. Ainda uma vez, porém, a sorte lhe foi ingrata e adversa. Uma manhã, desolada manhã! os sinos dobraram de espaço a espaço, funebremente e, rapida, correu a noticia da morte do pintor.

Tinha em tão alta consideração o mestre que não se contentou com os officios funebres que celebraram em duas ou tres igrejas, com orgão mas, cultualmente, porque lhe faltava quem, com resignação, se prestasse a ser victimado com um golpe de faca, á maneira gauleza, sobre a lage branca e fria do tumulo do pintor, tomou dum metro de tela e, rebuscando na historia do mundo um episodio que lhe fornecesse numero digno de victimas, achou a sanguinaria revolução franceza que, prodigamente, lhe cedeu a hostia desejada. Poz-se elle então a pintar com grande abundancia de vermelhão da China. Escolheu uma rua do velho Pariz apertada e sombria. As casas, muito altas, de quatro e cinco andares, desapparecem sob o accumulo de mortos porque ha cadaveres até ao alto das gotteiras. Aqui os pés dum patriota, alli a cabeça duma criança, além o ventre estripado duma mulher e, sahindo da hecatombe, hirto como um fueiro, o braço duma das victimas ameaçando a tyrania. O fundo do quadro

oblativo, duma perspectiva suspeita, é um pingo de sangue ou antes: a primeira luz da manhã do *Jour de gloire* annunciado pelo hymno. O quadro tem inspiração e se, piedosamente, removessem dalli aquelles mortos, é de crer que a concepção do artista brilhasse, dominando a critica mas... o autor tinha, então, vinte annos e, com essa idade, quem faz questão de mais um morto, menos um morto? elle queria o grandioso e atirou á tela toda a população da França trucidada, a população da França e das colonias porque ha lá um pé que, certamente, foi levado da Martinica.

Exposto o quadro foi tão grande o panico que a cidade ficou deserta como um cemiterio e os mortos foram transferidos para o gabinete do artista onde esperam o juizo final. Por esse tempo, justamente, andavam-lhe no cerebro umas idéas novas e um impulso novo levava-o a outros exercicios mais intellectuaes que o do pincel. Num abandono desolado, sem o conforto do mestre, refugiou-se no seu gabinete donde, como um propheta vingador, vivendo em cenobio para fugir aos vicios torpes do mundo e ás seducções do peccado, mandava, em largas paginas, nervosamente escriptas á luz serena da Moral, a terrivel e fulminante «polemica» contra os padres que, de batina arregaçada e solidéo atrevidamente posto á banda, com ares devassos e desabridos de capadocios, iam annuviando as almas simples com pregações obscuras quando a quaresma funebre chegava, enchendo a cidade duma melancolia mortal e dum cheiro insipido de incenso.

A cleresia uivou e uivaram as classes conservadoras — o joven demagogo era olhado com asco pela gente pacata e as velhas, se, por acaso, o viam passar, caminho do jornal que era o oraculo donde elle annunciava os crimes dos intrujões de sotaina que tocavam para o arrabalde, em noites claras, com mulherio e vinhaça, bebendo e folgando até á hora em que o sol devia trazel-os humildemente, santamente, aos confissionarios, as boas velhas, se o viam passar, procuravam, tremulas e afflictas, as camandulas dos seus rosarios e pediam a graça de Deus para aquelle espirito endemoninhado.

A celeuma foi grande e redobrou de violencia quando, inesperadamente, elle atirou ao meio pacato, como uma bomba, o seu primeiro romance que era um libello formidavel contra o preconceito. As familias bradaram, o commercio rugio, a cleresia esbravejou e um jornalista dos mais conspicuos, chamando-o, com desprezo, de «zote» conjurou-o a deixar «a vidinha peralvilha de escriptor indo, de preferencia, para a foice e o machado. Já que tanto amava a natureza e não acreditava na metaphysica, nem respeitava a religião, tendo enthusiasmo apenas pela saude do corpo e pelo real sensivel ou material, que se fosse a cultivar as terras uberrimas», e clamava, terminando: «Á lavoura, meu estupido! á lavoura! precisamos de braços e não de prosas em romances», e, conceituosamente, num rasgo de sabedoria, perorou: «*Res non verba.*» E o jornal em que sahiram estas palavras tinha,

no cabeçalho, em grandes lettras gordas, o preclaro e suggestivo titulo de : *Civilisação.*

O livro, emtanto, apezar dos acirrados vituperios da critica e dos esconjuros indignados do beaterio, foi procurado; em menos de um mez mil dos volumes haviam sido tomados e, na capital, um unisono brado saudou triumphalmente o romancista que, desde então, não teve outro pensamento senão o de transportar-se ao Rio de Janeiro, com o producto da venda do seu volume maldito. E fez-se de rumo para o Rio, a cidade idéal dos que têm nalma uma aspiração e, como elle a divisava através a sua fantasia! uma cidade sumptuosa, culta, intellectual e nobre, onde os artistas eram olhados com admiração e respeito, como em Florença, nos tempos dos esclarecidos Médicis quando, diante de Cosme, o Magnifico, Miguel Angelo animava com o seu cinzel vital os marmores impassiveis e fazia irradiar a téla com a magnificencia grandiosa das suas tintas.

Logo que saltou no cáes com as suas malas e a tela sanguinolenta que recebera, para todos os effeitos, o titulo de *A barricada*, carinhosamente enrolada, sentio um grande peso no coração e os olhos se lhe foram saudosos pelo mar immenso. Um vago presentimento de infortunio punha-lhe densas nevoas nalma mas a grande luz animava-o — reconhecia o céo, reconhecia o sol, eram os mesmos, que lhe importava o resto?

Se, por vezes, combalido, o seu espirito cedia á tristeza e ao desanimo, como a voz espectral

do velho Hamlet correndo subterranea e soturna bradava aos de Elsenôr: *Jurai!* do fundo da sua memoria a voz meiga e animadora do mestre subia: — Trabalha!

E foi o espirito amado que o apresentou. Não quiz estrear com a penna, preferio o lapis: e fez-se desenhista de um jornal illustrado; mas a vida começou difficil e ingrata. Quantas noites de desalento! quanta amargura! quanta saudade! e, nem sequer o collo da velha mãi para repousar a cabeça, nem os seus beijos mais, nem os seus carinhos... de longe em longe uma carta trazendo a benção; e era só. E se uma doença o prostrasse?! quem havia de ficar á sua cabeceira como ella ficava, noites e noites, de olhos abertos, solicita e acariciante? Mas a voz do mestre levantava-lhe o animo: — Trabalha!

Deixou o lapis, molhou a penna e, noites longas, num quarto pobre que era como a gruta dos ventos, enchendo tiras e tiras, concluio outro romance e, desde essa epoca, ora num alto sotão, ora ao rez do chão, suspendendo *A barricada* a centenas de paredes, corria a cidade com as tintas seccas na palheta, com os fios dos pinceis endurecidos, seguindo a grande Alma do povo nas suas ruidosas alegrias, nos seus inconsolados soffrimentos.

Entrava na officina do operario, subia ás pedreiras e, emquanto a broca ia furando a pedra, sob a radiação vivissima do sol, auscultava o coração do homem rude; ia aos mercados, aos quarteis

e, á noite, disfarçado com uma blusa e tamancos, um gorro á cabeça, o cachimbo á boca, penetrava as estalagens confundindo-se com os que fervilham nesses formigueiros d'almas, sentava-se á mesa das tavernas lobregas, fazia-se das farandulas e assim, mergulhando nesses oceanos, trazia as perolas que encravava nas paginas dos seus livros. Era essa a sua historia. Anselmo, que ouvira extasiado, quando o romancista terminou disse, com inveja de todos aquelles soffrimentos:

— Sim, mas venceu! Hoje descança e tem um nome glorioso. Ruy Vaz sorrio reaccendendo o cachimbo e Anselmo, pondo-se de pé, exclamou:

— Pois eu agora é que vou começar a viver.

— Das lettras?!

— Sim.

— Dize então, e dirás melhor e com mais acerto: vou começar a morrer.

— E' possivel, será um suicidio, mas não posso com o direito. O *Corpus Juris* é o meu pesadelo. Tenho horror a tudo aquillo. O Oriente, o luminoso Oriente!... A Grecia com os seus deuses e com os seus heróes, a India com os seus mysterios... isso sim ! Sinto-me arrastado para essas idades. Amo o antigo e esse entranhado amor faz com que eu acredite na metempsychose. Eu fui grego, pelejei nas Thermopylas...

— E apanhaste um golpe na cabeça que te levou uma aduella.

— Palavra d'honra! affirmou convencidamente

o estudante e, assomado, poz-se a discorrer e, emquanto referia episodios classicos de Homero, de Hesiodo, de Xenofonte, Ruy Vaz, que lhe mirava os sapatos muito lustrosos, perguntou:

— Qual é o teu numero?

— Meu numero? 128. O romancista ergueu-se violentamente:

— Como? ! 128... ! Não são tão grandes os pés dos versos do Rodrigues. Fallo do teu calçado.

— Ah! pensei que se referia ao meu numero de matricula: 38.

— Trinta e oito. Então somos gemeos. E' tambem o meu. Levantou-se e, depois de lançar um novo olhar aos sapatos do estudante, convidou-o:

— Vamos? o sol começa a abrazar. E caminharam vagarosamente para o quarto onde o criado, como um cyclone barbado, atirava furiosas vassouradas levantando uma nuvem de poeira.

Tiveram de esperar um instante ao ar; logo, porém, que o criado deu por terminada a limpeza, entraram e Ruy Vaz foi ao lavatorio fazer uma ligeira ablução e, emquanto mergulhava as mãos espalmadas, batendo n'agua com a volupia dum cysne acalmado, o estudante, de cocaras, examinava as estantes passeiando os olhos pelas lombadas dos livros atirados ao acaso n'uma mistura incongruente e confusa: a *Manon*, de Prevost, estava apertada entre decrepitos volumes de Helvecio e um massudo relatorio do ministerio do

imperio; Homero, numa entanguida brochura, tinha familiarmente ao lado um volumete: *Urzes e flores*, dum Mendes, de Araraquára, contemporaneo e piégas; e era assim em todos os raios — a douta philosophia acotovellada pelo romantismo ridente; a religião com os seus mysterios da vida superior e as suas consoladoras promessas de eternidade e bemaventurança esbarrava com as duras palavras scepticas de Schopenhauer e de Hartmann e Musset, meigo e amoroso, gasto do muito uso que delle havia feito toda uma geração de sentimentaes, dormia sobre um atochado volume de *Annaes* da camara dos deputados do anno de 1851.

— Tens alguma cousa urgente a fazer na cidade? perguntou o romancista enxugando as mãos.

— Não. Porque?

— E' que eu preciso dos teus sapatos. O pasmo do estudante não passou despercebido ao autor d'*A barricada*.

— Imagina a minha situação. Tenho um caso de amor, amor fino; o meu *lunch* de hoje vae ser um fructo prohibido. E' uma dama da *élite*: loura, de olhos azues, uma cabecinha de Botticelli. Vive a bocejar entre os sessenta annos gelados e impertinentes do marido e a ferrenha catadura do avô rheumatico que enche a casa de gemidos quando a não abala com os seus roncos. Esse lyrio formoso espera-me hoje ás 3 horas da tarde, emquanto o marido discute no Senado uma prudente medida de salvação nacional e o avô toma

o seu choque electrico. A occasião é das mais favoraveis; dá-se, porém, o caso grave de eu não ter, no momento, calçado idoneo. Tu bem sabes que as mulheres têm o olhar curioso e essa então, que é pudica, no primeiro instante baixará os olhos e, baixando-os, dará pelos meus sapatos que começam a decahir em alpercatas. Tenho alli um par de botinas mas, apertam-me e tu comprehendes que um homem que vai para tão arriscada fortuna deve ir preparado para todos os casos, principalmente para correr. Imagina que morre um senador e suspendem a sessão ou que, por excesso de humidade, não funcciona a machina electrica, como hei de eu, com os pés entalados, fugir á colera do marido ou á furia do avô? Um é bravio na opposição, deve ser tremendo em se tratando da honra domestica, o avô foi revolucionario, vio muito sangue, é feroz. De mais as minhas botinas (fallo-te como a um irmão) têm um vicio inveterado que me faz perder um tempo precioso sempre que dellas me sirvo. Tenho os minutos contados, devo seguir directamente, aladamente se possivel fôr, para as Laranjeiras e, se eu as puzer nos pés sei que vou ter á secretaria da agricultura.

— Como!?

— E' uma historia. Empresta-me os sapatos e, ás cinco, estou aqui com elles.

— Pois não. Mas a historia... ?

— Ah! Fallando, Ruy Vaz, para não perder tempo, ia vestindo-se. A historia é simples. Já

me lembrei de escrevel-a sob o titulo: *A psychologia das botas.* Ha botinas de primeira mão, ou antes: de primeiro pé, e ha botinas *sabidas*. *Sabido* é o calçado experiente que já servio a outrem e, por velho, passou á tripeça do remendão que lhe pôz uma tomba e uma sola, vendendo-o por preço commodo aos que vivem a esperar sapatos de defunctos. Não penses que te quero chamar defuncto, nem contava hoje comtigo. A felicidade vem sempre inesperadamente. As *sabidas* guardam os habitos do primeiro dono. Se serviram a um militar forçam os pés a marchar, se foram de um amanuense levam-nos á secretaria e assim por diante; é macábro mas é verdadeiro. Tive um par de botas que me arrastava sempre para as praias, para as casas de armas, para as pharmacias, para os trilhos dos bonds. Preoccupado com essa contumacia dei-me ao estudo do caso e convenci-me de que o primeiro dono fôra um desgraçado ferido pela mania do suicidio. Essas que agora possuo foram, com certeza, na primeira encarnação, de algum empregado da secretaria da agricultura. Os teus sapatos são novos?

— Comprei-os hontem.

— Ah! então são puros, não estão ainda viciados. Vou com elles como se levasse nos pés as mesmas azas de Mercurio. Dá-m'os. O estudante, meio desconfiado, tirou os sapatos e mergulhou os pés nas desbocadas chinellas do romancista. Rapido, Ruy Vaz calçou-os e pôz-se de pé radiante.

— Então, servem?

— Ora! Estou como no Paraiso! Não ha como a gente ter o mesmo numero e é maravilhosa a exactidão das mathematicas. Grande cousa o algarismo! Mas fez uma careta: Diabo o teu 38 é caixa baixa, tem pouca altura. Tens o pé muito secco, isso é máo. O pé é a base do homem, deve ser forte. Emfim... como o calor dilata os corpos e todo eu ardo em anciedade... até logo! Tomou a bengala, accendeu um cigarro e estendeu a mão ao estudante:

— Olha, tens ahi poetas e philosophos. Sobre a mesa ha o volume de odes de um vate goyano, se quizeres dormir. O fumo está aqui nesta velha faiança. Até logo! Se vier alguem não estou em casa, podes mesmo dizer que fui para Petropolis ou para S. Paulo, embarca-me para onde quizeres. Até logo! Já á porta, voltou-se: Se queres fazer exercicio de idyllio apurando a ternura, previno-te de que, das quatro em diante, costuma apparecer a uma janella dos fundos daquella casa que tem a parede blindada de zinco uma menina ruiva, arrepiada, de olhos chorosos que se presta pacientemente a ouvir declamações. Vai lá para o banco da chacara. Franzio de novo o nariz, torcendo o pé: Diabo! decididamente tens o pé muito secco... e isto está me incommodando deveras. Até logo, ás cinco. E foi-se.

Anselmo ficou a meditar sobre a extranha *Psychologia das botas* e sobre o destino dos seus sapatos. Já os via penetrando, com discrição, a

camara da entediada e loura dama. Já os via afundados nos felpudos tapetes, já os via aconchegadinhos ás sandalias bordadas da amorosa, fallando-lhes em segredo, perto do leito, emquanto os donos... ah! o dono dos sapatos era elle e alli estava só, com duas velhissimas chinellas nos pés, entre livros, diante duma mesa carregada de papeis onde reluzia a pasta do escriptor, bojuda e larga. Que havia de fazer para não sentir as horas lentas e caladas que iam passar? Tirou o casaco e o collete e, senhor da casa, sentio uma pontinha de despeito, mas recompôz o espirito alvoroçado com um argumento fino e justo: «sim, se eu lhe emprestei os sapatos elle confiou-me a casa que, se não vale pelos moveis, duma deploravel banalidade, muito merece pelo que ha alli naquella pasta atochada, preciosa como um thesouro e por aquella soberba *Barricada* que, se agora as aranhas profanam, mais tarde ha de ser disputada com o mesmo furor artistico com que hoje os millionarios batem-se a moedas por um palmo de tela da Renascença.» Sentou-se á mesa, tomou um volume, abrio-o ao acaso, e leu:

> Une nuit que j'étais prés d'une affreuse Juive,
> Comme au long d'un cadavre un cadavre étendu,
> Je me pris à songer...

Eram versos de Baudelaire; já os conhecia mas, deixou-se levar por elles, embalado pelo rhythmo das estrophes, seduzido pela sonoridade

das rimas mas, de quando em quando, desviava-se-lhe o espirito: a transcendente *Psychologia das botas* perseguia-o obcecantemente e os seus sapatos como que lhe passavam por diante dos olhos animados, fugindo numa nevoa para a camara cheirosa de uma mulher loura que surgia dentre sedas e linhos, esplendida de graça e núa como a Venus quando nasceu do mar, enrolada em rendas de espumas, á luz do sol da Hellade divina. Levantou-se bocejando e molle, sob o influxo dormente do silencio e do sol que espalhava um suave narcotico no ar ; atirou-se á cama com o Baudelaire e leu até que o livro aberto lhe cahio sobre o peito e os olhos languidamente se lhe fecharam.

Que horas seriam quando despertou? vinha perto a noite: a brisa era fresca, a luz era branda. Sons de flauta passavam no ar sentidamente. Seria o rouxinol? não, não era o rouxinol nem era a cotovia, mas um visinho melomano que soprava o tubo. Ergueu-se, foi lavar o rosto e, revendo-se ao espelho, lançou á propria imagem esta interrogação preoccupada: «Por onde andarão os meus sapatos?» Escurecia ; Anselmo começava a entediar-se quando bateram á porta discretamente.

— Quem é?

— Sou eu, disse alguem com preguiçoso vagar. Foi a porta, entreabrio-a e distinguio um vulto immenso de mulher. Como lêra a *Géante*, de Baudelaire, attribuio a apparição daquella

monstruosidade á suggestão da leitura. Mas a apparição movia-se, coçava o queixo e fallou:

— Sinhá mandô sabê vosmicê cum passô e si vai lá... Sinhá! Quem seria a sollicita creatura?! alguma formosa mulher, sem duvida, talvez a musa reinante do romancista. E que lhe havia de mandar dizer?

— Olha, dize-lhe que estou passando mal. Torci um pé justamente quando me vestia para ir jantar. Como vae ella?

— Ella tá boa. Então vosmicê não vai?

— Não posso. Dize-lhe que estou impossibilitado de sahir.

— Sim sinhô. E a immensa mulher moveu-se na sombra pesadamente e foi-se. Quem será?! pensou de novo Anselmo olhando tristemente para os pés, como um pavão. Sinhá!?... Mas... por onde andarão os meus sapatos!? E conjecturando debruçou-se á janella, já afflicto, vendo chegar a treva sem que, ao menos, tivesse á mão, para alumiar o aposento, uma reles candeia; como, porém, o almanach annunciava para a noite seguinte a lua cheia contava com a presença clara do astro.

Effectivamente uma luz pallida se foi desdobrando e branqueando os muros, entrou pela janella, foi até ao fundo do quarto pondo uma fronha alvissima no travesseiro do leito e uma piedosa mortalha sobre os mortos d'*A barricada;* o corredor cimentado ficou mais branco que o marmore e os grillos, enlevados, cantaram nas

frinchas dos muros emquanto os morcegos, trinçando, passavam no ar socegado que os jasmins abertos perfumavam. Anselmo começava a sentir as exigencias do estomago, o ventre tyranico mandava-lhe recados ao cerebro.

— Accordou a giboia! disse, como se fallasse á lua. Effectivamente a giboia accordára e a tempo, valha a verdade, visto como o primeiro repasto lhe fôra fornecido ás onze da manhã e, como era de verão, tempo dos longos dias, justo era que ella, a horas tão adiantadas da tarde, tendo digerido, reclamasse nova ração. Mas como havia elle de acudir á fome se não se podia mobilisar preso, como estava, pelos pés ? Entrou numa colera surda invectivando o romancista e ia já transpondo o terreno vil da injuria quando ouvio passos arrastados e reconheceu a alentada mulher que vinha de novo pelo corredor annunciada por um alegre tinir de louças, precedida por um suave aroma de guizados, mais grato que o dos jasmins abertos. Era ella, a desconforme creatura, e trazia uma bandeja coberta por uma toalha mais alva do que o luar. Deu com elle á janella e, sem fallar, sorrindo, passou a porta e depoz sobre a bojuda pasta a abastecida bandeja.

— Sinhá mandô dizê qui vosmicê não arrepare... mas cumu vosmicê disse qui não podia saí móde o seu pé...

— Oh! fez elle descobrindo, com veneração, a bandeja, é muito amavel. Sim, era amavel e devia

ter um cozinheiro excellente essa mysteriosa dama. A sopa era dourada e rescendia. Por certo lá ao alto, no luminoso e calmo espaço todo cheio do esplendor do astro, chegou o perfume porque a lua, dividida em particulas como uma hostia, veio boiar nos olhos que scintillavam, como ardentias, sobre a superficie da sopa tão dignamente contida em uma tigella de porcellana da China. Havia uma fritada, um triangulo fofo e louro, incrustado de camarões tendo no vertice uma gorda azeitona de Elvas, um prato de cabidella, umas fatias sangrentas de *roast-beef*, entre folhas tenras de alface, ladeadas por duas lascas de fiambre de uma cor de rosa macia; pão, vinho, dois damascos em calda, num pires, e uma grossa talhada de queijo.

A giboia torcia-se com ancia, atirando botes como se quizesse abocanhar de uma vez tudo quanto havia; o aroma punha-a num desespero inenarravel mas Anselmo como que se comprazia com o supplicio da besta intima, sorvendo voluptuosamente o perfume dos pratos e regalando os olhos com o aspecto seductor das iguarias. O' sciencia difficil dos temperos! ó arte subtil da ornamentação dos pratos. Um *roast-beef*, sem o recamo da alface, é como a mulher sem meias. Que delicia! Quem diria que elle havia de sahir do leito para aquelle delicado festim: *de cubiculo recta in triclinium ire!* Assim dizia Anselmo no coração emquanto a boca se lhe enchia dagua.

A lua foi a companheira que teve, alegre e sóbria companheira, e a mulher, sentada pacientemente á porta, pôz-se a desferir um canto enternecido em que fallava de amores, emquanto elle sorvia a colheradas a sopa que era um delicado polme de hervilhas sabiamente temperado, com leve sabor de paio e uns longes suaves de cravo da India. Depois foi a fritada, depois a gallinha e só ficaram na bandeja varias migalhas de pão, ossos de frango, um caroço de azeitona, dois outros de damascos, a casca recurva e roxa do queijo e dois palitos, o mais passou sofregamente ao bojo da giboia que se enroscou de novo para digerir socegada.

Só faltava o café, o café e a dama que bem merecia uma pagina de Arte, uma longa e rendilhada apologia, não dos seus dotes plasticos e de espirito, mas do seu fino paladar tão nobremente recommendado por aquelles pratos rescendentes mas, para o cozinheiro como para o amphitryão, vale mais que todas as palavras, que podem não ser sinceras, a prova irrefutavel dos ossos nús. Sim, um elogio rasgado diz menos, e com menor expressão, do que quatro ossinhos lisos, chuchurreados, no meio do prato raspado. Pensou em atirar ao corredor os restos do banquete mas não, queria que a generosa dama e o sabio cozinheiro vissem, com orgulho, que tudo havia comido, com escrupulosa gana, não deixando senão o que de todo lhe fôra impossivel engolir como os ossos e os caroços. Exgotou

a garrafa e, saciado, num bom humor de fartura, foi rebuscar no collete uns nickeis e deu-os á estupenda mulher que, á luz branda do luar, parecia menos aterradora e pesada. Oh! a delicia da saciedade!

— Deus lhe pague!

— Pede-lhe antes que me traga os sapatos. A mulher não entendeu e, guardando as moedas cautelosamente no seio, que era um outeiro em volume, tomou a bandeja e foi-se levando os ossos e novecentos réis. Anselmo accendeu um cigarro e debruçou-se á janella. Sentia-se enlevado pela belleza da noite e, com os olhos no céo, pôz-se a recitar baixinho:

Le mal dont j'ai souffert s'est enfui comme un rêve
Je n'en puis comparer le lointain souvenir
Qu'a ces brouillards légers que l'aurore souleve
Et qu'avec la rosée on voit s'évanouir.

Era a primeira estrophe da « Noite de Outubro » de Musset e ia aos versos da Musa:

Qu'aviez vous donc, o mon poète!

quando Ruy Vaz appareceu no corredor. Anselmo sentio a alma dilatar-se.

— Fui além da hora. Ah! meu amigo, se não fosse lembrar-me que estavas aqui descalço teria passado a noite a desfolhar malmequeres.

Que esplendida creatura! Atirou o chapéo sobre a mesa e respirou desafogadamente. Divina mulher! E tu? como te foste? leste as ódes?

— Não: reli Baudelaire, dormi até a noitinha e, como estava com o estomago em condições de Deus poder reproduzir o milagre da creação do mundo, fiz de Elias aceitando um jantar que me cahio do céo.

— Eis ahi um hotel que ainda me não forneceu pensão. Mas, sem phrase: Onde jantaste?

— Aqui. O luar foi a toalha; jantei sobre a tua mesa de trabalho.

— Mandaste vir de algum hotel?

— Não. Appareceu-me aqui a Providencia, não como ao propheta — sob a fórma dum corvo — mas disfarçada em uma exuberante mulata...

— Vê lá! Não tenha o demonio armado uma cilada ao teu estomago. Tambem a Santo Antão foi servida uma mesa lauta e todavia...

— Não, a mulata veio em nome duma mysteriosa mulher saber se apparecias hoje.

— Uma mulata monstro?! uma mulata em dois volumes?! é a Januaria! é a Januaria da Elvira! exclamou o romancista.

— Não sei; eu tinha fome e não tinha sapatos.

— E pediste um jantar...?

— Não; nada pediste, digo assim porque a mulata tomou-me por ti, no escuro; disse apenas que não contasse comtigo porque, havendo

torcido um pé, estavas impossibilitado de sahir. Devo o jantar á sagacidade da mulata. Retirou-se tornando, pouco depois, com uma bandeja faustosamente guarnecida. Entendi que não te ficava bem fazer cara a tão saborosos e perfumados pratos e tratei-os com a deferencia de que eram dignos.

— Essa agora!

— Estás preoccupado...?

— Com razão. Essa mulher, essa nefanda Elvira, é uma perfida; trahio-me e com o meu alfaiate e eu tinha jurado cortar de uma vez para sempre o fio que nos ligava e agora...

— Acho que fazes mal. Uma mulher que janta como essa deve ser uma excellente menagére. Eu não a conheço senão através da sua cozinha; não sei se é loura, se é morena, se tem os olhos pretos ou garços juro, porém, que tem em casa um admiravel cozinheiro.

— Um coração voluvel como uma nota de mil réis. Emfim, o mal está feito ; não quero interromper a tua digestão... e está aberto o precedente para os dias nefastos. Começas bem, não ha duvida. Outros andam atraz de jantares e a ti vêm os jantares... e com sobremesa. Has de dar-me o segredo do teu talisman. Podes ir longe principalmente se subires mais um ponto no calçado ; tens o pé demasiadamente secco, é um Ceará. Devolvo-te os sapatos. Anselmo calçou-os immediatamente e vendo que o romancista procurava alguma cousa debaixo da cama riscou um phosphoro.

— Obrigado. Cá estão ellas. Arrastou um par de veneraveis botinas nas quaes os pés desappareceram como por encanto e respirou: O bom filho á casa torna. Não ha nada que valha a liberdade. Como me sinto bem na largueza... nem parece que estou calçado.

Anselmo vestio-se e, vendo que o romancista passava a escova nos cabellos e retorcia os bigodes, perguntou:

— Vais sahir?

— Vou ao Sant'Anna. Tenho lá uma peça, quero ver se o Heller resolve alguma cousa. Porque não vens? Está uma noite linda e fresca.

— Posso ir.

— Então vamos; estamos na hora e eu tenho ainda de passar no meu charuteiro para apanhar uns collarinhos. Vamos! Fecharam a janella e a porta e sahiram.

Foram seguindo de vagar, á luz da noite, sob a caricia do ar, fino e tepido como um halito humano. O parque era uma extensa massa de verdura onde o luar punha reflexos de prata. As casas abertas recebiam a brisa e exhalavam bafios quentes de forno. Passavam bonds apinhados, carros rodavam lentamente e os lampeões, em alas, estendiam reticencias de ouro ao longo das ruas. Nos hoteis cheios havia um confuso rumor de vozes, tinidos de copos. A's mesas, de sordidas toalhas, chalravam os trabalhadores, em mangas de camisa, os pés em grossos tamancos, soprando para o ar viciado densas baforadas de

fumo. Era a gente sadia e forte da labuta brutal; homens de biceps herculeos, abaçanados das soalheiras, que repousavam estirando as pernas depois de bem repastados; eram os colonos que se reuniam, como em ágape fraternal, recordando a patria, com pilherias fortes de mesa á mesa e grandes obscenidades que faziam estourar gargalhadas. Os caixeiros iam dum a outro com o paraty, diziam a sua chalaça e, como havia intimidade entre esses homens, a pretexto de pandega, trocavam-se murros, mas ninguem revoltava-se — era um divertimento heroico como de leões que, depois de haverem esquartejado a presa, a golpes de garras, nas clareiras desertas, perto das limpidas aguas, rugindo, rolando, com as faces rubras de sangue, brincam amigamente emquanto as femeas fartas, deitadas de flanco, os olhos semi-cerrados deixam-se sugar pelos cachorrinhos.

Mais adiante, á porta duma taverna, castanhas estalavam ao fogo e, junto ao balcão, sentado numa sacca, um *lazzarone*, com o cachimbo nos beiços, ia tirando da sanfona os sons da *Mandolinata*. O rumor crescia confuso: apitos de bonds, gargalhadas, estouros de garrafas, rodar pesado de carroções que se recolhiam e no alto sempre a paz maravilhosa da noite estrellada. Quando chegaram ao largo do Rocio, Anselmo fez uma observação subtil citando Herodoto. Em Babylonia havia, ao menos, um suburbio sagrado onde avultava, entre cedros e loureiros, o templo de Mylitta emtanto o

historiador clama contra a vergonha. Que diria elle se, revivendo, viesse, tantos seculos depois, olhar a prostituição que aqui transborda e vai invadindo, como um virus, todas as arterias da cidade. Lá ella estava confinada, aqui expandio-se — é um polvo que lança os seus tentaculos a toda parte. Não ha uma rua em que se não encontre a aranha emboscada na sua teia.

— Estás moralista, disse Ruy Vaz, sorrindo. As mulheres, debruçadas ás janellas, entre as cortinas, algaraviavam. O olhar, penetrando, dava immediatamente com os leitos muito lisos, muito alvos, ao fundo dos quartos entreabertos e illuminados. Não contentes com a exposição dos corpos ainda chamavam os transeuntes, atiravam-lhes botes e era em toda a ala, nos pavimentos terreos e nos sobrados, um rinchavelhar devasso de centenas de creaturas e aquillo lembrava uma scena desses mercados orientaes onde acudiam piratas levando mulheres de todos os paizes, expondo-as núas, apregoando-lhes a belleza, obrigando-as a fallar, a cantar para que os azevieiros, que as andavam examinando, não só lhes vissem as formas sensuaes, como tambem lhes ouvissem o timbre fresco e cantante da voz. Umas fumavam; outras, já velhas, encarquilhadas, tristonhas, recahidas sobre o umbral, com a cabeça derreada, os olhos no céo, pareciam enlevadas e machinalmente chamavam os que passavam perto, estendiam com vagar a mão mas logo quedavam-se vendo-se desattendidas e

baixinho, de novo elevando os olhos, punham-se a cantar.

Pensavam, talvez, na patria que haviam deixado, illudidas pela fallacia do rufião. Pensavam nas suas pobres cabanas, nas aldeias geladas... Reviam-se na infancia, levando o gado aos montes ou seguindo com a foicinha o bando dos ceifeiros para os campos de trigo ou de feno, nos dias alegres do outono. Pensavam nas noites tristes de bravio inverno, noites de vento e de neve quando, junto á braza viva da lareira, os seus velhos parentes fallavam da miseria pedindo a Deus um dia, ao menos, um dia de sol para que os pequenos pudessem ir á orla da floresta recolher um pouco de lenha que não havia para mais de uma noite e, quando a não houvesse, que seria delles, pobres velhos! e que seria das miseras crianças. Pensavam e o peito subia-lhes num arfar angustioso... é que haviam visto muito longe, alguem, alguem que, quando virgens, tanta vez sahiram a esperar numa volta do caminho quando o sino soava a hora crepuscular, alguem a quem haviam jurado amor e a quem havia trahido deixando-o pelas promessas enganosas do homem que as fôra arrancar, para sempre, á felicidade e á honra. Ah! mas era preciso viver... gente passava. «Vem cá! Olha...» diziam mollemente as desgraçadas com um leve tremor na voz.

Uma outra, sentada numa cadeira de balanço, cochilava e, pela janella entreaberta duma casa,

Anselmo vio, não sem espanto, outra, em camisa, braços nús, as pernas núas indo e vindo disfarçadamente, a abanar-se.

— Que cynismo... ! Rapazes paravam ás portas, chalaceavam e, de repente, fugiam a rir perseguidos por uma saraivada de improperios e, como ha uma forte solidariedade entre essas mercenarias, de janella á janella a indignação corria e todas, enfurecidas, injuriavam os que haviam, por troça, irritado a companheira que ainda esbravejava indignada, ao longe.

E vagaroso, os braços para as costas, o cigarro nos beiços, o soldado da ronda passeiava sem dar attenção á balburdia, surdo ás obscenidades que explodiam ao longo daquella feira torpe. Ruy Vaz parecia indifferente a tudo. Ia de olhos baixos, sem dar attenção aos reclamos indecorosos que lhe atiravam as mulheres.

— Isto aqui, meu amigo, é mais perigoso do que o caminho que levava ao sitio encantado onde havia a arvore que cantava, o passaro que fallava e a agua amarella. Deve-se passar por esta calçada com os ouvidos atochados de algodão para que nos não succeda o que succedeu aos irmãos da princeza Parizada que foram transformados em pedra.

— Não é preciso recorrer ás *Mil e uma noites* para buscar um modelo de energia. Temos aqui a policia, mais indifferente aos escandalos do que Ulysses á voz das sereias ou do que a princeza Parizada ao clamor das pedras.

— Espera aqui um instante. Haviam parado diante de um charuteiro. Ruy Vaz entrou deixando Anselmo á porta. O estudante lançou os olhos pela praça. Duas filas de tilburys reluziam á fulguração do luar; sons de musica vinham de longe, em ondulações ora brandas, ora fortes conforme as variações da brisa. Cocheiros discutiam na calçada; passavam familias á pressa, caminho dos theatros. Quando Ruy Vaz sahio com um embrulhinho, Anselmo estava distrahido, com os olhos perdidos, cantarolando.

— Vamos?

— Vamos. Seguiram para a rua do Espirito Santo, illuminada pelas grandes rosaceas dos theatros; ao fundo o Recreio resplandecia como a entrada de um templo. Um homem esguelava-se annunciando «empadinhas de camarão!» e os cambistas assaltavam os que appareciam offererecendo bilhetes, garantindo que na casa não havia numero que prestasse.

A' porta do Sant'Anna uma multidão apertava-se; discutia-se e os cambistas investiam como pobres em adro de igreja, empurravam-se, injuriavam-se. Anselmo deteve-se um momento diante do bilheteiro, Ruy Vaz, porém, tomou-o pelo braço:

— Não, vem commigo; não precisas bilhete. Vamos.

O estudante sentio uma pancada forte no coração áquella phrase «Não precisas bilhete...» e admirou o romancista. Grande influencia de homem! Diante delle, a um gesto breve de sua

mão, abriam-se todas as portas, mesmo as dos theatros tão avaramente guardadas. Grande homem! Ah! pudesse elle fazer o mesmo... Entrava gente, aos apertões; senhoras pelo braço dos maridos, sorrindo, com ancia de se aboletarem, receiosas de que já houvesse começado o espectaculo.

Quando Ruy Vaz adiantou-se, muito grave, Anselmo coseu-se com elle e, apezar da confiança que depositava no prestigio do grande homem, pallido, receiava ser repellido pelos dois cerbéros — um ruivo, de pêra, outro velho, gordo, de oculos, que espiava attentamente quantos entravam accumulando os bilhetes na perna gorda.

O romancista fez o estudante passar á frente e, como o ruivo fizesse um gesto como a pedir o bilhete, elle tocou-lhe com familiaridade o hombro dizendo apenas :

— Vem commigo. Tanto bastou para que o deixassem passar. Poderoso *Sesamo*! Vem commigo! Tão simples palavras faziam com que se accommodassem os exigentes porteiros tão severos em questões de entradas e de senhas. Quando Anselmo achou-se no pateo do theatro sentio a alma dilatada como se houvesse sahido duma prisão e respirou desafogadamente.

— Agora sim...

— Que é?

— Pensei que os homens oppuzessem alguma duvida.

— Commigo! disse orgulhosamente o romancista. Ora qual! Caminharam e, como enfrentassem com o tablado coberto onde, em torno das mesas, uma multidão alegre fervilhava, um rapaz moreno, de pince-nez, pondo-se de pé com o chapéo levantado acima da cabeça, a toda altura do braço, disse solemnemente: — Saúdo a litteratura indigena! e avançando, encolhido e curvado, pozse a estalar sonoramente com a lingua no palatino; depois estendendo a bengala deu uma volta nos calcanhares mostrando a multidão que o cercava e, numa voz cheia de desprezo, bramio:

— Vou começar a catechese nocturna dos tupinambás. Eu sou o missionario do espirito, sou o Anchieta desta taba! E, de novo, fez estrondar a lingua atirando uma bengalada a uma das mesas:

— Garçon! uma Einbeck... vamos! E hirto, o sobrecenho carregado, fitou o caixeiro, rugindo.

Ruy Vaz dirigio-se ao moreno e vendo que Anselmo guardava uma attitude reservada interrogou-o como em segredo:

— Não conheces o Neiva?

— De nome apenas. O romancista fel-o avançar e apresentou-o:

— Anselmo Ribas... Paulo Neiva. Os dois rapazes trocaram um aperto de mão e o moreno offereceu um lugar á mesa que occupava onde outros bebiam entre nuvens de fumo. Ruy Vaz era intimo de todos e o Neiva foi apresentando o estudante:

— Isto aqui é uma succursal do Parnaso, com uma dependencia mais lucrativa: a carne secca, dignamente representada pelo nosso correcto amigo Victorino Motta, o bemaventurado.

Um gigante, nédio e rubro, com um ventre quasi espherico, sorrio estendendo a mão, gorda e molle como a luva dum esgrimista. O Duarte, um rapazinho magro, pallido, com um rictus que lhe dava á physionomia uma expressão hilariante; o Lins, baixinho, muito moreno, olhos apertados e obliquos como os dum chim, o bigode negro e ralo escorrendo-lhe pelos cantos da boca. Sentaram-se. Ruy Vaz, a pretexto de ir fallar ao Heller, pedio um minuto e foi por entre a multidão desapparecendo rapido. O Neiva, irrequieto, lançava os olhos para um e para outro lado, desfechando satyras, analysando os que passavam, á pressa. A campainha retinio e o povo precipitou-se para o recinto ficando apenas alguns rapazes á mesa, entre cocottes, derriçando.

— Sabe ler? perguntou abruptamente o Neiva dirigindo-se a Anselmo, emquanto o garçon ia enchendo os copos com a cerveja que o Motta mandara vir. O estudante sorrio vexado.

— Coragem, meu amigo! bradou o Neiva; ha vergonhas maiores. E' poeta, aposto?! Antigamente era a lyra o symbolo dos poetas, agora é o pince-nez... Que genero?

— Ensaio-me na prosa, disse timidamente Anselmo. O Neiva ergueu-se violentamente como se fôra impellido por uma mola e fitou-o:

— Mas tenciona viver das lettras? perguntou assombrado. O estudante encolheu os hombros com resignação e o outro irrompeu: Pois meu amigo, acceite os meus pezames. E, ao ouvido de Anselmo, rugio: Cure-se! Não vá para um convento, vá para o hospicio. Cure-se emquanto é tempo. Neste paiz viçoso a mania das lettras é perigosa e fatal. Quem sabe syntaxe aqui é como quem tem lepra. Cure-se! Isto é um paiz de cretinos, de cretinos! convença-se. E' a Phrygia do tempo de Midas: só vence quem tem orelhas. Olhe, se eu me debruçasse a um dos camarotes desta barraca e bradasse: «Que se conservem neste recinto os que sabem grammatica», o theatro ficava vasio. Lettras, só as de cambio, convença-se. Olhe, temos aqui um exemplo. Estão comnosco dois poetas e um *carne secca*, compare-os! Os poetas são lividos, o *carne secca* tresúa adipe e saúde. E porque? porque o *carne secca*, que é aqui o nosso amigo Motta, tem todos os regalos: come como uma traça, bebe como um abysmo, dorme como a Justiça e gasta como o diabo que o carregue! Ah! meu amigo, para temperar a vida, que é um prato difficil, não bastam os louros da gloria. Olhe o nosso Motta: elle é o leão e nós? somos os chacaes.

— Sim, mas somos as lampadas.

— Lampadas!? candieiros, candieiros ignobeis, ainda assim o azeite é o nosso oleoso Motta. Tornou a Anselmo: Moço, empregue-se; vá para o commercio. A carne secca é a base da riqueza das nações. Não se fie em periodos, mande á fava

a rhetorica e atire-se, de faca em punho, ás malas de carne secca se quer engordar, se quer ter consideração neste paiz. Um pai de juizo não deve mandar o filho ao collegio, a carta do A B C é subversiva. Para o armazem, para os tamancos! Olhe o nosso Motta, assigna de cruz e tem mais de trezentas apolices, não sei quantos predios, dois armazens, tres commendas, mais de vinte amantes e uma pança que é o hemispherio da fartura. O Motta sorrio. Empregue-se...! Mas, avançou empertigado, com o chapéu erguido: Vive la France! Passava uma rapariga loura e esbelta; dando com o Neiva accenou graciosamente com o leque e elle, numa voz formidavel, rouquejou:

— Avez-vous lu Manon Lescaut, madame?

— Non, j' connais pas d' betises, disse a cocotte e elle, tornando á mesa, tomou o copo e sussurrou: E' verdade, ninguem se conhece.

A orchestra atacou a ouvertura. O Motta, esbaforido, pedio licença e levantou-se. O tablado ficou deserto; apenas um velho cabisbaixo, trincando um charuto, ia e vinha lentamente, ao longo da passagem. O Lins, porque estava entorpecido, levantou-se para dar um gyro e foi arrastando uma perna entrevada, batendo com a bengala. Os tres deixaram-se estar e, como o Neiva soubesse que Anselmo era do Norte, suspirou saudoso lembrando-se do seu Ceará, o seu amado Ceará, dos verdes mares bravios.

— Ah! meu amigo, quando me lembro da minha terra dóe-me o coração. Isto aqui é vasto e tem

mais civilisação mas não vale o nosso Norte, não vale! As nossas noites, as nossas florestas, o encanto daquella vida que tem ainda um vago sabor paradisiaco, a simplicidade daquelles costumes! E suspirou: Sou um homem ao mar! Sossobrou a galera do meu futuro e eu agora atiro braçadas afflictas neste oceano de imbecilidade para ver se consigo alcançar algum porto. As velas que vejo são como esta urca que daqui zarpou, o Motta: dão-me um pouco de repouso mas logo abandonam-me e lá vou eu nadando, nadando até que uma vaga mais forte me devore. Sou um homem ao mar! E, sorvendo um trago, concluio com desalento: Demais a mais tenho uma remora que me tolhe os movimentos, é o coração.

— O senhor esteve na Faculdade de Medicina? perguntou Anselmo.

— Sim, estive. Sahi da vida, não pela porta da morte senão pela da propria vida: foi o parto a minha morte. Eu morri de parto. Anselmo pasmou e o Neiva, muito calmo, disse:

— Vai ver. O meu lente, porque me não via com bons olhos, entendeu que me devia arguir sobre a obstetricia inteira apresentando-me todas as difficuldades que podem surgir a um parteiro no momento complicado. Emquanto pude fui resolvendo: faria isto, faria aquillo, etc... mas veio um caso tão intrincado que estive a propôr a laparotomia mas tive uma inspiração feliz e lisongeira para o lente: disse: « Num caso desses

eu mandava, a toda pressa, chamar V. Ex..» O homem zangou-se; fui reprovado. Longe, porém de entristecer-me, senti um grande allivio n'alm á idéa de que nunca concorreria para a desventura de um ser, trazendo-o a esta vida imbecil e insipida da qual só saem victoriosos os mediocres. — Garçon, um phosphoro! Está quente! E tenho ainda de ir ao Recreio encontrar a mulher amada. Estrugio o côro da opereta e o Duarte, que o sabia de cór, poz-se a cantarolar tamborilando na mesa. Iam caindo em melancolia mas uma rapariguinha esguia e morena que entrara, vendo os rapazes, dirigio-se para o tablado e, muito meiga, batendo de leve nas faces do Neiva, recriminou-o:

— Então é assim que você me esperou?

— Decididamente quando Eros nasceu a grammatica ainda estava em substancia informe. Passou-lhe o braço pela cinta e, com os olhos nella, disse: Mas és tão bonita, minha cabocla, que os solecismos na tua boca parecem perolas de estylo. Subitamente, carregando a fronte, com uma voz stentorica, numa furia dissimulada: Diga-me, senhora... quem era aquella montanha de soiças e oculos á cuja sombra gorda a senhora ceiava hontem no Bragança? Falle!

— Era um home, disse dengosamente a rapariga, sentando-se.

— Um home... Deliciosa! E, inclinando-se, num tom infantil: Dá beijoca a Neiva? Dá? Os labios encontraram-se e o bohemio segredou a Anselmo, tocando na boca: Já tenho um pretexto

para ir amanhã ao escriptorio do Silva Araujo. Só então lembrou-se de apresentar a rapariga: Olha, minha cabocla, apresento-te o meu amigo Anselmo Ribas, escriptor. Vou logo dizendo a profissão para que não percas tempo com elle. Que vais tomar?

— Qualquer cousa.

— Não é bebida.

— Ora! escolhe tu...

— Ah! queres que eu escolha? Atirou uma bengalada á mesa e trovejou:

— Garçon! mercurio p'ra quatro! Houve uma estrepitosa gargalhada; a mesma rapariga, que não comprehendera o dito, rio, dando com o leque uma leve pancadinha no hombro do bohemio. O caixeiro servio duas garrafas de cerveja.

O Neiva bebeu sofregamente: tinha pressa, não podia deixar a mulher amada morrer de anciedade no pateo do Recreio e despedio-se azafamado; a rapariga ergueu-se tambem.

— Até logo! Justamente terminava o acto numa explosão de palmas. O povo escoou para o jardim, acalmado. Encheu-se o tablado e os caixeiros, em azafama, acudiam aos berros, ás bengaladas que estalavam nas pequeninas mesas de ferro; cahiam bancos e, na passagem apinhada, cruzavam-se *cocottes* faceirando, respondendo aos galanteios com muito languor nos olhos e muitos requebros de *quadris*. Estouravam garrafas e vozes subiam confusas, entrecortadas de risos, num zoar atordoador de colmeia atacada.

— Vamos dar uma volta? convidou o Duarte bocejando.

— Vamos; concordou Anselmo. E os dois levantaram-se caminhando mollemente, acotovellando mulheres que tresandavam a essencias; mas a campainha resoou de novo e, começava o segundo acto quando o Duarte, atristurado, com a bengala para as costas, depois de haver fallado, com muitos suspiros, dum amor infeliz que havia de o levar ao suicidio ou a Fernando, pôz-se a recitar baixinho emquanto, num lento andar, percorriam a passagem deserta e a multidão ria ás escancaras das pilherias do Vasques, uma poesia cheia de luar e de rouxinóes com um pastor triste e uma pastora arisca que eram elle e a divina creatura que o trazia amofinado obrigando-o áquellas devassidões nocturnas.

— Que tal? Anselmo comparou-o a Musset.

— Ah! Musset! Musset!...

Vous qui voulez là bas, legères hirondelles...

mas mastigou o verso immediato e, enternecido, d'olhos no chão, cantarolou:

Bacalháu feito na braza
Com cebola de Linhães
Tudo se encontra na casa.
Na casa do Guimarães...

O estudante lançou ao poeta um olhar esgazeado.

— Que é isto?

— E' o hymno da bacalhoada. Não conheces a casa do Guimarães? bacalháu, vinho verde, papas á portugueza, iscas e dyspepsias?

— Não, não conheço.

— Ah! meu amigo, é o meu Lethes. Alli é que vou procurar esquecimento para as minhas magoas. Aquella ingrata dá commigo em todas as tascas e pocilgas desta cidade. Estou ainda curando-me de uma indigestão que apanhei por causa dos olhos della. Ah! o amor! o amor...

... feito na braza
Com cebola de Linhães...

Mas Ruy Vaz appareceu brandindo a bengala, colerico.

— Decididamente é melhor ser calceteiro ou conductor de bond do que homem de lettras em um paiz como este.

— Mas que houve? perguntou o Duarte.

— Ora! a minha peça. O senhor Heller entende que devo arranjar umas coplas e um jongo para a minha comedia. Uma comedia de costumes que joga com cinco personagens... O homem quer a todo transe que venham negros á scena com maracás dançar e cantar. Imaginem vocês: um anthropologista puxando fieira e uma senhora que vive a cuidar a sua arvore genealogica como quem cuida uma rozeira, que mostra, com enfunado orgulho, os retratos dos avós a quantos frequentam a sua casa, a cortar jaca desabaladamente. E' ignobil! revolta! E querem theatro...

— E tu?

— Eu! não cedo uma linha! A peça já está em ensaios e ha de ir como eu a escrevi: sem enxertos.

Diz elle que o publico não acceita uma peça serena, sem chirinola, sem saracoteios... mas que tenho eu com o publico? Cruzou os braços e fitou o estudante ostensivo como se elle fosse a representação do proprio publico ignaro que exigia aquellas miserias. Não hei de estar a fazer concessões vergonhosas simplesmente porque o nosso publico, saturado de vicios, entende que o theatro deve ser como um templo devasso. Isso não!

— Mas a peça cae, observou prudentemente o Duarte.

— Que caia! Que o diabo a leve para o fundo do porão, mas não cedo! Sahiram os tres. O romancista remoia a sua indignação e, como se precisasse do ar da noite sempre pura, numa necessidade de agitação, frenetico, irascivel, resmungando propoz um passeio. O luar seduzia. Que bello seria poder ficar uma hora á beira mar, lançando os olhos pela vastissima planicie, toda de prata e tremula, sentindo a aragem salitrada, ouvindo as cantilenas dos que partiam nos barcos, ao sopro amavel da brisa, desdobrando as redes! Ou, sob um caramanchel, num suburbio tranquillo, em plena natureza, ouvindo os grillos, ouvindo as rãs, ouvindo o gado, o murmurio dum fio d'agua e o sussurro do arvoredo galvanisado pela claridade, fulgurando e cheirando... Que bello seria!

— Onde queres ir? perguntou o Duarte afagando a idéa romantica de uma subida á Tijuca para verem, do alto, resplandecer a aurora.

— Sei lá! Pararam hesitantes em meio do largo. Tilburys moviam-se lentamente; de quando em quando um partia á disparada. A ronda passava vagarosa; os animaes caminhavam como somnambulos, machinalmente, a cabeça baixa e os soldados, derreados, iam como embebidos na luz magnifica que o astro branco vertia. O *Stadt Coblenz*, a *Maison Moderne*, o *Caboclo* regorgitavam illuminados; ás portas grupos discutiam aos berros, agitando bengalas e, mais adiante, o *Principe Imperial* transbordava — o povo enchia o saguão e despejava-se amontoadamente espraiando-se em direcções differentes e as luzes do frontão do theatro extinguiram-se subitamente caindo numa grande sombra. Rodavam carros abertos; bonds enchiam-se e de longe, vozes differentes annunciavam com furor «empadinhas de camarão!»

— Mas para onde vamos? perguntou de novo o Duarte. Não havemos de ficar aqui plantados que isto até nos póde abalar a reputação.

— Pois sim! murmurou o romancista lançando distrahidamente os olhos para o monumento que avultava, muito negro, ao luar, com a immensa estatua dominando o largo. Anselmo aventurou, desejoso de fazer uma grande volta pela cidade áquella hora fresca e socegada: — Se tomassemos um bond?

— Prefiro uma sopa, disse o romancista. Em vez de irmos á Tijuca vamos alli ao *Coblenz* que está mais á mão. Quando se tem o estomago vasio não ha luar que valha um bife com batatas fritas. Vamos ao *Coblenz!* mas o Duarte fez uma careta

explicando: que não podia com a cozinha allemã. detestava aquella casa, mais os seus guizados. N podia tomar alli um copo de cerveja sem le brar-se de Sedan. O' Allemanha cruel! Prefe a *Maison Moderne* que lhe dava a impressão Pariz. O romancista fitou-o:

— Quanto deves á Allemanha ?

— Eu! e espalmou a mão no peito. Uma ı seria: creio que duas ceias e...

— E' então por isso que não queres entrar?

— Não, mas o meu alfaiate costuma apparec por alli. Aquillo é uma casa macabra; á noite um cemiterio tantos são os *cadaveres*.

— Pois meu amigo estamos incompatibilisados.! não podes ir ao *Coblenz* porque ceiaste duas vezes. e o teu alfaiate apparece, eu não posso ir á *Mais* por motivos identicos. Como havemos de fazer?

— Separemo-nos.

— E' com grande pena mas não ha remedi Até amanhã.

Até amanhã. E o Duarte estendeu a mão a A selmo offerecendo-lhe a casa: Moro em Botafo para a estatistica e outros effeitos sociaes mas : sido á rua de Theophilo Ottoni, no armazem vinhos de meu pai. Quando quizer fazer de ph loxera appareça por alli, ha cama, mesa e cent tantas pipas. Boa noite! E foi-se recitando:

« Vous qui volez là bas legères, hirondelles... »

— Agora nós, disse Ruy Vaz. Vamos alli *Coblenz* fazer um lastro. Dizem os medicos qı

em tempo de epidemia, é um perigo andar-se com o estomago vasio e, como a febre grassa pavorosamente e eu tenho certo amor á vida e sou grande observador dos boletins hygienicos, vou trincar um bife. Não tenho fome, é como se fosse tomar uma capsula de quinino. Entraram e o romancista sentando-se a uma das mesas, encommendou uma sôpa á *l'oignon* e um bife á bahiana e, emquanto preparavam os pratos, elle foi discorrendo:

— Grande é a incapacidade dos homens que nos dirigem. Se elles sabem que a febre amarella ataca de preferencia os que tem o estomago vasio porque, em vez de andarem com fumigações, não estabelecem grandes hoteis publicos, grandes hoteis prophylaticos, nas praças, acabando, de vez, com essa ignominia das pharmacias. Não te parece?

— Sim, é logico. Servido poz-se a tomar a sôpa vagarosamente, saboreando, depois atirou-se ao bife e comia quando o Lins surgio, muito risonho, arrastando a perna rija, a brandir a bengala:

— Isto acaba mal! exclamou numa voz engasgada que parecia vir do fundo do peito. Plantou-se diante da mesa e, rindo com o rosto todo encarquilhado, repetio: Isto acaba mal! Anselmo offereceu uma cadeira e o poeta, todo encolhido, perguntou:

— Pode-se pedir alguma cousa ou estamos em maré baixa?

— A' vontade! disse o estudante. Ruy Vaz, que ficara indeciso, com um pedaço de pão entre os

dedos, trincou descançadamente e o poeta, atirando uma palmada ao hombro do estudante, sempre a rir, meneando com a cabeça, elogiou-o :

— Tem muito talento! O caixeiro acudio: Cerveja! esguelou o Lins e atirando os braços para o ar: Muita cerveja! Eu hoje quero beber e, pungido, com uma grande expressão de dôr : Estou muito triste. Imaginem vocês, meu gato! fui encontral-o morto hoje de manhã. Um gatinho que era um encanto. Tão meigo que nem aos ratos fazia mal. Vocês não gostam de gatos? rompeu a rir e, num berro atroador, atirando o busto sobre a mesa, estendendo os braços, encharcando as bordas do punho no molho do bife repetio a pergunta: Vocês não gostam de gatos ?

— Que é isso, Lins ? observou baixinho o romancista e o poeta, depois de o fitar espantado, olhou em torno dizendo :

— Que tem ? então eu não posso fallar das minhas máguas ? eu gosto muito dos animaes. E furioso tentando erguer-se, com o punho ameaçador, rugio: Perto de mim ninguem faz mal a um bicho, não admitto! Agarro por uma perna e faço assim... fez o gesto violento de quem torce e concluio: ainda que seja... o imperador da China. Não admitto! Mais calmo, porém, voltou ao assumpto: Então vocês não gostam de gatos ? miau ! miau ! Champfleury, Baudelaire, Gautier eram doidos por elles. Um angorá, hein ?

— O teu era angorá? perguntou Ruy Vaz.

— O meu? qual angorá! era um gato muito ordinario que só me dava trabalho. Morreu! disse juntando as mãos e elevando beatamente os olhos. Imaginem vocês... um gato que comia duas vezes ao dia. Ao ver a cerveja que o caixeiro trazia rompeu a rir apresentando o copo. Bebeu um golee repetio com os bigodes brancos de espuma: Estou muito triste. Imaginem vocês: uma menina loura, muito loura, dona dos mais bellos olhos azues que tenho visto... uma figurinha de *keepsake*! Leonor, chama-se Leonor, imaginem vocês! Suspirou e sorveu novo trago. Hoje estou disposto a beber, bebo tudo... Não gosto de cognac, pois bebo! Mas, imaginem vocês, os mais bellos olhos azues que tenho visto! Uma menina loura, loura! Atirou um murro á mesa: Offereci-lhe em um soneto a minha mão de esposo. Sim, porque é uma mão de artista, espalmou a mão para que Anselmo examinasse; offereci-lhe, porque ella é mulher para viver sobre sedas e velludos, cercada de todos os carinhos, ouvindo versos lyricos. E' uma mulher divina, digna de um de nós, palavra de honra e... imaginem vocês. Atirou um gesto indignado: Isto não é vida, isto não é sociedade! Ah! Pariz! Pariz...

— Mas a menina...? perguntou Ruy Vaz. O poeta fitou o romancista sorrindo e, de repente, derreando a cabeça, batendo com a bengala:

— Ah! sim; eu queria fazel-a feliz... Imaginem vocês, tenho talento, posso fazer uma mulher feliz. Não posso?

— Sim, podes, disse Ruy Vaz.

— Pois ella não quiz: vai casar com um taverneiro. Isto não é vida! Eu ainda faço uma desgraça. Mais cerveja! reclamou.

Quando sahiram o Lins, sempre risonho e oscillando como um pendulo, propoz um passeio ao campo. Gostava da natureza áquella hora silente, tão favoravel á meditação. Iriam para o arvoredo, sonhar.

— Tu não achas melhor sonhar na cama? perguntou Ruy Vaz.

— Qual cama! detesto esse movel. O somno é uma fraqueza indigna dos homens de espirito; o somno é o resultado de uma anemia cerebral e, para as anemias, os medicos aconselham os tonicos e os exercicios. Eu já tenho os tonicos, vamos agora á outra medicação. Um poeta não dorme; o poeta é vidente e o vidente deve estar sempre com os olhos abertos. Rompeu a rir, logo, porém, muito sério, atirando uma punhada que o levou, no impeto, d'encontro á parede, rugio: Eu queria andar. A' noite é que a gente caminha á vontade porque as ruas estão desertas. Detesto a multidão! e cuspio enojado. A multidão é ignobil! Não ha como a solidão para um homem de talento. Vamos a Nictheroy: ha alli muita poesia e eu tenho ainda uns restos do 1632... podemos fazer a travessia.

— Tiraste a sorte grande? perguntou Ruy Vaz.

— Eu?! Deus me livre! Sahio ao *Capitão Negro*. Eu escrevi os versos fazendo a apologia da

sorte do kiosque. Ganhei vinte mil réis. Vocês não leram os versos na *Gazeta*? Estão bem bons para o preço. Ha apenas uma rima pobre de mais para um poema da fortuna; rimei, imaginem vocês, rimei estrella com véla. O *e* de estrella não faz bôa liga com o de véla, um é grave, outro é agudo mas tambem, por vinte mil réis, eu não posso estar a escolher rimas millionarias. Mergulho a mão no sacco e o que sáe é magnifico. Demais véla e estrella dão luz, ambas são luminosas. A véla é a estrella da terra, a estrella é a véla do céo, disse com emphase. Mas o diabo é que eu empreguei o verbo. Vamos ou não a Nictheroy?

— Eu não vou, disse Ruy Vaz. Anselmo declarou que sentia bastante não poder acompanhar o poeta mas tinha grandes affazeres no dia seguinte, precisava accordar cêdo.

— Gente fraca! disse elle com desprezo. Pois eu vou. Bôa noite! E, muito desequilibrado, entrou na *Maison Moderne*. Ruy Vaz e Anselmo seguiram. A cidade dormia. Começavam a varrer as ruas. Uma nuven densa de poeira empanava o brilho dos lampeões e, dentro dessa bruma espessa, dum tom alourado, moviam-se homens cantando e atirando vassouradas: carroças rodavam parando de quando em quando. Raras mulheres, debruçadas ás janellas, cochilavam; tilburys passavam á disparada e os dois, em passos apressados, seguiam cosidos aos muros, com os lenços á boca. Apitos trillaram ao longe e com estrepito sonóro os soldados da ronda passaram á toda a

brida através a poeira como dois cavalleiros fantasticos. Vinham rapazes cantando, num vozeirão atroador, coplas de operetas. Livrando-se da poeirada, os dois moderaram o andar e Ruy Vaz, queixando-se da vida que levava naquella casa onde mal podia trabalhar, á falta de conforto, quiz saber onde morava o estudante. Estava provisoriamente em um commodo, no Estacio de Sá, mas pretendia tomar todo o segundo andar duma casa na rua Formosa que lhe offerecera uma velha viuva por preço vantajoso, com pensão. O romancista deteve-se e fitando o estudante perguntou:

— Conheces os commodos?

— Conheço: sala de frente com duas janellas para a rua e uma para o telhado, alcova, sala de jantar, outra alcova e um mirante sobre o telhado.

— E pensão?

— Sim, com pensão.

— Por quanto?

— Eu tratei para dois: duzentos mil réis.

— Isto é um achado! E se morassemos tres? aventurou o romancista.

— Posso fallar á viuva.

— Para que? Depois de lá estarmos falla-se: é questão de mais um talher á mesa. Tens mobilia?

— Alguma.

— E o outro? quem é?

— Um estudante de medicina, meu amigo, primo deste Duarte.

— Um alto, magro, de olhos tristes: Toledo, creio.

— Esse mesmo.

— Conheço muito. E' um excellente rapaz. Vamos viver magnificamente. Quando fazes a mudança?

— Vou amanhã fallar á mulher e, depois de amanhã, pretendo estar installado mesmo porque ando com idéas de trabalho. Tenho uma peça prompta e um romance esboçado.

— Depois d'amanhã que dia é?

— Sabbado.

— Magnifico! Então vai lá fallar á mulher e depois d'amanhã mudamo-nos. Vozes atroaram o silencio e uma celere trepidação de rebanho em marcha fez com que os rapazes parassem collando-se á parede e logo dois campeiros surgiram, a cavallo, estalando chicotes, cantarolando e em seguida uma boiada a trote, os animaes muito juntos, em bolo, silenciosos. Os grandes chifres entrebatiam-se e homens atiravam os cavallos á calçada ou passavam por entre os mansos animaes, bradando, como nos campos: «Ehôo!... toca! Junta... êeh!» E a manada seguia e perdeu-se na poeira dourada donde apenas vinham os gritos dos guieiros.

— E' o bife.

— Para onde vai isso?

— Para Nictheroy, creio eu. Um bebedo resmungava cambaleando, ás guinadas. Ouviram tinidos de campainhas e uma tropa de burros

desfilou, sacolejando ceirões, a caminho do m
cado.

> Vou-me embora... Vou-me embora!
> E' mentira, não vou não...
> Se eu vou m'embora, faceira
> Deixo aqui meu coração...

cantava languidamente o tropeiro escarranch
na bestinha viajeira, puxando a récua.

— Parece que estamos em pleno sertão.

— E' verdade. No Campo estava um kios
aberto; o romancista aproximou-se e, fallando c
intimidade ao homem, pedio uma véla. Encosta
ás grades do parque dois homens discutiam c
churreando o café em canecas de louça e u
negra, andrajosa e tropega, com o peito oss
descoberto, vacillando, a pisar a barra enlame
do vestido, com a baba a escorrer-lhe da bo
ia dum a outro mastigando palavras, atira
gestos molles, risonha, com os olhos quasi
chados.

— Vamos?

— Vamos. Seguiram. A' porta da casa o
mancista despedio-se:

-- Então até amanhã.

— Sim, até amanhã, no Cailtau, ás tres, p
combinarmos.

— O' diabo! exclamou Ruy Vaz procurando
guma cousa nos bolsos.

— Que é?

— Não comprei a minha aldraba.

— Que aldraba?

— Uma bomba. E' com uma bomba que bato á porta porque o meu senhorio entende que eu devo estar em casa ás oito horas da noite e ordena aos criados que me deixem ficar á porta até á hora d'alva, batendo. Com a bomba estourando no saguão é infallivel: acodem logo. Hoje já sei que vou ver a aurora. Até amanhã, ou antes: até logo.

— Até logo! E Anselmo ia seguindo quando ouvio um estrondo formidavel como dum desabamento; voltou-se assustado: Que é isso?

— Estou batendo á porta da minha casa e, com uma grande pedra, o romancista batia fazendo estremecer o pesado portão. O estudante já ia longe e ainda ouvia as tremendas pancadas que resoavam longamente no silencio.

Seguindo a pé, de vagar, pensava nessa vida nova que ia começar, vida com que sonhára sempre, entre artistas, no convivio intellectual dos homens de espirito, tratando apenas de Arte, discutindo idéas, sempre em luta, conquistando palmo a palmo todos os estadios da gloria até o definitivo triumpho quando, já celebre, tendo um nome brilhante, passasse acclamado pela multidão, num fausto principesco, sahindo do seu maravilhoso retiro para a veneração, para os applausos do mundo como um dos deuses que baixasse á terra para receber as oblações dos homens. Ia embebido nesse sonho e não sentia a caminhada através desse canto da cidade, quieto e obscuro, encontrando, de raro em raro, um soldado, um ebrio que

resmungava cambaleando ou retardatarios que re-
colhiam somnolentos. O luar, sempre branco, cahia
sobre os telhados e, quando elle chegou á casa
mergulhado numa grande paz repousada de somno,
subio ao sotão, abrio largamente a janella e, alon-
gando os olhos, pôz-se a contemplar as fitas de luzes
que se estendiam como cirios de uma procissão in-
terminavel que andasse pela cidade em penitencia;
mas o sonho se foi tornando maior, num grandioso
crescendo: era a festa triumphal da sua victoria;
a cidade esplendia, o céo irradiava — era a sua
glorificação e, ouvindo o confuso rumor que vinha
de longe, na aragem, como o resomnar da cidade
immensa, dormindo sob o lençol do luar, pare-
cia-lhe o murmurio longinquo dos que vinham, com
luzes, arrancal-o daquella mansarda para a exal-
tação. Gallos cantaram e, nas chacaras visinhas,
cães ladravam e uivavam. Lançou um ultimo olhar
á cidade e ao céo e recolheu-se. Em baixo, no
silencio da casa, um relogio lento soou as tres
horas.

II

Tres dias depois já estavam installados no segundo andar da casa da rua Formosa, com independencia e ordem.

A sala, recebendo a luz pelas duas largas janellas da frente e por uma outra que abria sobre o telhado do visinho, era clara e alegre, com o seu papel idyllico reproduzindo, d'alto abaixo, nas quatro faces, o encontro d'amor dum pagem e duma dama entre ramos d'arvores sanguineas, junto d'agua discreta duma lagôa muito azul onde nadava um cysne, tudo isso sobre um fundo de campos perdidos com uma choupana e rebanhos. Era romantico.

Ruy Vaz e Anselmo tomaram a sala; Toledo, concentrado e casmurro, escolhendo a alcova recondita da sala de jantar, arranjára, diante da cama esguia, a sua mesa de trabalho, sóbria e honesta, com os seus graves compendios de

anatomia, varios ossos tabidos, um castiçal de louça, o tinteiro, o pote de fumo e, na parede caiada, muito juntos, os retratos do pai e da mãi encimados por uma gravura na qual se via Beethoven, d'olhos extasiados, sonhando, entre pautas e anjos com harpas e flautas, a face na mão, o cotovello sobre o teclado dum orgão.

A sala tinha aspecto. As duas mesas fronteiriças, um canapé, repousando sobre um tapete surrado onde havia estampada uma scena de serralho, a estante alta, de Anselmo, atochada de livros, as duas outras de Ruy Vaz numa desordem de brochuras de varios tamanhos, quatro cadeiras e, ao centro, larga e convidativa cadeira de balanço com um repouso para os pés.

A Barricada teve o lugar de honra na parede entre dois originaes preciosos representando um burgo-mestre e um pescador, telas que o romancista, com muito acatamento, attribuia a Rembrandt pelo tom obscuro que cercava as duas cabeças serenas dos flamengos; e um velho relogio monotono acompanhava o trabalho com o seu tic-tac quando não cahia em silencio á falta de corda.

Fallou-se em uma empannada para as janellas afim de que a luz não entrasse tão vivida na sala, mas razões fortes de ordem economica fizeram com que desistissem. Na alcova estiravam-se as duas camas e, entre ellas, o lavatorio de vinhatico, uma maravilha ! Na sala de jantar a mesa de pinho solitaria e lustrosa ; á hora

das refeições cada qual tomava a sua cadeira e levava-a de rastos pelo corredor onde havia um socavão para jornaes e ratos. D. Anna dirigia a casa ajudada pela filha: *Vidinha*, uma morena de dezesete annos, de olhos negros amendoados, cabellos fartos, sempre soltos, rolando pelos hombros até ao collo muito rijo, e pelas costas chegando á cinta delgada; era a alegria da casa. O Lins dava-lhe a alcunha expressiva de *Mlle. Cotovia* porque eram as suas gargalhadas que despertavam os rapazes; Leonor, uma negrinha esgalgada, espevitada, de collo murcho, orphã trazida dum recolhimento e João, o filho mais novo da viuva, um rapazelho sardento, muito obsceno de linguagem, que trazia a casa em constante alvoroço respondendo á mãi com insultos, atirando-se á irmã ás dentadas, numa ferocidade canina, com palavrões e acenos ignobeis, perseguindo a negrinha indecorosamente.

Visinhos vinham, ás vezes, trazel-o á casa ensanguentado e immundo das brigas que tivéra na rua; andava sempre armado com um velho canivete que escondia no papo da camisa e descalço, o cigarro nos beiços, abalava em farandulas para as praças, para os morros numa vida devassa e vadia.

Se a mãi o prendia ficava a fazer exercicios de capoeiragem no corredor, cantando dobrados, a gingar, como fazia á frente dos batalhões, com uma giria sordida e gestos desempenados. A velha, emtanto, trazia a casa asseiada — ella mesma,

descalça, com as saias arregaçadas, os braços nús, esfregava o soalho ; a negrinha, trepada em uma escada, lavava as vidraças, Vidinha cuidava da louça e trabalhava com disposição comtanto que á tarde, á hora em que tirava os papellotes e vestia os seus casacos enfeitados, a mãi a deixasse debruçada á janella, muito languida e faceira, trocando signaes e olhares com um amanuense da visinhança, moreno, d'oculos, o rosto picado de bexigas. Tinha fama no quarteirão e, á noite, grupos de rapazes postavam-se na calçada fronteira e, escandalosamente, atiravam beijos mas, Vidinha, para não perder o amanuense, batia com a janella, numa indignação pudica e rompia em improperios, ás vezes atirava cusparadas despreziveis, mandava o João correr á pedra os galanteadores ou chamava D. Anna que surgia á sacada iracunda, mostrando vassouras, ameaçando desancar o bando, cobrindo-o de insultos vis e subia ao segundo andar, esbaforida e colerica, para pedir aos rapazes uma reclamação nos jornaes contra aquella calaçaria para que um dia ella se não deitasse a perder quebrando a páo a costella dum daquelles desavergonhados.

A vida, porém, entre os rapazes, ia tranquilla e farta. As refeições, a tempo e abundantes, eram gabadas sem reserva pelos inquilinos do segundo andar. Terrinas immensas de sôpa, pratarrazes de carne; o arroz, sempre corado, subia num alguidar; o assado era uma posta solemne e ainda verdejavam saladas e frutas e o café rescendente

que era saboreado no mirante, á fresca. Era Leonor quem servia á mesa muita delambida, fugindo aos beliscões, posto que andasse sempre a esfregar nos rapazes o seu corpo magro de ephebo, tresandando á cozinha. Ao menor acceno, porém, ameaçava:

— Não brinca! eu me queixo ao juiz de orfe.. Veje lá... E sahia, com uma pilha de pratos, chuchurreando muchôchos.

Podia-se trabalhar folgadamente posto que, á distancia de alguns passos, noite e dia, andassem locomotivas em manobra, silvando, badalando: trens que chegavam arquejando, trens que partiam chiando e as velhas machinas manobreiras, como cuidadosas menagères, indo e vindo, esbaforidas, dispondo os comboios que deviam subir para os suburbios ou em mais estirada corrida para as regiões das serras, atravessando tunneis tenebrosos, beirando rampas escarpadas, seguindo, ao longo dos rios, pelas paisagens largas, muito verdes, de campos e de florestas ou através as cidades do interior muito brancas, entre a verdura viçosa dos pomares, com as suas igrejas nos outeiros avelludados e o gado nédio solto, a pastar, nas varzeas. Desde a manhã, ainda escuro, até á hora mais alta da noite, era aquella azafama de serviço.

Carroções enormes, carregados, rangendo, passavam pela rua aos solavancos, sobre as pedras mal dispostas; ás vezes cahiam em covas, as rodas chafurdavam, ficavam engasgadas nos buracos e

os cocheiros, saltando das boléas, freneticos, bradando, atiravam chicotadas aos animaes que, sangrando, aos arrancos, tentavam arrancar o vehiculo sobrecarregado emquanto homens aos urros, agarrados aos raios das rodas ajudavam com esforço. Na visinhança resoavam constantemente malhos numa forja, era uma fabrica de carroças. Numa casa fronteira certa menina delambida e vesga, todos os dias, inexoravelmente, martyrisava um piano fanho da manhã á noite e eram prégões de quitandeiros, alarido de mulheres e, de quando em quando, gritos percucientes que vinham duma casa proxima onde affirmavam que vivia uma pobre louca, encerrada num quarto com os pulsos amarrados e peiada.

A' hora da volta dos operarios o rumor crescia; trens corriam abarrotados, caminhões vasios iam aos trancos, com estridor de ferragens; bondinhos passavam cheios, mas os rapazes subiam ao mirante e, sob a doçura do céo azul onde a luz esmaecia, fumavam, conversavam, dilatando os olhos por aquelles telhados vermelhos, vendo á distancia, a massa de verdura do parque da Acclamação, o grande quadrilatero do quartel e torres de igrejas, o zimborio da Candelaria e os morros semeados de casas muito alvas entre os verdores do arvoredo denso. Aqui, alli, á derradeira irradiação do sol crepuscular, uma claraboia scintillava; e, baixando os olhos, viam os quintaes com os coradouros coalhados de roupa, cordas vergando, outras atezadas por bambús e,

quasi em baixo do mirante, o pateo da fabrica de carroças, cheio de tóros de madeira e rodas em pilhas, um banco de marcineiro sob uma coberta de zinco. Sons vibrantes de cornetas, ás vezes de marchas e dobrados, vinham de longe e por fim, ficando o céo violaceo, os sinos dobravam a Ave Maria docemente, espaçadamente. Appareciam estrellas, luzes fulguravam nas ruas, iam apontando aqui, alli, e a noite rapida cahia mas já a cidade illuminada resplandecia como uma planicie vasta crivada de vagalumes.

Recolhiam-se; só o Toledo ficava muito triste, sob a noite triste, cantando baixinho, com melancolia, a olhar. Sahiam para os theatros, para a palestra no Garnier ou no Deroche ou ficavam á vontade fallando do futuro, formando planos litterarios—um grande livro de Arte que despertasse a indifferença do publico mazorro, uma obra forte, feita com amor e talento, a fórma muito trabalhada, a analyse muito minuciosa, um livro magistral de estylo que passasse o oceano e fosse ao estrangeiro fallar da Patria e dos seus artistas.

Ruy Vaz, porém, tinha, por vezes, grandes desalentos: entendia que a lingua portugueza era um carcere.

— Para que morrer sobre as paginas dum livro, se elle nunca passaria ao conhecimento universal por mais nobre que fossem os seus conceitos, por mais subtil e argúta que fosse a sua psychologia, por mais requintada que fosse a sua fórma? Não valia a pena. A lingua portugueza é ingrata e

avára: guarda os seus mais bellos poemas como um usurario esconde os seus thesouros. Anselmo, porém, sempre a rebuscar nos classicos novos termos, tinha assomos de enthusiasmo e proclamava o seu vernaculo o mais bello, o mais rico, o mais soante. E lia altisonantemente estrophes de Camões, trechos de Bernardes, de Fernão Mendes, de Lucena, os sermões e as cartas de Vieira, apontando as bellezas e os grandes recursos dos mestres, e ia formando o seu vocabulario. Só o Toledo, sempre sorumbatico, parecia indifferente áquellas pesquizas litterarias. Olhava e, se o estudante saltava mostrando nas paginas dum classico um adjectivo sonoro e expressivo, sorria e o seu olhar morno tinha alguma cousa de enternecida piedade como se lhe parecesse ridiculo, digno de lastima, contentamento tão grande por tão futil descoberta. Levantava-se suspirando e, vagaroso, com as mãos para as costas, arrastando os passos, ia-se pelo corredor a mascar o cigarro ou, de cabeça baixa cantarolando um trecho de opera. Como em todas as venturas da vida ha sempre um « mas » impertinente, vejamos a adversativa do periodo sereno dessa existencia amavel: era o banheiro. A casa não possuia essa dependencia indispensavel á hygiene e ao gozo. D. Anna esfregava as suas banhas flacidas, de tempos a tempos, numa immensa bacia de ferro onde Vidinha, aos sabbados, com algumas gottas dagua Florida e sabonete Windsor, tirava as gorduras do corpo alambreado. Leonor, quando começava a tresandar, era

impellida para o tanque e a bica golfava grandes jorros sobre as costas da negrinha, que tiritava clamando contra a barbaridade e pedindo que a mandassem para o recolhimento, tanto, porém, que se enxugava, a colera cahia e, satisfeita e inodora por algum tempo, sahia a annunciar a barrella com justissimo enlevo e restos de sabão na carapinha. Só o João conservava-se a respeitavel distancia dagua, esbravejando e referindo-se á fallecida avó com descabida infamia quando a mãi investia com a vara para leval-o á bacia. Os rapazes, logo que se installaram, fizeram uma representação em fórma á viuva reclamando um banheiro. D. Anna achou « muita exigencia » e fez-se surda, indo para a cozinha resmungar contra o « luxo dos fidalgos ».

Ruy Vaz e Anselmo, vendo que ella desattendia, desceram uma manhã ás dez horas quando Leonor esfregava no tanque e Vidinha arranjava os vasos de violetas á janella da sala de jantar; despiram-se atirando a roupa para a corda, e nús, cantarolando, auxiliaram-se mutuamente revesando-se ao regador que um derramava sobre a cabeça do outro trepando, o que fazia de aquario, sobre uma tina emborcada para que a agua jorrasse d'alto.

Leonor, num grande panico, aos gritos, fugio bradando ao escandalo: « Que os moços estavam nús em pello, tomando banho no quintal ». Vidinha debruçou-se á janella e rompeu a rir. D. Anna acudio e, vendo os dois inquilinos como anabaptistas que se baptisavam, uivou enfurecida contra

a pouca vergonha. Anselmo, porém, com a cabeça branca como um casulo de algodão, o corpo enfloccado de espuma, de pé na tina, pronunciou um discurso demonstrando as excellencias da agua fria para a limpeza do corpo e para a resistencia moral dizendo, na peroração, que, se ella não désse immediatas providencias, todos os dias, áquella hora fulgida, desceriam do Empyreo com as toalhas e o sabonete e, desnudados como dois athletas gregos, fariam a ablução indispensavel, aos olhos de Deus e dos mortaes de ambos os sexos, que quizessem contemplar a plastica magnifica. D. Anna urrou invocando o pudor de Vidinha, a innocencia de João, a candura de Leonor e a sua viuvez mas, no dia seguinte, mandou vir da venda uma grande pipa, serrou-a e, suspendendo a um barrote um pequeno reservatorio com chuveiro, mandou annunciar aos do segundo andar que podiam tomar banho com decencia, mas que haviam de pagar o banheiro porque ella não estava disposta a sustentar os luxos dos outros. E a cuba foi estreada, com alarido e cantos e, como o sitio do banheiro era escuro e infestado de bichos, desciam sempre com uma vela e a hora do banho, por causa da lanterna e da tina, foi chamada com propriedade, « a hora de Diogenes ».

O Lins apparecia frequentemente a horas altas da noite e, da rua silenciosa, bradava para que lhe fossem abrir a porta; entrava pé ante pé para não accordar a *Cotovia* e o *Dragão* e, vestindo um immenso *robe de chambre* do Toledo, estirava-se

no canapé, com a cabeça sobre dois diccionarios e dormia como um justo alarmando, por vezes, a casa com os seus tremendos pesadellos. De tempos a tempos o Duarte mandava um garrafão de vinho e ia tambem bebel-o. Os jantares tinham então a grandiosidade de banquetes, trocavam-se brindes; o Lins ia ao mirante com um copo cheio e bebia, enlevado, ao astro nocturno e á maravilha das constellações; nas noites taciturnas, sem lua, bebia a S. Sebastião, o padroeiro da cidade ou álguma mulher formosa e, mesmo uma noite, como enchesse o copo oito vezes, bebeu aos seus credores. O trabalho progredia. Ruy Vaz accumulava observações para um romance de analyse, um fino estudo de mulher, Toledo estudava os ossos do craneo e Anselmo terminava uma opereta, quando se declarou a epidemia do amor.

Vidinha, graciosa e bella, parecia ter esquecido o amanuense e arrancava do peito profundissimos suspiros andando pela casa triste, com o crochet entre os dedos, penteada, engommada, de meias e, á noitinha, debruçada á janella da sala de jantar, á hora em que os rapazes, do mirante, contemplavam os astros, cantava com muito sentimento:

Quando eu morrer não chorem minha morte...

O Lins achava-a encantadora com aquelles ares melancolicos de Ariadne esquecida, fallando de morte; e pensava em desposal-a.

— E' digna de um artista de raça. E' mulher para ter um templo feito com alexandrinos impereciveis. Mulher nervosa, mulher ardente... só mesmo para um artista como eu; sinto-me capaz de a fazer feliz. E travavam-se duetos extranhos no escuro: Vidinha debaixo, debruçada á janella, a suspirar:

Quando eu morrer não chorem minha morte...

e o poeta do mirante com o comprido *robe de chambre* de rastos, a recitar Camões:

— Se me vem tanta gloria só de olhar-te
E' pena desigual deixar de ver-te;
Se presumo com obras merecer-te
Grão pago de um engano é desejar-te...

Mas Vidinha, logo que ouvia o poeta, retirava-se atirando bem alto, para que elle ouvisse, uma phrase de ferino desprezo:

— Diabo do capenga não se enxerga! Não era elle então o preferido? Quem seria pois? Anselmo? Ruy Vaz? o sombrio Toledo? o Duarte? mysterio! Os rapazes interrogavam Leonor, davam-lhe gorgetas procurando subornar a negrinha para que denunciasse o segredo que trazia contristada a formosa morena, a negrinha, porém, ia enthesourando as moedas e respondendo sempre com inflexivel teimosia: « Não sei... Não sei... » O amor fervia em todos os corações. O Lins, desprezado mas não desilludido, agarrava-se, com a

sanha com que um naufrago se apéga á prancha que lhe atiram, ao velho proloquio: «Quem desdenha quer comprar»... e dava tratos á Musa escrevendo copiosas e alambicadas lyricas nas quaes cantava a creatura indifferente que o torturava. Uma manhã, á «hora de Diogenes» descia Anselmo para o *Cranium*, que era o sitio tenebroso do banheiro, com a toalha ao hombro, o castiçal e o sabonete quando, na escada, encontrou Vidinha. Trocaram um olhar afogueado e as faces da menina coloriram-se, indicio infallivel de que o coração se lhe havia sobresaltado.

— Bom dia, Vidinha.

— Bom dia, respondeu ella de olhos baixos, agarrada ao corrimão.

— Estás zangada commigo? perguntou baixinho o estudante.

— Zangada com o senhor! porque? Hom'essa... Fitaram-se e iam, talvez, sahir os grandes segredos do coração da donzella quando uma voz estrondou no alto da escada:

— Passa pr'a cima, descarada! E o senhor fique sabendo que eu não quero scenas aqui em minha casa. Os senhores pensam uma cousa e ella é outra. Vidinha, assomada, respondeu:

— Não me amole! e enfarruscou, alisando o corrimão. Anselmo, melindrado, repellio a insinuação.

— Que pensa a senhora de mim?! Julga, talvez, que eu estava aqui a dizer galanteios á sua filha? Está muito enganada. Eu perguntava

simplesmente se a *Gazeta* já havia chegado; é verdade, Vidinha?

— E' sim.

— Eu sei! os senhores são bons, mas a : é que não embaçam... Eu bem sei como o d as arma. Anda p'ra cima, Vidinha...

— Não vou!

— Sem vergonha! Ficaram as duas discut e o estudante desceu indignado mas conven de que era o venturoso. Na manhã segui porém, Ruy Vaz subia do *Cranium* quando en trou a menina. D. Anna estava á porta c prando verduras de sorte que o romancista po dilatar o encontro.

— Adeus, bellezinha... Ia para fazer-lhe u caricia no rosto mas Vidinha repellio energ mente a mão atrevida.

— Eu não gosto de lambanças, sabe?

— Que é isto? Então é assim que se trat queridinho?

— Queridinho quê, seu tôlo!

— Ah! não sou eu o queridinho? Então por anda você a mexer commigo?

— Mexendo com o senhor? eu! O senhor sonhando...

— Ah! estou sonhando? pois sim. A men fez um mômo e disse abandonadamente:

— Eu dos senhores só quero o descanço.

— Má! atirou-lhe em face o romancista.

— Máo é o senhor.

— Eu? porque?

— Não sei....

— Diga! Ella fitou-o sorrindo e com um meneio gracioso da cabeça, numa voz expressiva e molle:

— O senhor é tolo! Nossa Senhora!... E' melhor que tire esse fiapo do bigode que até parece um cabello branco. Ruy Vaz apresentou a face, muito terno:

— Tira, meu anjo; eu não vejo... E Vidinha, com um muchôcho, foi com dois dedos delicadamente, tirou o fiapo e mostrou-o ao romancista; e elle, tremulo:

— Então eu sou máo?

— E' sim... Mas os tamancos de D. Anna abalaram a casa.

— Olha mamãi! disse ella assustada e Ruy Vaz precipitou-se, escada abaixo, a caminho do *Cranium*. Mas da scena capital foi heróe Toledo, o casmurro. Os companheiros haviam sahido, quasi noite, elle estava só no mirante quando Vidinha, debruçada á janella, disse:

— Que tristeza, meu Deus!

— Como? inquirio o misanthropo.

— Que tem o senhor que anda tão triste?

— Nada; sou assim mesmo.

— Qual! não creio: o senhor tem alguma cousa que não quer dizer á gente. Paixão com certeza...

— Eu!? não tenho tempo para essas cousas, D. Vidinha.

— Faço idéa...! os mais sonsos são os peiores. Houve um silencio e Toledo já não se lembrava de Vidinha quando ouvio:

— Boa noite! respondeu como em sobresalt

— Boa noite, D. Vidinha. E ella, numa v
tremula e surda, ajuntou:

— Sonhe commigo... e desappareceu. O ar
tomista ficou atordoado, assombrado como se,
da altura, a lua, muda e branca, lhe houves
perguntado pela familia.

Foi num dia borrascoso de aguaceiro e ven
dia insipido de tedio, que Ruy Vaz contou, cc
requintes de vangloria, o seu encontro com
menina dando-se pelo preferido, mas Anselı
referio o episodio da escada e Toledo narrou
scena theatral do mirante. Os tres, pasmadc
romperam a rir.

Toledo, porém, disse com lastima e sabedori
«Que era uma doente...» Ruy Vaz declaro
que era um caso. A pequena atirava-se a tod
para apanhar um, indifferentemente. Não hav
amor, senão astucia e interesse. Toledo entenċ
que o melhor era darem a perceber que a
timavam, sem intenção, para que se desvaı
cessem as idéas absurdas que ella afagava c
prejuizo do futuro, porque estava talhada pa
ser a esposa fiel do amanuense. Mas Anseln
com os olhos fuzilantes, protestou energico:

— Isso não! Pois a pequena presta-nos
alto serviço intellectual e havemos de desp
zal-a? Isso nunca! Vidinha é um excitante e
alvo. O coração precisa de um ponto de mi
meus amigos. Os marinheiros não dispensan
tramontana, os poetas não podem trabalhar s

um idéal qualquer. Vidinha presta-se magnificamente. Toledo ponderou com gravidade:

— Tomem cuidado! Essa menina é um perigo.

— Qual perigo! E, sem darem attenção aos conselhos do macambuzio, Ruy Vaz e Anselmo continuaram a cultivar a flor de alambre dirigindo-lhe phrases incandescentes e ella a mandar-lhes flores, anneis de cabello, marcadores de livros e, quando sahiam, avisada pela negrinha, subia em visita curiosa ao segundo andar, corria os quartos, arranjava as mesas e, uma noite, ao deitar-se, Anselmo descobrio debaixo do seu travesseiro um lenço perfumado á Kananga que alli havia escondido, para atordoal-o, sem duvida, a trefega menina; o estudante dormio com elle apertado ao coração e teve sonhos deliciosos. Ruy Vaz, ouvindo os estrondosos suspiros do companheiro, começava a receiar quando um incidente providencial fez com que o estudante evitasse o abysmo que o attrahia com lenços perfumados e cantares languorosos á janella da sala de jantar.

Anselmo, que havia concluido a opereta, obteve do Heller, graças á apresentação de Ruy Vaz, um domingo para a leitura. Com o manuscripto debaixo do braço, o coração em grande alvoroço á idéa dum ruidoso successo que, dum lance, lhe atirasse o nome para a gloria, entrou no jardim do Sant'Anna.

O emprezario teve uma grande e enfadada surpreza ao vel-o como se não contasse com aquelle sacrificio mas, dissimulando, offereceu-lhe

um banco, no tablado, pedindo um instante para dar certas ordens. Anselmo sentou-se orgulhoso, certo de que o Heller fôra reunir a companhia para a audição dos tres actos da sua opereta que tinha o mysterioso titulo d'*A Prophecia* mas, o emprezario tornou instantes depois, resignado e só, e, tomando um dos bancos, sentou-se, dizendo numa voz avelludada e com um sorriso de martyr:

— Podemos começar. Anselmo, ainda esperançado, lançou um olhar comprido para o fundo do theatro, através a platéa deserta e lugubre, mas o palco estava vasio e escuro, em arcabouço, com os bastidores encostados em pilhas, uma grande concha, rutilante de malacacheta, tirada por dois cysnes e uma velha arvore que, na magica, então preferida do publico, esgalhava-se dando passagem á fada Primavera, uma artista italiana, grossa de corpo que, todas as noites, era delirantemente acclamada por um grupo de admiradores. Não havia viv'alma. Resolveu-se a principiar a leitura: desenrolou o manuscripto e o Heller, vendo a primeira pagina, fez uma observação lisongeira:

— Bella lettra! E' sua?

— Sim, senhor. O emprezario, arregalando os olhos, accenou com a cabeça admirativamente. Em verdade a calligraphia era magnifica: o titulo dos actos em caracteres gothicos, a descripção dos scenarios e as rubricas num cursivo fino, a tinta carmim, e toda a escripta uniforme, sem uma emenda, sem uma rasura, limpa e igual.

Anselmo começou e logo ás primeiras phrases o Heller, amollecido pela temperatura tepida daquella hora somnolenta, cerrou os olhos. A cabeça ia descaindo lentamente; elle, porém, logo a firmava, olhando quebrantado com a mão á boca para esconder os bocejos. Ia começando o segundo acto quando uma actrizinha appareceu muito tesa, num passo miudo, rebolindo-se, com a sombrinha acolhida entre os braços sobre o collo. Fazendo um leve cumprimento ao estudante inclinou-se para dizer alguma cousa ao ouvido do emprezario que, de olhos altos, ia respondendo: «Sim... Sim... Sim...» Emquanto ella fallava Anselmo, que accendera um cigarro, olhava-a e admirava-a. Clara, de olhos garços, pequenos, ironicos, mas duma inexcedivel vivacidade bregeira, labios carnudos, cabellos castanhos e um collo farto que ondulava maciamente.

— E' uma peça nova? perguntou lançando um olhar ao manuscripto.

— Sim, disse o Heller.

— Ha algum papel para mim? Anselmo affirmou:

— Ha a princeza ou, se a senhora preferir, a fada. A actriz inclinou-se sobre o original que o estudante deixara aberto na mesa, examinou-o, tomou-o nas mãos e, com um sorriso que dava ensejo a que o joven autor visse duas filas de dentes admiraveis, exclamou enlevada:

— Com effeito! que lettra! Que linda lettra, hein, Jacintho?

— E' verdade, concordou o emprezario somnolento.

— Tão certa! parece impressa. Sim senhor! Esta não precisa ser copiada para o ponto. O senhor escreve sempre assim?

— Sempre; affirmou o estudante.

— E' admiravel! E ajuntou: Quem tem uma tão linda lettra deve escrever cousas admiraveis. Com licença... se permitte que eu ouça algumas scenas da sua peça... Ha muito que começou? Que calor, hein? Em que acto está?

— No segundo.

— O primeiro não é mau, resmungou o Heller: tem vida.

— Vamos lá, disse a actrizinha chegando a cadeira para junto do estudante e, sempre com os olhos nelle, risonha, ouvia. Ia Anselmo lendo uma grande e emphatica invectiva quando se pôz a gaguejar, perturbado: sentira uma leve pressão no pé e, instinctivamente, lançando um olhar interrogativo á actriz, vio que ella o fitava enternecida, com os olhos semi-cerrados e languidos. Quasi ao terminar o segundo acto uma voz bradou do palco stentoricamente:

— O' Jacintho! O emprezario, ajustando o *pince-nez*, levantou a cabeça:

— Que é?

— Anda cá!

— Com licença; é um momento.

— Pois não. Ficaram os dois e o Heller ia ainda perto quando a actrizinha, num tom

ardente e discreto, com a cabecinha inclinada, murmurou :

— Que olhos tem você, menino...! Elle sorrio timido. Fazem mal á gente, palavra ; ajuntou. Olharam-se e ella, sorrindo, tornou mais forte a pressão do pé.

— Você é estudante ?

— Sou.

— De medicina?

— Não : de direito; estudo em S. Paulo.

— Ah ! S. Paulo ! disse ella com os olhos em alvo como se aquelle nome lhe trouxesse suaves e saudosas recordações. Inclinou-se sobre a mesa e Anselmo sentio o contacto dos seus joelhos ; ella examinou o frontespicio do manuscripto e, lendo « Anselmo Ribas... » perguntou:

— E' teu nome ?

— E'...

— Que idade tens ?

— Dezoito annos. Fitou-o demoradamente exclamando de novo:

— Mas que olhos ! Você deve ser um homem terrivel ! Accenderam-se-lhe as pupillas e os dentinhos trincaram cruelmente os labios que ficaram sanguineos: Quem é a tua amante?

— Minha amante ? não tenho amante.

— Não tem ! ? fez ella com espanto e compadecida, mirando-o: Pobresinho ! de repente, sacudindo uma pennugem que pousara na lapella do casaco do estudante, perguntou :

— Vens logo ao theatro ?

— Posso vir, disse Anselmo.

— Então espera-me depois do espectaculo. Onde moras?

— Na rua Formosa.

— Só?

— Com dois outros rapazes: Ruy Vaz e um estudante de medicina.

— Ah! moras com Ruy Vaz?

— Moro.

— Bonito rapaz aquelle, hein?

— E'... Levantou-se, tomou a sombrinha e, estendendo a mão breve ao estudante, emquanto lhe apertava os dedos, disse:

— Então até logo. Olha, espera-me junto do botequim. Vamos ceiar e depois... rio derreando a cabeça, piscando os olhos. Até logo; e, erguendo a voz: Jacintho, adeus, hein!

— Adeus! Já á porta, accenou com os dedos um adeus a Anselmo depois, apontando o balcão do botequim fechado: Alli, ouviste?

— Sim, disse o estudante.

— Até logo! e atirou-lhe um beijo. O estudante, surprendido com esse rapido incidente de amor, mal poude concluir a leitura. Já não se preoccupava com os proventos nem com o successo da opereta lembrando-se apenas daquelle encontro nocturno com tão formosa rapariga, mas a idéa da ceia aterrou-o. Como havia elle de a levar a um hotel se toda a sua fortuna reduzia-se a uma velha nota de cinco mil réis? Não havia de conduzil-a a uma tasca para empanturral-a de iscas

e de vinho verde, nem era gentil leval-a em bond para casa. Mulheres como aquella estavam habituadas a iguarias finas, a champagne e não se moviam senão em carruagens macias. Como havia elle de arranjar-se para apparecer decentemente á actriz que ficara magnetisada pelos seus olhos felinos? O emprezario acceitou a peça promettendo montal-a logo que tivesse ensejo e Anselmo sahio radiante, feliz nas lettras, feliz no amor, antegozando as duas delicias — a noite proxima, sonóra de beijos, e o successo d'*A Prophecia*... logo que houvesse ensejo. Quando chegou á casa narrou miudamente a aventura; Ruy Vaz, porém, que conhecia a actriz, quiz dissuadil-o.

— Não te mettas com essa mulher, é o diabo. E' um escandalo de saias: faz rôlos, tem ataques, um horror! Arranjaste uma complicação, vais ver. Essa mulher vem desorganisar a nossa vida; estamos aqui tão bem, trabalhando tranquillamente e agora podemos dizer adeus a tudo. Já estou a vel-a revolvendo papeis, folheando livros, espalhando notas ou esperneando alli no tapete descomposta, com os taes ataques. Vais ver. Não penses que ha despeito da minha parte, fallo assim porque conheço a fundo essa ventoinha. Acho melhor que não a tragas para cá.

— Mas se ella quer vir...

— Quer vir! Ora! quer vir! mas para onde, se dormimos no mesmo quarto?

— Por isso não: eu fallo ao Toledo.

— Pois sim, hei de ver o resultado. E' até capaz de nos fazer perder esta casa onde estamos magnificamente alojados. E' assim! quando eu começo a pôr em ordem a minha vida... zás! E foi-se para a janella resmungando. O Toledo cedeu o quarto sem a minima objecção; apenas retirou da parede os retratos do pai e da mãi e pôz uma vela nova no castiçal. O estudante conseguio, com alguma lamuria, arrancar dez mil réis ao misanthropo para as grandes despezas da ceia.

O dia parecia a Anselmo infindavel e, impaciente, ás sete e meia da tarde, com quinze mil réis no bolso e a alma radiante, caminhou trauteando a « Canção de Fortunio » em direcção ao Deroche para fazer hora. O Lins lá estava chuchurreando chopps e ouvindo as bravatas dum alentado barbaças que era paginador num jornal. O homem narrava, roxo e inflado, suando, um feito de mocidade. Andava uma noite em serenata, com outros, lá para as bandas da Cidade Nova, quando dois policias, por birra, lhes tomaram o passo prohibindo, com descomposta linguagem, o zangarreio e o descante. Com boas palavras tentaram persuadil-os de que não eram vadios mas homens pacificos de trabalho que andavam, por aquella noite mórna, de luar, espairecendo um pouco, mas os policias, julgando, pelas fallas, que eram covardes, insistiram na prohibição e, sem motivo, arrancaram dos refles; elle, então, com os olhos injectados, num furor de louco, atirou as manoplas ás barrigas dos entanguidos soldados, suspendeu os dois e muito

tempo, no ar, esteve a bater um com outro até que os sentio molles; encostou-os, então, a um muro e foi-se pacatamente, fumando. Mais tarde soube que os dois policias, recolhidos na manhã seguinte, com as caras amassadas e rubras como dois grandes tomates, levados para o hospital, estiveram entre a vida e a morte durante um mez, bradando no delirio da febre contra um gigante, alto como uma torre e armado de cavaquinho, que os esmagava. O gigante era elle. A voz trovejante do paginador sahindo dentre as barbas densas, era soturna e temerosa como a dum oraculo vindo da versuda brenha em escachôos, echoando. O Lins fitava-o entre assombrado e descrente e pedia mais chopps. Quando Anselmo entrou o poeta apresentou-o ao paginador que possuia o nome beato de Santos e o colosso, tomando na prensa da dextra a mão fraca do estudante, para dar demonstração da sua força, apertou-a. Anselmo, porém, não se deu por sentido posto que se lhe enchessem os olhos dagua.

O *Deroche* estava quasi deserto; além do poeta e do gigante só dois allemães, cachimbando e cervejando, calados como dois automatos, recomeçavam partidas de dominó. Anselmo lançava, de instante a instante, os olhos ao relogio moroso. Como lhe pareciam lentas aquellas horas! que noite vagarosa! O Lins não podia acompanhal-o, ia escrever uma chronica para um jornal de provincia. Já o caixeiro lhe havia posto diante dos olhos, entre os copos vasios, o tinteiro e um caderno de papel.

Anselmo foi-se. A rua do Ouvidor, sem movimento, tinha o aspecto desolado duma viella abandonada. As ruas do Rio de Janeiro, como as de Pariz, segundo Balzac, têm qualidades e vicios humanos: ha ruas estroinas e ha ruas pacatas, ruas activas e ruas negligentes, ruas devassas e ruas honestas, umas cujos nomes andam constantemente em notas policiaes, outras que são citadas nas descripções elegantes. A rua do Senhor dos Passos é immoral e immunda, a sua linguagem é torpe, o seu vestuario é indecoroso, as suas maneiras insolitas, o seu cheiro nauseabundo, é uma rua que se enfeita com alecrim e arruda e embebeda-se com cachaça, tem habitos vis de xadrez e de tasca, por mais que se arreie vêm-se-lhe sempre a immundicie e a pustula, por mais que se esfregue sente-se-lhe sempre o fartum. A rua Sete de Setembro é uma delambida rameira que estropia a lingua do paiz e escandalisa a moral; o seu collo tem placas, os seus labios mostram a devastação phagedenica, o seu halito envenena. Taes ruas são como essas flôres noctilucas que só desabotoam á noite e expandem o seu aroma; durante o dia caladas, entorpecidas modorram num flacido e derreado abandono, bocejando. A rua da Conceição é desconfiada, como que tem sempre o olhar á espreita, a navalha á mão, o pé aligero prompto para saltar e fugir. Não falla — murmura, cochicha, numa gyria arrevezada. E' maltrapilha e zambra, arrasta andrajos e oscilla. A praia de Santo Christo tem o aspecto sadio de uma varina, creada

livremente, á fresca e salitrada aragem marinha, deante da vaga, sempre a coser os pannos das velas, abrindo-as ao vento ou compondo as malhas das redes que um repellão mais forte do peixe, no mar fundo, rompeu numa noite farta; a sua linguagem é rude como o fragor da onda na rocha, o seu olhar é limpido e seguro como o do mareante, tresanda a maresia — a sua força é a do vagalhão; calma, tem o encanto dagua serena em noites de luar, mas, quando se insurge alvoroçada, quando se põe de pé, brandindo facas agudas e croques, e remos e velhas bancadas de canôas roidas pela onda, esquecidas junto ás dunas, apodrecendo ao tempo, tem a furia irreprimivel do mar tempestuoso. A rua de Haddock Lobo, com o seu ar repousado e feliz de velha senhora abastada que dormita á sombra d'arvores, entre crianças gazis e flôres rescendentes, digerindo, num socego beato, sem cuidados, sem achaques, é calma e transmitte ao espirito uma suavissima idéa de descanço, espiritual e de corpo, no imperturbavel silencio das suas aléas, no frescor das suas finas aguas correntes. A rua do Ouvidor é trefega; durante o dia toda ella é vida e actividade, faceirice e garbo; é hilare e garrula ; aqui picante, além ponderosa, sussurra um galanteio e vai logo emittir uma opinião sizuda, discute os figurinos e commenta os actos politicos, analysa o soneto do dia e disseca o ultimo volume philosophico, sabe [illegible]do—é reporter, é *lanceuse,* é corretora, é critica, é revolucionaria. Ella espalha a noticia, ella impõe o gosto, ella

eleva o cambio, ella consagra o poeta, ella depõe os governos, ella decide as questões á palavra ou a murro, á tapona ou a tiro e, á noite, fatigada e somnolenta, quando as outras mais se agitam, adormece: ouve-se apenas o rumor constante dos prelos nas officinas dos jornaes; é a rua que digere a sua formidavel alimentação diaria para, no dia seguinte, pela manhã, espalhar pelo paiz inteiro a substancia que compõe a nutrição do grande corpo, cada parte para o seu destino—para o cerebro as idéas que são os incidentes politicos e litterarios e as descobertas scientificas, essas ficam com a casta dos intellectuaes; o sentimento para o coração, que é a mulher, essa tem o romance e a esmola, o lance dramatico e a obra de misericordia; o movimento dos portos e das gares para o ventre e para os braços do povo que devora e do commercio que abastece e o residuo que rola, parte para os cemiterios, parte para os presidios, que são os que morrem e os que são condemnados. Outros que analysem a carta completa da cidade, eu fico nesta exposição.

Anselmo seguio com o espirito occupado por aquella idéa obcecante — o encontro. No largo de S. Francisco todos os kiosques conservavam-se apagados. Tomou pela rua do Theatro, tambem escura. Os respiradouros do S. Pedro brilhavam, homens debruçados ás janellas fumavam, passavam senhoras despindo capas. Num hotel resoava a harpa dum pequeno italiano e a rabequinha da irmã desafinava dolorosamente como se, a custo,

áquella hora da noite, depois de todo um dia de afan, de hotel em hotel, de esquina em esquina, arranhado insistentemente pelo arco, o instrumento, irritado, se negasse á melodia. No largo do Rocio era grande o movimento. Os cafés regorgitavam — era o povo dos domingos, a gente laboriosa: o operario, o caixeiro, o marujo, que aproveitavam, com ancia, aquelle dia de folga para o regalo e para a troça; vinham do campo, chegavam dos suburbios fartos, alegres; uns que haviam apostado, com felicidade, nas corridas; outros que se haviam banqueteado, num canto rustico de arrabalde, á sombra da latada verde e iam acabar a noite no theatro, applaudindo actrizes, cobrindo o palco de flôres, rindo, saciando um desejo refreado durante uma longa semana nos quartos estreitos dos armazens ou nos cubiculos das officinas. Rapazolas passavam em turmas com grandes ramos ao peito, chuchando immensos charutos, fazendo algazarra e triste, encostado a uma esquina, com uma pequenita somnolenta ao lado e um cão estirado aos pés, um velho cégo, de compridas e fartas barbas brancas, com um realejo suspenso ao pescoço, tendo sobre a tampa um pires, voltava machinalmente a manivela, tocando a *Marselheza*.

Anselmo parava á porta de todas as casas, espiava e via um povo differente do que alli costumava apparecer nos dias communs — nem um só dos rapazes, era uma gente nova, desconhecida, como se houvesse chegado de longe, caminhando, logo ao pisar terra, numa grande

necessidade de expansão e de movimento, para as casas de prazer onde bebesse e, calmamente, seguramente commentasse os perigos de onde vinha, os sustos que havia soffrido, as privações por que havia passado. O homem das empadinhas urrava desesperado: « Empadinhas de camarão... estão quentes! » e, á porta do theatro, o povo apinhava-se, apertava-se, caminhando arrastadamente, comprimido. Entrou. O porteiro ruivo pedio-lhe o bilhete; elle, porém, lembrando-se do que lhe havia dito Ruy Vaz, bradou, com orgulho, o titulo de um jornal e passou. Havia enchente; o jardim fervilhava e era um rumor confuso de vozes altas, estrondosas gargalhadas, estouros de garrafas. Cocottes, ás duas, ás tres de braço dado, iam e vinham; na platéa e nas torrinhas, era um bater estrepitoso de pés e de bengalas. Na orchestra os musicos afinavam os instrumentos quando a campainha retinio e houve como uma inundação de luz e um grande « oh! » encheu o theatro como a expansão de todas aquellas almas anciosas.

Subio o panno. Anselmo, junto á orchestra, entalado entre os curiosos, muito espichado, procurava descobrir Amelia, mas a actriz não havia ainda apparecido, o côro apenas vozeirava. Rompeu uma salva de palmas... Seria ella? esticou-se: não, era o Vasques, todo de amarello, com um girasol á cabeça; mas uma pancada metallica de gong vibrou sonoramente, espiou e sorrio, com o coração á boca! era

Amelia, de fada, illuminada por um jorro de luz, num carro tirado por dois cysnes. Vestia uma tunica arrecamada de pedrarias, á cabeça o diadema encimado por uma estrella que scintillava, em punho a vara magica, braços nús, as pernas no maillot muito justo, cothurnos nos pés... divina! Elle esforçava-se por conseguir tomar a frente ao grupo para que ella o visse mas, não podendo vencer a barreira humana, resignou-se a ficar em pontas de pés, angustiado, suando, a ouvir, com delicia, as palavras propheticas que ella ia dizendo aos da côrte do rei, um monarcha pançudo e ridiculo, que caminhava aos saltinhos agarrado aos ministros... e com outro estrondo metallico Amelia desappareceu. Que mais tinha elle a fazer alli naquella especie de lagar? retirou-se, com a mão no bolso, apalpando o dinheiro, receioso de que algum gatuno astuto lh'o levasse, deixando-o desprevenido para a ceia. No jardim encontrou o Duarte, a rir, num grupo de mulheres chamou-o á parte e, narrando-lhe a aventura em que estava empenhado, pedio o seu auxilio mas o poeta estava *in albis*, tinha apenas o nickel da passagem. Olharam-se; de repente, porém, o autor das *Bohemias* disse, num tom de certeza:

— Espera-me aqui. Vou vêr uns casos. E foi-se. Anselmo, posto que ardesse em sêde, não se atrevia a tocar no dinheiro que reservava avaramente para a ceia; foi ao balcão e, não sem vexame, pedio um copo d'agua. Começava

o terceiro acto; o estudante já estava resignado á sua fortuna modica, quando o Duarte reappareceu esbaforido:

— Ah! meu amigo, que trabalhão! e passou-lhe um rolinho sorrateiramente, segredando: Tens ahi dez. Mas não te mettas mais em complicações aos domingos. O domingo é um dia impossivel: as nossas carteiras não apparecem, ficam repousando nas chacaras, de paletó branco e chinellas. Faze tudo quanto quizeres de segunda-feira ao sabbado e descança ao domingo porque o Senhor mandou e porque não ha meio de arranjar-se um nickel. Suei para conseguir essa miseria: tive de ir á rua da Candelaria recorrer a um amigo; felizmente encontrei-o á porta tomando fresco.

— Achas que com vinte e cinco posso fazer alguma cousa? perguntou Anselmo.

— Isso é uma fortuna, homem de Deus! Podes até mandar abrir meia garrafa de champagne e comprar um maço de cigarros para mim. Vou comtigo.

— Tu! exclamou o estudante aterrado.

— Tens ciume?

— Não, não é ciume, mas a quantia... para tres...

— Mas eu vou justamente para garantir-te. Fico a teu lado e, se vir aproximar-se alguem com cara de canja ou de grog... porque eu, pela cara, sei o que os manos farejam, dou o brado, comprehendes? Fico de guarda e,

›smo, sendo necessario, podes deixar-me como 'em.

— Então sim.

— Olha, acabou. Effectivamente o povo sahia em ıssa. O estudante respirou e foi postar-se junto botequim que os caixeiros fechavam. Apagam-se todos os bicos de gaz, o panno de boca bio e o palco appareceu nú e sombrio. Começan a sahir os actores e Anselmo, sempre que via parecer, ao longe, uma mulher, movia-se como ra ir-lhe ao encontro, mas o Duarte detinha-o:

— Não! não é: e, intimo dos artistas, dirigia mprimentos a todos que passavam: «Adeus, ıico! Boa noite, Guilherme! Como vai isso, Lisa? Bravos á comadre» mas avançou:

— Ahi vem ella...! Era Amelia, muito tesa com seu passo miudo e sacudido. Encaminhou-se ra o botequim e, com meiguice, roçando pelo tudante como uma gata amorosa, perguntou: 'e elle havia aturado, desde o começo, aquella topada...?»

— Por tua causa... murmurou elle apaixonamente e ella, languida:

— Hei de pagar-te o sacrificio. O Duarte curı-se dizendo em tom ironico:

— Muito boa noite, senhora duqueza!

— O' Duarte! estavas ahi? Se fosses cobra...

— Não mordo, madame...

— Nem eu sou mordivel, respondeu ella a rir e, ıando o braço de Anselmo, muito aconchegada, surrou:

— Fazes muito empenho em ceiar?

— Eu? se quizeres. Estou por tudo.

— Então vamos para casa.

— Isso não! exclamou o Duarte; vamos festejar o hyminêo com uma Einbek gelada já que não podemos regar o epithalamio a champagne.

— Pois vamos, disse Anselmo passivamente.

— Eu entendo que vocês devem tomar uns ovos quentes e um calix de Porto. Eu cá sou assim: não embarco para Cythéra sem levar copiosas provisões. A viagem é longa e fatigante.

-- Pois vamos tomar uma garrafa de cerveja; mas eu não como, jantei tarde, disse Amelia.

— Como vai o Moreira? perguntou o Duarte.

— Não me falles nesse idiota! E' um homem impossivel: chora, vive sempre ajoelhado a meus pés, a beijar-me as mãos. E' ridiculo! Eu gosto de homem, homem...! de maricas não venhas! exclamou num tom brejeiro. Entraram na *Maison Moderne* e Anselmo ainda insistio por um pouco de *foie gras*, uma salada de arenques com vinho do Rheno, Amelia fez um momo: « Aceitava apenas um copo de cerveja para não fazer-se de rogada. »

Estavam os dois enlevados emquanto o Duarte dava conta de um picadinho á bahiana com farofa quando uma voz rouca estrugio: — Correcto!

— Olha o Neiva; disse Amelia voltando-se. Era effectivamente o bohemio; vendo o grupo, dirigio-se á mesa e, arrastando uma cadeira, pedio, num berro:

— Porto! depois, muito terno, sorridente: Então que é isto? que armação é esta? Temos amores?

— Tu já viste olhos mais ardentes do que os deste menino, Neiva? perguntou Amelia.

— Não, nunca vi... Mas que tenho eu com isto? Pensa você que eu sou fiscal da illuminação do amor? Pôz-se de pé ameaçador e tragico: Menina cuidado! Este meu amigo é um Othello de paletó sacco!

— Mas eu não sou Desdemona...

— Isso sei eu. Tu és como a Misericordia: estás sempre de braços abertos. Honesta como fiel de balança. E, com os olhos immensos, a cabeça enterrada nos hombros, rugio: Fazes muito bem! saltou para o meio da sala repetindo: Fazes muito bem! e, chegando-se á actriz. O amor tem azas para voar... voluvel! voluvel! Nada de ficar amarrada a este ou áquelle sujeito. Amar é desejar; depois de saciado o desejo vem o tedio e, quando o tedio chega... só o divorcio.

— Pensam assim os inconstantes como tu, disse a actriz. O Duarte, cruzando o talher, tomou um sorvo de cerveja e, depois de limpar os beiços, suspirou:

— Só eu não sou amado! Se me impressiono por alguma menina, no dia seguinte ella é pedida em casamento. Eu sou o Hyminêo...

— Qual Hyminêo... Jettatore é que és.

— Ou isso. Comecei a amar uma viuva com todas as veras de minh'alma, com todo o fogo do meu coração, pois...

— Vai casar, adiantou Anselmo sorrindo.

— Não, nasceu-lhe um filho.

— Como! exclamaram os tres.

— Ora, como! vai perguntar ao marido.

— Então é um filho posthumo?

— E' verdade! O homem antes de morrer... E' assim, eu hei de sempre encontrar um tropeço no meu caminho.

— Porque não tiras previlegio dos teus namoros?

— Já pensei nisso. Garçon, mais cerveja! Anselmo lançou um olhar apavorado ao Duarte que, percebendo, disse calmamente.

— Descança, homem; estou aqui com o prumo. O Neiva, fazendo uma careta, repellio o copo enjoado.

— Não bebes mais? perguntou Amelia.

— Não, filha; aqui onde me vês estou sahindo do dique. Ceiei hontem em casa da Melanie e foi um estrupicio! Só hoje, ás duas da tarde, achei a minha cabeça. Ah! vocês não imaginam: eram umas vinte mulheres e bellas! divinas! encantadoras e estupidas como a Venus de Milo. Havia lá uma Hortencia, de Guaratinguetá, deliciosa! Quando vio as alcachofras rompeu a rir, dizendo que aquillo nem parecia repolho e pedio queijo para os espargos porque os tomou por macarrão. Um encanto!

— E as outras? perguntou Anselmo.

— Tudo besta! foi entre a ignorancia e a belleza que passei a noite e estou cheio de solecismos e de peccados. Já li uma pagina purificadora e agora... Tomou um ar beato, espalmou a mão no peito, baixou a cabeça e murmurou: Ah, amanhã, muito cedo,

estou subindo a ladeira do Castello: vou despejar no seio do primeiro benedictino que encontrar todos os meus crimes da noite passada... depois da absolvição, um frasco de Gibert. Bem com Deus e com o Gabiso, este é o meu programma. Bramio: A mythologia está errada! Venus teve dois filhos: Amor e Mercurio, são gemeos, juro! Estirou-se, amollecido: Estou morto! Mas logo, sungando o corpo, dirigio-se a Anselmo: E você previna-se, meu amigo: saia dos braços dessa creatura e mergulhe num Jordão de iodureto.

— Não é preciso, disse Amelia erguendo-se irritada.

— Quê? Está zangada? Neiva está brincando... Então Neiva não póde brincar...?

— Sim, mas eu não gosto dessas brincadeiras.

— Está bem, rasgo a receita. Adeus! Vou dar um dedo de prosa ao Vasques. Até amanhã! foi-se agitando a bengala.

— Vamos? convidou Amelia.

— Vamos.

— Eu fico, disse o Duarte. Sejam muito felizes. E, como o caixeiro apresentasse a nota, elle segredou ao estudante:

— Então? viste como se manobra? Ainda pódes almoçar e jantar amanhã, com vinho. Adeus!

— Boa noite! E sahiram os dois aconchegados. Anselmo propôz que tomassem um carro; Amelia, porém, preferio o bond e foram, como um recente casal de noivos, muito juntos, extasiados, as mãos unidas, fazendo protestos dum illimitado amor.

A casa estava em silencio; a candeia, diante da escada, espichava uma chamma comprida e fumarenta alumiando os primeiros degráos, o resto do lance perdia-se na escuridão e foi ahi, nesse tenebroso e arriscado sitio, que o primeiro beijo longo sellou o juramento passional feito no bond. Ruy Vaz e o Toledo dormiam a somno solto quando os dois atravessaram a sala em passos surdos, a caminho do quarto do misanthropo. Anselmo ia riscando phosphoros pelo corredor por onde os ratos fugiam atropelladamente.

Oh! essa primeira noite, quando um sopro extinguio a luz! O' ardentissimo Barthriari, ó penseroso Babhravya e tu, voluptuoso brahmine Vatsyayana, autor dos shastras fesceninos; e tu, Ovidio; e tu, Propercio, vós todos quantos cantastes o delirio erotico em estrophes mais estimulantes do que a decocção aphrodisiaca da Uchala ou do que o mel do Hymeto, doce e rejuvenescedor, que admiraveis paginas darieis se pudesseis, dum canto, velando, como velaram Anselmo e Amelia, ouvir as entrecortadas palavras tremulas, ouvir os beijos allucinados e...

Se conhecesseis a quinquagesima estrophe do 8º canto do poema do Ariosto:

« Tutte le vie, tutti li modi tenta ;
Ma quei pigro razzon non peró salta :
Indarno il fren gli scuote e lo tormenta ;
E non puó far que tenga la testa alta.
Alfin presso alla donna s'addormenta.
....................................»

Imaginai o opposto dessa miseranda scena entre o eremita e Angelica, na praia; imaginai o opposto e tereis o que aquellas paredes graves da alcova ascetica do triste não viram, mas ouviram, se é que as paredes mudas têm ouvidos.

Depois dessa noite febril, Anselmo, como se houvesse perdido a noção do seu destino, esqueceu os livros á poeira e á traça, esqueceu sobre a mesa desordenada as primeiras tiras do romance que tão interessadamente começára por uma larga descripção da vida rural com muita bucolica, sob um sol abrazado, entre cabanas e mattas virgens, louros cannaviaes e aguas fugitivas e os dias, ou passava-os mollemente estirado na cama, a repousar da noite esperando a noite, ou ia gastal-os em casa de Amelia, muito lubrico, emquanto Ruy Vaz, numa febre excitada de trabalho, mal apparecia aos amigos e o Toledo, com todos os ossos do craneo na cabeça, passava á columna rachidiana, passeiando pelo corredor com vertebras na mão e vertebras nos bolsos.

Amelia mudava-se paulatinamente para a rua Formosa. Alta noite, um tilbury parava á porta e o Toledo, o paciente Toledo, era accordado para ceder o quarto e, sem queixa, com os retratos respeitaveis e o seu lençol, transferia-se para a cama de Anselmo; e a actriz installava-se. Já no mirante, ao sol, vestidos seus tufavam-se, meias de seda rolavam pela casa; nos cabides, juntamente com os paletós e as calças, havia camisas e saias rendadas, um chapeu, cercado de plumas,

enfeitava, como um bibelot extravagante, a mesa do autor d'*A Prophecia* e, nos róes de Anselmo appareciam, na promiscuidade das ceroulas e dos collarinhos, calças de senhora, saias brancas, camisas e outros pannos adjacentes. Pelas paredes eram sem conta os retratos da actriz em differentes peças: ora de fada, ora de pagem ou de escrevente; aqui com ares regios de soberana, alli risonha, mostrando os dentes, numa garridice de *soubrette* e um, maior que todos, no qual ella era vista deitada sobre um divan, os olhos semi-cerrados, fumando. Ruy Vaz achava aquillo immoral e o Toledo, para que os seus progenitores não apparecessem em companhia tão desbragada, trazia os dois retratos no bolso recatadamente.

D. Anna, encontrando uma manhã Amelia no corredor, de mãos ás ilhargas, plantou-se no patamar meneando com a cabeça e trincando os beiços e, logo que a actriz desappareceu, esbravejou com todo o poder dos seus pulmões.

— Que não queria gente daquella laia na sua casa, aquillo alli não era hotel! Que os sem vergonha vissem, ao menos, que ella tinha uma filha solteira. E jurou que, se encontrasse outra vez a sirigaita, agarrava-a pelo gasnete e atirava-a da escada abaixo. Anselmo, melindrado, quiz descer para fazer calar a viuva, mas Ruy Vaz acalmou-o:

— Que vais fazer, desgraçado? a mulher tem razão. Pensas, talvez, que é pela moralidade da casa toda essa colera? estás enganado — é pela decepção. Para D. Anna, Amelia não é uma

devassa: é uma rival da filha. Ella contava comtigo para Vidinha e, como vê a rapariga entrar e sair, vociféra desesperada comprehendendo que ella vai desviando um partido. Eu já tinha percebido as intenções da velha, guardava silencio porque entendo que nunca se deve matar uma illusão... a illusão é a materia prima da esperança. Pensas, talvez, que esses alguidares de arroz e esses pratarrazes de ensopado e esses assados, mais altos do que o Himalaya, e esses lagos de consommé e esses outonos que enchem as fruteiras e tudo mais que vem das cozinhas de Mme. Gargamella são por conta da mingoada mensalidade que lhe damos? Engano teu, são engodos, são como presentes de nupcias, é a *corbeille* com batatas, é um *trousseau* de cebolada, é o enxoval do estomago. Ella seduz o ventre, ella suborna a pança. A mulher quer prender-nos pela boca, é uma pescaria em regra. Vamos comendo a isca que é excellente em qualidade e em tempero e não nos preoccupemos com o anzol. Comprehendes: ella sabe dos meus amores com Elvira, já a vio entrar aqui mais de uma vez e a Elvira é mais *tapageuse* do que a Amelia; ella sabe que o Toledo só ama os pais e os ossos do seu esqueleto.. contava comtigo e, justamente quando temperava com mais sciencia os escabeches e vestia com mais luxo a filha, eis que lhe surge o contra-tempo. E' mesmo para uma mãi de familia perder a cabeça, pensa bem. Que te custa fazer um sacrificio...?

— Casar com Vidinha! exclamou o estudante aterrado.

— Eu matava-te! Nunca! Casar... nunca! vai contemporisando, homem. Pois tu não sabes contemporisar? namora... que custa? Olha que estamos magnificamente installados; pensa no futuro! Não encontramos no Rio de Janeiro pelo preço, uma casa como esta, apezar do *Cranium*... e dessa noiva de... Damocles. Pensa um pouco no futuro; a precipitação é má conselheira. Olha Sapho: precipitou-se dum rochedo e tu bem sabes o resto. Pensa. Anselmo, ouvindo os sabios conselhos de Ruy Vaz, já se dispunha a recomeçar o *flirt* com Vidinha quando, uma manhã, ia para as duas horas, a rua despertou ao rumor duma tremenda matinada. Era um alarido atroador: cantavam a *Marselheza*, levantavam vivas: janellas entreabriram-se receiosamente, visinhos somnolentos espiavam intrigados.

Ruy Vaz, ouvindo da cama, deixou-se estar debaixo dos lençóes julgando, a principio, que era alguma manifestação que se recolhia mas, subitamente, saltou descalço, em camisa, assustado: arrombavam a porta e, da rua, gritavam por elles numa furia, como se houvesse incendio no predio. O estudante saltou tambem da cama e correram ambos á janella. Estavam á porta dois carros e um grupo de homens e de mulheres com velas em mangas de papel; logo que os viram apparecer os da rua proromperam em vivas! e atiraram-se á porta. Ruy Vaz murmurou: — Estamos perdidos!

Effectivamente... D. Anna, descalça, com uma vela, entre Vidinha e Leonor, em fraldas de camisa as tres, pôz-se a bradar no patamar da escada:

— Sucia de vagabundos! Não abro! Vão bater no diabo que os carregue, pelintras! Isto aqui é uma casa de familia. E' porque eu não tenho um apito. Mas as pancadas na porta redobravam e o vozeirão enchia a rua:

> Allons, enfants de la Patrie,
> Le jour de gloire est arrivé...

— Vai buscar um apito, João. Eu mostro a essa sucia. Corja!

— Ah! mamãi, choramigou Vidinha, é melhor abrir... elles estão furiosos, são capazes de fazer alguma cousa. Vai abrir, Leonor.

— Eu não! Pois eu hei de ir assim em fraldas de camisa para elles me agarrarem? Deus me livre! Começou um *zé pereira* formidavel na porta que tremia ameaçando ceder, apezar da tranca. D. Anna irrompeu fallando para o segundo andar:

— Rua! Não quero um só aqui! Rua! Isto não é estalagem, seus vagabundos! Rua! Rua! Mas Ruy Vaz, o conciliador, desceu dois degráos. As mulheres, ouvindo os passos do romancista, fugiram espavoridas bradando — que estavam em camisa!

— Não faz mal, disse elle tranquillamente, descendo: estamos em familia. Mas fecharam-se as

tres na sala de jantar e D. Anna bramio através a porta: — Rua! Amanhã mesmo!

— Ouça, D. Anna, disse o romancista, muito calmo.

— Não quero saber de historias. Rua! Estou farta! Não dou mais comida! Arranjem-se!

— Isso é muito natural, D. Anna.

— Qual natural! Entreabrio a porta e, mostrando pela fresta o seu immenso nariz, esguelou: O senhor acha que uma pouca vergonha como essa é natural? Que hão de dizer os visinhos? que isto aqui é uma casa de deboche e que eu e minha filha somos vagabundas como essas que estão ahi. Não! Rua! amanhã mesmo... Ponham os cacos lá fóra! Não dou mais comida...! Quero alugar a minha casa á gente séria.

O rumor ia num crescendo formidavel. Uma mulher pôz-se a berrar:

> Minha bella Florentina
> Sol de amor que minh' alma illumina...

— Mas ouça, D. Anna... O romancista tentou abrir a porta mas a viuva rugio:

— Eu estou em menores... saia para lá, homem!

— Ouça, D. Anna: foi hoje o ensaio geral da minha peça e os rapazes querem fazer-me uma manifestação. Está por demais ruidosa, concordo, mas é natural... todas as manifestações são, mais ou menos, ruidosas; o caracter da manifestação, quando é sincera, é o ruido. Peço-lhe que não se

zangue. De repente a tranca cahio tinindo e uma horda arremessou-se para a escada com luminarias bradando: « Viva D. Anna! Viva a dynamite que é o principio da igualdade humana...! Vivaà! » E uma voz espremida esganiçou: — Vii... mas não concluio: ouvio-se o espoucar duma garrafa nos degráos da escada.

— Desastrado! Como é que assim abres mão da felicidade? exclamou o Neiva vendo o Lins estupefacto diante dos cacos da garrafa, com os pés num corrego espumante.

— E' a primeira vez que o vinho me desce aos pés, disse o poeta lastimosamente. E o bando precipitou-se em tumulto, escada acima.

Era uma invasão. Rompia a marcha Anselmo que fôra abrir a porta dando os braços á Amelia e a uma rapariga timida que olhava atordoada, com um sorriso imbecil nos labios descorados; seguiam-se: o Neiva, com um grande embrulho, o Lins com uma bojuda garrafa, o Duarte com um pão, grande como uma maça de silex e dois outros, Crebillon, conterraneo de Anselmo e de Ruy Vaz, ruivo, de cavaignac flammejante, portador de duas garrafas, e o Martins, ex-collega de Anselmo em S. Paulo, de oculos escuros, com uma *valise*. Chegando ao patamar atroaram a casa com um hurrah! que fez saltar dum canto, espavorido, o gato venerando de D. Anna, que se poz a miar arranhando á porta da sala de jantar. Ruy Vaz, vendo a cohorte, sahio-lhe ao encontro para pedir compostura mas, ao darem com elle, os

noctambulos irromperam em saudações freneticas, mostrando os presentes e não houve meio de convencel-os de que estavam em um quarteirão pacato, em casa de uma familia de habitos patriarchaes, ás duas horas da manhã. O Neiva berrava como um energumeno, commandando a expedição, e foram pelo segundo lance da escada com estridor. Ao alto estava o Toledo enrolado no *robe de chambre*, com uma vela, alumiando. O Neiva bradou:

— Bravos ao Hamlet! e o Lins levantou um viva ao «Pharol da civilisação!» Logo que chegaram á sala, depondo os embrulhos, emquanto o Duarte, desfazendo um pacote de velas, distribuia uma illuminação profusa aproveitando igualmente os côtos que haviam trazido resguardados pelas mangas de papel, o Lins fazia questão do *robe de chambre* do Toledo e Amelia punha-se á vontade. Ruy Vaz quiz conhecer o motivo daquella manifestação nocturna e o Neiva, tomando a palavra, numa eloquente oração, explicou:

— O Acaso, que é o titulo com que a Providencia passeia incognita entre os mortaes, fez com que nos reunissemos hoje na *Maison Moderne*. A Fortuna dispensara-nos varios dons da sua cornucopia abundante e o bom humor foi o arco de alliança que nos unio. Tomamos conta da mesa maior que foi franqueada a quantos appareciam famintos ou alterados. A sala parecia, mal comparando, um quartel de eleitores em dia de eleição. A cozinha e a adega passaram por nós em procissão pantagruelica. Foi uma festa digna de

um Sardanapalo. A' falta de assumpto para brindes, como fazia parte do grupo o nosso precioso Crebillon, gloria do Norte, travamos uma lucta como a de Wartburgo, tomando por thema o cavaignac flammejante do valente abolicionista e correram rios de Bourgogne, rolaram catadupas de Champagne. A' meia-noite surgio o Martins que ahi está de guarda-pó no braço e *valise* á mão, procurando a matalotagem que encommendára porque vai hoje para o Friul Paulista. Tomamol-o e a ceia foi por diante. Já empanzinados, lembramo-nos de vocês e houve um clamor geral, um grande clamor altruista, digno dum Comte: «Pobres homens! Emquanto aqui nos banqueteamos copiosamente, elles dormem sem ceia, num quarteirão obscuro da rua Formosa. Façamos uma carga e partamos para esse retiro... elles terão um alegre sonho, o Martins, a dois passos da estação, poupará o dinheiro que reserva para o tilbury e nós outros veremos o rosto côr de rosa da aurora quando ella vier correr o reposteiro da noite diante do sol.» Como não ha prazer completo sem mulheres, arrancamos a Amelia ás garras dum commendador lascivo lembrando-lhe os juramentos de fidelidade e mostrando-lhe o caminho do dever honesto e raptamos esta « sabina » pudica que está em caminho do escriptorio do Silva Araujo. Viemos cantando e rindo e aqui estamos nesta bastilha feroz. Tenho dito.

Mal o Neiva terminou a sua oração, o Duarte poz-se a desfazer os embrulhos e appareceram

lascas de fiambre. fatias de mortadella, ostras e camarões recheiados: pimentões rolaram sobre a mesa e um fornido *roast-beef* reluzio gorduroso, cercado de farofia, como uma pyramide num areal revolto. Havia tres copos, dois foram offerecidos ás damas e o terceiro foi posto á sorte cabendo ao Lins... mas onde estava elle? Roncos tremendos vinham da alcova da sala: o poeta, enrolado no *robe de chambre*, como uma mumia nas suas tiras, dormia com a bojuda garrafa aconchegada carinhosamente ao seio. Puzeram-se á mesa mas com tão estrondosas gargalhadas que D. Anna recomeçou aos bramidos na escada protestando contra o escandalo, ameaçando com a policia. Crebillon, torcendo o cavaignac rutilante, propoz uma descida ao primeiro andar, compromettendo-se a trazer a senhoria e a filha; era *curado*, as cobras não lhe faziam mal, podia, sem receio, lidar com a jararaca. Ruy Vaz, afagando as mãos grosseiras da joven « sabina », promettia-lhe amor eterno e um chapéu: Anselmo fazia uma scena de ciume com Amelia por causa do commendador, emquanto o Duarte, sempre dado ás musas, completava um soneto entre as victualhas, quando Neiva, Crebillon e Martins desceram solemnemente para buscar D. Anna e Vidinha; mas a viuva correu a trancar-se na sala de jantar arrastando a mesa para junto da porta, a bradar: que iria para a janella pedir soccorro se continuassem. Vidinha soltava agudissimos gritos invocando santos e João explodia em obscenidades e ameaças. Os tres

›sistiram da empreza e, quando subiram, o Duarte citava ao Toledo o soneto que concluira e mais nguem havia na sala. Pasmaram e Crebillon, somado, quiz dar uma busca na casa quando um ito horrivel repercutio no corredor e a « sabina» 'ida e tremula, com os olhos enormes e as rou-s em desordem, appareceu na sala, rolando, sem rças, sobre o canapé. Acudiram com vinho mas, pobre rapariga tremia com os olhos na porta .e abria para o corredor, batendo os dentes, ım pavor inenarravel.

— Esta mulher vio alguma cousa séria, disse ebillon sisudamente e o Neiva, com o copo nos bios da « sabina » emquanto ella bebia, tocando m os dentes um tremulo no crystal, affirmou:

— Cousa muito séria! Para um susto como te! E indagou: Mas que foi? que vio você lá ›ntro? Não me consta que esta casa seja mal ssombrada...

— E'! exclamou ella; mas Ruy Vaz entrou in-ignado:

— Ora, seu Toledo, por mais que eu diga que ão deves andar com aquelle estafermo de um ›gar para outro, é escusado. Ahi tens... Não a primeira peça que me prega o tal arcabouço.

— Que estafermo? Que arcabouço?...

— O esqueleto. Imaginem vocês: um esque-›to, de paletó sacco, sentado diante da mesa com res de quem vai compôr um poema macabro. to é até profanação...

— Eu não o sentei nem tão pouco o vesti...

— Está sentado e de casaco, affirmou a «sabina». Está sentado, muito teso, com as pernas esticadas e os braços na mesa. Parece mesmo que está escrevendo.

— E' a mão do finado, disse o Neiva e a «sabina» continuou :

— Eu fui em cima delle no escuro e, tacteando, senti a dureza dos ossos, depois uma cousa redonda, muito lisa, gelada que parecia uma melancia... Desconfiada, pedi ao senhor Ruy Vaz que riscasse um phosphoro e, quando elle riscou... Nossa Senhora! escondeu o rosto nas mãos, aterrada. Porque não mandam enterrar aquillo? E' de seu pai?

— Não, senhora, aquillo é a base da sciencia.

— Que sciencia! Aquillo é osso de defunto... Ainda se fosse de algum parente seu, mas não sendo... Deus me livre de ter uma cousa daquellas no quarto, perto da minha cama. Até era capaz de vir uma noite dormir commigo! Cruzes!

— Isso não, cabocla, disse o Neiva; o esqueleto deu baixa. Aquelle é que tu não apanhas. Contenta-te com a carne, filha, não queiras ainda roer os ossos.

— Deus me livre de voltar aqui!...

Eram dez horas da manhã, o sol entrava em grandes jorros pela sala quando o Duarte, espreguiçando-se, bocejou alto; vendo, porém, a luz ergueu-se de um salto do monte de jornaes que lhe haviam servido de leito, bradando pelo Martins:

— Levanta-te! são horas! Olha que perdes o trem! Procurou pela sala, que estava numa desordem lamentavel. No canapé dormia o Neiva com a cabeça sobre dois grossos relatorios. Crebillon roncava espichado na cadeira de balanço e o Toledo, com a cabeça repousada nos braços, sobre a mesa, parecia de pedra. E o Martins? havia desapparecido. Teria elle passado a noite em claro para não perder o trem, escapando-se subrepticiamente á hora? O Duarte alarmou a casa e todos despertaram amarrotados, com escancarados bocejos.

Sendo a descida ao *Cranium* mais arriscada para as damas do que foi, para os argonautas, o desembarque em Colchos considerados, com o devido respeito, o pulso masculino da viuva e a furia que nella tomou a feição ameaçadora da loucura, constituio-se um corpo de protecção que, em caso de necessidade, reagisse energicamente defendendo as costellas delicadas de Amelia e os delgados braços da «sabina». Por decencia, porém, não querendo que se reproduzisse a scena indecorosa do areopago sem os nobres intuitos que levaram Hyperides a desnudar Phrynéa, a phalange, que tinha no Lins o seu Tyrtêo, ficou á distancia emquanto o fragilissimo sexo desbesuntava as carnes peccadoras. Depois de Eva foi inçado o Lins porque, com a perna mais rija do que o braço da figura principal d'*A Barricada*, não podia galgar as bordas da cuba e seguidamente, um a um, com trabalho, aspergiram-se todos com as gottas avaras

do reservatorio. Refrescados, esperavam paci
temente que Leonor, como de costume, subi
para estender a toalha mas as horas iam passan
lentas sem que a negrinha apparecesse. O Lins
examinar a chaminé — fumegava, mas era t
tenue o fio de fumo que o poeta, num grande d
animo, atirando-se a uma cadeira, balbuciou:

— Não é possivel que tenhamos bife. Pela 1
maça eu calculo o almoço que lá estão cozinhan
em dois pratos mingoados. E Ruy Vaz suspir

— D. Anna cumpre a palavra: estamos si
dos pela fome. Que havemos de fazer?

— A guarda rende-se mas não morre á ming
exclamou o Neiva. Vamos depôr as armas. Qu
ha de ser o parlamentar?

— Eu vou! disse Anselmo.

— Não! bradaram todos, acclamando Ruy V
por ser o mais prudente e o mais conceitua
Ruy Vaz resignou-se e desceu; em cima os ra
zes ficaram catando migalhas da ceia e, qua
o romancista appareceu, avançaram todos perg
tando com anciedade: — Então?!

— Nada, meus amigos! Inflexivel como a esp
de Rolando.

— Mulher sem entranhas! rugio o Neiva. N
parece mãi! E agora? Que se ha de fazer?

— Vamos a um hotel, propôz Crebillon. Coti
mo-nos e a caminho para a primeira baiúca
tenha um fogão. O Neiva oppôz-se, espichando
no canapé: « Não sahia, estava sem forças. M
dassem vir o almoço, elle concorria com algu

cousa. Sahir, nunca! preferia acabar como Ugolino roendo o craneo do esqueleto. » Correu a esportula e Crebillon teve de entrar com a maior parte, sendo ainda, por um capricho da sorte, obrigado a ir ao primeiro hotel da visinhança encommendar o repasto. Amelia e a « sabina » encarregaram-se de arranjar a mesa e, á falta de toalha, estenderam um alvo lençol de linho que o Toledo desencafuou das profundezas da canastra. Quando o almoço appareceu, numa lata, á cabeça dum negro, romperam as exclamações e Crebillon foi, por unanimidade, eleito presidente da mesa, occupando a cabeceira. Foi durante o almoço que elle, indignado com o procedimento da viuva, mulher de máos bofes! propôz organisar uma « republica » modelo, num predio de apparencia, em bairro nobre, com todo o conforto e uma adéga. Adiantaria o dinheiro para a installação e tomaria a seu cargo a direcção da casa. Como o negro portador do almoço tinha uma physionomia sympathica e sisuda, Ruy Vaz lembrou baixinho ao futuro presidente da republica idéal:

— Quem sabe se não temos neste africano grave um excellente cozinheiro... ? Crebillon lançou um olhar perscrutador ao negro que, de pé, os braços cahidos ao longo do corpo, acompanhava o almoço prestando-se gentilmente a ir rapar os pratos no mirante para que servissem a outras iguarias:

— Sabes cozinhar, rapaz? O negro, timidamente, sussurrou: que arranjava, menos mal, um

bife e ovos e fazia canjas; a sua especialidad porém, era o vatapá.

— Muito bem. Queres ser o nosso cozinheiro' O africano sorrio, torcendo as frangas do pann que lhe servira de rodilha. Quanto queres ganhar? Crebillon fallava num tom cheio de tanta soberania que o negro não se achou com coragen de impôr um preço, deu de hombros, confiad na generosidade do seu futuro patrão.

— Bem, ficas, desde já, ao nosso serviço. Com te chamas?

— João de Deus.

— João de Deus! O nome é mystico, diss Anselmo; talvez nos ponha em bôas relações co a Providencia. E, de pé, com solemnidade:

— João de Deus, toma: bebe á tua fortun e passou-lhe um copo de vinho que o negro e gulio avidamente. Terminado o almoço os oss foram todos atirados á area, facto que pr vocou um rugido de D. Anna. A' tarde s hiram, ficando de guarda á casa o fidelissin africano.

Emquanto Crebillon procurava a sonhada ca de apparencia, em bairro nobre, a vida foi u supplicio no segundo andar. Nem a vassoura, menos, D. Anna mandava para sacudir a poei do soalho e, como a bolsa não tinia, todo um lon dia escoou sem que os tres fizessem passar algun cousa pela boca a não ser o fumo dos cigarr Só o esqueleto, livre da contingencia da fome, n suspirava; o mesmo João de Deus, não farejan

almoço, pedio licença para ir fazer uns carretos que havia tratado e sahio.

— Ah! não torna mais! suspirou Anselmo quando vio o negro desapparecer, com a rodilha e uma fome de naufrago mas, enganou-se, porque, á noite, cêdo lá estava elle, farto e fiel. Para que não desconfiasse da abstinencia Ruy Vaz levou-o ao mirante e, mysteriosamente, fez uma prelecção religiosa, explicando-lhe as razões secretas daquelle systhema: « Observavam um rito antigo, de muita severidade, que impunha, como principal sacrificio, o jejum, de quando em quando, para moderar os impetos da carne. » E o romancista, com argumentos subtis, mostrou ao negro como a carne (sobretudo a fresca) conduz ao peccado e ao crime quando não é soffreada prudentemente. Fallou dos ascetas, citou Gringoire e Santo Antão, Murger e S. Paulo o eremita, Elias e o Dr. Tanner e o negro, convencido, admirava aquellas almas temperadas de fé e de resignação que resistiam, com tanto fervor, ás exigencias da materia. Anselmo tinha surdas revoltas vendo que, em todas as casas, as chaminés fumegavam.

— Mas que tens tu com o fumo dos lares? perguntou Ruy Vaz.

— Que tenho? detesto-os!

— E's o unico. Os poetas celebram a espiral que sobe dos telhados como uma prece demandando a altura.

— Sim, os poetas celebram quando têm os estomagos saciados. Põe-me aqui um poeta faminto

a olhar todos esses tubos que fallam de ensopados de omelettes, de frituras e de bifes com batatas, e eu hei de vêr a estrophe que lhes sae dos labios. Ha de sahir uma invectiva... Isso tantalisa! Saber a gente que em todas essas casas come-se, que em todas ellas ha almoço e jantar...

— E dores e remorsos e angustias.

— Ora! Infamissima creatura! murmurou entre dentes, pensando em D. Anna. A' noite, porém, já desanimados, dispunham-se a fazer uma desgraça quando o Toledo appareceu com um embrulhinho oloroso, offerecendo timidamente aos companheiros.

— Que é? perguntou Ruy Vaz lançando um olhar de desprezo ao presente.

— Figado frito.

— Ora! figado frito... Sem pão, aposto?

— Com farinha.

— A farinha faz mal, está provado. Emfim... Queres Anselmo?

— Eu não sei se o figado me faz bem: tenho uma hepatite...

— Ora, dentada de cão cura-se com o pello do mesmo cão.

— Similia similibus curantur, ajuntou o Toledo.

— E' exacto. E empanturraram-se. Tarde, João de Deus appareceu estafado e abarrotado: lavara uma casa na visinhança e comêra uma feijoada completa. Teve horriveis pesadellos no corredor — sonhou com um esqueleto, fardado e de mitra, equilibrando-se em uma bola que ia e vinha, pesada

e anciante, sobre o seu estomago. Accordou arquejando e o Toledo diagnosticou um ameaço de congestão, fazendo com que o negro saisse ao mirante com um dedo na guela para alliviar-se. João de Deus urrava e, de manhã, com uma enxaqueca feroz, teve de levar uma carta de Anselmo a um fabricante de aguas gazosas que respondeu com muita lamuria, referindo-se ás difficuldades da vida e á concurrencia das aguas estrangeiras que inundavam o mercado, compromettendo-lhe as fontes de renda. Estava a liquidar, concluia, desejando venturas ao estudante. Todas as venturas e nem uma chicara de café ao menos! Foi então que decidio sahir atraz do Acaso, mas era domingo, o Acaso não apparecia e, se o Toledo, sempre cuidadoso, não houvesse recorrido a um primo, homem que tinha cozinha em casa, levando um bom pedaço de assado e quatro almondegas num papel pardo, esse triste dia talvez houvesse sido o ultimo da vida de Anselmo que já se dispuzera a estourar o craneo, se tivesse um revólver... a estourar o craneo, talvez não, mas a vender o revólver com certeza.

E assim passaram lentas duas semanas aváras. Todos os dias, como oração matinal, injuriavam Crebillon que lhes havia mentido e pediam a colera dos céos para D. Anna, a inflexivel, depois reuniam-se em conselho discutindo meios de conseguir almoço e, como era mais difficil arranjal-o para todos, tomava cada qual o seu destino despedindo-se á porta da rua, com tremuras na

a olhar todos esses tubos que fallam de ensopados de omelettes, de frituras e de bifes com batatas, e eu hei de vêr a estrophe que lhes sae dos labios. Ha de sahir uma invectiva... Isso tantalisa! Saber a gente que em todas essas casas come-se, que em todas ellas ha almoço e jantar...

— E dores e remorsos e angustias.

— Ora! Infamissima creatura! murmurou entre dentes, pensando em D. Anna. A' noite, porém, já desanimados, dispunham-se a fazer uma desgraça quando o Toledo appareceu com um embrulhinho oloroso, offerecendo timidamente aos companheiros.

— Que é? perguntou Ruy Vaz lançando um olhar de desprezo ao presente.

— Figado frito.

— Ora! figado frito... Sem pão, aposto?

— Com farinha.

— A farinha faz mal, está provado. Emfim... Queres Anselmo?

— Eu não sei se o figado me faz bem: tenho uma hepatite...

— Ora, dentada de cão cura-se com o pello do mesmo cão.

— Similia similibus curantur, ajuntou o Toledo.

— E' exacto. E empanturraram-se. Tarde, João de Deus appareceu estafado e abarrotado: lavara uma casa na visinhança e comêra uma feijoada completa. Teve horriveis pesadellos no corredor — sonhou com um esqueleto, fardado e de mitra, equilibrando-se em uma bola que ia e vinha, pesada-

e anciante, sobre o seu estomago. Accordou arquejando e o Toledo diagnosticou um ameaço de congestão, fazendo com que o negro saisse ao mirante com um dedo na guela para alliviar-se. João de Deus urrava e, de manhã, com uma enxaqueca feroz, teve de levar uma carta de Anselmo a um fabricante de aguas gazosas que respondeu com muita lamuria, referindo-se ás difficuldades da vida e á concurrencia das aguas estrangeiras que inundavam o mercado, compromettendo-lhe as fontes de renda. Estava a liquidar, concluia, desejando venturas ao estudante. Todas as venturas e nem uma chicara de café ao menos! Foi então que decidio sahir atraz do Acaso, mas era domingo, o Acaso não apparecia e, se o Toledo, sempre cuidadoso, não houvesse recorrido a um primo, homem que tinha cozinha em casa, levando um bom pedaço de assado e quatro almondegas num papel pardo, esse triste dia talvez houvesse sido o ultimo da vida de Anselmo que já se dispuzera a estourar o craneo, se tivesse um revólver... a estourar o craneo, talvez não, mas a vender o revólver com certeza.

E assim passaram lentas duas semanas aváras. Todos os dias, como oração matinal, injuriavam Crebillon que lhes havia mentido e pediam a colera dos céos para D. Anna, a inflexivel, depois reuniam-se em conselho discutindo meios de conseguir almoço e, como era mais difficil arranjal-o para todos, tomava cada qual o seu destino despedindo-se á porta da rua, com tremuras na

a olhar todos esses tubos que fallam de ensopados de omelettes, de frituras e de bifes com batatas, e eu hei de vêr a estrophe que lhes sae dos labios. Ha de sahir uma invectiva... Isso tantalisa! Saber a gente que em todas essas casas come-se, que em todas ellas ha almoço e jantar...

— E dores e remorsos e angustias.

— Ora! Infamissima creatura! murmurou entre dentes, pensando em D. Anna. A' noite, porém, já desanimados, dispunham-se a fazer uma desgraça quando o Toledo appareceu com um embrulhinho oloroso, offerecendo timidamente aos companheiros.

— Que é? perguntou Ruy Vaz lançando um olhar de desprezo ao presente.

— Figado frito.

— Ora! figado frito... Sem pão, aposto?

— Com farinha.

— A farinha faz mal, está provado. Emfim... Queres Anselmo?

— Eu não sei se o figado me faz bem: tenho uma hepatite...

— Ora, dentada de cão cura-se com o pello do mesmo cão.

— Similia similibus curantur, ajuntou o Toledo.

— E' exacto. E empanturraram-se. Tarde, João de Deus appareceu estafado e abarrotado: lavara uma casa na visinhança e comêra uma feijoada completa. Teve horriveis pesadellos no corredor — sonhou com um esqueleto, fardado e de mitra, equilibrando-se em uma bola que ia e vinha, pesada

e anciante, sobre o seu estomago. Accordou arquejando e o Toledo diagnosticou um ameaço de congestão, fazendo com que o negro saisse ao mirante com um dedo na guela para alliviar-se. João de Deus urrava e, de manhã, com uma enxaqueca feroz, teve de levar uma carta de Anselmo a um fabricante de aguas gazosas que respondeu com muita lamuria, referindo-se ás difficuldades da vida e á concurrencia das aguas estrangeiras que inundavam o mercado, comprometendo-lhe as fontes de renda. Estava a liquidar, concluia, desejando venturas ao estudante. Todas as venturas e nem uma chicara de café ao menos! Foi então que decidio sahir atraz do Acaso, mas era domingo, o Acaso não apparecia e, se o Toledo, sempre cuidadoso, não houvesse recorrido a um primo, homem que tinha cozinha em casa, levando um bom pedaço de assado e quatro almondegas num papel pardo, esse triste dia talvez houvesse sido o ultimo da vida de Anselmo que já se dispuzera a estourar o craneo, se tivesse um revólver... a estourar o craneo, talvez não, mas a vender o revólver com certeza.

E assim passaram lentas duas semanas aváras. Todos os dias, como oração matinal, injuriavam Crebillon que lhes havia mentido e pediam a colera dos céos para D. Anna, a inflexivel, depois reuniam-se em conselho discutindo meios de conseguir almoço e, como era mais difficil arranjal-o para todos, tomava cada qual o seu destino despedindo-se á porta da rua, com tremuras na

a olhar todos esses tubos que fallam de ensopados de omelettes, de frituras e de bifes com batatas, e eu hei de vêr a estrophe que lhes sae dos labios. Ha de sahir uma invectiva... Isso tantalisa! Saber a gente que em todas essas casas come-se, que em todas ellas ha almoço e jantar...

— E dores e remorsos e angustias.

— Ora! Infamissima creatura! murmurou entre dentes, pensando em D. Anna. A' noite, porém, já desanimados, dispunham-se a fazer uma desgraça quando o Toledo appareceu com um embrulhinho oloroso, offerecendo timidamente aos companheiros.

— Que é? perguntou Ruy Vaz lançando um olhar de desprezo ao presente.

— Figado frito.

— Ora! figado frito... Sem pão, aposto?

— Com farinha.

— A farinha faz mal, está provado. Emfim... Queres Anselmo?

— Eu não sei se o figado me faz bem: tenho uma hepatite...

— Ora, dentada de cão cura-se com o pello do mesmo cão.

— Similia similibus curantur, ajuntou o Toledo.

— E' exacto. E empanturraram-se. Tarde, João de Deus appareceu estafado e abarrotado: lavara uma casa na visinhança e comêra uma feijoada completa. Teve horriveis pesadellos no corredor — sonhou com um esqueleto, fardado e de mitra, equilibrando-se em uma bola que ia e vinha, pesada

e anciante, sobre o seu estomago. Accordou arquejando e o Toledo diagnosticou um ameaço de congestão, fazendo com que o negro saisse ao mirante com um dedo na guela para alliviar-se. João de Deus urrava e, de manhã, com uma enxaqueca feroz, teve de levar uma carta de Anselmo a um fabricante de aguas gazosas que respondeu com muita lamuria, referindo-se ás difficuldades da vida e á concurrencia das aguas estrangeiras que inundavam o mercado, compromettendo-lhe as fontes de renda. Estava a liquidar, concluia, desejando venturas ao estudante. Todas as venturas e nem uma chicara de café ao menos! Foi então que decidio sahir atraz do Acaso, mas era domingo, o Acaso não apparecia e, se o Toledo, sempre cuidadoso, não houvesse recorrido a um primo, homem que tinha cozinha em casa, levando um bom pedaço de assado e quatro almondegas num papel pardo, esse triste dia talvez houvesse sido o ultimo da vida de Anselmo que já se dispuzera a estourar o craneo, se tivesse um revólver... a estourar o craneo, talvez não, mas a vender o revólver com certeza.

E assim passaram lentas duas semanas avâras. Todos os dias, como oração matinal, injuriavam Crebillon que lhes havia mentido e pediam a colera dos céos para D. Anna, a inflexivel, depois reuniam-se em conselho discutindo meios de conseguir almoço e, como era mais difficil arranjal-o para todos, tomava cada qual o seu destino despedindo-se á porta da rua, com tremuras na

a olhar todos esses tubos que fallam de ensopados de omelettes, de frituras e de bifes com batatas, e eu hei de vêr a estrophe que lhes sae dos labios. Ha de sahir uma invectiva... Isso tantalisa! Saber a gente que em todas essas casas come-se, que em todas ellas ha almoço e jantar...

— E dores e remorsos e angustias.

— Ora! Infamissima creatura! murmurou entre dentes, pensando em D. Anna. A' noite, porém, já desanimados, dispunham-se a fazer uma desgraça quando o Toledo appareceu com um embrulhinho oloroso, offerecendo timidamente aos companheiros.

— Que é? perguntou Ruy Vaz lançando um olhar de desprezo ao presente.

— Figado frito.

— Ora! figado frito... Sem pão, aposto?

— Com farinha.

— A farinha faz mal, está provado. Emfim... — Queres Anselmo?

— Eu não sei se o figado me faz bem: tenho uma hepatite...

— Ora, dentada de cão cura-se com o pello do mesmo cão.

— Similia similibus curantur, ajuntou o Toledo.

— E' exacto. E empanturraram-se. Tarde, João de Deus appareceu estafado e abarrotado: lavara uma casa na visinhança e comêra uma feijoada completa. Teve horriveis pesadellos no corredor — sonhou com um esqueleto, fardado e de mitra, equilibrando-se em uma bola que ia e vinha, pesada

e anciante, sobre o seu estomago. Accordou arquejando e o Toledo diagnosticou um ameaço de congestão, fazendo com que o negro saisse ao mirante com um dedo na guela para alliviar-se. João de Deus urrava e, de manhã, com uma enxaqueca feroz, teve de levar uma carta de Anselmo a um fabricante de aguas gazosas que respondeu com muita lamuria, referindo-se ás difficuldades da vida e á concurrencia das aguas estrangeiras que inundavam o mercado, compromettendo-lhe as fontes de renda. Estava a liquidar, concluia, desejando venturas ao estudante. Todas as venturas e nem uma chicara de café ao menos! Foi então que decidio sahir atraz do Acaso, mas era domingo, o Acaso não apparecia e, se o Toledo, sempre cuidadoso, não houvesse recorrido a um primo, homem que tinha cozinha em casa, levando um bom pedaço de assado e quatro almondegas num papel pardo, esse triste dia talvez houvesse sido o ultimo da vida de Anselmo que já se dispuzera a estourar o craneo, se tivesse um revólver... a estourar o craneo, talvez não, mas a vender o revólver com certeza.

E assim passaram lentas duas semanas avâras. Todos os dias, como oração matinal, injuriavam Crebillon que lhes havia mentido e pediam a colera dos céos para D. Anna, a inflexivel, depois reuniam-se em conselho discutindo meios de conseguir almoço e, como era mais difficil arranjal-o para todos, tomava cada qual o seu destino despedindo-se á porta da rua, com tremuras na

voz e os olhos humidos. Toledo, porque tinha o primo, dirigia-se logo para Santa Thereza subindo a montanha penosamente, ao sol mas, certo de que ia regalar o estomago com os acepipes do parente que tinha orgulho em possuir um cozinheiro excellente e magnificos charutos. Ruy Vaz seguia a pé para as Laranjeiras e, tonificado pelo bom ar da manhã, saudavel e aperitivo, empurrava o pesadissimo portão do palacete do visconde de Montenegro

Era um sombrio predio entre velhissimas arvores copadas que, cruzando a ramaria, densa e alta faziam uma abobada, verde e compacta, impenetravel ao sol. As paredes, pintadas dum verde amarellado, pareciam cobertas de limo. Os canteiros esquecidos estavam invadidos pelo matto, as aléas eram humidas e tinham placas lutulentas, dum avelludado fino. Velhos negros, encolhidos nos cantos, cochilavam preguiçosamente e, dia e noite como em Scylla, era um uivar dolorido e longo porque o visconde, grande amador de montarias quando descia da sua fazenda, em Pinheiros, para passar no Rio os curtos invernos, trazia as suas trellas famosas que davam trabalho a dois negros e a um veterinario, sempre bebedo e armado de lanceta, contra o qual os animaes investiam, apavorados, sempre que o viam apparecer cambaleando. Dois cavallos de sangue, altos e esgalgados, passeiavam pelas aléas levados por um moço de estrebaria que os preparava, havia annos, para disputarem o grande premio posto que o fidalgo já estivesse resolvido a mettel-os nos varaes de

carro. Nesse casarão, que tinha a gravidade claustral de um mosteiro antigo, dormindo um somno pacato á sombra quieta do arvoredo, vivia o visconde durante os mezes chamados de inverno. Casto e sobrio desde que, na Allemanha, uma noite, ganhara certo mal que o trazia constantemente pelos consultorios e sempre a bradar contra as mulheres, observava uma rigorosa dieta não indo além da canja e do frango e de um regrado copo de Bourgogne. Era um asceta elegante. Para que o não vencesse a seducção demoniaca, atordoava-se á mesa que era lauta e franca. Não queria ouvir o rumor duma saia; as mesmas negras, que passavam como fugitivas sombras pelos immensos corredores reboantes, colhiam cuidadosamente os vestidos para que nem roçassem nas taboas enceradas — elle detestava a mulher, tinha horror ao feminino, á sua mesa só homens appareciam e tantos que, dois expeditos copeiros, alipedes e solicitos, eram constantemente reclamados dum extremo a outro e acudiam com as immensas travessas e com as terrinas incommensuraveis. Não raro um dos convivas, desconhecido, fartava-se e sahia sem ter trocado uma palavra, sem mesmo saber a qual daquelles homens que chalravam e devoravam devia a fineza de tão delicado almoço e o visconde, achando aquillo patriarchal, ficava satisfeito, ria, chupando com ares saciados a aza loura do frango.

Alli achava Ruy Vaz conforto e fartura. Entrava de fronte alta e os convivas acatavam-n'o

porque o visconde considerava-o, não o dispensando á mesa, querendo-o sempre perto para as tremendas discussões.

O visconde era lido em Cantú e discutia, com ardor, a historia, tendo grande sympathia pelos tyrannos. Luiz XI era o seu homem A' mesa a sua opinião era como um oraculo: Luiz XI era o homem da mesa e, como entre os convivas, havia um dotado de excellente voz de barytono, não raro o nome do rei carola era retumbantemente apregoado em uma aria escripta expressamente por um musico mysterioso para o possante barytono: só Ruy Vaz condemnava o companheiro fiel de mestre Jacques Coictier. O visconde rugia, espumava: o casarão retumbava e os criados, tremendo, juntavam-se á porta, curiosos daquella desusada scena. Purpureo, brandindo a carcassa do frango, o fidalgo citava opiniões e Ruy Vaz invocava autores: tornava-se, ás vezes, necessaria a intervenção de amigos para que os dois homens chegassem a um accôrdo, ficando, porém, o visconde na sua phrase: que Luiz XI era o seu homem e insistindo Ruy Vaz em dizer que elle não passava de um grandissimo patife. E o visconde adorava o romancista justamente porque nelle encontrava um adversario. Succedia-lhe com as opiniões o que a Polycrates succedia com a fortuna - nunca era contrariado como o tyranno nunca teve um desejo que não fosse satisfeito, o fidalgo revoltava-se, tinha coleras surdas, não podia sacudir a poeira que havia pousado sobre a

sua erudição, tinha de roer em silencio o seu frango.

— Homero foi uma besta! exclamava o visconde; e a mesa em côro: «Uma veneranda besta!»

— Shakespeare foi um plagiario! e o unisono dos quarenta talheres: «Foi sim, senhor!»

Era horrivel. Ruy Vaz indignava-se:

— Besta! Homero...? Besta é quem o chama. E travava-se a resinga mas o visconde sentia-se alliviado, aquillo fazia-lhe bem. Ruy Vaz era um homem bem differente do barytono. Ah! o barytono...! Certa vez, depois do jantar, sentindo-se o visconde indisposto, chamou-o e disse-lhe:

— O' cousa, dá umas voltas ahi pelo parque, correndo, para ver se eu faço a minha digestão que está hoje morosa. Contava o fidalgo com um protesto energico mas, desilludio-se vendo o cantor atirar-se, ás pernadas, pelo parque, como um gamo, bufando, perseguido pelos cães; e o visconde, triste quando o vio roxo e gottejando como um chuveiro, chamou-o:

— Obrigado, meu amigo. Sempre me fez bem essa corrida. Has de fazer agora o mesmo todos os dias depois das refeições. Os medicos recommendaram-me os exercicios. E o barytono, esfalfado, offereceu-se para fazer mais algumas voltas se S. Ex. quizesse. Ah! o barytono...

Ruy Vaz não — era um amigo leal e um adversario teimoso como convinha.

Anselmo, esse, sem amigos influentes, lançad
no grande desconhecido, passeiava com orgulho
sua fome. Emquanto o estomago se lhe contra
hia, em rodas litterarias, no fundo obscuro do
cafés, discutia os dramas de Shakespeare, os poe
mas de Byron, a prosa sonora e rútila de Flau
bert, a fina argucia de Balzac e o sentimentalism
de Musset. Em torno delle andavam os caixeiro
conduzindo pratos que exhalavam suavemente
elle, lançando os olhos para as mesas proxima
só via gente comer e aquellas mandibulas parecia
trincar-lhe o coração — eram tenros churrasco
entrecostos com batatas; era o rim, era a co
telleta, eram os ovos e o generoso vinho qu
passava com um grugrulejo por aquellas vor
cissimas guelas... Ah! como elle continha
impetos sanguinarios! engulia em secco e co
tinuava:

— ...Quando foi representado o drama *Rom*
e Julieta, Shakespeare... e o estomago a pens
em costelletas emquanto o espirito rememorav
episodios da vida accidentada do poeta de Stra
ford. Consolava-se com certo desvanecimento len
brando-se de quantos, no começo da vida litter
ria, haviam soffrido as mesmas torturas. Elle,
menos, tinha um leito macio e a clemencia do cé
vivia num paiz que a neve não flagella, dorm
repousadamente e não tiritava á nevasca. Tin
a mercê do clima amavel e a eterna primave
que tinge o céo de azul e reverdece os campo
e tinha a esperança, consolação suprema.

Datam dessas duas famintas semanas os primeiros cantos do «deslumbrante» poema em prosa *Guanabara,* mytho da creação do mundo americano segundo a tresloucada imaginação de Anselmo. E foi num domingo, á tarde, no mirante, que elle, reunindo os companheiros, leu as paginas que aqui vão integralmente trasladadas para que se não percam tão raras maravilhas.

GENESE

Sombra compacta! O tetro cháos fecundo, humus da natureza, causa dos primeiros seres, circumvoluia, como um embryão gigante, no vacuo — o grande utero productor dos mundos.

Estampidos ribombantes annunciaram o fim da idade ephemera. Era terminado o prazo da gestação — iam nascer os mundos. Parto mirifico da sombra, fecundada pelo luminoso olhar de Deus.

Os atomos dispersos attrahiam-se. A luz saltava em linguas coruscantes como fagulhas colossaes de uma cyclopica bigorna. Estalidavam cumulus de treva formando comoros. Entrechocavam-se corpos turgidos. Flammas crispavam. Riscavam as sibilantes faiscas fulvas da activa electricidade, como cinzeis phantasticos, rematando os blocos debuxados. Rolavam massas torvas, umas sobre outras, unindo-se, aos trancos estouvados de um propulsor dynamico, invisivel. Trombas flammivomas espiralavam como hydras fabulosas de escamas de ouro. Mangas de neblina espessa subiam e desappareciam — colleando, retorcendo-se, esticando-se ou diminuindo.

De longe em longe um estalo rispido. Saltavam estilhaços candentes como lava accesa. Igneos torrões voavam como projectis de gnomos fundibularios. A bruma crystallisada desapparecia; raios soltos solidificavam-se. De tempo em tempo rebentava um barathro vomitando destroços protoplasmicos. Multiplos elementos varios, fundidos, em remoinho, revoluteavam numa orbita escura sulcada a fogo e pulverisação nutante do hydrogenio novo, esguichando um nevoeiro luminoso para aqui e para alli, numa chuva deslumbrante. Vapores translucidos, em estrias claras, scindiam a opacidade negra. Moles formidandas enroscavam-se, entumesciam-se e, descrevendo subitos zig-zags e torcicollos, varavam a amalgama complexa com os arietes impregnados de sulfur onde turbilhonavam coriscos, como vermes cosmicos. A côr cambiava, numa polychromia extravagante. Ora era o alaranjado, o roxo, o rubro, saltando em vivas labaredas, depois o plumbeo carregado de uma avalanche escura que tombava — e, de repente, corria de novo a massiça cortina tenebrosa da sinistra espessidão profunda.

Um relampago alumiou a immensidade e Deus appareceu, calmo e sereno, entre theorias de seraphins e archanjos, fazendo germinar, com o seu olhar delicioso, a grande obra de milhares de éras. Enchia a tenebra infinita o echo raucisonante da lucida procella: tempestade de rapidos relampagos e reboantes trovões atroadores. Subito a Terra, solida, perfeita, fumando do calor da machina

divina, projectou-se na pupilla do eviterno Fabı
Canticos elyseos, sons de lyras e de harpas, voz
brandas de virgens, melodias de cherubins rosad(
passavam como uma benção baptismal por sob
a creatura enorme. Os bellicos archanjos, fort(
invulneraveis, embocaram as tubas estridentes :
zendo repercutir pelos espaços o hymno para
siaco. Deus, por um polo, sustentava a Terra q
se balançava no vacuo ao ruido estrepitante
estupenda pugna genesica. Guanayra, a virge
foi escolhida para povoal-a. «Vai com a Terra
disse-lhe o Almo. «Fal-a feliz e volta! Aqui t(
o germen da Humanidade!» e beijou-a na bo
«Virgem fecunda... vai! Povôa a Terra.» E D(
soltou nos ares o primeiro parto da sombra.

Girou, veio volteando acceleradamente, mer
lhou no vasio, como um passaro lendario, esb
rando em nuvens ferrugineas, atras, pesadas, p
nhes de névoa. Os anjos, ao verem Guana
abrir as azas para partir tambem, ungiram-n'a
beijos; e as virgens companheiras, sacudiram-
nos hombros flôres celestiaes. Flôres com (
depois Deus fez estrellas.

A Terra cahio e achatou-se de encontro a u
força opposta, espirrando pedaços aqui e alli, s
radicamente: cavando valles, levantando serr
Deus, então, findo o trabalho, suspendeu entr(
Céo e a Terra — o azul — placenta do mundo, (
tado pelo cordão umbilical da natureza — o I
Duas tachas prenderam o azul no espaço: o sc
a lua. E entornou-se pela Terra fecundanteme

— o mar, a hemorrhagia suprema do Cahos parturiente.

Guanayra, a virgem povoadora, saudosa do Paraiso, olhou do alto a pequenez da Terra : a Terra — o grande exilio ! Desceu de leve, illuminando os montes verdes com a luz doce de seu olhar suave. Pairou, alongou de novo a vista desolada, e, mollemente, pousou no cume de uma cordilheira, fazendo com as suas azas um baldaquino branco.

A Terra era deserta, inhospita, despida de arvores: um ermo enorme, orlado pelo mar contemplativo e múrmuro.

Guanayra, a virgem povoadora, vivia nas reconditas devezas ou nos campos, plantando as pennas das suas azas — pennas que se transformavam em arvores e em flôres. Cantava lyricas do gynecêo celeste para ensinar aos passaros o canto. Para fazel-os — aos pequenos passaros — roubou o corpo ás flôres. Teve-as dois dias dentro do seio olente, entre os peitos uberos de mãi, e, pela terceira alvorada, como surge dentre a folhagem o passaredo trefego, assim, de seu collo balsamico, vôou um bando lepido dessas primeiras flôres chilreantes. Para crear as abelhas e os insectos semeava ouro em pó pelas corolas. Logo zumbiam enxames, logo desciam tremulos, doirados, os pyrilampos, os escaravelhos e myriades de pequeninos corpos lúcidos. Mas quando o sol — ronda do azul — perdeu-se em sombras, Guanayra recolheu-se a uma caverna.

Primeira noite vinda! Hora solemne, myste
riosa e quieta — claridade superna da consciencia
Guanayra olhava o céo. Do campo vinha o ruid
da faina subterranea, a trepidação fecunda do tra
balho da Terra. Hora da germinação — hora d
cópula innocente, hora genesiaca das cousas
dos sêres. A vida andava pelas raizes, pela
hastes e peciolos, sentia-se o anceio grandios
da Terra virgem no thalamo de nupcias. Gua
nayra, os olhos voltados para o céo, sentad
sobre uma ponta de pedra, clamava contra
exilio. Ergueu olhares tristes, volveu tristes olha
res. Nada em torno: o deserto interminavel.

— Meu Pai, com que hei de povoar este de
serto? Com a minha saudade unicamente? Co
a tristeza? com a dôr? com a pungente e lanc
nante magua que vem da funebre melancolia
Queres que eu dê sorrisos com meus labios q
só pedem soluços e suspiros?

Queres que eu dê luares com meus olhos q
só pedem torrentes e torrentes? Queres que eu
folguedo de cantares, quando meu canto é feito
gemidos? Queres, Pai, que eu faça um hymno
tristezas? Em torno a mim os echos dos gemid
já se fizeram rolas lacrimosas; meus pensa
aves melancolicas, aves negras que vôam para
altura...

Meus soluços, o mar por entre as fragoas, plagi
dia e noite tristemente. Faze-me humana, fragil
vil, terrena, mas dá-me lagrimas para que meu
olhos chorem.

Nada, de certo, a não ser o pranto, trará allivio a quem se desespera. Nostalgia! Nostalgia... funde-te em lagrimas, funde-te em gemidos!

E Deus ouvio-lhe a voz dorida.

Guanayra chorou noites e noites. Lagrimas fecundas, copiosas lagrimas! Lagrimas mãis dos rios e das fontes!

— Nem posso mais transportar-me aos Céos! Dei as plumas das minhas azas brancas á Terra. Fiz arvores com ellas e fiz flôres, das flôres passaros, dos passaros amigos.

Se piso — o ouro salta do terreno; se olho a pedra a pedra se transforma: fulge, rebrilha diamantinisada. Se, por acaso, preludio um hymno passaros logo passam repetindo-o. Que hei de fazer, meu Pai?

— Povôa a Terra! disse a voz do Almo, rompendo o azul num rapido relampago.

ANHANGA'

Alva! Desapparecem todas as estrellas. Mansc
de manso, o tremulo das arvores começa a percoı
rer a região. Aviventa-se a tranquilla paizagem
Desperta a soledade. No relvedo aromal do camp
trilla a passarinhada livre. Pelas alamedas, pelo
labyrinthos, onde a foliatura mais se enreda, mε
lham retinindo as arapongas. Módulo, terno, affe
ctuoso e brando, entre o segredo lyrico das folhas
gemebundo e harmonico, trina o mavioso sabi
dolente. O ar leve, passa e repassa, impregnado d
bom cheiro das silvas e das moitas, abaunilhad
oloroso, como o offego dos pulmões selvaticos :
que vem da penumbra das florestas, ar que lev
vida ás flôres murchas. A aurora — phantas
proemica do dia — macúla o azul de purpuras
ouro. Borboleteam folhas sacudidas; aguas mu
muram pelos penhascaes. Luz entre o verde escu
do arvoredo a plumagem hilariante das arara
Os papagaios chalram. Pombos andam de por
em ponto, pintalgando o verde gaio dos outeiro
O bemtevi recorta o pleno azul radiante. Oscillai
nos galhos os tucanos indolentes, as louras plumas

dão-nos, entre as folhas, como grandes helianthos entreabertos. Pelas gramineas róridas perambulam interessantes miniaturas — insectos de ouro que andam bebendo o orvalho nas boninas. Papeam os camaleeões voluptuosos. Gemem doridas rôlas pequeninas, mariscando á beira da corrente. Zurzem a selva, num bando doido, as vespas laboriosas.

As pedras da caverna, pouso de Guanayra, com o nascer da luz, fogem do escuro. Vão pelos caminhos vagarosas, umas buscando as aguas, outras buscando a areia: os jabotis, as tartarugas, os jurarás e os kagados.

Guanayra canta a ballada sentimental do exilio. Canta chorando lagrimas de sangue, tingindo as praias alvas de onde voam guarás da côr das lagrimas. Garças niveas espreguiçam-se nas penhas. Pairam sinistros corvos sobre a putrilagem fétida dos pantanos. Entre alas de bambús sussurrantes, curvos, numa linha viridente, cruzam-se as andorinhas viajantes.

Guanayra apparece — as mãos unidas, numa attitude dolorosa; caminha pelos vergeis molhados: os olhos humidos, o passo brando, pensativa, como a Alma da natureza primitiva, a psychose errante das florestas. O seu labio balbucia apenas a palavra de Deus: « Povoar! » E a brenha copada parece repetir como ella: «Povoar!» Subito o mar turgido encapella-se, ergue columnas d'agua verdinhenta, espuma, ronca marulhando nas grotas e nos fraguedos. Cava-se um abysmo e surge do fundo mysterioso, coberto de limo, de algas e coraes, o

merencoreo « deus tristonho ». Salta no penedio vinga as dunas — pacifico e sympathico, sereno como o proprio Deus do Céo Azul. Olha a terra em redor! Ganha, de um pulo, a ponta do penedo, desce, olha de novo ao longe... pára, sacode a cabeça hirsuta, emmaranhada de hervas e mariscos e, escancellando a boca, grande como uma furna, brada pela povoadora.

— Quem és? pergunta Guanayra cerrando o resto de azas sobre os virgineos peitos.

— Eu sou quem ha de um dia conquistar o Céo. Chamo-me Anhangá, o « deus tristonho ». Sou o residuo fructuoso do Cháos.

— E que queres de mim?

— Quero ensinar-te a povoar o mundo! Porque me evitas? Ah! meu olhar severo faz-te medo? Tinha-o suave como o teu... hoje tenho-o assim de tanta meditação, ha tantas eras! Não vês as rugas que sulcam minha fronte? E' que eu estudo muito e mais ainda perscruto! Minha cabeça é um casulo fecundissimo onde se cria um verme destruidor que ha de ruir todos os alicerces do mundo do teu Deus. Esse verme é a Razão! Hoje sou o que vês — o Mal, o Negativo, a Treva infusa. Amanhã serei luz e luz mais forte que a luz do sol do teu azul coalhado. Anhangá é synonymo de Sciencia.

— E's do Céo?

— Não.

— Onde habitas pois?

— Em toda parte, como Deus. O que elle faz eu desfaço para o estudo. Sondo, analyso, indago

e após refaço. Com este par de cornos hei de varar o Céo. Tenho-os na cabeça. Vê! Um chama-se « Idéal », é a phantasia, outro chama-se « Real », é o positivo. Um é a hypothese, outro o axioma; um é a inducção, outro a deducção, um tacteia, o outro estabelece. São os galhos da grande arvore do Bem. O « Idéal » vem da alma para o mundo, o « Real » vem do mundo para a alma. Por isso um é recurvo sobre o craneo e o outro recto ameaçando sempre. Hei de marrar o Ignoto e derrubal-o!

— E a tua cauda?

— E' o « Obscurantismo ». Quando ella houver de todo se sumido eu serei como Deus... maior ainda! Hão de cortar-m'a os homens. Cada annel que eu perder será uma gloria, um degráo da grande escada triumphante que ha de chegar ao Céo e varejal-o. Por ella hão de subir todas as raças, por ella hão de rolar as utopias. Minha cauda foi, em tempos velhos, o eixo da machina divina. Ha de tudo o bastante para fazer a cadeia do absoluto.

— De onde surgiste agora?

— Do mar!

— E que foste lá fazer?

— Dar vida ás ondas para que se sublevem. Quero fazer as ondas fortes, porque Deus fêl-as mortas, indefesas. Deus é um tyranno, Deus é um absoluto. Porque fez a Natureza enorme treme diante dessa Natureza. Vive cercado de uma hypocrisia — o azul. E o sol?! Julgas, então, que o sol

é uma verdade? Se surge sempre claro é que os famulos de Deus limpam-no durante a noite e lhe renovam o brilho. Ha de gastar-se o sol — a eterna lampada!

Hei de crear os homens! Mas, para que a morte, a divina vingança, não lhes cause pavor, irei acostumando-os pouco a pouco com um exercicio preparatorio — o somno. Deus! o jugo da consciencia universal! Os anjos, seus vassallos, são tão servis que vivem de joelhos... Eu chamo-me o Rebelde! Não me curvo! A porta do Paraiso é muito baixa para que eu transponha um passo sem curvar-me. Eis porque lá não entro. Não me dobro! Hei de fazer o mundo independente. Deus, de temor, creará o raio, mas eu farei peior: farei a Audacia.

Vem agora commigo, Povoadora! Mostra-me o que fizeste.

E Guanayra apontou os rios, os passaros, as flôres e o arvoredo.

— Chamas então a isto: povoar? A terra é nova, é forte, quer a força. Quer sangue para a maturação dos fructos, quer o calor que os animaes emprestam. Vês este tronco? Vês esta liana? — Toca-os! E Guanayra obedeceu. Mal os seus dedos roçaram pelas arvores saltaram sussuaranas e serpentes. Bufalos cornudos e tapires sahiram galopando pela brenha. Onagros, simios, maracajás e onças, saurios enormes, viboras e bôas e toda sorte de animaes nascia. Bramidos, uivos, berros, grasnos, gritos, ornejos, miados, urros,

roncos, silvos espantaram os passaros nos ninhos. E correndo alcançaram a borda de um paúl.

— Atira o barro ao fundo, Guanayra! Vamos dotar de vida as aguas pôdres. Mal a ordem foi cumprida, nasceram logo as rãs e sapos asquerosos, fugindo, aos pulos, coaxando e mergulhando no charco estagnado e negro.

— Vamos agora ás furnas. Colhe as flôres dos alagadiços já que fizeste os passaros das flôres. Eu vou parodiar-te. Passa-me a tua dôr, passa-me a tua melancolia. Para dar vida aos retiros onde não entra a luz só uma ave soturna. E Anhangá fez o mocho e o acauan — esse soluço alado da meia noite.

— Vem commigo ao cume da montanha; olha a minha obra, a feitura do meu braço.

E Guanayra estendeu a vista pela terra.

Ao longe, numa clareira, atropellavam-se os animaes. Os cangussús miravam a natureza espantados, firmes sobre as patas, agitando as caudas, o dorso meio curvo voluptuosamente. Os bufalos pasciam. Bôas enormes e sucurys enroscavam-se nos troncos, espiando por entre o folhedo os fructos pendurados — outras iam de rasto para longe. Os maracajás subiam para as franças, a cauda arripiada, os olhos fulvos, fitando desconfiados a limpidez brilhante de uma catadupa. Antas e tamanduás fugiam para os descampados, num bando satisfeito, mordendo as folhas, espesinhando as flôres. Os veados timoratos desfilavam em tropel, campina a fóra. Chusmas de

monos tumultuavam, uns aos saltos com esgares e tregeitos, outros reunidos, extaticos, concertando em um plano, as caudas juntas, guinchavam atirando-se, presos a um galho, de uma banda para outra. Rondavam imponentemente os megatherios e os mammuths pelludos; os crocodilos e os hippopotamos atiravam-se nos rios. Os basiliscos e os dragões cruzavam-se, saurios, sobre rocados, escancaravam a guela ao vento e ao sol. Calma solemne! De repente os animaes ergueram-se. Farejaram erriçados, olhos chispantes, dentes reluzindo. Buscaram as femeas usando de candura, lubricos, rugindo baixo, as caudas retorcidas, fulos de amor, tropegos, com as patas no ar e as fauces humidas. Umas cahiam resupinas, com as garras promptas, os olhos vitreos, ameaçadoras, esperando o ataque do mais forte. Elles rugiam, bufavam levantando poeira, sacudindo com a cauda as folhas seccas, nervosos, inflammados. De um salto arremettiam — lutavam, arranhavam-se rolando ou, fugindo aos galões, com urros ecoantes na plena vastidão do tempe nupcial.

Chiavam cigarras e os cameleões, nas pedras, olhavam o grande sol embevecidos.

— Que é aquillo, Anhangá?

— E' a dança da Fecundidade! Compara agora o que eu creei com o que fez teu Deus. Eu fiz aquillo: o bruto livre, a besta independente, forte, soberba, autonoma. E elle? Que trouxe á Terra? Falla! Fez a larva, o parasita das cousas mortas; a osga, essa ignominia; a mosca, o

lemure das flôres, a vida da podridão; a lesma, especie de calumnia que macúla o logar por onde passa e o caracol, esse nojo! De aves, só o corvo, prevendo a putrefacção da sua obra. Eis o que fez teu Deus! Tudo rasteiro, vil, baixo, pequeno. Esse mesmo corvo, é miseravel, corrupto, pestilento, escravo dos fumeiros infectados pelas carnes azues do apodrecido. Eis o que fez teu Deus. Eu, pelo menos, posto que imperfeito dou á Terra o rudimento de uma Faúna. Tempo virá da perfeição dos brutos! Vamos ver agora outras paragens. E o «deus tristonho» desenraizou uma grande arvore e atirou-a ao mar.

— Sobe ao tronco! Vamos!...

E a estranha embarcação singrou as ondas mansas ao sopro de uma brisa bemfazeja.

— Presta attenção ás folhas, Guanayra.

— Desapparecem, Anhangá.

— Não vês que se transformam? E' outra metamorphose: é a vida que começa nos areaes submersos. Olha: de verdes ficam prateadas pela salsugem do mar.

— Fogem cardumes e cardumes...

— Deus fez o mundo e descansou, eu não descanso: sou o motor perenne do Universo. Faço o Bem, faço o Mal, para estabelecer o equilibrio, para provocar a reacção que é a luta — a luta que é a proclamação da Independencia. Dentro em pouco serei maior que Deus. Tenho uma qualidade incompativel com o Eterno — a astucia.

E que é a indagação senão a astucia ap
çoada? e a indagação ha de descobrir todo
gredo do teu Deus! Estamos proximos do t
da viagem. Vês essa ponta apenas esboç
E' Guanabara, a preferida do sol e dos lu
Amanhã estaremos lá. Olha a perfidia do
Deus: para não gastar o sol mandou guar
E' noite, vês? Sabes cantar?

— Canticos do Paraiso...

— Para uma noite servem.

E Anhangá arrancou dois galhos da ar
ligou-os e, com os raios hyalinos do pleni
branco, fez as cordas de uma lyra que entr
á companheira.

— Canta, filha do Céo!

IDYLLIO

Vai mar em fóra o tronco. O oceano arqueia o dorso, susta o marulho acalentado voluptuosamente pela caricia das filandras lunares. A natureza sonha. A brisa que passa traz a musica das folhas, a cavatina melodiosa dos corymbos e algum pio de passaro, de longe, da terra distante, onde o mar preguiçoso faz com as espumas cheias de lentejoulas, o estribilho suave do epithalamio nocturno. Ondas, desabrochando, desfiam collares de phosphorescencias e Guanayra, somnolenta, brinca com as pequenas mãos na piscina oceanica, mãos de neve, remando, exiguas como palmouras de cysne. Vento prospero bafeja. O madeiro voga, entra na esteira nitida do luar, estremece subitaneamente, augmenta, espadana e golfa um jorro enorme de agua, empinando o dorso liso, reluzente como um baixio de pedra polida.

Guanayra assusta-se.

— Socega! diz Anhangá. E' o Leviathan que nasce. E' a antithese do nauplio, essa larva; é o soberano do paiz das algas, o rei dos continentes

de madreporas. De orgulho vive a cuspir borrifos para o alto. A' tona é como uma ilha fluctuante. Mora no fundo, entre os coraes e as perolas, onde se arrastam os monstros luminosos. O abysmo attrahe o seu olhar. O instincto leva-o a procurar o areal submerso. Vôa! Vôa Guanayra!

Anhangá abre, então, as azas de vampiro, sobe sobe, e, adejando, sob o pallio diaphano do luar, chama pela povoadora. Guanayra, de pé sobre o costado do cetaceo, tenta voar batendo as azas desplumadas, o olhar no vulto esqualido e negro do merencoreo deus, tremula, as mãos unidas, os olhos estilando lagrimas.

— Anhangá! Anhangá!

— Ala-te! Ala-te, meu amor. E, bracejando, paira sobre a cabeça da virgem, allucinado, offegante, como um grande corvo sobre um lyrio aberto. Emtanto o colosso, embebido no sereno luar, nada, sem ruido, bufando columnas d'agua, pela maciez salina e humida do praino. De leve Guanayra sobe, branca como a allegoria do sereno, numa ascensão de santa, sem fremito, o ar recolhido e piedoso, como uma visão ascetica de monja. Anhangá estende-lhe os felpudos braços, balançando as azas, emquanto o Leviathan, soltando o derradeiro fluxo de espuma, mergulha abrindo, á flor do mar tranquillo, infinitos circulos frizados. Os corpos unem-se num amplexo languido. Giram e somem-se pelo ar, sulcando a claridade alva da noite estrellada: Guanayra branca

como um cumulus, Anhangá caliginoso como um nimbus.

— Será tão forte o ruido de meu vôo que assim desperte os passaros dormidos? Não te surprende um canto?

— E' minha voz.

— E esse perfume fresco que se expande pelo ambiente, não será das rosas?

— E' meu halito.

— Creio que as estrellas vieram banhar os corpos nagua; são as estrellas que sobem ou serão ardentias ou lampejos que nos vêm perseguindo?

— O que tu vês, o que tu olhas, são meus olhos, Anhangá.

— Essa aurora rubina que se accende e desabrocha com frescor de petalas?

— E' o meu sorriso.

— E um refulgente archipelago de perolas sobre recifes de coral, formosa?

— São meus dentes.

— Vem nos seguindo, desde o mar, minh' alma, uma nuvem de ouro luminosa. Serão stractus que annunciam a madrugada?

— São meus cabellos louros que soltaste e ondeam.

— E esse casal de passaros nevados que tu guardas no collo?

— São meus seios.

— Doce amor! Doce amor!

— Amor?! Eu desconheço e não desconheço. Parece-me que já vivi numa fronteira onde

existia o amor. E' o arrebol que doura as nuvens ?

— Não!

— E' o crepusculo da tarde que embevece?

— Não!

— O Paraiso? o cantico das virgens?

— Não!

— Um dos nomes de Deus, uma das harpas : a que soa nas horas de descanso?

— Não! não sabes que é. Não se ensina no céo. Deus condemna-o, e certo, por que o amor é uma omnipotencia. Amor é a vida d'alma, é o «ser» dos seres; é o sorriso na dor, é a luz no escuro. Amar é ter na vida uma outra vida, é ter dois corpos para uma só alma. E' viver sem sentir a morte proxima, é morrer pensando sempre em outra vida. E' ser fraco, é ser forte, audaz, terrivel. E' ver o dia no correr da noite, é ver a noite no correr do dia. E' decorar suspiros e saudades e soletrar poemas nas estrellas. E' ser como é o sol, o redundante que, quando não vê a terra, chora a chuva. E' vêr um nome sempre em toda a parte. E' guardar duas mãos entre outras duas e aconchegar um peito a outro peito. E' fugir, num gemido demorado, para os paramos d'além do Paraiso. E' gemer de ventura e soluçar de goso. E' conquistar o eterno Absoluto vendo sorrir os labios desejados. Amar é não morrer sem ter vivido. E tudo que nos cerca, Guanayra, não passa de um coração indefinido. A Terra e o Céo — eis os dois ventriculos. Ha

estrellas que amam outras estrellas, ondas que cavatinam enamoradas, pedras que pensam em outras pedras, arvores que mandam flores a outras arvores como beijos de longe para longe. Ha fontes que têm amores e que gosam. E, nesse profundo pelago ondulante, ha idyllios de monstros hediondos. Ha passaros que viajam para accordar no ninho de outros passaros; flores que morrem por não ver abelhas. E tudo ama e tudo se combina. A vida é um grande amor e um grande odio. A alma, para amar, torna-se um astro: a alma para odiar, torna-se espectro. O amor procura a sombra para confidente, o odio busca a sombra para cumplice. Um illumina, outro entenebrece. Emtanto o amor é a morte e o odio é a vida. Amar é ser vencido, Guanayra, e odiar é vencer.

Guanayra cerra as palpebras cansadas, pousa a cabeça sobre o hombro de Anhangá, e, sorrindo e cantando, vai recebendo os beijos sem uma revolta, sem um protesto, excitada pela noite diaphana e pelo marulho constante do grande mar revolto. Amam-se na plena liberdade do ar, rimando beijos com scintilações, sob a umbela nupcial de um hallo de ouro.

O céo empallidece. Somem-se as luciolas fulcites. Taciturnas florestas e mares adormecidos sonham. Esvoaçam, no emtanto, os dois amantes, num rodopio macabro, aos beijos, insanamente, desfallecendo de volupia a cada abraço; elle soberbo da conquista, ella triste, sem esperança

de rever o céo, pensando na vida da morte que principiara com o primeiro anceio.

Alvorada! Scinde a amplidão a primeira aguia alipotente. Cruzam-se passaros. Nos rochedos levantam-se nuvens de gaivotas brancas, as procelarias alam-se ligeiras. Tinge-se o oriente; a côr espalha-se, o azul carmina-se de leve. Subito apparece o sol explodindo no céo como um aneurisma de chammas. A terra longinqua emerge da escuridão, destaca-se o verde das campinas, as franças floridas balançam-se e as aguas crystalinas das cachoeiras rolam em massas murmuras pelo granito anfractuoso e escuro.

— Guanabara! Guanabara! exclama Guanayra. E bandos de cangussús param extaticos, electrisados, uns nas praias, outros pelos rochedos, o olhar indeciso, acocorados, fitando, com as pupillas fulvas, o amoroso par que desce e desce com um fremito de azas e de beijos.

VAGADOS

Cava saxea, soturna cava de lúridos cabellos: lichens e lianas que enastram o dorso lutulento da pedra. A' entrada a gramma tenra em viride tapete e fetos dobrando palmas rendilhadas; dentro a tibia claridade azul das profundas cavernas e estellicidios daguas e ruflos de azas de estriges e vampiros. Fóra: pleno sol, dia claro.

E' o tempo vernal dos desabrochamentos: a terra germina, as arvores reverdecem e enfloram-se. O epithalamio anda esparso no ar purissimo á luz forte do sol. Selvas rugem, aguas marulham, ninhos gazilam. Nas duras rochas graniticas, mesmo nas dunas áridas, apontam renovos verdes; não ha terras sem ramas nem ramas sem botões; o cheiro suave da florescencia espalha-se inebriante como o hausto da Terra.

Guanayra, reclinada sobre um leito de plumas, no interior da cava, geme. Anhangá, carinhoso, cerca-lhe a fronte branca e fria com uma aureola de beijos, toma-a meigamente nos braços veludos, afaga-a, acaricia-a e relampagos accendem-se-lhe nas pupillas irrequietas, o peito arqueja e arfa

borbulham-lhe á flor dos labios sanguineos palavras de odio e imprecações tremendas.

E Guanayra, soffredora, geme : « Anhangá! Anhangá, é a morte negra! Bemdita seja a morte que me busca! exclama em contorsões angustiadas. Se os cangussús, com as garras incisivas, me rasgassem as entranhas não seria tão grande o soffrimento. E' a morte negra, Anhangá. E' a morte negra! O crime do meu coração começa a ter castigo. Soffro exilada do céo, sem forças para ascender á Altura porque as plumas das minhas azas a terra possue e guarda avaramente e, para maior supplicio, sinto dentro de mim a colera do Eterno. Que falta commetti senão ceder os meus labios aos teus beijos? emtanto a provação é forte, mais forte do que a resignação de minh'alma porque mal posso conter o gemido. Que culpa tenho, Anhangá? Que culpa tenho? »

— Amaste: és Mãi. Vais ser igual a Deus, o Creador. Iniciada na religião do amor, conseguiste o segredo divino. Dentro em breve serás igual á Providencia e maior do que ella em ternura. Tens no teu ventre o germen da Grande Vida. E's mãi. Teus peitos, rijos e pojados, são como duas nascentes virgens a espera de que as descubra a ávida e pequenina boca desse que a Dor annuncia, como precursora, que é, de todo o triumpho. Teus braços são dois ramos onde ha de repousar o ninho da criança. Teus olhos ganham mais fulgor para illuminar o somno de teu filho. Teus labios estão transbordantes de

beijos, beijos com que has de aquecer a carne fria do recem-nascido amado. E's Mãi, Guanayra. O crime do teu coração vai ser em breve redimido.

Calam-se. A agüa instilla gotta a gotta, cérula. Principia a eclosão da primeira corola humana; a purpura inicial, rubra como os stratos da alvorada, jorra, derrama-se; as represas rebentam ao impulso da vaga da vida. Infla-se o ventre e Guanayra geme, chora, pede, soluçando, a piedade do céo para o seu soffrimento. Torcem-se-lhe os braços, o suor gelado da agonia escorre-lhe da fronte; mas, de repente, a caverna soturna resplandece e um vagido subtil, o primeiro accorde humano, dorido e fraco, vibra. Anhangá estremece sentindo no coração o despertar da Ternura; ergue-se tremulo e tremulo caminha para junto da parturiente exhausta. Guanayra, estendida na terra, flacida, exanime, os olhos cerrados, arqueja e, sobre as plumas do leito, pequenino, côr de rosa, flebil, o infante agita os bracinhos procurando libertar-se da vasa germinadora como a nymphéa, ao nascer, foge á putrida lama que a fecundou, que a colorio para o sol. O merencoreo deus curva-se, toma nos braços possantes o pequeno ser, e fica immovel, contemplativo como uma cariatide colossal sustendo um ninho; depois, cortando-lhe a raiz que ainda o prende ao humus, afaga-o, beija-o, ouvindo extasiadamente os seus primeiros vagidos. E Guanayra escuta e sorri, numa alegria inconsciente, pede-o, estendendo os braços para recebel-o

e tomando-o, sentindo-o frio, encosta-lhe a cabecinha incapillata ao collo e logo o embala, adormecendo-o ao calor maternal do seu seio farto. Anhangá, commovido, não arreda os olhos flammineos do formoso quadro e, fóra, no ritual da luz que sobe esplendida, consagrando o amor— consagrando o trabalho silente dos germens, galream, chilram, piam, rouxinoleam passaros em festa. E a vida manifesta-se: a boca pequenin descerra-se, abrem-se os olhos innocentes e choro sem lagrimas enche a cafurna de um suave harmonia. E Guanayra desnuda os peito alvos, leva-os á boca da criança e, sentindo-a sugar a sua força, enternece-se e chora commo vida, com os olhos nella e a alma toda nos olhos. Escoa o leite e, a mais e mais, o seu prazer augmenta — fosse-lhe todo o sangue, fosse-lhe todo o coração diluido para saciar a fome da criança e ella bemdiria a felicidade de a possuir nos braços, de vel-a, de sentil-a fraca e pequenina, agarrada ao seu collo como uma parasita agarrada ao ramo. Adormece. A alegria circula na claridade dos dias, o poema olympico desenrola-se no exterior, vestido de verde, semeado de flores, debaixo do azul admiravel do céo puro e Guanayra, desvellada, de joelhos, céga para os raios do sol, surda para os cantares do passaredo, para os murmulhos da folhagem, para os murmurios das aguas passageiras, guarda o somno do filho como a lua silente guarda o somno da Natureza. Anhangá, triumphante, aproxima-se, beija-a

e, tomando-a pela mão, vem com ella, vagarosamente, até á entrada da cava e baixinho, apontando-lhe o céo, murmura:

— Guanayra, olha o teu paiz risonho, a tua Patria sem mácula. E' finda a tua missão na terra: parte! Marejam-se-lhe os olhos d'agua e ella, num estremecimento, pergunta:—E meu filho?

— E' da terra, fecundou-o o Mal repudiado, o germen, d'onde sahio, foi banido do céo. Tu, não; tu és pura. Parte!

Mas, no fundo da cava, freme um vágado meigo, outro mais, outro mais. Guanayra estremece e, esquecendo o Paraiso, Deus, os anjos irmãos e a sua nostalgia, corre precipitadamente para o filho com um peito nú, apertado nas mãos, alvo, esguichando a lava que alimenta a Vida.

BALBUCIO

Dilue-se o inverno marcido. Fluindo, a bruma evola-se dos ares, ficam puros os céos, os campos desanuviam-se. A primavera reapparece feita em novas corolas e em papeios e em trinos de aves recem-nascidas. Reverdece a folhagem basta das florestas e as hervas baixas dos prados, que as neves feneceram, voltam viçosamente á flor da terra fecunda.

Na cava, alumiada por accendalhas, Guanayra extasiada, de joelhos, acompanha os primeiros passos titubantes do pequenino que caminha nú, os bracinhos abertos, sorrindo, tartareando. Anhangá, feliz em vel-a venturosa, venturoso em contemplar o filho, offerece-lhe as mãos, chama-o, convida-o, e elle, pequenino, timido, medroso, segue o deus merencoreo, mudando os passos desageitadamente, com tartamudeios e gritos de alegria; mas, vacilla, brande os bracinhos e, sem poder equilibrar-se, cae sentado sobre a relva macia da caverna. Não chora, abrem-se-lhe muito os olhos innocentes e, da sua boca em flôr, foge a primeira palavra terna como de um ninho foge o primeiro implume

tremulo: «Mamã!» e, de gatinhas, atropellado, busca refugio no collo de Guanayra.

Pasmam de ouvil-o os dois, entreolham-se calados e o pequenino de novo balbucia.

— E' a palavra que nasce, Guanayra, diz Anhangá taciturno. O grito é o cháos donde, pouco a pouco, lentamente, vêm sahindo os termos claros da ternura, do amor, da piedade e da desesperança. Até ao sol de hontem ainda dentro da alma da criança nada havia perfeito, tudo era informe e escuro. Começam agora a deslocar-se da massa os vocabulos onde vem a expressão do sentimento como as perolas vêm dentro das conchas que o mar arroja ás praias. E' do fundo d'alma tumultuosa que sobem á tona essas articulações expressivas. Até ao sol de hontem bastavam ao pobresinho as duas expressões — o riso, que corresponde á claridade e o choro, que corresponde á sombra—a linguagem da natureza muda resume-se nesses dois rictus: dia e noite. Se a alegria o festejava, sorria; chorava com a dôr ou com os tormentos das almas puras onde ainda não nasceu a saudade, essa parasita; onde os cuidados ainda não pousaram. Abrio-se a grande represa, para dar passagem á torrente, ora limpida, ora impetuosa e escura. Foi de ternura a primeira palavra que se deslocou do cháos—has de ouvir, dentro em breve, e com lagrimas, as suas palavras de queixa porque, pouco a pouco, á medida que fôr crescendo para a Agonia, irão sahindo da grande massa os termos necessarios ao baptismo de todos os pensares, de

todos os sonhos, até esse ultimo de suprema piedade que o mundo ainda não ouvio, a palavra da capitulação dolorosa que, as mais das vezes, não consegue evolar-se, porque a attrae poderosamente a sombra do grande pólo frio — a morte.

O infante, agarrado á Guanayra, parecia ouvir as palavras paternaes e Anhangá, tocando-lhe cabecinha glabra, continuou:

— Toda creatura tem a sua expressão, articulada ou muda: a Terra, o Céo e, nelles ambos, tudo quanto vive e palpita. A estrella exprime-se pela claridade, a arvore pelo verdor. Se o Inverno chega, os astros emmudecem e as arvores encolhem-se tiritando, rôtas e maltrapilhas, sob a nevasca que zune. O arbusto tem a sua expressão: a flôr; a flôr tem a sua linguagem: o aroma, que *só* apparece perfeito com a eclosão plena da corola. A rocha responde ao homem com a scentelha como para lhe dizer que foi lava, que tem ainda sedimentos igneos dos tempos vulcanicos. A terra meiga, ao appello do trabalhador, responde com a fructificação; o mar não se cala nunca; as aguas dos rios cantam. Mas, as palavras do coração, essas não atravessam o tunnel da boca, apparecem nas pupillas como lumes santos descendo sobre a pedra dos altares. O rito do amor dispensa o barulho; para que se faça comprehender basta-lhe a fulguração. A ira flammeja na retina antes de explodir na invectiva: o relampago precede a tormenta. A Piedade molha primeiro os olhos para mais tarde traduzir-se no vocabulo

consolador — antes da expressão ha o sentimento. O balbucio da criança é como a alva no céo: nem luz nem sombra, noite ainda e dia emtanto. A palavra é um derivativo. As florestas têm monologos violentos como as aguas do mar, como as aguas dos rios. Nunca prestaste attenção, Guanayra, á voz das cousas, sempre epica nas selvas, sempre lyrica nos eidos. Presta attenção ao dialogo das brenhas e dos vendavaes e dize se não ha blasphemias no estortegar farfalhante das ramarias e prophecias nas lufadas. A palavra, Guanayra, é a independencia dalma. Triste do homem se, com o pensamento a trabalhar no cerebro, não tivesse esse vehiculo para trazel-o ao mundo: fariam explosão os craneos pensadores. A palavra da mulher sae do coração, a palavra do homem sae do cerebro. Tu, que és mãi, fazes dos termos cantilenas para teu filho; eu, em soliloquio, converso com a Natureza procurando arrancar-lhe os segredos; tu quebrantas, eu excito; tu adormeces, eu desperto. A mulher ha de viver sempre a cantar o ritornello da aria maternal, o homem irá por diante, com a fanfarra, conduzindo a marcha, levando sobre os hombros, o berço das novas gerações. O Bem és tu, que és a Ternura, o Mal, a Ambição, a Aventura sou eu que vou levando tua alma de rasto, seduzida pela intrepidez de meu genio, pela força de meu braço. E's a eterna Caridade acompanhando o Soffrimento, és o Balsamo beneficiando a Dôr. Quando, á volta da labuta, saudado pelos chilros, entro e encontro teus braços

e teus carinhos, fico em remanso e bemdi
fadiga como a Terra, á noite, depois do cau
sol applicado ao seu dorso, bemdiz o bal
orvalho e a Sombra consoladora. A palav
nayra, é a fructificação do pensamento, e
ducto da sementeira do sonho.

E o pequenino, aos saltos, passou os b
pelo pescoço de Guanayra, balbuciando d
claro e nitido, o amoroso vocabulo
« mamã ».

INFANCIA

Amortece a fogueira vigilante e um raio de sol penetra na cafurna. E' dia. Anhangá liberta-se dos braços de Guanayra, atira uma pelle fulva sobre os hombros, trava do silex e de manso, cauto, para não despertar a companheira, vai sahindo, quando uma voz meiga o chama:

— Pai! O deus merencoreo estremece e estaca volvendo os olhos para o berço de palhas da criança. E o pequeno, sorrindo, caminha estendendo-lhe os bracinhos nús. Anhangá toma-o ao collo e beija-o devagarinho para que o rumor da caricia não interrompa o somno á companheira.

— Pai, porque não me levas comtigo aos campos? Porque não me levas para que eu veja, de perto, as grandes selvas e as grandes aguas cujas vozes tanto me atormentam á noite? Porque não me levas para que eu encontre e combata a onça carniceira? Leva-me, pai, leva-me comtigo. Quero subir ao pendor da collina para colher o lyrio meigo, quero prender em laços a aguia altiva, quero ajudar-te a colher os frutos doces com que nos desalteras. Não ha neves: o sol alumia céos

e terras, os passarinhos, meus irmãos, trinam pe[lo]
arvoredo... Porque não me levas comtigo?

— Não, filho, a tua vida ha de ser igual á
minha: has de lutar com a terra e com as intem-
peries, mas não tens ainda força bastante. E' ne-
cessario que teu braço ganhe energia e que tua
alma adquira coragem para que não desfalleças de
desanimo com as primeiras ingratidões do terreno.
E' cedo; és fraco ainda.

— Serei mais fraco que o lyrio que nasce e
vive no campo? serei mais fraco que a ave
pequenina que móra na matta hispida? e o
lyrio e a ave, pai, contemplam a grande natureza
— um adquire o aroma ao sol, outra aprende
a cantar na selva; serei eu ainda mais fraco
que elles para que assim te opponhas á minha
sahida?

— Queres vir, louvo-te a coragem. Queres
vir, pede a benção á tua mãi, beija-lhe a fronte
e acompanha-me. Vem! não quero que fiques
amollentado pelo tépido carinho maternal: és
homem, és prócere: a lucta é o teu destino. Vai,
beija-lhe a fronte e caminha. Vou eu mesmo
talhar um silex para que te habitues aos com-
bates e, junto de ti, para que o teu coração se
endureça, abaterei a féra cuja pelle será a tua
investidura. Vem, vem contemplar a vastidão da
natureza. Vem, quero mesmo que olhes primeiro
o inimigo antes de o combateres. Vem!

....
....

Quando Anselmo terminou a leitura, Ruy Vaz, accendendo um cigarro, ponderou:

— Acho o teu poema por demais cerebrino; não é propriamente uma concepção, é um delirio intellectual ou antes, não é o producto duma emoção esthetica, é a resultante morbida duma superexcitação. Em poucas palavras mais claras: esse Anhangá merencoreo subio do abysmo do teu estomago, um bife com *petits-pois* bastava para fazer desse revoltado o mais pacifico dos anjos. Meu amigo, o cerebro é escravo do estomago. Do nada só póde sahir o nada, disse o velho Lear á Cordelia. A critica, mais tarde, quando analysar o teu poema, se tiveres fome bastante para o concluir, ha de dizer, com azedume, que eras um pessimista da casta biliosa dos Schopenhauer sem perceber que a tua philosophia sinistra não veio duma interpretação systematica senão duma fome implacavel e desesperada. Lê Epicuro e aprende os segredos do bem viver. O teu poema tem bellezas, mas atordoa.

— Achas que não presta?

— Não, acho-o superabundante; tem a desconnexão de um delirio.

— E se eu retocal-o?

— Come primeiro. Antes de tomar o buril procura um talher, em vez do pó de diamante, atira-te á farinha secca. Come. Com a digestão tranquilla estou certo de que has de ver as agúdas arestas do teu poema. Vai a um hotel!

A inanição desvaira; não tomes por inspiração o que é apenas delirio de inanido. Vai a um hotel.

— Sim, isso é bom de dizer... Como queres tu que eu vá a um hotel se não tenho, sequer, um cigarro?

— Eu tenho, toma; offereceu o Toledo.

— Grande cousa o talento! exclamou Anselmo atirando uma baforada ao ar.

— Grande cousa! repetio Ruy Vaz; Toledo arregalou os olhos e meneou com a cabeça.

O céo estava duma carregada côr de chumbo; nuvens grossas, pesadas, rolavam com lentidão, amontoando-se; um vento morno soprava e, como se não bastasse aos pulmões, tinha-se uma sensação abafada de asphyxia como se aquella abobada viesse cahindo, pouco a pouco, suffocando, opprimindo. Nuvens de poeira encobriam a cidade sob um véo denso; pombos voavam atordoados, fugindo á tormenta proxima. Os silvos das locomotivas vibravam com maior intensidade e surdos, longinquos, ameaçadores trovões roncavam. A Tijuca estava nublada, nuvens fluiam em névoa tenue como fumo esgarçado e a montanha ia aos poucos desapparecendo como se o céo houvesse baixado sobre ella. Coriscos zebravam a densidão do espaço e escurecia rapidamente num crepusculo sinistro. O ar tornava-se mais pesado, rarefazia-se posto que, de ponto em ponto, em revoluteio, uma tromba de poeira espiralasse. Vinham, de muito longe, os sons de

um sino. Pelos quintaes mulheres recolhiam, á pressa, a roupa que espadanava nas cordas. A cidade foi desapparecendo encoberta por uma bruma pesada que vinha avançando rapida. Toledo, com os olhos alongados, estendendo a mão, annunciou:

— Ahi vem a chuva. Ouvia-se como um ruflo e, quasi no mesmo instante, grossas gottas bateram nos telhados seccos, depois a chuva cahio em jorros, com rumor e um cheiro forte de terra ardente subio.

Os rapazes precipitaram-se para a sala borrifados e um formidavel trovão estrondou reboando longamente. Rajadas violentas batiam nos vidros, invadiam a sala; o vento rugia. Toledo, mais cuidadoso, correu a descer as vidraças da sala da frente e a tempo porque ja andavam papeis voando esparsos. D. Anna em baixo bradava á Leonor que limpava o ralo do quintal para que as aguas não empoçassem e a escuridão fez-se mais densa, alumiada, de quando em quando, pelos lividos relampagos. As gargulas jorravam com impeto, a rua começava a encher-se quando Anselmo, encostando o rosto aos vidros empanados pela chuva, pôz-se a pensar na terrivel noite que lhe estava reservada. Como havia elle de ficar sem uma chicara de café, ao menos, e adoentado, febril, sentindo tamanha fraqueza que as pernas lhe tremiam e um suor viscoso molhava-lhe as mãos? Olhava, mas não via aquella torrente que desabava do céo, não via os corregos que rolavam

precipitados e immundos pelas sargetas, não via os homens que, de calças arregaçadas, com as pernas atafulhadas nagua lodosa, iam e vinham sob o aguaceiro violento. Pensava nos tempos felizes em que vivera acariciado entre a mãi e o pai, velhos ambos; ella, cantarolando baixinho modinhas sertanejas, á luz do lampeão emquanto serzia a roupa branca, lavada e cheirando a hervas da campina; o velho, estirado no canapé, enrolando a barba, a pensar nos affazeres do dia seguinte; a um canto, sobre uma cadeira, o gato domestico, um gordo maltez, dormindo tranquillamente e elle, com os livros abertos, a tomar notas, mas já perseguido pela imaginação, já arrebatado por essa seductora, que, duma pagina de historia antiga, como se animasse as lettras dos livros, fazia saltarem exercitos de barbaros, mostrava cidades em chammas, dava uma vida de sonho a todas as passagens descriptas concisamente pelos historiadores. Ah! tempos idos! então não conhecia elle a fome nem julgava que pudesse um dia conhecel-a; nada lhe faltava: tinha a sua cama sempre feita, os seus livros sempre em ordem, o melhor prato á mesa e, se lhe achavam o pulso um pouco agitado, se lhe sentiam a fronte mais quente, quantos cuidados, e que sobresaltos: a mãi afflicta, o pai indo vêr o medico, e tudo quanto elle queria, até aquella caixa de musica que lá estava calada, sobre a sua mesa, que lhe fôra dada, para distrahil-o, quando uma febre o prostrou na cama.

Ah! tempos... emtanto via-se alli sósinho, com fome, com febre e sem esperança de poder sahir porque o mesmo Deus parecia querer martyrisal-o com aquella tormentosa noite de aguaceiro e de raios. Quando se retirou da janella tinha os olhos humidos... gottas de chuva, talvez, gottas que lhe haviam rorejado o rosto.

III

Uma manhã, inesperadamente, Crebillon surgio com a chave da casa que encontrara e, como os rapazes ainda rolavam na cama, pensando no carinho desigual com que o bom Deus distingue os seus filhos na terra, dando a uns milheiros de apolices e esquecendo outros em desolada miseria, o futuro presidente, já com os ares despoticos de um Rosas, disse algumas palavras duras contra a preguiça, mãi de todos os vicios. Os rapazes ouviram calados; desceram ao *Cranium* e, depois de uma rapida fricção, galgaram os degráos, vestiram-se á pressa e sahiram levando, como lacaio, o resignado João de Deus que os não deixava senão á hora das refeições porque não se podia habituar aos apertados jejuns, embora soubesse que eram uma garantia absoluta da bemaventurança. Crebillon, caminhando para o bond, fallava das suas constantes idas e vindas pelo

Cattete a procura de um predio que reunisse as condições indispensaveis a uma *republica* modelo, como a de Platão, até que lhe indicaram essa esplendida vivenda principesca de onde havia sahido, dias antes, um barão, homem de raro gosto e de grande fortuna. Toledo, curioso, pedio algumas informações sobre a casa que iam habitar mas, o intrepido abolicionista, rosnou ufano, esticando o cavaignac, com um sorriso vaidoso:

— Só te digo que é um palacio!

Era na rua de Santa Christina. Quando Crebillon parou diante de uma casa de nobre aspecto— seis janellas de frente em cada pavimento, abrindo, as do superior, para uma sacada corrida de complicado gradil dourado, os rapazes, boquiabertos, pasmados, tiveram a mesma significativa exclamação surdamente murmurada e João de Deus sorrio, afagando o ventre sumido. A porta, que parecia de bronze e pesada como o glorioso metal das immortalisações, gyrou docemente e o vestibulo appareceu deslumbrante: era de pequenos ladrilhos de marmore, em estrellas; as paredes, muito alvas, tinham enrediças de ramos, corimbos florentes finamente pintados e dois medalhões nos quaes, sem demora, Ruy Vaz percebeu uma entrada da barra do Rio de Janeiro e uma vista do Rheno romantico, castellos e vinhas e um rebanho com o seu pastor á sombra calada de ruinas negras; e soltos, voando na alvura muito lisa e luzida, passaros de côres variegadas. Acima da padieira da porta envidraçada duas figuras veneraveis, dois

velhos de immensas barbas derramadas, nús, as pernas estiradas, encostados ás amphoras que jorravam para um lado e para outro golfões de agua espumante—eram dois rios mythologicos. Ruy Vaz apenas achou defeito no ventre de um dos patriarchas fluviaes; realmente era desmedido e, se não fossem as barbas copiosas da figura, bastava aquella monstruosa pança para designar-lhe o sexo, mas Anselmo achou natural:

— Um rio deve ter barriga dagua.

Crebillon achou o «rio» indecoroso; o pintor devia, ao menos, por decencia, ter espalhado juncaes que occultassem aquella deformidade; mas passaram adiante ganhando o corredor onde a luz era escassa e só viam portas abrindo para gabinetes e alcovas mas, alcançando a sala de jantar, ficaram deslumbrados. Era immensa! Quatro janellas olhavam para o jardim, folhagens balouçavam-se, inclinando-se indiscretamente como se quizessem penetrar aquella basilica do regalo, aquelle santuario do ventre, onde podia, á vontade, ser servido um banquete a cem pessoas numa mesa extensa, florida e rutila de baixellas. O tecto era de madeira fosca, com entalhes preciosos; as paredes pintadas: eram aves, enfiadas de peixes, lebres e pacas sangrando, pencas de frutas, racimos e açafates de flores sobre as quaes pairavam borboletas. O soalho era de mosaico de madeira e, encravado na parede, com uma carranca feroz de bochechas cheias como um Euro, havia um lavabo de marmore. O ar, muito fresco, que bafejava a sala, cheirava suavemente a jasmim.

— Aqui póde a gente comer! exclamou Anselmo. As proprias paredes encarregam-se de despertar o apetite. Que delicia e que aroma! Crebillon avançou solemne, mostrando com a bengala o grande braço do gaz, com oito globos campanulados.

— Isto é que não vai bem aqui; e ajuntou: A casa é boa, ainda assim precisa de certos retoques artisticos. Este gaz, por exemplo, vai fóra. Esta sala está a pedir um lustre para vinte ou trinta velas; vinte chegam, aqui ao centro. Agora vejam lá vocês se concordam: a mobilia de canella ou de imbuia...

— Porque não ha de ser de carvalho? emendou Ruy Vaz.

— Ahi vem você com o carvalho! Para que havemos nós de recorrer ao estrangeiro quando temos as mais bellas madeiras do mundo? Que diabo! vocês não são patriotas... É por isso que nunca seremos autonomos, havemos de ser sempre um protectorado europeu. Carvalho... Não senhor, canella ou imbuia, estylo grego. Ou monta-se a casa com gosto ou então...

— Pois seja, concordou Ruy Vaz.

— Imbuia ou canella, continuou Crebillon. Aqui o buffet... alli o guarda-prata... acolá a etagére flanqueada pelos trinchantes... Duas duzias de cadeiras... Que acham?

— Sim, duas duzias, concordou Anselmo.

— Nos cantos podem ficar uns *cache-pots* com palmeiras, dracenas. Eu detesto o encerado inglez, agora se vocês entendem que fica bem...?

— Não, dispensa-se o encerado. Com um soalho como este é até uma profanação.

— Tambem acho. Então está prompta a sala de jantar. Ah! sim, precisamos escolher uns pannos claros para janellas e portas. Isso vê-se depois. Vamos adiante. Passaram á cópa ladrilhada: era vasta, com um armario e duas pias de marmore. A cozinha lembrava a de um castello feudal. No forno do fogão, novo e brunido, com os metaes muito reluzentes, cabia um novilho inteiro. Era um peça solemne, digna dum commentario, com uma complicada rede de tubos amarellos e torneiras, bocas de todos os tamanhos, caldeiras, uma infinidade de minucias que só poderiam ser entendidas por um mestre perito que, á sciencia rara de queimar uma *omellete au rhum*, reunisse a sabedoria de um mecanico. João de Deus, depois de examinar detidamente o monstro, passeiando em torno delle, abrindo e fechando torneiras, escancarando pesadissimas portas que davam aos olhos a vertigem do abysmo, confessou que não entendia « aquella geringonça » mas Crebillon, sempre austero, avançou para mostrar ao negro como se operava; olhou, deu volta e, de repente, lembrando-se de alguma cousa, sahio em passos ligeiros. Tornou, porém, logo depois e abrindo, com muita convicção, uma torneira, recuou encharcado e certamente a casa teria sido inundada se João de Deus, affrontando o esguicho, não tivesse, com risco de apanhar uma bronchite, estancado o jorro. De novo Crebillon investio e foi destorcendo

todos os registros que encontrou e logo um cheiro activo de gaz espalhou-se pela casa. Crebillon riscou um phosphoro, atirou-o ao tubo, deu um pulo prudente e houve a explosão — o monstro ficou illuminado como um edificio publico em dia de festa nacional. Os rapazes applaudiram enthusiasticamente e João de Deus, aterrado, recuou do fogão como de uma cousa satanica.

— Vêm vocês? temos aqui o gaz que é a essencia do coke. Não precisamos de carvão nem de lenha. Podemos cozinhar um boi com a maior brevidade e limpamente. Deixaram o monstro, menos João de Deus que ficou encarregado de fechar os registros, e passaram a examinar a cozinha, tambem ladrilhada até meia parede; duas grandes pias defrontavam-se.

— Aqui tem os seus dominios, mestre João de Deus, disse Crebillon. O negro ouvia commovido, de olhos baixos. Você tem boné e avental?

— Não, senhor.

— Pois é preciso mandar fazer.

— Certamente, concordaram unanimes os do segundo andar.

— Isto não é cozinha para mangas de camisa. E é preciso trazel-a sempre muito asseiada, entendeu?

— Sim, senhor.

— Bem. Vamos agora ver o banheiro, meus amigos. Vocês vão ver! Eu acho perigoso...

— Perigoso!? exclamou Anselmo.

— Sim, isto é: não para mim, porque sei nadar.

— Tambem eu, disse Anselmo.

— E eu, ajuntou Toledo.

— Mas tu não sabes, Ruy Vaz?

— Eu? não sei.

— Pois meu caro, acceita o meu conselho: não entres no banheiro sem salva-vidas — é como a bacia do Prata, meu amigo, é como a bacia do Prata, não exagero, vais ver. Vamos. Seguiram e João de Deus, já exhausto, continuava a torcer os registros do fogão monstruoso.

Impressionados pelas palavras de Crebillon os rapazes atravessaram um estreito passo de marmore alguergado e pararam diante de uma porta branca.

— E' aqui! disse Crebillon, com profundo respeito e, lentamente, foi impellindo a porta como se quizesse dar, aos poucos, a impressão magnifica da maravilha. Os rapazes invadiram o recinto e houve um significativo silencio.

Tambem de marmore enxadrezado era todo o sólo e o vasto aquario, largo e profundo, com uma calha á altura de dois metros, duas torneiras de cobre e a rosacea immensa, no tecto de ripas embrechadas. Duas maçanetas de louça matizada gyravam na parede marmorea para a distribuição das aguas altas. Tres janellas, com persianas, coavam uma luz serena e o frescor das lages e das aguas occultas espalhava-se no ambiente, dando uma sensação regalada de inverno.

Tudo era branco e o asseio casava-se com o conforto; a belleza era geral, não havia que criticar; os cabides, de nitido metal, reluziam e, a um canto, fechada, uma caixa lustrosa de quando em quando interrompia o silencio com um borborinho. Crebillon quiz mostrar a perfeição daquella utilissima dependencia mas, para que não lhe succedesse sahir, como da cozinha, com as roupas encharcadas, bradou pelo africano que acudio á pressa parando á porta, fascinado pelo fulgor dos muros alvos.

— João de Deus, destorce-me uma daquellas bolas... mas toma cuidado com a agua que vem por ahi abaixo. O negro, alongando o braço com grande medo, poz-se a destorcer a maçaneta. Houve um ronco estupendo, um ronco de tromba em mares largos e logo, da altissima calha, um gorgolão dagua despenhou-se impetuosamente, espalhando uma nevoa subtil. Crebillon, apezar da voz formidavel que o distinguia, valendo-lhe a antonomazia de Stentor, teve de bradar para que fosse ouvido, tão fragoroso era o rolar das aguas soltas pelo beiço da calha, caindo estrondosamente nas lages.

— Vêm vocês? Parece Paulo Affonso. E os tres concordaram assombrados. Agora a outra, João. O negro, aterrado, destorceu a outra maçaneta e foi um desabar de chuva como no diluvio.

A mania das aguas allucinava o abolicionista que se poz a urrar, sapateando, brandindo a bengala:

— Abre agora as torneiras, João!... as torneiras! Mas o negro não ouvia, via apenas a boca immensa, o ar furibundo e os gestos desabalados de Crebillon; aproximou-se curvado e o abolicionista bramio: Abre as torneiras, com todos os diabos! E, quando, por todos os vasadouros, a agua volumosa correu inundando o aquario, Crebillon poz-se a afagar o cavaignac e parecia o proprio Deus olhando satisfeito e vingado a quéda dos golfões tremendos que alhanaram o mundo com remissão apenas da familia do patriarcha e das especies recolhidas na arca que vogava serenamente, solida e fechada, cheia d'uivos e de turturinos, resoante de vozes várias, aguas além! pelo infinito e solitario praino do castigo, sob as catadupas formidandas desses quarenta calamitosos dias. O aquario transbordava quando Crebillon avançou muito grave e deu um safanão á corrente do escoadouro emquanto João, de olhos apertados, ia fechando as torneiras e torcendo as maçanetas; ficaram apenas gottas lentejando e as aguas, como depois de aplacada a colera do Altissimo no cataclysmo universal, começaram a baixar afunilando-se á altura da valvula; houve um sorvo por fim e o banheiro ficou de novo vasio e resplandecente, extasiando o grupo.

— Então?! indagou o presidente fitando os rapazes.

— E' uma delicia! Sim, senhor!

— Não ha melhor no Rio, affirmo! E todos menearam com as cabeças, concordando. Vamos agora

ao jardim. Desceram por uma escada de granito e chegando ao ar livre, á claridade limpida do sol que luzia quente, lançaram os olhos pelos canteiros relvados, de graciosas fórmas geometricas sobre o saibro branco e rútilo das aléas. Eram innumeras as roseiras encostadas a espeques, filas de caladios diversos, begonias, cravos, magnolias, gardenias, dhalias, uma araucaria esguia, varias palmeiras ornamentaes e quatro figuras de louça, sobre pilastras, figurando as estações: a *Primavera* era uma graciosa e linda rapariga que sorria toucada de flores, pisando flores; o *Outono* era um ceifeiro moço com uma pavêa de trigo aos pés, a foice ao hombro, os olhos no céo, satisfeito e feliz, o *Estio* era outra donzella, formosa e jocunda, que festejava uma borboleta pousada no seu hombro nú e o *Inverno*, mettido entre arvores, era um velho tristonho, barbado e ferrenho, curvado sobre um cajado, com o gabão muito enrolado em volta do corpo magro e tranzido.

Sobre as figuras symbolicas as opiniões divergiram; Crebillon gabou-as com enthusiasmo, Ruy Vaz achou-as « pulhas ». Ao fundo, formando um bosque acceitoso, velhas arvores frondosas faziam sombra a uma barra fixa e a um trapezio.

— Temos aqui a gymnastica, a educação physica. Depois do banho uma flexão, uma sereia, depois o almoço, o trabalho... uma delicia, hein? Isto é sempre melhor do que o pardieiro da rua Formosa, confessem.

— Ora ! exclamaram os tres. Contra o mur■ era o gallinheiro, parte coberto, parte ao temp■ cercado de arame, com os poleiros caiados e u■ tanque para os palmipedes; ao lado a casa do cã■ coberta de zinco e, bem ao centro do jardim, aviario de arame em fórma graciosa de chal■ com o seu repucho que era, ao mesmo temp■ bebedouro ; Crebillon, colhendo uma rosa e fi■ cando-a na botoeira, disse passeiando um olh■ pelo jardim :

— Isto não despensa um jardineiro, o João ■ Deus não póde cuidar ao mesmo tempo do fog■ e das flôres...

— Naturalmente.

— Não póde, repetio pensativo. Vou vêr um homem que entenda de plantas, mesmo porque pretendo ter as minhas orchidéas e os meus tinhorões de escolha. Não podemos dispensar o jardineiro. Vou ver tambem se arranjo um cão, um cão das ilhas, são os melhores para os quintaes, não ha ladrão que lhes escape. Tive um que, certa noite, tendo um patife penetrado em minha casa, quando foi para saltar o muro, o animal atirou-se-lhe ás pernas...

— E matou-o ! ? perguntou Anselmo.

— Não, mas pregou-lhe um susto que o desgraçado esteve muito tempo entre a vida e a morte.

— Quem te disse ?

— Ninguem, eu imagino. Era um cão ! Vou vêr se encontro um igual para aqui. Para o gallinheiro uma meia duzia de gallinhas de raça,

uns ganços de Tolosa ou de Embden, uns patos mandarins, uns perús. Para o aviario mando vir do Norte as aves : o mutum, guarás, garças, o jacamim, não, o jacamim para o gallinheiro. A' tarde vem a gente aqui para fóra no seu paletó branco saborear o café, ouvindo os gaturamos e as patativas, os gansos, os gallos, gosando o perfume das flores. Que dizem vocês ?

— E' magnifico !

— E podem vocês trabalhar á vontade. Aqui nada falta : têm dum lado Santa Thereza e doutro lado o esplendido panorama da cidade. Não é aquella rua acanhada e sordida com aquelle silvar constante de locomotivas e com aquella mulher sempre a resingar e aquelles quintaes immundos e aquella gente tresandando a suor e a cachaça, nada disso. Aqui a visinhança é nobre, gente da *élite*. Vocês podem julgar pelas casas — e ajuntou com mysterio : Já que toquei neste ponto, devo dizer que a moralidade aqui deve ser escrupulosamente observada : nada de escandalos, isto é um bairro de muito respeito.

— Vê-se logo.

— Bem, vamos agora aos aposentos superiores. Tornaram pelo mesmo caminho e, atravessando a sala de jantar e o corredor, subiram por uma larga escada illuminada por uma claraboia, alcançando o pavimento superior. Não eram quartos, eram salões e todos com janellas ; o da frente, que tinha o tecto de estuque e dourado, abria para a sacada as suas quatro janellas. O soalho

encerado reluzia. Eram oito quartos, oito immensidades admiraveis e dois salões. Ruy Vaz chegou a aventurar que não seria máo estabelecer-se alli dentro uma linha de bonds para facilidade da communicação entre os aposentos, um elevador para a ascensão e um telephone para uso interno. Era o infinito. Crebillon, modesto, escolheu o menor quarto, ao fundo, com duas janellas para o jardim e uma larga vista da montanha e de grande parte da cidade e do mar, muito azul, coalhado de barcos, sem fallar nos fundos das casas visinhas: jardins, terraços e janellas que deixavam entrever interiores faustosos — camaras, gabinetes, salas de jantar. Foi nesse aposento que se decidio fosse a mudança feita no dia seguinte, mas surgio logo uma difficuldade: não havia dinheiro para as carroças.

— Eu mando as andorinhas, disse o generoso Crebillon. Quantas?

— Uma e meia.

— Uma e meia!? duas, homem, duas andorinhas. Que mais?

— Mais nada.

— E vocês já escolheram os aposentos?

— Já. Anselmo e Ruy Vaz haviam tomado, para trabalhar, a sala da frente do pavimento superior e dois quartos incommensuraveis. Toledo ficou com a sala central e um quarto contiguo.

— Mas, com o que temos, esta casa vai ficar como um deserto com pequeninos oasis, disse Ruy Vaz.

— O' senhores ! exclamou Crebillon, não se incommodem com a casa. Pois eu não disse que vou escolher a mobilia ? Então ! Até não sei se seria melhor que vocês vendessem os cacarecos. Em todo o caso eu trato primeiro lá de baixo : sala de visitas, sala de jantar, vestibulo, os dois quartos, depois passo cá para cima. Vão ver como isto fica um brinco. Que é do João de Deus ? O' João de Deus ! O discreto africano estava no corredor e tanto que ouvio o berro do abolicionista correu com a toalha inseparavel que era o travesseiro em que repousava a cabeça, a rodilha com que sahia ao ganho e o lenço com que enxugava o suor abundante do seu carão de azeviche.

— João, veja hoje mesmo o boné e o avental porque amanhã começa o seu trabalho. Vou mandar vir a bateria da cozinha e a louça.. E veja lá! nada de assobios aqui, ouvio?

— Sim, senhor, murmurou o negro, de olhos baixos.

— Estamos então combinados : amanhã, não é verdade ?

— Sim, amanhã !

— Mandas as andorinhas ? perguntou Ruy Vaz.

— Está visto : duas ?

— Duas.

— E quanto ao senhor João de Deus fica comnosco por... Pensou, alisando o cavaignac, com os olhos nos bicos dos sapatos depois, erguendo altivamente a cabeça fulva, ajustou : sessenta mil

réis, que dizes ? O negro encolheu os hombros e Ruy Vaz, afagando-o, disse :

— E' um achado, meu amigo. Nos tempos que correm, sessenta mil réis, casa e comida... uhm !

— E podes escolher um quarto lá embaixo, João. Tens um magnifico, perto da sala de jantar. Queres ? O negro sorrio enlevado.

— Bem, estamos tratados. Vamos. Desceram. Crebillon trancou as portas e ganharam a rua. Havia gente pelas janellas das casas visinhas e Crebillon, ufano, repetio, accendendo um charuto:
— Vai ficar um brinco, garanto.

Chegando ao começo da rua de Santo Amaro, elle despedio-se « tinha de ir á casa de um velho parente, na Gavea» os futuros palacianos, sempre seguidos de João de Deus, desceram para a cidade, a pé, sem almoço, sob uma soalheira caustica de verão.

No dia seguinte, ás quatro da manhã, todos de pé e alegres começaram a encaixotar os livros e, ás nove, pararam á porta as duas andorinhas. D Anna, avisada pelo João, quiz embargar a mudança mas, os carregadores não attendiam e, placidamente, iam descendo os trastes que ficaram folgados nas duas immensas carroças. João de Deus já se preparava para tomar um lugar á boléa quando o Toledo appareceu com o esqueleto embrulhado n'um lençol, confiando-o ao negro para que o levasse cuidadosamente. O africano, que não via com bons olhos aquelle despojo de finado, fez

uma careta significativa, entendendo que era melhor escondel-o no bojo de um dos transportes, mesmo para que a policia, alarmada, não fosse acompanhando a mudança na suspeita de um crime mas, o anatomista, convenceu-o com palavras brandas:

— Não, João; tem paciencia! eu não quero perder o esqueleto. Nas carroças, com os solavancos, pode haver fractura de algum osso e lá se vai o meu precioso manequim. Tem paciencia, leva-o comtigo. Isto é a minha enxada, João; isto é que me ha de dar o pão para a boca. Toma cuidado, meu velho. O negro submetteu-se e, enrolado o esqueleto, lá foi elle para a boléa muito rijo e, com a ossada sobre as pernas, parecia, mal comparando, o Anubis egypcio com uma mumia ao collo. Na sala deserta por onde voavam esparsas folhas de papel garatujadas, reunio-se o conselho para resolver se deviam despedir-se da viuva ou se deviam sair sobranceiramente sem lhe dirigir a palavra. Anselmo opinou pela retirada sobranceira; Ruy Vaz, porém, grato aos antigos acepipes, grato aos passados tempos de fartura e de paz, quiz levar á viuva os seus agradecimentos e, como o Toledo concordasse, houve maioria e os tres desceram e foram bater á porta da sala de jantar, mas D. Anna rugio furente: «Que fossem para o diabo!» e ganio uma praga cruel.

Seguiram, então, apartando-se daquella casa sem adeuses; da rua lançaram um saudoso olhar para a saccada e viram Vidinha, com o rosto formoso encostado á vidraça, seguindo-os com um

olhar cheio de melancolia; de repente, porém, João irrompeu, de cigarro á boca, franzio a cara numa careta e sacudio um gesto vil.

— Peralta! disse baixinho o Toledo mas, Anselmo, indignado, com os olhos relampejantes, pallido de furia, estacou ameaçador:

—Eu vou quebrar a cara daquelle patife...!

—Estás louco, homem? Vamo-nos embora! E o João dansava na saccada com acenos indecorosos e caretas horripilantes. Antes de tomarem rumo foram ao café e Anselmo, para fazer lastro, engulio tres empadas e um copo de leite e, reconfortados, como na vespera havia caido do céo uma nota de vinte mil réis, foram os tres repousadamente em bond, descendo na rua de Santo Amaro. Quando chegaram, já as andorinhas despejavam os trastes com grande pasmo dos visinhos que viam tanta velharia e tão desencontrados moveis entrando para aquelle predio nobre e de tão alto preço, donde havia sahido a familia de um fidalgo seguida de uma dezena de andorinhas que, ainda assim, foram poucas para levar os finos erables, os maguificos jacarandás, o precioso carvalho florejado, as raras perobas tigre, o páo-rosa, o ebano um retumbante Erard e os crystaes e os bronzes e os marmores e os estofos e as tapeçarias e a baixella e a faiança e os quadros, porque depois de haverem desfilado lenta e longamente os transportes que rangiam attestados, homens ainda desceram carregados e até a primeira hora da noite tendo a mudança começado com os brilhos suaves

da manhã, como duma cidade que a peste ou a guerra houvesse ameaçado, foi um constante transitar de gente: negros com chocalhos e brancos e mulatos, homens de varias terras, fallando varias linguas, arquejando, curvados sob pesos inauditos, ladeira abaixo, num passo rhythmico e seguro.

Quando o tapete, que representava a voluptuosa scena do serralho, foi estendido no vastissimo salão do pavimento superior, um dos homens das andorinhas apresentou a Ruy Vaz o recibo; o romancista guardou-o, o homem, porém, não se moveu, coçando a cabeça empastada, com os olhos muito abertos, um cigarro molle ao canto da boca.

— Que é? está entregue, póde ir.

— E' que... é que ainda não está pago o serviço... murmurou com um sorriso parvo.

— Como! não está pago?

— Não, senhor.

— Pois volte com o recibo porque a pessoa que tratou lá deve ir pagar.

— Não dá alguma cousa para matar o bicho? murmurou o homem num tom pedinte.

— Não, respondeu Ruy Vaz sisudamente — sou da sociedade protectora dos animaes. O homem lançou um olhar rancoroso ao romancista, tomou o papelucho, metteu-o no bolso profundo e, dando volta nos calcanhares, rosnou: « Ás ordens... » e desceu; Ruy Vaz mandou João de Deus trancar as portas e começou a arranjar a casa. Toda a mobilia não dava para encher um dos quartos e a

casa immensa ficava desoladamente vasia, apezar de haverem os rapazes espalhado, com sabedoria, as cadeiras e as estantes.

— Não se sacia este monstro ! rosnou Ruy Vaz desesperado. Estão aqui os moveis de tres homens e nem parece. E' um abysmo ! O tapete no salão era como uma pequenina ilha na immensidade do oceano. João de Deus tomou conta de um dos quartos do primeiro pavimento, pousou a rodilha no chão liso e, como estava esfalfado, estirou-se e dormio. Os rapazes desceram e como queriam provar todas as delicias da casa, foi Anselmo para a barra fixa, Toledo pendurou-se no trapezio, emquanto Ruy Vaz estudava o estylo das pinturas da sala de jantar.

Já a tarde roxa cahia quando, sem esperança de que apparecessem os preciosos moveis de Crebillon e a louça e o trem de cozinha, resolveram mandar á venda buscar ovos e pão para que João de Deus arranjasse uma omelette rapida mas, o negro lembrou ponderosamente que não havia frigideiras nem pratos, propondo umas sardinhas de Nantes. As razões do negro foram julgadas procedentes: optaram pelas sardinhas e, quando as latas appareceram abertas, cada lata acompanhada de um pão louro e trepidante, houve alegria no grupo. E porque não chegára a mesa de imbuia, a grande mesa dos futuros banquetes, foi sobre o fogão monstruoso e de pé, como os israelitas comiam o cordeiro da Paschoa, molhando o pão no azeite, que os quatro devoraram

silenciosamente, emquanto uma cigarra cantava na araucaria e as magnolias abriam-se com um suavissimo aroma.

Quatro anciosos dias passaram sem que houvesse noticia de Crebillon. Afflictos, os rapazes dispersavam-se todas as manhãs indo aos pontos que o abolicionista costumava frequentar mas, ninguem informava: o mesmo charuteiro nada adiantou sobre o mysterio; e a casa, immensa e núa, á noite illuminada profusamente, parecia um palacio maldicto, despovoado e silente onde, a horas altas, com tinidos de ferros e uivos espectros vinham purgar crimes sobre thesouros escondidos nas muralhas grossas ou sob o soalho forte ; mas João de Deus encarregou-se de afugentar os duendes, não com hyssopes e rezas mas, com um gato, magro e gafento, que entrou num sacco, miando, e foi despejado no salão, desapparecendo em seguida mas, como não cessava de miar, ora debaixo do fogão monstruoso, ora no banheiro, ora no corredor calaram-se os rumores e o assombramento desappareceu. Uma tarde, já scintillavam estrellas, os rapazes digeriam no jardim uma gorda feijoada que haviam saboreado no hotel do Lobo, á rua do General Camara, casa de modesta apparencia e modica, onde um homem podia empanturrar-se com quinhentos e oitenta, sobremesa inclusive, quando João de Deus, sobresaltado, annunciou a mudança de Crebillon. Posto que achassem a hora impropria para a entrada de tão preciosos moveis abalaram á pressa chegando ao corredor

justamente quando o abolicionista, com o seu vozeirão atroante, recommendava a um homemsinho: «que tivesse cuidado com os trastes» encarregando João de Deus de ir ao pavimento superior mostrar o quarto que, com tanta simplicidade, escolhera. Dando com os rapazes respirou esbaforido, limpando o suor da fronte.

— Ó homem, onde te metteste? perguntou Ruy Vaz.

— Ah! meu amigo: eu sou um resuscitado. Vamos lá para o jardim emquanto arranjam o meu quarto.

— E os outros moveis? perguntou Anselmo.

— Vêm depois, homem! Se eu estou a dizer que sou um resuscitado.

— Mas que houve? indagou com interesse o Toledo.

— Que houve, hein!? Quasi me vou desta para a melhor.

— Como?

— Vamos lá para o jardim; preciso de ar. Caminharam. Na sala de jantar Crebillon reconheceu que aquillo não podia continuar como estava e perguntou como se haviam arranjado.

— Imagina: sem nada em casa.

— Sim, mas vamos pôr isto em ordem amanhã mesmo. Amanhã...?! elevou os olhos, alisou o cavaignac e disse com desgosto:

— Amanhã não é possivel, tenho um negocio de madeiras. Depois de amanhã.

— E' domingo.

— Na segunda-feira então.

— Mas o teu caso... lembrou Ruy Vaz.

— O meu caso... Ah! meu amigo, se eu não fumasse charuto era hoje cadaver. Estava frito! Devo a vida a um charuto.

— A um charuto... ?

— A um charuto, é verdade! Os rapazes ficaram esgazeados. Vamos para o jardim; isto aqui está uma estufa. A um charuto... e ha inda imbecis que combatem o fumo que faz isto e aquillo... Se eu não fumasse, ahn! Desceram para o jardim e, como não havia bancos, sentaram-se sobre a relva tépida; só Crebillon, de pé, ia e vinha, narrando:

— Ouçam lá vocês o meu caso e pasmem. Tenho um amigo na Bocaina, Simas Fontainha, um gigante, que negociou em negros e tem hoje uma fortuna que os herdeiros calculam em oitocentos contos, parte em dinheiro, parte em terras magnificas de café e de gado. Esse homem, que orça pelos sessenta annos, com todos os dentes e sem um fio de cabello branco, é um dos mais intrepidos caçadores que tenho conhecido e eu caço desde os quinze annos, tenho caçado em todas as florestas do Brasil, desde o Amazonas até o Prata, como no hymno. Sempre que o Fontainha pretende fazer uma sortida, manda-me um aviso porque, diz elle, não ha quem atire como eu. Atiro regularmente, isso é verdade, affirmou com orgulho, alisando o cavaignac, e, de olhos altos, vendo passar um morcego, fez um parenthesis. Num

cavallo á redea solta mato andorinhas no vôo, andorinhas ou morcegos, conforme a hora. Isso é nada para mim... Mas, voltando ao caso. Justamente no dia em que aqui estive com vocês, chegando á casa, encontrei uma carta de Fontainha.. Cá está ella! tirou do bolso profundo a carta attribuida ao Nemrod da Bocaina e poz-se a fazer leitura com um vozeirão trovejante: « Crebillon Anda por aqui uma onça terrivel que me tem levado a flôr dos rebanhos: é um carneiro por noite ás vezes novilhos. Puz a minha gente em campo já lhe descobriram o paradeiro. Vem dahi, quanto antes, para ajudar-me a dar cabo da fera senão fico sem uma vacca de leite. Não é pela vacca mas pelo leite; bem sabes que não posso dispensar o meu copazio pela manhã, mugido pelas minhas proprias mãos, no curral. Se a onça levasse as vaccas e deixasse os ubres eu não iria incommodar-te pedindo o teu poderoso auxilio a tua pontaria mas, vão-se tambem as tetas e eu não estou em idade de ser desmamado. Vem conto comtigo. » Dobrando a carta, atafulhou com ella no bolso interior da sobrecasaca e continuou: Devo grandes obsequios a Simas Fontainha; tratava-se, não de um simples divertimento, mas da salvação da fortuna do meu amigo, não hesitei. Fiz uma pequena bagagem, encerrei no estojo a minha espingarda ingleza e, ás cinco da manhã seguia eu para a estrada de ferro que me deixou na Cachoeira donde, num ardego ginete, parti para as terras devastadas do meu amigo. Quando

passei a porteira houve um grande clamor no terreiro da fazenda: «Está morta a cotó! Está morta a cotó!» e o numeroso bando dos caçadores veio ao meu encontro, saudando-me com delirio. Simas tinha lagrimas nos olhos e, quando me apertou nos braços, senti que tremia aquelle homem extraordinario que, com um murro da mão canhota, aos vinte e cinco annos, derrubou dois touros.

— Dois! exclamou Anselmo.

— Sim, dois: um, o que levou o murro, outro porque estava atraz do primeiro e foi por elle esbarrado tão violentamente que cahio como se o houvesse fulminado um raio. Não prometti grande cousa, mas disse: « Fontainha, meu amigo, a onça que peça a Deus que eu não lhe ponha os olhos em cima. » Como é ella?

— E' uma onça sem rabo.

— Sem rabo? amanhã será mais do que isso — será uma onça sem cabeça. Corto-lhe a cabeça com uma bala!

— Com uma bala!?

— Com uma bala! Pois então? achas impossivel? perguntou a Ruy Vaz. Pois, meu amigo, é uma questão de pontaria. Eu, com uma boa espingarda, faço o que quero. Não digo que corte a cabeça, mas derrubo a onça e depois é só um talho de faca. Pensam vocês que é uma cousa do outro mundo cortar a cabeça a uma onça? é facilimo; é questão de calma. Mas, vamos ao caso... Fontainha, levando em conta a viagem fatigante que eu fizera, marcou a caçada para

a noite seguinte mas, eu protestei logo, coı energia:

« Não senhor, ha de ser hoje mesmo, vamc ao antro! » O meu amigo quiz ainda argumenta mas eu fui inflexivel: « Ha de ser hoje mesmo Metti-me num banho morno, devorei duas coste letas e, ás onze horas, com o luar, partimos paı a serra com vinte e tantos cães. Eramos dezoi ao todo, dezoito homens ferozes. Fomos seguin os passos relentados do cavallo do guia e, para madrugada, chegando a uma estreita gargant senti o meu cavallo estremecer e logo um dos cã partio galgando umas rochas e desappareceu. Est vamos junto de uma grande arvore e olhavamos direcção que havia seguido o cão, quando o vim reapparecer muito murcho, farejando os caminho os outros andavam longe. Vendo eu que ainda n haviamos encontrado a féra, accendi o meu charı e dei o signal de partida...

— Mas tu fumas quando caças, Crebillon?

— Eu fumo sempre. Já os nossos cavallos iı caminhando quando o cão investio com a gran arvore, ladrando, ganindo furiosamente, a ar nhar o tronco como se quizesse subir por e acima. « A bicha está alli! » disse um dos homen tornamos todos, pondo cerco á grande arvore. I levantando os olhos e procurando ver por en as folhas, descobri a féra entre os altos ramo Os seus olhos luziam como duas brazas e o meu ı vallo tremia que era uma vergonha. Ainda ass levei a arma á cara e pum! A onça veio abaixo.

— Morta?

— Qual morta! viva como um alho... pois se o meu cavallo tremia que era um horror. Ah! meus amigos, que berro! o cavallo empinou e eu senti as barbas do animal no meu rosto. Estou morto! disse com os meus botões mas, sem perder a calma, soprei uma baforada de fumo e, foi a minha salvação! a onça começou a tossir e a espirrar dando-me tempo para que arrancasse dos coldres a minha garrucha e, sem precipitação, encostei-lhe o cano da arma á fronte e disparei. O animal rolou pesadamente na terra. Era um monstro! Ahi têm vocês toda a minha aventura. A quem devo eu á vida?

— Ao charuto, sem duvida.

— Ao charuto! e dizem que o fumo faz mal. Historias, homem! historias...

— E quando chegaste da Bocaina? perguntou Ruy Vaz.

— Hontem á noite.

— E ainda haverá por lá alguma onça?

— Não, aquella era a ultima.

— Bem, então agora podes cuidar da casa.

— Sim, posso. Fitou o romancista e exclamou: Que diabo! parece que vocês desconfiam de mim!

— Não, ninguem desconfia de ti, Crebillon, mas deves comprehender que é um supplicio vivermos em uma casa como esta sem uma cadeira e com esse solemnissimo fogão apagado. Confiamos em ti mas...

— Mas que?

— Nada...

— Pois na proxima segunda-feira os senhores terão aqui os trastes; eu só tenho uma palavra. Era noite fechada. João de Deus já havia illuminado a casa quando os rapazes entraram e subiram ao pavimento superior para ver os preciosos moveis do presidente. Crebillon não parecia muito disposto a mostrar os seus haveres, tinha um certo pudor querendo adiar para o dia seguinte a exposição mas, Ruy Vaz forçou a entrada e, no quarto, o romancista pasmou da sobriedade:

— E' isto, Crebillon?

— Sim senhor, nada mais.

— Nem cama, ao menos?

— Nunca me deitei em camas. Nasci em rêde e em rêde hei de morrer. A rêde oscillava entre a porta e a janella; havia uma pequena mesa de pinho envernisado, duas cadeiras, uma canastra e varios embrulhos que Crebillon começou a desfazer resmungando:

— Vocês têm a mania do fausto... pois, meus amigos, não ha como a modestia. O luxo excessivo entibia o caracter e amollece o physico. Lancem vocês um olhar ao passado e hão de ver que as nações começam a enfraquecer á medida que se vão tornando sumptuosas: Babylonia cahio com o devasso Nabonahid. Sempre vivi assim detestando a pompa e sou um forte, sou um homem. Acho que o luxo deve ser comedido — uma boa sala de jantar, um salão deslumbrante mas, no

quarto de dormir, um duro grabato ou uma rêde, nada mais. As camas enfraquecem e depravam. Aqui está a minha mobilia: a rêde, a mesa em que sommo parcellas e escrevo á familia, duas cadeiras, a minha espingarda ingleza, os couros das feras que tenho abatido, um gogó de macaco...

— Gogó de macaco! Para que diabo queres um gogó de macaco?

— Para a minha asthma. Quando me vem o accesso bebo um gole dagua pelo gogó e fico logo curado.

— E aquelle couro que alli está, perto da mesa; é de alguma féra?

— E' de cotia. Uma cotia levada dos diabos que matei no Desengano. Persegui-a durante todo um dia, a cavallo, com vinte e quatro cães e só ao cahir da noite consegui matal-a á beira dum açude.

E, á medida que ia desfazendo embrulhos e pacotes, complicadamente enleiados, contava a historia de cada um dos objectos que expunha á admiração do grupo: eram pelles curtidas, presas de onças, colmilhos de caititús, bicos de tucanos, cascos de tartarugas, garras de rapaces, caveiras de monos e uma vertebra de baleia que era o seu banco predilecto; varias facas e um ferro de lança enferrujado e roido. Quando tomou entre os dedos essa antigualha épica, disse com solemnidade:

— Isto que vocês vêm foi achado no *campus ubi Troya fuit*, é o espiculo de uma sarissa grega,

talvez da que foi de Agamenão ou de outro qualqu(
dos chefes que sitiaram e arrasaram a cidade d
Priamo. Um inglez offereceu-me quatro mil libr
por este ferro e teria elevado a offerta a dez m
se eu não lhe houvesse dito que não me desfaz
deste objecto nem que elle me offerecesse a pr
pria Inglaterra com todas as suas colonias. A
selmo arregalou os olhos admirando aquella pr
ciosissima peça e quiz vel-a de perto, tomou-a
só achou aspereza e ferrugem mas, recordan
Homero, lembrou-se de que aquelle pedaço de fer
velho talvez houvesse pertencido ao filho de Pel(
talvez houvesse atravessado o corpo de Hei
e, emquanto Crebillon ia mostrando aos outr
varios objectos curiosos, o autor d'*A Prophec*
á luz do gaz, revolvendo entre os dedos o fer
da lança, recapitulava a Illiada, rhapsodia a rh
psodia, ouvindo não sómente o armistrondo e
alarido como a voz dolorosa de Cassandra que pr
phetisava e os gritos e o guaiar de Hécuba infel
Ruy Vaz, posto que não fosse indifferente ao fer
classico, preferia, em vez delle, ver um simpl
contador ou outro qualquer movel de mais u
lidade; o ferro era precioso mas não enchia
grandes vacuos da casa. Mas, como Crebill
havia promettido, não quiz enfezal-o mais e d
xando-o com o seu museu de antiguidades, estira
na rêde, em ceroulas, com o cachimbo nos beiç(
contando a Anselmo uma terrivel caçada nas matt
bravias do Piauhy, foi trabalhar no seu novo
mance que era a vida fantastica de um pad

victima de uma empusa, como Menippo que foi salvo miraculosamente por Appollonio. Na manhã seguinte, ainda havia nevoas, e já Crebillon bradava por João de Deus para que lhe arranjasse café.

O negro subio receioso e tremulo para dizer que não havia nada em casa—nem chaleira, nem chicaras. Crebillon achou impossivel que não houvesse cousas tão insignificantes e perguntou como se haviam arranjado os moços nos outros dias para tomar café? João de Deus balbuciou:

– Elles não tomam café.

– E' a eterna falta de ordem. Assim, meus amigos, começamos mal, disse Crèbillon bem alto para que os rapazes ouvissem do quarto. Assim começamos mal. Sem ordem não arranjamos nada. Não ha lá embaixo uma garrafa? O negro affirmou: que havia, na despensa. Pois lave-me bem uma garrafa, vá a um botequim alli na rua do Cattete e traga-m'a cheia de café. Café fresco, ouvio. Se não fôr fresco volta.

— E chicaras? ousou perguntar João de Deus.

— Chicaras... ainda mais essa. Pois traga tres chicaras e quatro pães com manteiga. Vá depressa; tome o dinheiro. Os rapazes ouviam o dialogo do presidente e do negro. Só, passeiando descalço ao longo do corredor, Crebillon resmungava: E' isto. Quando eu digo a estes rapazes que a ordem é tudo, clamam que sou impertinente, que me quero impor como mandão e não sei que mais, emtanto é isto: mettem-se em

uma casa como esta sem uma chaleira ao menos. Assim não é possivel. E queixam-se depois da sorte—porque não podem trabalhar, e porque são infelizes, e... patati e patatá. Tres homens dentro da um palacio sem uma chaleira! assim não é possivel. Ruy Vaz, que tudo ouvira, sahio ao encontro de Crebillon, no corredor:

— Que é isto, homem?

— Que é isto! pois vocês nem uma chaleira têm!

— Não!...

— Isto é demais!

— Tambem acho.

— Vocês hão de viver sempre em difficuldades.

— Sem chaleira?

— Não é sem chaleira, é sem ordem.

— Eu penso como tu.

— Pensas como eu, pensas como eu, emtanto se eu quiz tomar café tive que mandar João de Deus a um botequim com uma garrafa, quando possuimos o primeiro fogão da America do Sul

— Que culpa tenho eu disso?

— Que culpa tens?

— Sim, que culpa tenho?

— Já sei que me vens cantar a palinodia da mobilia.

— Certamente. Conheces perfeitamente as nossas condições. Quando nos propuzeste a mudança disseste que tomavas á tua conta a montagem da casa, da cozinha á sala de recepção; que

fizeste? foste caçar a cotó na Bocaina. Offereceste-nos as andorinhas e não as pagaste, fazendo-me passar por um vexame indizivel e ainda vens bradar irritado porque não ha uma chaleira? Como queres que haja chaleira se nada trouxeste?

— Mas hei de trazer.

— Pois bem: quando trouxeres haverá.

— Pois sim, mas sem ordem nada se faz. A minha questão é de ordem.

— Bem sei... a mobilia que venha que a ordem ha de apparecer. Que nos pediste tu? silencio e moralidade. Isto em silencio é um tumulo os mesmos ratos, que faziam rumor á noite, já não apparecem porque o gato faminto não lhes dá treguas; quanto á moralidade, meu amigo, a Elvira e a Amelia pedem a todos noticias nossas e ninguem as dá porque ninguem sabe onde moramos. Bem vês que vamos cumprindo á risca e com sacrificio o contracto que celebrámos, emtanto de mobilia... nem um pires.

— Ha de vir.

— Deus te ouça! João de Deus interrompeu a discussão apparecendo com a garrafa e um embrulho que tinio quando foi pousado sobre uma janella.

— Que é isto? perguntou Crebillon apalpando o embrulho.

— Pão e canecas de folha. As de louça quebram muito, disse o previdente negro.

— Pois havemos de tomar café em canecas de folha como escravos?

— Que tem...? disse Ruy Vaz.

— Tu não fazes questão?

— Não, desde que o café esteja quente.

— Está quente, affirmou João de Deus.

— Então não faz mal. Ha quatro canecas, não?

— Sim, senhor.

— Então vá chamar os doutores. Logo que chegaram, Toledo e Anselmo, que não contavam com aquella agradavel surpreza, tiveram a sua ração e, por um momento, foi esquecida a nudez da casa mas, no melhor do gozo, a campainha retinio estridente e João de Deus subio a annunciar o homem das andorinhas.

— Que se ha de fazer?

— Vai lá dizer que não ha ninguem em casa, João. O negro hesitou. Anda!

— Eu já disse que o senhor estava ahi.

— Como! pois vai dizer que te enganaste, que quem está em casa és tu.

— Eu não posso dizer isto; o homem é capaz de querer brigar.

— Ah! elle briga? elle é valente? Então manda-o cá em cima.

João de Deus ficou hesitante a retorcer um lustroso boné de seda que lhe dera o Toledo emquanto Crebillon, com uma larga e comprida faca no punho esforçado, arregaçando a manga do casaco, ia lentamente raspando os pellos do braço esquerdo para experimentar o fio da arma aguçada e cortante. Depois arrancou o casaco,

despio a camisa, desabotoou as calças que lhe escorreram pelas pernas e nú ensaiou um rugido que atroou ferozmente.

— Muito bem. Agora ouçam vocês, meus amigos. João, vai buscar o esqueleto no quarto do senhor Toledo; o negro partio atordoado, resmungando e Crebillon fallou aos rapazes: Eu não estou disposto a aturar esse homem que nos vem importunar justamente nas horas mais aprazíveis reclamando uma miseria de vinte mil réis. Se eu os tivesse no momento não hesitava em pagar, mas tenho, ao todo, 4$600 e se usar de brandura não só perco o meu tempo como dou ensejo a uma scena ridicula de cobrança á porta do palacete. E' necessario que este homem saia e não torne mais...

— Que vais fazer, Crebillon?

— Vou fazer uma scena tremenda com o esqueleto do meu rival. Justamente João de Deus appareceia com a ossada nos braços e Crebillon sentou-a em uma das cadeiras em face da porta. Quando eu romper aos berros é bom que vocês apparentem desgosto e tristeza, lamentando o meu estado mas, de longe, e deixem-me cá com o homem. Vai, João; manda-o cá em cima — a campainha retinio desesperadamente.

— E se o homem não acreditar na farça, Crebillon?

— Dou-lhe os 4$600 por conta.

— E se elle não aceitar?

— Esgano-o! O negro ia saindo quando
billon chamou-o: Ouve cá, João. Olha, has
dizer ao homem, para preparar-lhe o animo,
estou na minha crise, comprehendes? O pa
está hoje na sua crise nervosa, acho bom qu
senhor não se aproxime muito. Entendeste? c
nervosa. O negro repetio torcendo o boné lustr
—Crise nervosa...

— Isso mesmo, vai. João de Deus desa
receu e a tempo porque a campainha corria gra
risco sob a mão enfurecida do carroceiro. Qua
as escadas rangeram Crebillon, reconhecend
inimigo, urrou como uma féra saltando no qu
nú, brandindo a faca que reluzia em seu pu
esforçado. João de Deus não se atreveu a a
ximar-se, mostrou ao homem o quarto e fico
distancia respeitavel esperando o desenlace
scena. Crebillon rugia sempre e o homem olh
esgazeado, as immensas salas desertas que ap
o sol ornava e o vozeirão tremendo do aboli
nista enchia atroadoramente.

— Ah! miseravel! grandissimo biltre! pensas
estou saciado? ainda não: a morte não basta.
agora esconder os teus ossos... quero ver no Ju
Final a cara da tua carne quando os anjos do Sen
tocarem a reunir... has de procurar os ossos
balde. Vou escondel-os no forro da casa... e ningu
ha de ver. O homem, ouvindo palavras taes,
dava com os olhos dum lado para outro como
procurasse alguem, quando Ruy Vaz appare
demudado, preoccupado, mettendo os dedos pe

cabellos e, dando com o carroceiro, perguntou-lhe se queria alguma cousa.

— Sim senhor, vim receber a conta da mudança.

— Ah! sim... mas em que dia veio o senhor! Crebillon urrava, sapateava, atirava botinas ao chão e fallava insanamente em Juizo Final, em Club dos Fenianos, em angú de preta mina, em Angelica da Costa...

— Ah! meu amigo, está ouvindo?

— Sim, senhor: o preto disse-me que o patrão está algum tanto incommodado.

— Incommodado? Está perdido, irremediavelmente perdido. Já mandamos uma communicação ao hospicio para que venham buscal-o, elle está impossivel. Voltou-lhe a crise.

— Ahn...

— Elle julga-se a Via-Lactea e diz que veio parar na terra porque um homem perverso, esse mesmo que elle injuria...

— O homem está lá?

— Não, quem está lá com elle é o esqueleto.

— O esqueleto do homem...?

Não houve tempo para mais detalhadas explicações. Crebillon sahia do quarto, nú, arrastando o esqueleto e brandindo a faca no punho esforçado. O homem, logo que o vio, fez menção de fugir mas Crebillon, dando com elle, pôz-se a ranger os dentes, a arregalar os olhos e era horrivel de vêr-se o seu carão purpureo com o cavaignac ruivo que parecia a chamma de um grande cirio ardendo

ás avessas. Sem tirar os olhos do homem, encostando o esqueleto na parede, foi passando a lamina da faca no braço nú e, feroz, agachado, avançava pé ante pé. O homem estava livido e tremia quandc Ruy Vaz, querendo interceder por elle, com uma seriedade imperturbavel, dirigio-se a Crebillon :

— Ouve, Thomaz, ouve; sou eu, teu amigo. Então não me conheces ?

— Este não é o Seraphim? o dono destes ossos' E' elle mesmo... Ah! miseravel, que fizeste d(Maria Angelica? onde está Maria Angelica? Pensa que agora me escapas? Olha, teus ossos já está alli, agora o resto... Eu preciso da tua carne par: cobrir o esqueleto que está com frio. Ergueu o braços e uivou: Ah! Maria Angelica..! Vais se vingada! Seraphim está aqui! eu vou pical- em bocadinhos... em bocadinhos! Maria Ange lica, em bocadinhos! E, de repente, dando un salto feroz, ia deitar a mão ao homem e tel-o-hi alcançado se elle, agil, não fugisse, a correr, pre cipitando-se escada abaixo, aterrado. Crebillo acompanhou-o até o patamar brandindo a faca urrando os nomes mysteriosos de Seraphim e d Maria Angelica mas, a porta bateu com violenci e João de Deus, que fôra espiar o homem, subi a annunciar que elle havia desapparecido.

— Deste estamos livres. E foi o esqueleto qu o aterrou.

— Similia similibus curantur, disse o Toled sahindo do quarto para apanhar a ossada liberta dora. E o dia passou-se todo em commentario

alegres; para a tarde, porém, com o roxo e melancolico crepusculo e com a fome, a alegria se foi dissipando e a casa tornou-se um palacio de suspiros.

Os dias corriam e Crebillon ia protellando a compra dos moveis até que uma noite, recolhendo-se muito cedo e á pressa, annunciou uma nova viagem á Bocaina para dar cabo duma corda de porcos que devastavam a roça de milho de Fontainha. Os rapazes revoltaram-se, o mesmo Toledo, sempre brando, teve um assomo de energia. Onde iriam elles arranjar trezentos e cincoenta mil réis que em tanto importava o aluguel mensal do palacete? E Ruy Vaz fallou por todos :

— Tem paciencia, Crebillon, deixa lá os porcos, vamos cuidar de cousas mais sérias. Tu não has de querer que soffспоред aqui um vexame. O fim do mez está ahi e, além das muitas vergonhas que curtimos calados, queres ainda que sejamos expulsos desta casa onde nos metteste seduzindo-nos com promessas de tranquillidade e de fausto ? Eu já sou victima de commentarios vis ahi pelas vendas...

— Tu?!

— Eu, sim; João de Deus que te diga.

— Mas que commentarios? porque a casa não tem mobilia?

— Em parte, ou antes — é essa a razão porque, se tivessemos mobilia, não trariamos as janellas sempre fechadas como as trazemos. Mas queres saber? Como o Toledo sahe quasi sempre de

manhã e só torna á noite como tu, e eu sou o unico que sahe ás duas da tarde, affrontando os olhos da visinhança porque Anselmo espera sempre a Providencia em casa, sabes que dizem de mim? que sou um marido terrivelmente ciumento, que saio deixando minha mulher trancada. E o interessante é que descrevem essa creatura victima do meu desmarcado zelo: Loura, de olhos azues, pallida, muito infeliz e, quando eu desço, ouço vozes rancorosas: «Lá vae elle!... Olha o carrasco!...» Tudo porque? porque não temos mobilia e trazemos a casa constantemente fechada. A fama que essa falta de trastes me vai grangeando não é das mais agradaveis e ainda querei que nos sujeitemos ás injurias de um senhorio? Tem paciencia... deixa os porcos do matto e, se não podes mobiliar a casa, dize francamente por que amanhã mesmo trato de arranjar um quarto e transfiro-me. Aqui é que não podemos ficar, num casarão, grande como uma cidade, com duas cadeiras, varias antiguidades e tres canecas de folha.

— Eu já disse que trago os moveis.

— Ha um mez que nos promettes e, até hoje, só nos tens dado as tres canecas citadas.

— Mas querem vocês que eu roube? Hei de roubar? clamou desesperado. Se eu agora não tenho dinheiro, como querem vocês que eu traga mobilias?

— Mas, então, porque nos illudiste, Crebillon?

— Ora! eu tinha algum dinheiro mas, como não dava para a despeza, empreguei-o em bilhetes d

loteria... sahiram todos brancos; ando infeliz, que quer você? ando infeliz. Eu tinha vontade de fazer alguma cousa mas, a sorte me foi adversa, ahi tens.

— Ah! querias arranjar moveis com a loteria?

— Então?

— Pois sim... E vais aos porcos?

— Vou. Não posso deixar o Fontainha sosinho com uma corda de caititús. Tu não sabes que é uma corda de caititús.

— Não sei nem faço grande empenho em saber mas, decidamos: onde queres que deixemos a chave da casa?

— Que casa?

— Desta.

— Pois vocês querem sahir?

— Certamente: amanhã mesmo.

— Porque?

— Porque o fim do mez está ahi e nós não temos vintem.

— Mas eu tenho carta de fiança, homem de Deus.

— Embora, estamos decididos.

— Ah! se estão decididos... Querem voltar para uma espelunca igual áquella da rua Formosa?

— Talvez, desde que nella possamos trabalhar.

— Ah! então vocês não podem trabalhar aqui?

— Não.

— Que falta?

— Tudo.

— Tudo! Já sei, decididamente vocês não nasceram para a ordem. Quem diz que em uma casa como esta não se póde trabalhar, meu amigo...

— Mas que temos nós aqui? Não podemos comer aquellas trutas e aquellas lebres e aquellas admiraveis frutas que lá estão pintadas na sala de jantar.

— Vocês não têm comida em casa porque não querem. Não têm o fogão, querem melhor? não está ahi o João de Deus?

— E o resto?

— Manda-se vir da venda.

— Quem paga?

— Arranja-se um caderno.

— Sim, arranja-se um caderno... e depois?

— Depois? Deus é grande!

— Ah! Deus é grande. Pois, meu caro Crebillon, apezar da immensidade de Deus e de todo o conforto desta casa, se vais aos porcos da Bocaina...

— Vou, não posso abandonar um amigo como Fontainha.

— Pois, então, quando voltares, procura a chave da casa no teu charuteiro.

— Pois sim, disse o abolicionista imperturbavelmente. E vocês para onde vão?

— Havemos de achar um quarto.

— Um quarto para todos?

— Para os que quizerem.

— Pois eu vou aos porcos, é uma questão de amizade. Por outro não iria mas, tratando-se do Fontainha, não hesito.

— Então estamos combinados, fica no charuteiro a chave.

— Sim, no charuteiro. E você não se esqueça de dizer para onde foi, porque, emfim, não nos apartamos brigados.

— Não.

— Eu já esperava esse movimento: vocês não podem viver sem as raparigas e como eu exigi toda moralidade...

— Sim, muita moralidade á mingua.

— Sim, sim, isso agora é a desculpa. Têm razão, são rapazes, é natural que amem.

— E que almocemos, pelo menos.

— Pois sim. Então no charuteiro.

— Sim, no charuteiro.

— Mas vocês hão de arrepender-se; banheiro e fogão como os desta casa vocês não encontram nesta cidade.

— Quanto ao banheiro posso emittir o meu juizo: acho-o excellente; sobre o fogão nada adianto: não lhe conheço os prestimos.

— Pois é uma peça sem rival.

— Póde ser mas, prefiro um simples fogareiro de espirito, desde que tenha na trempe uma frigideira a rechinar. Bem, adeus. Boa viagem.

— Obrigado. No charuteiro, hein?

— Sim, no charuteiro. Tornando á sala, enfurecido, Ruy Vaz communicou aos companheiros a resolução inabalavel do presidente:

— Pois que vá aos porcos e ao diabo! rugio Anselmo, eu é que aqui não fico mais um dia.

— Nem eu! disse o Toledo. Estou magro, tenho soffrido muito. Vou para a casa de meu primo. Elle tem insistido commigo para que vá occupar um chaletzinho do jardim, tenho relu tado porque não gosto de dever favores mas tambem com a vida que levo, dentro em pouco estou tisico, não vale a pena.

— Pois eu amanhã, bem cedo, vou ver o com modo que ha aqui na casa dos allemães, ao ladc disse Anselmo.

— Ha algum commodo? perguntou Ruy Vaz.

— Sala da frente e quarto.

— Toma-se. E o preço?

— Não sei.

— Vamos mandar o João de Deus indagar?

— Sim, vamos. Se nos servir podemos faze a mudança amanhã mesmo.

— Serve com certeza. João de Deus! ó Joã de Deus!

João de Deus, que andava melancolico, sen pre encolhido nos cantos a alisar o pello mac do gato que era a unica creatura que, naquel immenso palacio, vivia regaladamente, engo dando, porque não lhe fartavam ratos, na em casa, dalli haviam elles desertado cançad de esperar que se enchesse a despensa, con dantes, nos dias prosperos do titular, mas r visinhança, appareceu lento e molle e, sem a nunciar-se, ficou á espera na porta, mudo e c bisbaixo, retorcendo o boné lustroso. Ruy Vaz de novo bradar por elle, quando o vio naquel

attitude desconsolada de martyr, com os olhos no soalho.

— João, vai aqui ao lado e pergunta ao homem em que condições aluga os aposentos que tem. O negro sahio silenciosamente e os rapazes, que a colera allucinava, atiraram-se a Crebillon attribuindo-lhe todos aquelles dias de miseria negra e vasios, porque nem trabalhar podiam, obcecados pela idéa de que teriam conforto e abastança, esperando, a todo o instante, a chegada dos moveis e dos viveres, sem que nada viesse, obrigando-os a trazerem a casa modestamente fechada para que os vizinhos não vissem a nudez vergonhosa dos salões que já começavam a tresuar humidade. Ruy Vaz, que não desestimava o presidente, conhecendo-o do Norte, defendeu-o aceitando parte da responsabilidade:

— Eu devia prever tudo quanto se tem dado porque conheço Crebillon: é um sonhador, meus amigos, tem a alma de D. Quixote. No Norte a sua fama é grande, todos conhecem a sua historia que tem lances heroicos, porque esse visionario possue um coração excellente. Foi rico, herdou terras magnificas que produziam arroz e algodão e engordavam rebanhos. Com ellas recebeu escravos mas, não querendo desmentir a tradição de humanitario que o seu procedimento anterior havia creado porque, antes que aqui surgissem abolicionistas, já Crebillon andava em jangadas desviando negros para o Ceará e escrevia nos jornaes contra os «senhores» que o tinham como demagogo e varias

vezes armaram capangas subornados que elle teve de bater repellindo-os a tiro e á faca, libertou todos os negros certo de que, depois de tão expontanea generosidade, elles não o abandonariam. Enganou-se porque, em menos dum mez, não tinha em casa uma creoula que lhe fizesse o jantar, sendo forçado a tomar camaradas para que as terras não fossem invadidas pelo matto damninho e os rebanhos não abherrassem á falta de pastor. Depois, com idéas de beneficiar as terras, vendeu todo o gado e comprou machinismos complicados que ficaram ganhando ferrugem ao tempo á falta de quem os montasse porque o dinheiro era escasso. Desesperado, então, vendeu as terras com tudo que nellas havia e, abotoando-se com o dinheiro, desceu á capital, onde fez correr o annuncio de um jornal tremendo que seria redigido por elle e por outros parciaes das suas idéas, jornal republicano, abolicionista, anti-clerical e nativista, com o retumbante titulo d'*A Bomba*. Vinte numeros estouraram escandalosamente na capital; uma noite, porém, homens armados e mascarados, justamente quando as paginas desciam para o prelo, invadiram as officinas afugentando os poucos homens que nella havia e, derramando petroleo, lançaram fogo a tudo.

Na manhã seguinte, do escriptorio e officinas d'*A Bomba*, só havia cinzas e chumbo derretido, a mesma machina estava desconjuntada e inutil e Crebillon, quando chegou á sua tenda de trabalho, lançando os olhos pelas vigas carbonisadas, trepou ao balcão, que ainda fumegava, e heroico, sublime,

com o cavaignac relampejando, annunciou á multidão que *A Bomba*, como a Phenix da fabula, havia de renascer das cinzas. Effectivamente, tres dias depois, estourava de novo o terrivel jornal, sahindo dum escriptorio que o resistente pamphletario guarneceu bellicosamente como uma praça de guerra.

No artigo com que, de novo, se apresentou, estirou a lista dos apetrechos que havia armazenado. A enumeração enchia meia columna larga e desentrelinhada e continha de tudo, desde o montante pesado até o cartucho de dynamite, desde a lança até o casse-tête e havia um pequeno canhão com que elle contava arrazar a cidade, caso lhe fossem, de novo, destruir a casa. A policia, que não podia permittir esse arsenal, porque o annuncio, alarmando a população, ia provocando um exodo, intimou-o a entregar as armas. Crebillon resistio e a autoridade teve de invadir o escriptorio onde apenas encontrou, fechado numa gaveta, um velho revolver e resmungando num canto, com o cachimbo nos beiços, um negro cambaio que era o virador da machina. Crebillon soffreu um golpe rude quando soube que a policia lhe havia dado em casa antes que elle houvesse transportado para o escriptorio as velhas armas que adquirira. A noticia do encontro do revolver e do preto velho foi ironicamente commentada pela imprensa conservadora e pelo povo e Crebillon, sem a lenda, sentio-se desanimado para proseguir na sua campanha

regeneradora. Reunindo então a fortuna começou a viajar pelos sertões do Brasil — subio o Amazonas, penetrando, com a sua carabina e seis indios do Madeira, selvas nunca trilhadas pelo homem civilisado e descendo, ora por mar, ora em ubás pelos rios largos, chegou ao Rio de Janeiro donde seguio para o Sul a percorrer a região fria e desabrigada do minuano.

Lá teve amores e lutas, abalou com uma senhora que lhe penteiava o cavaignac e tocava Schubert em cythara e perdeu-a no Paraguay de uma febre — elle conserva o retrato e um dente dessa creatura formosa que se chamava Diana. Desgostoso, pensou em fazer-se monge mas, a idéa de raspar o seu viçoso e flammejante cavaigac que elle chama a sua «stalagmyte» fez com que, em tempo, recuasse do claustro e começou a negociar em tudo — foi a sua ultima loucura porque, em pouco tempo, ficou reduzido, sendo obrigado a viver de escriptas commerciaes com uma miseravel retribuição que não lhe dava para ostentações, obrigando-o a andar retrahido equilibrando a despeza, sem amores, sem aventuras, sem carabinas, sem cães. E' um sonhador. Estou certo de que, se elle tivesse alguma cousa não se limitaria a trazer o que enumerou no seu programma, muito mais traria mas, está exgottado, não tem vintem. Passa fome comnosco mas sempre a fallar em grandezas.

Pensam vocês que esse Fontainha, da Bocaina, existe? sonho, puro sonho. Nunca houve

na Bocaina, onça cotó nem porcos do matto, mas para que havemos nós de tortural-o, demonstrando que sabemos que nada disso existe? é o prazer do pobre homem contar essas aventuras terriveis: que matou, que esfolou, que fez, que aconteceu... ouçamos. Elle conta com graça, que mal nos póde vir disso? Bem sei que nos transtornou a vida mas não me revolto, tenho pena. Mais do que nós vai elle soffrer. E' um nortista influenciado vivamente pelo sol, é um homem de miragens, um visionario — acompanharia D. Quixote de bom grado e soffreria contente tudo quanto soffreu o heróe manchego e com uma superioridade moral — alegre, cantando sempre, mesmo quando tivesse dôres. E' preciso aceital-o como elle é, eu, que o conheço, quero que vocês o tratem com acatamento. Agora, por exemplo, elle está como um enfermo, soffre porque começa a entrar no real, vê que não póde cumprir a sua palavra e espanta-se de a haver dado e intimamente está elle, talvez, perguntando a si mesmo: « Mas como fui eu prometter a esses rapazes mobilia e manutenção se nada tenho? » e sabem lá vocês o soffrimento que isso é? Nada ganhamos com máo humor, temos de sair, saiamos em paz e alegres para que o pobre Crebillon não soffra.

—Eu não tenho queixa delle, disse o Toledo.

—Nem eu, ajuntou Anselmo.

—E' um visionario, que culpa tem elle disso? Elle diz que vai amanhã aos porcos na Bocaina...

com certeza não tem no bolso um tostão para ir á cidade. Eu conheço-o... Accendeu um cigarro e, só então, deu pela demora de João de Deus. E João de Deus que não vem.

Da sombra partio, muito lenta, a voz enfraquecida do negro.

— Estou aqui.

— O' rapaz, andas mysterioso. Então ?

— O homem aluga por oitenta mil réis a sala da frente e um quarto grande.

— E as condições? O negro baixou os olhos e balbuciou:

— Não tem, não, senhor.

— Dinheiro adiantado ou carta de fiança?

— Não perguntei não, senhor.

— Pois sim. Anselmo, que não tirava os olhos do negro, vendo que elle palpava a fronte e apertava-a, perguntou:

— Estás sentindo alguma cousa, João ?

— Eu? Vou amanhã para a Santa Casa, disse com voz surda, retirando-se lentamente, com mão na fronte.

– Que diabo terá o João de Deus?

— Ora! que ha de ser?

Na manhã seguinte, fresca e luminosa manhã, depois do banho, o ultimo banho sob o jorro copioso da calha que rivalisava com Paulo Affonso, Ruy Vaz e Anselmo, vestindo as calças menos surradas, foram bater á casa visinha. Quem lhes havia de apparecer? uma mocinha loura, muito branca e franzina. Duas rosas ornavam-lhe as

faces duma pelle assetinada e tenue, sob a qual como que se via o sangue circular em reticulas finamente pintadas em côr de céo sobre um fundo delicado e lacteo. Os olhos, dum profundo azul, pensativos sob as compridas pestanas recurvadas, tinham uma entristecida melancolia e pareciam lavados em lagrimas. Os cabellos eram d'ouro e brilhavam em duas tranças fartas, o collo cheio ondulava e a voz lembrava o som brando de uma cythara desferindo sentimentalmente uma ballada germanica; descerrou a pequenina boca fresca e sanguinea e, firme, com o seu avental immaculado, perguntou: « Se queriam alguma cousa ». Anselmo, arroubado, já cantarolava o:

Salve dimora casta e pura

Foi Ruy Vaz, mais frio e resistente ao amor, quem respondeu:

— Sim, senhora: queriamos ver os commodos annunciados. Gretchen fez um acceno muito sobrio com a formosa cabeça onde havia mais ouro do que em todo o Rheno, no tempo dos deuses e grave, num passo subtil e airoso, chegou a uma porta, deu volta á chave convidando com um gesto cheio de divina magestade a entrarem. Ruy Vaz passou primeiro e Anselmo seguio-o com o coração abrazado. Nem elle vio o estreito corredor sombrio, nem vio o quarto acanhado, nem vio a sala que tinha o papel desprendido, voando ao vento e buracos pelos cantos e placas de zinco

pregadas no soalho esfregado. Ruy Vaz examinava como um mestre de obras elevando os olhos da barra ao tecto, de onde a pintura esborcinada se ia despregando em laminas: Anselmo só via a face branca e as rosas, os olhos azues e as tranças, a boca pequenina e purpura e o collo que arfava... estava longe, andava em Gœthe, ia pelo Fausto...

Salve dimora casta e pura.

Ruy Vaz mordeu o bigode e, pondo os olhos negros no rosto purissimo da moça, disse com um sorriso:

— E' caro...! Ella, muito seria, encolheu os hombros mas caminhou, abrio as janellas — o sol entrou illuminando a sala, pondo uma grande alegria nos aposentos e muito brilho nos cabellos de Gretchen; a aragem fresca levou o cheiro de humidade deixando um suave aroma de rosas.

— Não é caro, disse Gretchen, como espantada.

— Não é caro, affirmou Anselmo.

— Com café de manhã...? aventurou Ruy Vaz e ella, sorrindo, com muita vivacidade e um brilho novo nos olhos celestiaes:

— Si, si... com café de manhã.

— E banheiro? perguntou o romancista.

— Si, disse ella, no quintal; banheiro de chuveiro, elevou o braço e fez graciosamente o gesto de quem puxa uma corda.

— E as condições?

— Como queira; não faz questão.

— E' a senhora quem aluga?

— Não, papai; mas elle não está. E encarando Ruy Vaz:

— O senhor mora aqui ao lado?

— Sim, senhora. Tomamos esta casa para um amigo que se casou no Norte. Elle devia chegar até o fim do mez; ante-hontem, porém, tivemos um telegramma no qual nos communicava a nova resolução que teve de passar a lua de mel nas margens do Rheno, no castello dum parente da mulher.

— Nas margens do Rheno? exclamou Gretchen maravilhada.

— Sim, senhora, nas margens do Rheno.

— Muito bonito! disse ella abrindo os olhos serenos.

— Muito bonito. A senhora comprehende que dois rapazes num casarão como esse...

— Ah! si... si... O senhor chama-se...?

— Ruy Vaz.

Ella repetio lentamente, sonoramente:

— Ruy Vaz... E o senhor?

— Anselmo Ribas.

Gretchen sorrio e, como nada mais tivesse a perguntar, ficou a brincar com uma das tranças olhando ao longe, extasiada.

— Bem; então podemos fazer hoje a nossa mudança? disse Ruy Vaz.

— Sim, senhor. E, tirando do bolso do avental uma pequena chave, entregou-a ao romancista

dizendo com um sorriso adoravel: Só t
uma...

— E basta, respondeu elle. Então até
Deu alguns passos para o corredor mas, voltou
amavelmente: A senhora...? E ella, compreh
dendo, avançou a cabecinha, com um dedo
collo farto:

— Meu nome?

— Sim, senhora.

— Carlota. Anselmo estremeceu lembrandc
de Werther: e, quando estendeu a mão á Carlc
sentio um fremito percorrer-lhe o corpo (
vibrou de amor. Carlota! e, sahindo, cantarol
apaixonadamente:

Salve dimora casta e pura.

Quando entraram no palacio, João de D
passeiava pelo corredor muito triste e o gato
e vinha miando, a esfregar-se-lhe nas pernas.

— João de Deus, tem paciencia, nós estai
com a corda na garganta, tu podes salvar-nos

— Eu? Ah! senhor Vaz, eu estou que n
posso commigo. E' para ir á cidade?

— Não, mais perto: aqui ao lado com os nos
trastes.

— Carregar!!?

— Sim, João, tem paciencia.

O negro tirou uma ponta de cigarro de traz
orelha e, com um suspiro, foi subindo as esca
vagarosamente. Os dois rapazes foram para

jardim e Anselmo, encostando-se á barra fixa, disse com melancolia como se previsse desgraças:

— Ah! meu caro Ruy... esta casa é um perigo.

— Perigo? perigo porque? e o romancista ia catando as rosas e as gardenias do jardim que a herva crescida desfeiava.

— Essa mocinha impressionou-me. Viste que lindos olhos? Não lembra a Margarida?

— Que Margarida?

— Do Fausto...

— Ora! Tu soffres de amor chronico, chronico e litterario. Na primeira mulata que te apparece vês Sacuntala. Já andaste a pensar em uma Haydéa que cosia para o arsenal; viste uma Morna na Praia Formosa; escreveste um conto á Miranda e agora estás suspenso dos olhos de uma Margarida que aluga commodos. Isso é doença.

— Mas que queres?

— Quero que não me aborreças com os teus amores. Olha, se vais para lá com essas idéas de idyllios, estás arranjado: os allemães são ferozes. Já é tempo de tratarmos da vida.

— Eu vou escrever e vou ver se o Heller monta *A Prophecia*.

— Qual *Prophecia*! Cuida de outra cousa.

— Achas, então, que o Heller não monta a minha peça?

— Tenho certeza. A litteratura dramatica, dramatica é um modo de dizer e litteratura é euphemismo mas, admittindo a expressão, a litteratura

dramatica entre nós está monopolisada por un pequeno grupo. Nem Shakspeare, se resurgisse conseguiria impôr-se aos emprezarios. A tua peç ha de morrer no archivo. Cuida de outra cousa Que fizeste do romance?

— Não sei. Com o primeiro capitulo João d Deus andou tapando fendas nos vidros, em cas de D. Anna, Amelia cortou o segundo para faze papelotes...

— Porque não escreves conto? tens tanta idéas...

— Mas quanto póde dar um conto?

— Um conto? nada.

— Então não pagam?

— Não. Se queres ganhar alguma cousa en prega-te como noticiarista e vê lá: não digas q tens a tua litteratura.

— Mas isto não é paiz! rugio Anselmo.

— E' a terra afortunada, meu amigo; quem n governa é um monarcha lettrado que traduz P trarcha e Byron e commenta Platão no origin

— Mas de que hei de viver então?

— Sei lá!

— Mas tu ganhas.

— Ah! sim: escrevo um romance de seiscen tas paginas e vendo-o por oitocentos mil réis. Achas que vivo...? Que lindas rosas, hein?

— São, respondeu Anselmo distrahido mas, tornando logo ao assumpto:

— Mas ouve: e se eu fosse pedir collocaçã n'um jornal...?

— Tens empenhos ?

— Não.

— Então, meu amigo... Ruy Vaz, com um esplendido ramo de rosas, encaminhou-se para a sala de jantar deixando Anselmo no jardim, preoccupado, a pensar na vida que lhe apparecia temerosa e nos olhos doce de Carlota, azues como dois pequeninos céos cheios de esperança, com um deus em cada uma das pupillas.

— Vem dahi, homem. João de Deus já nos está mudando.

— E não é que estou profundamente apaixonado ! ? murmurou o estudante encaminhando-se lentamente para a sala de jantar.

João de Deus, sempre gemendo, ia passando os trastes para a casa de Gretchen e, ao meio dia, já estavam armadas, no quarto acanhado, as camas de Anselmo e de Ruy Vaz e as duas mesas, o divan, as cadeiras guarneciam a sala no meio da qual foi estendido o tapete com a scena lubrica do serralho. O Toledo quiz ver a installação dos companheiros e achou-a confortavel sentindo, porém, não poder acompanhal-os, porque, como estava em vesperas de exame, ia, com o seu esqueleto, para a casa do primo, habitar o chaletsinho que elle lhe havia offerecido com a comida, á sombra quieta do pomar. Crebillon não apparecia; teria elle ido, como dissera, dar cabo dos minacissimos porcos que devastavam a roça de Fontainha? Elles não podiam ficar em conjecturas á porta do quarto do abolicionista

— tinham de ir arranjar os seus novos aposentc
e despediram-se da casa com a tristeza com qu
Boabdil despedio-se de Granada. Adeus, salõe
incommensuraveis, largos e desaffrontados com
planicies! Adeus, vastissimos e arejados quartos
Adeus, sala de jantar que faria as delicias dui
voluptuoso Apicio! adeus, fogão monstruoso
flammejante; adeus, cachoeiroso banheiro, jardii
redolente, adeus! O negro, fidelissimo e resignad
no momento em que os dois rapazes desped
ram-se pigarreou commovido:

— João, não te esqueças de nós; apparece d
vez em quando porque, no dia em que a sort
nos sorrir, tu, que tão dedicadamente nos acon
panhaste nos tempos amargos da desventura, ha
de participar do sorriso da fortuna. Por emquant
não podemos demonstrar generosamente a noss
gratidão mas, não vêm longe os dias prosperos: coi
fia e espera. João, de olhos baixos, ouvio sem pal
vra e, como os rapazes lhe estendessem as mão
o pobre negro ficou tão lisongeado que, apeza
da enxaqueca e da fome, sorrio desvanecido.

— Adeus, Toledo.

— Adeus, Anselmo. Adeus, Ruy...

— Apparece.

— Sim, hei de apparecer. E abraçaram-se.

— Ficas á espera de Crebillon?

— Não, mudo-me amanhã. João de Deus tom
conta da casa.

— Eu! exclamou o negro aterrado. E se o do
vier?

— Não ha perigo, João.

— Não, nhonhô, eu tenho muito medo de negocios com a policia. Eu, para acompanhar vosmecês, estou prompto, mas para ficar aqui sósinho, isso não.

— Quem sabe se tens medo de almas do outro mundo ?

— Eu ! não, senhor : tenho medo da policia. Sósinho, não senhor. Com vosmecês tudo está direito, mas, commigo, um pobre preto velho... o homem chega aqui, bate lingua e me atira ahi no cosmorama. Deus me livre! Sósinho não senhor.

— Então com quem ha de ficar a chave ?

— Fica na venda.

— Isso não. Para pôr termo á discussão Toledo resolveu ficar mais dois dias na casa á espera de Crebillon e, depois de novos abraços, trazidos até á porta da rua pelo anatomista, pelo negro e pelo gato, os dois partiram saudosamente para a casa contigua. Arranjando as estantes Ruy Vaz começou a fazer considerações litterarias.

— Vê tu, se um de nós fizesse apparecer num romance esse mysterioso João de Deus, a critica havia de bradar contra a inverosimilhança porque, sinceramente, é fantastico esse negro.

— Ou está alli um famoso idiota ou um santo.

— Um santo, Anselmo, um virtuosissimo santo.

— Receberá elle os sessenta mil réis do ajuste ?

— Sessenta mil réis ! mas onde Crebillon ha de ir buscal-os ?

— Pobre João de Deus!

— Pauperrimo! Bateram á porta do corredor, Anselmo foi abrir: era Carlota com uma salva na qual fumegavam cheirosamente duas chicaras de café. Anselmo sentio uma violenta pancada no coração como se houvesse estourado um dos vasos vitaes e tremulo, muito agradecido, tomou a bandeja das mãos delicadas de Carlota ella, porém, para lhe poupar o trabalho, relutou e, entrando, consentio apenas em que elle retirasse a chicara que lhe cabia indo ella mesma offerecer a outra a Ruy Vaz. O romancista, que estava de cocaras arranjando os ultimos raios da estante, ergueu-se alvoroçado e, chuchurreando o café que estava delicioso de gosto e de aroma, dirigia amabilidades á allemã, confessando que começava a achar encantador o aposento e propicio ao trabalho com aquelle silencio imperturbavel da rua e da casa.

— Os senhores são estudantes?

— Não, senhora: jornalistas. Dizemos jornalistas porque no Brasil o nosso mister não tem ainda classificação. Nós temos de pedir á imprensa um titulo de apresentação. Em verdade nada temos de jornalistas porque não escrevemos substanciosos e presagos artigos sobre os destinos da patria e sobre a sua miseria, não rendilhamos a chronica, nem alinhavamos a local: fazemos romances e contos.

— Ah! os senhores fazem romances?

— Sim, senhora. Carlota lançou a Ruy Vaz um olhar cheio de incredulidade.

— Como são os seus romances?

— Naturalistas.

— Ah ! naturalistas... O senhor tambem? Anselmo empertigou-se :

— Não, senhora ; eu sou romantico.

— Ah! romantico... Aqui os senhores podem fazer muitos romances.

— Pois não.

— Bem, até logo.

— Até logo, miss. Carlota tomou a bandeja com as duas chicaras escorrupichadas e foi-se graciosamente, deixando um leve perfume na sala e no corredor.

— E' amavel, hein ?

— Amavel ! pois sim. Pois tu não percebeste que essa gentileza foi um pretexto !

— Pretexto... para que ?

— Para que ella fizesse o inventario dos nossos haveres que são a garantia dos oitenta mil réis mensaes. Pensas, talvez, que a pequena quer começar o *flirt* com um de nós ? estás enganado — o que ella quer é garantir-se ; emquanto fallava, os seus lindos olhos azues, mais avaros do que dois judeus, iam examinando minuciosamente os moveis, os livros, os quadros e tudo mais que aqui ha e calculando precisamente o valor de cada um dos objectos. Ah ! meu amigo, essas creaturinhas romanticas não têm a alma de Jessica, têm a usura de Shylock — onde pensavas que existia amabilidade, só havia ronha e muita ronha. Naquelle peito farto não ha coração : ha

uma bolsa. Garanto-te que essa suavissima Carlota sahio daqui sabendo, melhor do que nós, o que ha nesta sala e naquelle quarto. Não te fies em olhos azues nem em vozes que lembram cytharas — essas creaturinhas são feitas de ganancia e de hypocrisia, sob essa apparencia mystica de anjos raphaelinos, ha almas asquerosas e repugnantes como as figuras de Goia.

— E tu que és pessimista!

— Não, é um engano teu: adoro a vida e agradeço-a a quem m'a deu. Nunca me ouviste imprecar, nunca me ouviste pedir a morte desesperado e enfarado do mundo — acho a creação maravilhosa, mas, meu caro, mestre Epicuro entendendo que o prazer é a base de todo o bem, não desconheceu a dôr, não supprimio as perfidias nem negou a existencia do mal. A grande sciencia do viver está justamente em saber a gente joeirar o seu trigo e escolher os fructos que deve saborear, para que lhe não succeda achar o veneno mortal onde só queria encontrar o sabor delicioso. A rosa é uma maravilha de composição, ella é a fórma, ella é a côr, ella é o aroma mas, se tu a colheres estabanadamente, podes espetar-te nos espinhos que a defendem — a sciencia está em conquistal-a sem magua. Eu não fallo mal de Gretchen, mostro apenas que ella tem espinhos porque tenho grande pratica da vida, conheço as rosas. Has de ver. Estás enamorado, quem te leva é o coração, és como um cego que vai guiado por um infante; has de sentir a pancada quando elle te

levar pelos labyrinthos estreitos. Pensas, com certeza, que ella está, como a sunamita, a enlanguecer de amor...? pois sim. Mette dinheiro na bolsa para o fim do mez, mette dinheiro na bolsa.

Anselmo amuou. Não podia acreditar que uma creatura tão formosa e delicada fosse capaz de representar o indigno papel de arroladora de moveis — via-a meiga, amavel, carinhosa mas, infelizmente, não durou muito a illusão. Dois dias depois de se haverem installado, á tarde, puzeram-se os dois a discutir o entrecho de uma revista de anno, porque Ruy Vaz entendia sabiamente que não valia a pena trabalharem numa peça emocional, como queria Anselmo, um drama forte no qual jogassem paixões e apparecessem, sobre um fundo da vida social, caracteres finamente, minuciosamente estudados.

— Meu amigo, façamos uma revista. Não temos emprezario nem publico para Arte. Onde entendes que deve trabalhar, com subtileza, o escalpello da analyse, mettamos um ruidoso adufe; em vez do dialogo brilhante, demos um rondó bregeiro; em vez do lance dramatico arranjemos um jongo, assim teremos applausos e o principal. O nosso theatro não é o que tu pensas. Leste nos criticos que o theatro é uma escola de Arte e de moral... isso não diz comnosco. A barraca de Nicolo Musso, de que falla Hoffmann, onde representou Salvador Rosa, valia mais do que qualquer dos nossos theatros que não são outra cousa mais do que umas

casas bufas e de erotismo disfarçado sob lentejoulas. Quaes são os nossos primeiros actores? são os que mais impressionam pela dicção, pelo gesto adequado e comedido, pela sobriedade da expressão, pela naturalidade? não, são os mais palhaços, são os mais grotescos. Tal é grande porque converte o rosto em mascara disforme, aquelle outro faz delirar a platéa com uma phrase descomposta, com um gesto indecoroso ou com um meneio impudico — elles collaboram com os autores os libretos são apenas indicações, a obra theatral é feita no palco — o escriptor dá o esqueleto sobre o qual os actores atiram a immundicie que elles chamam a graça e, com razão, porque o povo ri. As nosas primeiras damas, quaes são ellas? são as que melhor interpretam? não, são as mais bem feitas e as que se desnudam com mais impudor. Quando ouvires dizer, tu que ainda não conheces bem os segredos e a gyria dos bastidores «Fulana é a artista de mais talento dos nossos theatros,» convence-te de que a citada estrella é a mulher de pernas mais grossas e que não faz questão de as mostrar ao publico lascivo. As ovações delirantes são feitas á nudez, as flôres que juncam os palcos vão com direcção aos leitos e as artistas conhecem tão bem o seu publico que não dão um passo em scena que não seja requebrado e garantem as peças com os saracoteios. Quando annunciarem a queda duma dessas moxinifadas que dão aos seus autores o titulo de «laureados» podes dizer, com certeza, que os interpretes estavam

rheumaticos e por isso não puderam desconjuntar-se. O theatro nacional assenta sobre as cadeiras das mulheres—a nossa arte é uma saturnal com fogos de bengala e jongo. O jongo é tudo. Estamos como os de Israel em Pharan—desanimados e desprovidos: deixemos a Arte que é a deusa unica e verdadeira e adoremos o bezerro de ouro que é uma infamia. Sejamos romanos em Roma: vamos escrever uma revista. Fallava assim Ruy Vaz quando bateram á porta. Era Crebillon, ia despedir-se. Entrou um momento sem tirar o chapéo lançou um olhar aos tristes aposentos e suspirou:

— Deixarem um palacio por este tugurio... francamente!

— Mas aqui temos paz.

— E lá tambem teriam se houvesse ordem.

— E louça... O abolicionista fallou da sua caçada e, despedindo-se, offereceu a casa em que se havia aboletado — na rua d'Assembléa, por cima dum armazem de viveres. Uma vivenda principesca.

Correram serenos os primeiros dias; Anselmo, a mais e mais apaixonado pela meiga e loura Gretchen que enchia a casa com a sua voz crystallina, quando uma manhã Ruy Vaz, que se havia levantado muito cedo para corrigir as provas dum romance que vendera ao Garnier, vendo que elle não apparecia, chamou-o da sala annunciando-lhe o sol; o estudante, porém, não respondeu; o romancista, impressionado, foi ao quarto. Anselmo,

muito encolhido, voltado para a parede, ardia em febre.

— Tu estás com febre, homem.

— Sinto-me muito mal; dóe-me todo o corpo, não posso mover este braço.

— Mas que é?

— Lymphatite.

— Como diabo foste arranjar isso?

— Sei lá. Tu não conheces por ahi algum medico?

— Conheço; queres?

— Sim.

— Vou ver se encontro o Teixeira. O estudante tiritava e encolhia-se, emquanto o romancista preparava-se para ir ao banho.

— Queres que eu diga lá dentro que estás doente?

— Sim; é bom; póde acontecer-me alguma cousa.

— Qual; isso passa com uma xaropada qualquer.

— Não é tão facil assim, meu amigo — já estive entre a vida e a morte com um accesso destes. Não é tão facil assim.

— Pois eu fallo á Gretchen, á tua Gretchen.

— Sim. E o romancista, tomando a saboneteira, atirou a toalha ao hombro e seguio para o banheiro.

Logo que o romancista sahio, Anselmo, que nesse tempo andava extasiadamente pelas sagas, todo enlevado no amor ideal de Carlota, poz-se a compor um poema como o de Tristão. E, para que nada lhe perturbasse o doce sonho, nem a

visão, nem o ruido, voltou-se para a parede fugindo ao real para que o imaginario apenas dominasse. Estava alli como o valente e intrepido guerreiro depois da lucta tremenda com Morolt. A dor que sentia não era a de um abcesso que se ia formando, senão a de uma ferida ganha no estupendo duello em que se havia empenhado com o monstro mas, dentro em pouco, ella surgiria com o balsamo paregorico, ella, a divina Isolda, Isolda cuja voz abrandava a colera das vagas, Isolda que fizera, com temeridade, com que elle apparelhasse uma náo e sahisse ao mar affrontando tormentas e a desigual peleja com o gigante que era o terror e o flagello da Irlanda. Era tão suave aquelle idyllio espiritual que operava como um sedativo: as dores iam cedendo e elle sentia um bem estar geral de corpo e d'alma emquanto devaneiava, fugindo á realidade: mas o romancista reappareceu, esfregando a cabeça desesperadamente:

— Estás melhor?

— Ora! pensas então que isso vai assim? Olha o cordão lympathico; voltou-se e, arregaçando a manga da camisa, mostrou o braço nú, ampollado e rubro.

— O' diabo! exclamou Ruy Vaz. Isso até parece aneurisma. E deu-se mais pressa em vestir-se, impressionado com o que vira.

— Fallaste lá dentro?

— A pequena sahio com o pai. Está lá a velha, a Babel, confundindo as linguas e serzindo

meias. Não fallei porque estou certo de que havias de peiorar se aquella nixe viesse fazer-te companhia. Bem, agora fica tranquillo um instante emquanto eu vou, num pulo, á rua da Gloria ver o Teixeira. Accendeu um cigarro e, da porta do quarto, perguntou á meia voz:

— Tu não tens dinheiro?

— Nada... E tu?

— Ora! Isso é que é o diabo. Tu não pode ficar sem remedios e inanido. Como ha de ser Tambem para perder o dia na cidade á caça uns cinco ou seis mil réis magros e tu aqui abandonado não me parece razoavel.

— Olha, leva o meu Musset ao Cunha.

— Quanto póde dar o Musset?

— Não sei. Se queres leva tambem *Os Miseraveis.*

— Acho melhor. E que queres da cidade?

— Cigarros.

— Não, para o estomago.

— Sei lá! Não tenho apetite. Traze café.

— Bem, mas o essencial é o medico. Até já. Ruy Vaz foi á estante de Anselmo, tomou os dous poetas, fez um embrulho e partio.

Só, o enfermo tornou ao sonho mas, não com a mesma tranquillidade nem com o mesmo gozo porque outra visão surgia, por vezes, fazendo desapparecer a meiga Isolda: era o casal unido dos velhinhos: elle morto, ella longe!... Ah! se elles o vissem naquella extremidade, em tão triste abandono, sem ter á cabeceira uma pessoa amiga que delle cuidasse, que lhe refizesse o

leito, que lhe chegasse aos labios escaldados o copo d'agua fresca, que pensasse na hora dos remedios, que lhe preparasse a dieta! emtanto a mãi, sempre que praticava a caridade, dizia: « Deixem-me dar aos que precisam... tenho um filho, não sei que ha de ser delle neste mundo... assim, se elle, algum dia, tiver fome ou frio, Deus lhe ha de deparar alguem que lhe faça o mesmo que eu agora faço »... E, todavia, elle alli estava sosinho, talvez perto da morte, sem uma pessoa que lhe puzesse na mão a vela que illumina a sombra derradeira, sem uma pessoa que lhe ouvisse a ultima palavra, só, numa casa extranha, entre gente extranha que não fazia questão de permittir que o seu cadaver fosse levado na carrocinha para a valla commum.

E julgava-se uma victima da injustiça dos homens — sentia que não era um nullo, tinha grande confiança no seu espirito e como que pasmava de que o não julgassem como merecia. As idéas fervilhavam-lhe no cerebro, alli mesmo, sob aquella formidavel pressão moral, sentia-se como um genio e via as suas «creações» desfilarem aereamente, vindo de todos os lados, baixando do tecto, surgindo dos cantos, saltando das paredes e ouvia um sussurro como de muitas vozes á distancia, mas, tudo isso desfazia-se, sumia-se; elle tornava ao real, com a sensação de allivio de quem atravessa um tunnel e, depois da asphyxia subterranea, ganha de novo o pleno ar, a plena luz dos campos.

Voltou-se no leito doridamente; um relogio tinio. Que horas seriam? A sêde começava a abrazal-o; passando a lingua pelos labios sentio-os seccos, gretados. Ergueu-se com sacrificio, o braço encolhido, encheu o copo e bebeu avidamente, conservando-se um instante de pé, defronte do espelho, a mirar-se. Achou-se desfigurado, muito pallido, os olhos cavados, o cabello crescido e hirsuto, apalpou as pomas das faces, passou a mão pela fronte derreando o cabello e, lentamente, tornou ao leito mas com uma sinistra idéa no espirito. Estirando-se, passou e repassou a mão pelos ossos das pernas, moveu a rotula, abarcou as coxas, tomou entre dois dedos o apice dos illiacos depois, de uma a uma, as costellas, tocou os ossos da face e das temporas, circulou as orbitas afundando o indicador, por fim poz-se a arrepellar o couro cabelludo como se quizesse sentir todo o esqueleto. Era a morte — ella alli estava, debaixo daquella camada de carne que mal a encobria. Teve medo, sentou-se no leito lançando olhares vagos, procurando ouvir rumores, numa grande, inilludivel necessidade de vida. E como que lhe ia faltando o ar, o ambiente rarefazia-se. Ergueu-se, mergulhou os pés nas chinellas e sahio para a sala. A luz reanimou-o, respirou largamente, livremente e lançou os olhos ás estantes procurando um livro mas, bateram á porta. O coração teve um sobresalto e, commovido, ergueu-se da cadeira onde se havia deixado cahir e, pé ante pé, subtilmente,

encaminhou-se para o quarto; deitou-se e cobrio-se. Bateram de novo, fallou então:

— Entre. Era Carlota. Não o vendo na sala, a menina deteve-se perguntando: se podia entrar.

— Entre, miss. Estou de cama.

— Está doente?! exclamou ella penalisada.

— Bem doente.

— Mas que tem?

— Não sei. Meu companheiro foi chamar um medico. Entre. Ella atreveu-se, vagarosamente, como receiosa; vendo-o, porém, deitado, acreditou avançando então até o leito com uma physionomia preoccupada. Estava mais linda que nunca, seus cabellos brilhavam como se nelles houvesse um pouco do sol que andava lá fóra dourando as arvores; seus olhos pareciam mais azues, seus labios tinham mais cor e evolava-se um tal perfume do seu corpo que, mesmo á distancia como ella ficara, lá chegava ao enfermo beneficamente o delicioso aroma. Fitaram-se algum tempo; elle esteve para fallar-lhe do seu amor, propondo desposal-a mas o ar sereno, frio, indifferente da joven desconcertou-o.

— Tem febre?

— Muita, miss.

— Mas o medico vem, não é?

— Vem; meu companheiro foi buscal-o.

— Então... sorrio e disse, com um leve accento: Não ha perigo. Se o senhor fosse estrangeiro, isso sim! mas brasileiro, não ha perigo. Com licença.

— Pois não, miss. Sahio para a sala. Anselm
ouvia desvanecidamente o roçar leve da vassou
e o farfalho dos papeis varridos, depois as c
deiras arrastadas e as surdas pancadas do esp
nador nos moveis, até que ella appareceu d
novo á porta do quarto:

— Dá licença?

— Pois não. Tomou a bacia, despejou-a n
balde, segurou-o pela alça e, com o jarro na out
mão, sahio em passos subtis. Outra vez só, el
empenhou-se em uma lucta intima dialogando co
um outro *eu* prudente e covarde que lhe abra
dava e arrefecia os estos passionaes:

« Ora! que tem? fallo, digo-lhe a verdade; n
póde zangar-se. Que mal ha nisso? Se fosse un
proposta infame, mas... dizer-lhe que a an
muito e muito, consultal-a antes de pedil-a a
pai?» «E si ella revoltar-se?» «Revoltar-s
porque?» «Mas admittamos que se revolte...
«Não ha razão para isso...» «Ora, não ha razão
Não é em um quarto, dum leito, que um homem f
propostas de casamento a uma menina...» «M
se eu estou doente...» «Espere. Não é decent
nem é correcto...» «Correcto... pois fallo...
Que póde acontecer? Se ella tomar a mal e fall
ao pai, exponho francamente a verdade e fica
negocio resolvido...» «Pois sim...» «Pois si
mesmo...» Mas o balde tilintou no corredor.

— Dá licença?

— Pois não, miss. E Carlota entrou, poz e
ordem o lavatorio, substituio a toalha e, emquant

de costas, fazia, ás pressas, a cama de Ruy Vaz, Anselmo, com os olhos nas tranças louras, dialogava com o outro *eu* timido e victorioso:

« Então? porque não lhe fallas agora? Falla!...» «Fallo mesmo...» Mas não ousou sahir do silencio e foi Carlota quem o quebrou:

— E o senhor não come?

— Não sei ainda, miss; se o medico permittir.

— Pois sim. Nós podemos arranjar alguma cousa, não será bem feita mas, como o senhor não póde sahir...

— Ah! miss, muito obrigado. A campainha tinio e soaram passos fortes no corredor da entrada.

— Parece que está ahi o seu companheiro com o doutor. Bem, então, se precisar alguma cousa...

— Sim, miss.

— Até logo... e melhoras.

— Miss... sussurrou o enfermo mas era tarde: Ruy Vaz bradava do corredor:

— Então! como vamos? Oh! miss...

— Diabo! Justamente quando eu ia dizer-lhe tudo!

O Teixeira, medico e philosopho, era um bello homem, moreno e atarracado, de espessos bigodes negros, olhos vivos, gestos largos. Entrou desceremoniosamente, pisando forte e Anselmo, que mal o conhecia, sentou-se para recebel-o.

— A' vontade. Então que é isto? Ruy Vaz appareceu com uma cadeira mas, o medico já se havia sentado á beira da cama, emquanto Anselmo

arregaçava a manga para mostrar-lhe o braço. Elle curvou-se e examinou com cuidado, tocando o cordão que cedia mollemente ao tacto.

— Dóe?

— Muito, doutor!

— E' a primeira vez que tem isto?

— Não, senhor; tive em criança, mas não assim com esta violencia.

— Neste mesmo braço?

— Sim, senhor.

— Teve febre?

— Tive. Tomou o pulso e ficou um instante attento depois, voltando-se para Ruy Vaz que se conservava de pé junto ao leito:

— Tem ainda alguma mas pouca. Isto não tem valor. Vou fazer uma receita. Levantou-se e, emquanto lavava as mãos, perguntou:

— O senhor tambem é poeta?

— Não, senhor: estudo direito.

— Qual estuda! contrariou Ruy Vaz. Abandonou a academia no terceiro anno para fazer litteratura. E' mais um para a Fome.

O medico meneou com a cabeça e esticou o beiço desanimadamente:

— Ah! meu amigo, a litteratura, entre nós, não dá para o charuto. O nosso povo não lê por indifferença e por indolencia, nem mesmo tem ainda o espirito preparado para comprehender a obra d'Arte. O que elle quer, por emquanto, é o maravilhoso, está ainda no periodo infantil do deslumbramento. Quaes são os romances preferidos? são

os de complicado enredo, os magnificentes, os emmaranhados que não passam de ampliações de contos de fadas para crianças grandes. Não ha ainda o criterio esthetico, não sei se posso dizer assim — o leitor não se preoccupa com a substancia nem com a fórma — a inverosimilhança é o seu idéal, quanto mais irreal melhor. Dê o senhor a um homem um estudo minucioso de caracteres e uma fabula bem lentejoulada que elle não hesitará um momento. Se os senhores quizessem tentar o genero Ponson estou certo de que não se arrependeriam; mas psychologias... uhm! Voltou-se para Ruy Vaz: Agora eu te digo: tambem não vou muito com as taes psychologias. A sciencia tem seu lugar no real, o romance faz-se de sonhos e, mesmo para o equilibrio intellectual, acho necessaria a discriminação — a cada um o que lhe cabe: ao sabio a investigação, ao poeta a fantasia. Eu, por exemplo, depois de um livro scientifico gosto de repousar em uma pagina de Dumas ou de Mery, como depois de umas horas de trabalho no meu gabinete, sinto-me bem no meu jardim, olhando as flôres, ao fresco da tarde. E' um allivio. Não posso com as taes psychologias, são quasi sempre falsas — os autores não estudam caracteres, fazem-nos para as situações que imaginam. Ha cousas absurdas... Sentou-se á beira da cama e ia demonstrar a existencia das « cousas absurdas » quando Ruy Vaz chamou-o, puxando-o pela manga do casaco:

— Não, tem paciencia: vem receitar primeiro; tu, quando começas com a litteratura, não te lembras

de mais nada. Anda que o rapaz está ahi que não póde.

— Espera, homem; pedio o medico pachorrentamente.

— Não, temos muito tempo, receita primeiro.

— Não ha pressa; eu agora estou melhor, disse Anselmo.

— Isso não é nada. Levantou-se, deu um puxão ao collete e, coçando o pescoço, com a cabeça derreada, repetio: Pois é isso: no Brasil ninguem vive de lettras, isto é um paiz sem tradição, sem fastos. Quer saber? O Brasil começou escravo ganhou a sua liberdade e fez-se traficante e comboieiro, depois atirou-se a um balcão de negocio, não teve tempo de aprender a ler: é um analphabeto millionario. E' possivel que os netos venham a interessar-se pelas cousas intellectuaes mas, por emquanto, meu amigo, só ha uma preoccupação — é o café. Qual é o homem de lettras que, entre nós, vive exclusivamente da penna? Qual é elle? nenhum...

— Mas vem receitar, homem! insistio Ruy Vaz.

— Sim, já vou. Nenhum... E não é por falta de talento, aqui ha tanto talento como em França, ou mais! Repetio atirando um gesto violento: Ou mais! O senhor vê por ahi rapazolas sem exame de portuguez, fazendo versos que espantam. Meu sobrinho, o Alcêo, tu conheces, Ruy. E' um menino! tem quatorze annos... pois esse pequeno escreve poesias que admiram. Aquella que elle

publicou, a proposito do 28 de Setembro. Cravou os olhos em Ruy Vaz. Não te recordas... ?

— Sim, sim... Não satisfeito com a affirmação do romancista, o medico, unindo o pollegar e o index, numa voz melliflua, poz-se a recitar pausadamente, balanceando o corpo, fazendo sentir as rimas :

Salve ! emerito visconde
Que hoje nos meus versos lembro,
Pai dessa Lei de Setembro
Que os ventres santificou,
Salve ! heroe...

e por ahi vai. Não te lembras? Vai agora fazer exame de portuguez. E' o que eu digo : no Brasil ha talento de sobra... de sobra ! Encaminhou-se para o lavatorio e pôz-se a remexer como se procurasse alguma cousa.

— Que queres?

— Vocês não têm por ahi uma tesourinha de unhas ?

— Tem cá fóra.

— Pois é como eu digo : Forme-se, o senhor está no terceiro anno, pouco lhe falta; forme-se, tire o seu diploma e depois, nas horas vagas, escreva o seu soneto, a sua quadra mas, ouça a palavra de um experimentado : não queira viver de litteratura : o verso não paga a casa nem corre no armazem. Olhe o Alcêo... Eu acho que elle tem talento mas estou sempre a dizer ao pai : « Acaba com essa mania do pequeno emquanto é tempo,

antes que se torne um vicio porque depois, meu amigo...» Mas não, acham graça... Dá em poeta e elles hão de ver o bonito. Vamos lá á receita.

— Ora graças a Deus! exclamou Ruy Vaz.

— Homem, deixa-me prosar um bocado, tambem não é só medicina. Isso não é nada. Amanhã está prompto. Vem uma pomada e uma poção para tomar aos calices. Amanhã ou depois está prompto.

— E se eu peiorar, doutor?

— Qual peiorar! Isso não é nada. Em todo o caso eu, amanhã, dou um pulo aqui... e trago-lhe os versos do Alcêo, quero a sua opinião. O pequeno tem geito, vai ver. Versos no genero dos de Castro Alves, sabe? recitou soturnamente:

> E' a hora das epopéas,
> Das illiadas reaes...

Conhece? pois amanhã trago-lhe os versos. Mas nada disso, nada disso: que se forme primeiro, tire a sua carta e depois publique quantas poesias quizer. Antes disso, nada. Noutro tom: E' bom conservar-se na cama, ouvio...? coma pouco e tenha o braço em repouso. Vou fazer a receita. Consultou o relogio: O' diabo! Que é do papel?

— Cá fóra.

— Tenho de ir ainda ás Laranjeiras. Sahio para a sala e, pouco depois, tornou, com o chapéo e o guarda-chuva:

— Até amanhã; eu passo aqui. Tem ainda febre, mas pouca... Vêm tambem umas capsulas de

quinino. Isso não é nada. Póde tomar o seu leite, póde comer o seu bifesinho com batatas e... forme-se, aceite o meu conselho, depois de formado então faça o que lhe der na cabeça. Até amanhã. Se houver alguma novidade mande-me um recado á casa.

— Obrigado, hein, Teixeira! disse Ruy Vaz acompanhando-o.

— Ora, obrigado. Quando sahe o teu livro?

— Não sei ainda.

— Tu é que vais vivendo, hein?

— Pois não.

— Adeus! Vou ainda ás Laranjeiras. Até amanhã.

— Até amanhã.

— Que homem garrulo! exclamou Anselmo vendo Ruy Vaz apparecer com a receita.

— E' extraordinario! Esse Teixeira é tudo: elle é philosopho, elle é musico, elle é politico, elle é poeta... Esse menino Alceo de que elle fallou, que é um typo acabado de cretino, é o seu testa de ferro. Quando o Teixeira quer impingir alguma das suas composições, vem logo com o pequeno. Eu conheço-o! Durante a minha molestia ouvi todo um drama do menino Alceo... é um caso!

Oito dias depois Anselmo estava restabelecido mas não poude gozar a delicia da convalescença porque o allemão rosnava pelo corredor, achando longa a demora do pagamento. Carlota, carrancuda, fazia a limpeza dos aposentos sem pronunciar uma palavra: estavam de novo sitiados. Uma

manhã, muito cedo, Ruy Vaz levantou-se e com
çou a vestir-se apressadamente.

— Onde vais tão cedo, homem?

— Vou tomar banho. Estamos aqui, como Pa
em 70, sitiados pela Allemanha. Sempre que vo
ao banheiro o allemão agarra-me e pede-me, num
lingua medonha, o mez da casa porque estamo
quasi com o segundo vencido. Não estou para isso
Vou tomar o meu banho por ahi, descansada
mente, num banheiro magnifico.

— Onde?

— Por ahi. Que diabo! Ha muitas casas par
alugar, não é verdade?

— Sim...

— Pois é simples: levo daqui a toalha, o sabo
nete e o pente, peço a chave, a pretexto de ver
casa, tranco-me, corro ao banheiro, regalo-me
torno á venda, entrego a chave, tomo informaçõe
sobre o senhorio e ahi está. Queres vir?

— Vou. Tambem não tenho coragem de fall
ao allemão e córo diante de Carlota. E foram.

A vida, porém, tornava-se cada vez mais ape
tada e difficil—para não encontrarem o allemã
entravam tarde, pé ante pé, e sahiam cedo. Ruy Va
por fim, extenuado, installou-se no palacete do vi
conde de Montenegro, retirando, a pouco e pouc
os livros, os quadros flamengos, *A barricada*
outros pequenos objectos; Anselmo, só, ia cu
tindo a fome. Uma noite, muito enfraquecid
poz-se a procurar nas estantes desfalcadas algu
livros que lhe pudessem dar qualquer cousa:

restavam romances e alguns poetas inglezes, lembrou-se então da caixa de musica... Se elle a empenhasse? Estava perfeita, podia dar dinheiro — tomou-lhe o peso, era grande mas, como tinha um nickel, podia leval-a no bond até a rua de Gonçalves Dias e dalli, então, nos braços á casa de penhores. Decidio-se e, não ouvindo rumor na casa, estando a familia á mesa, sahio, pé ante pé, com o precioso fardo e, alcançando a rua, apressou o passo receioso de que o vissem. Na cidade correu immediatamente á travessa de S. Francisco, embarafustou por um dos compartimentos e, repousando a caixa de musica, propoz o penhor por tres mezes. O homem, muito sizudo, fez um momo rosnando: que aquillo não valia a pena.

— Está perfeita?

— Pois não. Elle poz-se a examinar, deu corda; as molas perras rangeram mas, o cylindro girou e a aria da *Jolie parfumeuse* tilintou alegremente naquelle canto mal alumiado. No cubiculo contiguo uma velha resmungava. Anselmo teve uma grande emoção ouvindo aquella aria alegre que lhe recordava os doces tempos da vida tranquilla, no seio da familia. As noites calmas, quando o velho pai, estirado no canapé, emquanto a mamãi cosia á luz do lampeão de kerosene e o gato ronronava pela sala, mandava vir a caixa de musica e adormecia ouvindo as peças que se succediam vivamente: *Les Porcherons... Aida...* O' doce tempo! O homem teve de perguntar duas vezes:

— Quanto quer o senhor ? porque o estudante, com os olhos humidos, andava pelo passado, revendo a ventura para o sempre perdida.

— Quanto quer o senhor ?

— Veja quanto me póde dar.

— Eu não costumo receber destes objectos... emfim : vinte e cinco mil réis, serve ? Elle sentio um sobresalto mas emendou :

— Trinta.

— Não ; mesmo ella precisa de uma limpeza em regra. Vinte e cinco.

— Vá lá... O homem fez a cautela que entregou a Anselmo com o dinheiro depois de lhe haver apresentado á assignatura um livro. Saindo para a noite alegre, fresca e estrellada, procurou immediatamente um hotel e repastou-se, suando copiosamente, seguindo para o theatro saciado e feliz. Representava-se a mesma magica em que Amelia apparecia, de fada. Elle foi vel-a á caixa e houve um longo idyllio—ella muito queixosa, elle inventando explicações. Vendo o Heller, pedio noticia d'*A Prophecia.* O emprezario nem se lembrava da peça que tinha tal titulo e foi necessario insistir para que elle exclamasse :

— Ah ! sim... Ha de ir... ha de ir...

— A peça tem elementos, senhor Heller.

— Pois não : ha de agradar, com uma boa musica. Mas, de cabeça erguida, poz-se a bradar : Olhem essas bambolinas ! Saindo, encontrou o Pedroso, seu antigo condiscipulo. Houve uma scena effusiva. O Pedroso arrastou-o para uma mesa,

mandou vir cerveja e, bebendo, fallaram dos destinos que haviam seguido. O Pedroso era professor, leccionava portuguez, arithmetica e geographia, estava em Catumby com o irmão e um companheiro, vivia bem, era feliz; Anselmo explicou os seus infortunios e o outro, muito franco, offereceu-lhe a casa, podia ficar com elle até achar collocação — era uma *bohemia* mas vivia-se. Anselmo encolheu os hombros. Ao fim do espectaculo, despedindo-se de Pedroso, foi para a *Maison Moderne* esperar Amelia; a actriz appareceu e Anselmo encaminhou-se para encontral-a.

— Vem ceiar commigo.

— Não posso.

— Porque?

— Se me tivesses fallado mais cedo...

— Com quem estás?

— Com uma besta que me persegue ha mais de um mez. Queres amanhã?

— Não.

— Então quando?

— Nunca mais! Bôa noite.

— Estás zangado? Elle não respondeu — seguio muito firme, indignado com o procedimento daquella mulher que fôra, a bem dizer, a causa da sua infelicidade mas, chegando ao corredor, ouvio a voz roufenha do Neiva e as gargalhadas do Lins que ceiavam no jardim, ao ar livre. Retrocedeu, não estava disposto para a troça, sentia-se acabrunhado, queria o isolamento, o grande silencio, a noite larga e muda. Sahio. Soprava

uma viração suavissima mas era grande o tumulto de gente e de vehiculos — luziam lanternas, um grande borborinho agitava a praça, as luzes dos botequins e das brasseries assoalhavam as calçadas. Um homem passou por elle cantando; longe trilavam apitos e, á porta do Coblenz, um rapazola embriagado, com o chapéo atirado para a nuca, a bengala erguida ameaçadoramente, cambaleava num grupo. Anselmo sentia-se fatigado mas não tinha animo de recolher-se á casa, lembrando-se do allemão. Que lhe havia de dizer de manhã quando elle fosse bater á porta do seu quarto? E Carlota? No largo de S. Francisco ouvio o relogio da torre bater uma hora, deteve-se indeciso. Por fim, resoluto, encaminhou-se para o Ravot. Dormiria no hotel e, de manhã, escreveria ao allemão que, não lhe podendo pagar, deixava com elle os moveis, pedindo apenas que lhe mandasse, pelo portador, os livros e a mala de roupa e, subindo a escada do hotel, lembrou-se do offerecimento do Pedroso — iria morar com elle até arranjar alguma cousa... que havia de ser? O criado levou-o por um longo corredor escuro. Num quarto aberto uma mulher, em camisa, na cama, com uma perna nua pendente, fumava voltada para a porta e havia gargalhadas, vultos brancos passavam ao fundo. Quando o criado mostrou-lhe o quarto, entrou, despio-se e, diante da cama estreita, á luz minguada da vela que ardia tristemente, interrogou-se de novo: « Mas que hei de fazer? » e, dum jacto, acudio-lhe ao espirito

o plano da sua grande obra : uma série de romances nacionaes que começasse no descobrimento do Brasil e terminasse... faltava-lhe o grande final, a luminosa apotheose. Elle via a terra virgem, as galéras, a grande cruz da primeira missa, a gente selvagem e a maruja bellicosa da Luzitania. Via o explorador varejando os sertões, via as missões, depois as bandeiras avidas e as guerras de disputa ensanguentando a patria; os galeões de Hollanda e da França e as naves portuguezas, as igaras tamoyas, o trafico africano, depois as cidades supplantando as florestas, o ouro e os diamantes attrahindo aos sertões o mundo ambicioso e os primeiros martyres e a primeira côrte, depois os heróes da independencia e o primeiro imperador e o segundo e os dias modernos mas, como havia elle de acabar ? de onde lhe veria o grande episodio... ? Accendeu um cigarro, deitou-se e, soprando a vela, ficou ainda algum tempo pensando no ultimo volume dessa grande série sem, entretanto, achar o episodio que a pudesse encerrar com uma apotheose magnifica.

IV

Tres dias depois, realizando o que havia imaginado, Anselmo installava-se em casa de Pedroso. O professor recebeu-o com alegria e, como elle levava apenas a canastra e alguns livros, tendo deixado o mais com o allemão, não houve necessidade de modificar a disposição dos moveis que eram poucos. Viviam na pequena casa, além do Pedroso, o macambuzio Alfredo que, sendo irmão do professor, parecia-se tanto com elle como com o terceiro, um hospede, o Raul, rapaz de vinte annos, que era uma montanha de carne. Com uma decidida vocação para o theatro estreára, aos dezoito annos, na Phenix Dramatica, com o Galvão, fazendo pequenos papeis com certa discrição e muito suor. Lembrava-se, com orgulho, dum « salteador » que interpretara com tanto talento que o emprezario, depois da primeira recita, querendo animal-o, disse :

— Raul, se não fosse a tua corpulencia, podias ir longe no theatro mas assim, filho, com tantas banhas, cansas depressa. E, effectivamente, cansou, ou antes: desanimou. A sua gordura caminhava com tamanha pressa tufando-lhe o ventre, enchendo-lhe as coxas e os braços que, se uma peça lograva fazer carreira, á vigesima representação Raul era forçado a recorrer ao alfaiate para que lhe alargasse as roupas que o constrangiam tolhendo-lhe os movimentos. Retirado do theatro, com o qual o toucinho o incompatibilisara, vivia melancolicamente engordando e recitando monologos pela casa quando não ia para a cozinha aguar o ensopado ou salgar a sopa. Mas a alma era grande, tão grande que, apezar da immensidade do corpanzil, ainda assim parecia impossivel que ella nelle coubesse. Pedroso havia conhecido o Raul na caixa da Phenix quando por lá andara enamoradamente com grandes ramos de rosas, seguindo os passos duma actriz. O professor tinha tambem uma certa « quéda » para o palco, se não fossem delicados escrupulos : a familia, os alumnos... teria aceitado um convite que lhe fez o Galvão no tempo do idyllio mas, o macambuzio Alfredo chamou-o á ordem salvando-o, em tempo, duma quéda fatal no conceito do publico e na comparsaria ; consolava-se fazendo « galáns » em theatrinhos particulares : era mellifluo e ajoelhava-se, com muita expressão, aos pés das damas e bem chegado á caixa do ponto para fallar do seu amor. Alfredo era

circumspecto—estudava sciencias exactas, não fumava, recolhia-se muito cedo e evitava os olhares das mocinhas da visinhança. Comiam em casa: o Raul cozinhava por economia e, á mesa, os companheiros gratos, ouviam a historia dos seus triumphos no theatro da rua d'Ajuda.

Anselmo, posto que não tivesse os commodos que sonhara, viveu com certo conforto, dormindo á sombra do Raul que roncava como um vulcão. Foi nessa casa que elle fez os seus melhores estudos litterarios. O Raul, que o admirava, ficando em casa emquanto os dois irmãos iam explicar o substantivo e os theoremas, mettia-se num canto com um maço de comedias e lia, rindo ás gargalhadas, emquanto Anselmo, de papo para o ar, ia devorando Shakespeare, Dante, Ariosto e quantos poetas lhe cahiam nas mãos, por emprestimo, porque os seus livros estavam lidos, relidos e vendidos. A' noite, ás vezes, serenatas passavam pela rua silenciosa enfurecendo os cães que investiam e Pedroso, sempre jocundo, abria as portas da casa ao grupo ou seguia com elle a percorrer o bairro adormecido. Anselmo nem sempre o acompanhava, preferia ficar preguiçosamente em casa lendo ou palestrando. Raramente descia á cidade — refazia-se physica e espiritualmente preparando-se para o grande dia em que tencionava apparecer sobraçando os originaes do primeiro volume da grande série. Os rapazes fallavam do seu desapparecimento, faziam conjecturas e elle continuava tranquillamente os seus estudos.

Ruy Vaz, installado definitivamente no palacete do visconde, engordava e tinha quasi concluido o seu romance. Um incidente, porém, alvoroçou o estudante: o Alfredo, sempre taciturno, descobrio, uma manhã, na fronha alva do travesseiro, uma mancha de sangue e, como houvesse na familia varios casos de tuberculose, ficou alarmado decidindo, desde logo, mudar-se para o campo onde houvesse ar puro e arvores e, com precipitação, não querendo dar tempo á molestia, metteu-se num trem e foi correr os suburbios achando uma casa modesta, de feição campestre, com vastissimo terreno arborisado e uma cacimba, em Cascadura, numa larga estrada quasi deserta que levava aos montes. A mudança foi feita num dia. Anselmo, á lembrança de viver em tão arredado sitio, hesitou antes de permittir que a sua canastra fosse despachada mas, o Raul e o Pedroso convenceram-no, fallando-lhe do grande silencio do campo, tão propicio á meditação e ao estudo e do bom ar saudavel e dagua excellente e dos saborosos frutos e Anselmo deixou-se levar não promettendo demorar-se porque tencionava arranjar um lugar na imprensa que, ao menos, lhe désse para casa e comida. E foram.

A casa era realmente pittoresca: toda branca entre a verdura dum pomar e unica na estrada areenta onde andavam soltos carneiros, cabras e grandes cevados grunhidores. Pequena, era, todavia, sufficiente para o grupo; só o Raul reclamou contra as portas estreitas; elle, que prosperava

em banhas, receiava que, uma manhã, accordando,
fosse obrigado a demolir a parede do quarto abrindo
uma larga brecha por onde passasse. Iam comer
a um hotelzinho onde a gente da Estrada de Ferro
costumava fazer os seus regabofes; de manhã,
saindo em grupo, iam a um kiosque para o café.
A' noite dirigiam-se á estação para conversar e
viam chegar e partir os trens e, quando os expressos
silvavam, ao longe, paravam agarrados ás columnas,
com os olhos além, até que, na grande
sombra, luzia o olho immenso da locomotiva, e vinha
crescendo, crescendo, ouvia-se o rumor e o chiado,
e rapido, repentino, o comboio passava levantando
um grande vento — mal se avistavam vultos brancos
e lá ia elle curveteando, era uma luzinha que
fugia como um vagalume e desapparecia na sombra.
Logo, porém, outro comboio, lento chegava parando
junto á estação, á espera de passageiros e outro
vinha da cidade, bufando; sahia a gente, a locomotiva,
desengatada, partia velozmente para a
manobra no virador e os empregados iam examinar
os carros, batiam nos eixos. Na plataforma illuminada
reuniam-se rapazes, moças passeiavam, e
uma velha negra, aleijada, cochilava num canto
diante duma bandeja, apregoando, de instante a
instante, com uma voz triste, cocadinhas e balas.
Anselmo achava aquillo hediondo.

A vida insipida e monotona enchia-o de um
grande tedio e desalentava-o. Da manhã á noite
era o mesmo, invariavel espectaculo da natureza
campestre, a mesma vida de rusticidade

Se chegava á janella, os olhos encontravam apenas a estrada larga e deserta muito branca, ao sol. De quando em quando, um homem que descia da sua roça, na vertente dos morros, sósinho, cantando ou com a bestinha lenta carregada ou as negras que tinham ido ás compras e tornavam aos seus casebres com os embrulhos, o cachimbo nos beiços, descalças, levantando uma poeira fina e dourada... e alli ficava horas e horas, sob a ardencia da luz, bocejando, somnolento e molle, ouvindo os silvos dos trens que passavam ao longe em grande velocidade. Nos fundos, era a larga e verde planicie cultivada, dividida em hortas e quintaes. Eram laranjaes dum verde forte e metallico, rútilo ao sol, carregados de frutos, milhos louros, canaviaes que sussurravam num mar verde e irrequieto. Um cheiro forte de seiva subia da terra morna que pullulava incubando a semente; aves andavam cacarejando e mariscando nos monturos e a uniformidade da paizagem dava uma impressão fatigante á vista, enfarada de arvoredo e de hervas rasas, onde não apparecia um vulto humano como se o mesmo sol fosse o unico encarregado da lavoura de todas aquellas terras fecundas que se estendiam dilatadamente perdendo-se num horizonte azulado de montanhas. Anselmo vivia vegetativamente como aquellas arvores fortes que alli estavam agarradas á terra, sugando-a; mas o que, em verdade, o prostrava era, por assim dizer, a propria fecundidade. Justamente elle estava como aquellas arvores fortes cujos ramos roçavam o solo vergados

ao peso dos frutos — elle sentia a inadiavel necessidade de expansão, o seu espirito começava a produzir exuberantemente, as idéas cahiam-lhe do bico da penna como caem dos galhos os frutos maduros mas, a sua actividade espiritual, que se ia despedaçando, dava-lhe uma grande tristeza. Tarde, ás vezes, não podendo conciliar o somno, emquanto os companheiros dormiam, abria a janella ao ar da grande e silenciosa noite campestre e, debruçado á mesa, lia e escrevia e, quanta vez o sol o encontrou absorvido na leitura ou rematando paginas. Um dia resolveu descer — não podia mais com aquella vida amollentadora e esteril. Pedroso tentou dissuadil-o propondo alguns discipulos.

— Não, vou arranjar trabalho. Sinto-me morrer aqui. Esta inercia acabrunha-me, não posso mais. Preciso trabalhar...

— Mas para onde vais?

— Não sei, hei de arranjar um jornal. Que diabo! é impossivel que não haja um lugar para mim e que não haja! aqui não fico... não posso, não posso! Pedroso encolheu os hombros resignado e Anselmo, resmungando, foi vestir-se.

— Vais sem almoço?

— Vou.

— Almoça primeiro, homem.

— Não.

— Que cousa! até parece que vais daqui offendido. Houve alguma cousa comtigo?

— Não, nada.

— Então ?

— Não posso com isto, Pedroso; estou ficando irascivel... Ha occasiões em que tenho vontade de chorar.

— Porque ?

— Sei lá, a tôa. E' este silencio, é esta monotonia, é tudo isto que me enfeza, que me irrita. Demais já é tempo de eu começar a fazer alguma cousa, estiolo-me aqui, apodreço na inercia. Preciso ir.

— Mas não vais zangado comnosco ?

— Zangado, porque ? Vou para não morrer de tedio. Comprehendes que não posso ficar aqui a olhar os milhos que amadurecem e as gallinhas que chocam; ha mais de seis mezes que ando nesta vidinha languida de *faineant* — é tempo de reagir.

— E se não achares emprego ? Com grande confiança elle affirmou :

— Hei de achar !

— Mas vens dormir aqui ?

— E' possivel.

— Bem. Já que insistes não quero contrariar-te. Mas a quem vais fallar ?

— Ao Patrocinio.

— Já o conheces ?

— De vista.

— Porque não arranjas uma apresentação ?

— Qual apresentação ! Vou e fallo : se me quizer aceitar, muito bem ; se não quizer, melhor.

— Qual ! tu tiveste algum aborrecimento, Anselmo.

— Não tive, palavra. O Raul, que acompanhara toda a scena sem intervir com uma palavra, disse humildemente :

— Commigo não foi.

— O' senhores, pelo amor de Deus, que mais querem vocês ? estou realmente aborrecido mas é disto! E, avançando impetuosamente para a porta, mostrou, num gesto largo, toda a paizagem quieta ao sol e as cabras que iam lentamente com as crias ao longo da estrada deserta e sem sombra. Isto é que me enfastia, é esta paizagem réles... Preciso sahir daqui senão estouro. E' hediondo tudo isto. E' hediondo ! O silvo de uma locomotiva atravessou os ares mornos. Anselmo tomou o chapéo :

— Adeus.

— Então até logo.

— Até logo.

— Não vais zangado ?

— Não vou, homem.

— Palavra ?

— Palavra. Adeus, Raul ! e, tomando a bengala, como a casa distasse muitos metros da estação, deitou a correr pela estrada poenta ao grande sol dourado e quente da manhã gloriosa.

Chegando á cidade, sentindo o grande influxo da vida, respirou desafogadamente. Sahia como dum balseiro ganhando a impetuosa correnteza dum caudaloso rio que o levava para o além, no curso formidavel e irreductivel das suas grandes aguas e seguio com a multidão, no enxame

fervilhante dos que chegavam pressurosos para o trabalho, á grande luz irradiante e alegre dum sol vivo de Janeiro. Para chegar mais depressa ao seu destino, tomou o primeiro bond que descia, cheio. Estava desconfiado, timido como se entrasse num paiz extranho; parecia-lhe que faziam commentarios sobre a sua pessoa e pôz-se a evitar os olhares, vexado. Devia ser por causa do cabello muito crescido que lhe chegava ao collarinho; passou a mão pela nuca disfarçadamente mas já ninguem dava attenção á sua presença e o bond rodava rapido. No largo de S. Francisco a multidão atarantou-o; esperou que o povo escoasse e seguio atordoado para a rua do Ouvidor. No escriptorio da *Gazeta da Tarde*, perguntando por Patrocinio, um homemzinho magro, de olhos miudos, fez um acceno preguiçoso com a cabeça como a dizer-lhe que subisse.

Elle empurrou a porta gradeada e passou, subindo á redacção. Um rapaz alto, vesgo, cahido sobre a larga mesa central, consultava uma collecção de jornaes, outro revia notas, de pé, diante duma secretária. Ambos voltaram-se ouvindo-lhe os passos.

— Senhor José do Patrocinio?

— Está occupado, disse o vesgo. Quer alguma cousa da redacção?

— Desejava fallar com elle mesmo.

— Elle está escrevendo o artigo, em todo o caso entre... E' alli ao fundo, uma salinha.

Agradeceu e encaminhou-se; subio dois degráos que levavam á salinha indicada e deteve-se

surprendido. O jornalista estava diante de uma pequena mesa, terminando o almoço. No chão repousava uma lata aberta e, sobre a mesa, ao lado dos pratos, a pasta, os livros, um maço de tiras, cigarros. Dando com Anselmo, o jornalista passou rapidamente o guardanapo nos beiços e, sorrindo, estendeu-lhe a mão.

— Ah! meu amigo desculpe-me. Estou hoje nos meus dias de trabalho, nem tempo me sobra para almoçar... depois, nos hoteis perde-se tanto tempo! Mandei vir isto e aqui, neste refugio onde me escondo dos cacetes, fiz o meu almoço. Curvou-se: Cesario! traze dahi uma cadeira. Então, que ha de novo? Como vamos de versos?

— Não faço versos.

— Ah! pois não... julga que não leio? sei dividir o meu tempo, meu amigo; tambem não hei de ficar na politica sómente. Tambem leio. Com licença. Levantou-se impaciente, foi á sala da redacção e voltou com uma cadeira. Isto aqui é assim — eu é que sou o criado. Sente-se. Offereceu cigarros e, muito amavel, cruzando as pernas, tornou desmanchando um cigarro:

— Então...?

— Vim pedir-lhe um lugar na redacção da *Gazeta*, se fôr possivel.

— Se fôr possivel...! exclamou.

— Posso escrever umas chronicas ligeiras, um ou outro artigo...

— Que um ou outro... você?! você vem substituir-me. Eu mesmo preciso de um homem

que me descance porque, com essa historia do artigo diario, nem tempo me sobra para cuidar dos interesses da folha. Venho de casa ás oito da manhã e aqui fico até ás duas da tarde enchendo tiras e aturando um mundo de importunos. Agora com você aqui a cousa vai ser outra... olá! Escrevo o artigo, entrego-te a folha e vou cuidar da vida. Inclinou-se e, attrahindo Anselmo, disse-lhe, como em segredo: Isto é jornal para dar uma fortuna mas, eu não posso fazer nada, estou preso... tendo, porém, um homem que queira trabalhar commigo, que queira trabalhar...! repetio arregalando os olhos e concluio: fazemos fortuna, meu amigo. Você quer trabalhar?

— Quero.

— Pois vamos fazer uma folha. Quando começas?

— Amanhã.

— Está feito. Onde estás morando?

— Em Cascadura.

— Que é isso, homem de Deus!?

— Que quer? tenho lutado com as maiores difficuldades. Estou lá com uns amigos.

— Não, mas precisas descer.

— Vou ver um commodo.

— E a questão do dinheiro? Anselmo sorrio dando de hombros. Não, é essencial — um homem de talento como você precisa de dinheiro. Eu, com o bolso vasio, sou incapaz de escrever uma linha. Isto de fingir indifferença pelo dinheiro é um

snobismo. Por emquanto não te posso dar muito mas... duzentos mil réis servem?

— Perfeitamente.

— Vê lá!

— Perfeitamente.

— Bem, eu mesmo vou escrever a noticia da tua entrada para a *Gazeta*. Tu tens talento.. Ah! eu não me engano. Lembras-te daquella noite no *Principe Imperial*?

— Dois dias depois da minha chegada de S. Paulo.

— Que discurso!

— Qual! Foi uma explosão de enthusiasmo.

— Sim, uma explosão... Foi o melhor discurso da noite. Eu fiquei assombrado tanto que perguntei ao Senna quem eras e foi elle quem me apresentou. Não te lembras?

— Lembro-me.

— Então? Tens muito talento. Vais fazer um carreirão. O diabo é a Cascadura...

— Mudo-me. Um rapaz appareceu á porta e Patrocinio, fitando-o, perguntou: Que é?

— O artigo...

— Tem muita pressa? pois eu não tenho. Quando estiver prompto irá. Olhe, leve d'aqui esta louça e diga lá ao Silva que não me mande mais bifes como o que veio hoje. Tornou a Anselmo: Então amanhã...?

— Amanhã. A que horas...?

— A's nove. Basta que estejas aqui ás nove.

— Muito bem, então até amanhã... Levantou-se e o jornalista, lançando-lhe os olhos á cabeça, perguntou :

— Você fez algum voto ?

Anselmo, comprehendendo, disse :

— De pobreza.

— Que diabo ! Parece que trazes comtigo todas as mattas dos suburbios. Corta esse cabello. Estás sem dinheiro, não é? Anselmo sorrio. Ah ! queres fazer ceremonia commigo ? Estás arranjado. Tirou do bolso uma nota e entregou-a a Anselmo sem olhar. Estamos então combinados: amanhã...

— A's nove horas.

— Eu vou escrever a noticia e, com um forte aperto de mão : Vamos fazer uma fortuna !

— Até amanhã.

— Até amanhã. Olha o cabello.

— Vou já ao cabelleireiro ; e, com o coração aos pulos, Anselmo desceu as escadas.

Fóra, deteve-se algum tempo á porta, indeciso, vendo a gente subir e descer na faina do trabalho ou lentamente, lançando olhares curiosos ás vitrinas, com grandes pausas, os desoccupados que faziam a sua volta elegante, com ostentação e garbo ; depois lançou-se á rua, seguindo para um cabelleireiro. A' entrada, porém, vendo a sala cheia, recuou timido: não tinha animo de sentar-se diante de tanta gente, com uma viçosa cabelleira de nabi. « Não, córto lá em cima... » disse descendo as escadas. Logo á porta encontrou o Neiva

com um rapaz moreno, erecto, muito grave num terno que tinha todas as cores do iris e um chapéo branco que começava a ser cinzento, gravata azul, salpicada de ouro, em grande laço fôfo que se derramava, com escandalo, sobre o peito, bengalão, ou antes, cajado e sapatos fuscos. O ar era o de um diplomata mas, o terno... O Neiva abrio os braços exclamando :

— Salve ! onde tens andado, homem de Deus ! ? Que é feito de ti ? Amelia anda inconsolavel. Creio até que já se cobrio com um crepe. Anselmo contou a sua odysséa e o moreno, sempre firme como um poste, enrolando um cigarro, perguntou :

— E' o senhor Anselmo Ribas ?

— Sim, senhor.

— Não se conhecem ? ! exclamou o Neiva.

— Não.

— Ora ! pois então vamos alli ao Cailtau, quero fazer a apresentação em regra. Caminharam e, logo que chegaram á confeitaria sombria, o Neiva, batendo em uma das mesas, encommendou tres grogs; sentou-se e, alongando o pescoço, rompeu a rir com grande espanto dos dois rapazes.

— Que é ? perguntou o moreno.

— Que diabo têm vocês na cabeça ? o moreno estava nas mesmas condições em que se achava Anselmo : as cabelleiras desafiavam-se.

— Eu só corto os cabellos no dia em que me empregar, porque então poderei comprar um travesseiro.

— Pois eu vou cortar hoje a minha grenha porque estou collocado. Podem dispor de mim na *Gazeta da Tarde.*

— E de mim *urbi et orbi*, disse o moreno.

— Mas, que diabo, ainda não fiz a apresentação. Este senhor que aqui está, açafroado e firme nos seus principios, é Fortunio, de Maceió, poeta lyrico em disponibilidade. Morria de tedio na provincia quando, vendo um paquete prestes a levantar ferro para o Rio, resolveu metter-se a bordo. Como sabe de cór todos os versos que tem escripto, como Bias, não se preoccupou com a bagagem. Na Bahia comprou duas laranjas e, a bordo, nem elle sabe explicar como, attribue á influencia benefica de Apollo, nunca lhe pediram contas; fez-se amigo de todos e, chegando ao Pharoux no bote de uma familia, encaminhou-se para a rua do Ouvidor com as duas laranjas.

— Que eram lindas! exclamou o moreno.

— E vendeu-as n'*O braço de Ouro* por mil réis.

— E com esse dinheiro comecei a minha vida.

— E onde foste morar? perguntou o Neiva.

— Na rua do Regente, com uns amigos de Alagôas.

— E ainda mora lá? perguntou Anselmo.

— Não, agora não moro: as casas custam um horror.

— O senhor tem um soneto...

— O *Lenço*. Já sei que vem fallar do verso:

Pando, enfunado, concavo de beijos...

— Justamente.

— E' isso!... tenho publicado não sei quantos sonetos e só me fallam desse...

— E' bello!

— E o senhor? que faz? quando pretende publicar o seu volume?

— Quando Deus quizer. Fallavam quando Patrocinio appareceu afogueado, rindo. Dando com os rapazes, arrastou uma cadeira e sentou-se á mesa, respirando cansado:

— Ah! E você ainda não deitou abaixo a floresta! disse vendo os cabellos de Anselmo.

— Parte, tornou o Neiva, o cabelleireiro disse que Roma não se fez em um dia: elle volta amanhã para concluir a derrubada. Riram. Patrocinio sorveu um gole e, depondo o copo, disse recostando-se mollemente:

— Leiam a *Gazeta* amanhã: Sansão faz a sua estréa. Fortunio, placidamente, alisando as calças, perguntou:

— Queres um soneto, José?

— Não, não quero... Este idiota...! pois então eu rejeito versos teus?

— Não sei.

— Dá cá o soneto, deixa-te de luxos.

— Vou escrevel-o, espera. E, chamando o caixeiro, pedio uma folha de papel, penna e tinta. Emquanto escrevia, Patrocinio dirigio-se ao Neiva:

— Se esses rapazes quizessem, que esplendido jornal podiamos nós agora fazer, hein? Imagina: tu

com a direcção da reportagem, este com a chronica litteraria, Fortunio com a chronica mundana e eu com o artigo e o noticiario.

— O noticiario! tu? estás louco! exclamou o Neiva.

— Como louco?

— Pois tu lá és homem para fazer noticias, José?!

— Como não? Para mim são as duas cousas sérias do jornal: o noticiario e a gerencia. O artigo de fundo não é mais do que uma grande noticia desenvolvida.

— De accordo, mas tu queres encher o jornal com artigos de fundo?

— Não, mas quero a noticia feita com talento: é preciso que a local emocione. O publico tem necessidade destes choques violentos; o melhor jornal é o que mais commove, isto é, o que explora, com mais habilidade, o emocional. Queres ver? lê o mesmo facto em dois jornaes. Aqui a cousa resumida e secca: « Estando hontem a trabalhar no andaime do predio em construcção á rua tal, numero tantos, perdendo o equilibrio veio abaixo o pedreiro fulano, morrendo instantaneamente. O cadaver foi recolhido ao necroterio. » Está ahi tudo — o desastre, as consequencias do desastre, o destino que teve a victima; pensas que basta isso ao leitor? estás enganado. A noticia, para agradar, deve ser escripta nestes termos. E, inclinando-se sobre a mesa, Patrocinio, passando o dedo pelo marmore, como se escrevesse,

exclamou: GRANDE DESASTRE! em letras garrafaes... Agora o caso, com todos os temperos:

« Quando, ao romper da manhã de hontem, fulano de tal, homem laborioso e honesto, que só via Deus no céo e a familia na terra, sahio de casa contente pensando nos filhinhos que haviam ficado adormecidos, mal podia suspeitar, o infeliz, que nunca mais tornaria áquelle lar e aos carinhos dos seus porque a morte insidiosa já o esperava no proprio posto do trabalho. A fatalidade... » por ahi além num tom pathetico. A descripção da quéda com uma onomathopéa para o bater do corpo na calçada, o esphacelamento do craneo, os miolos salpicando os páos do andaime, os olhos saltados. Depois o necroterio, a chegada da viuva com os filhinhos, o enterro, o lucto e a miseria no lar, finalmente, como remate, um commentario sobre a fatalidade. Não imaginas como uma cousa dessas impressiona.

Fortunio, que terminara o soneto, entregou-o a Patrocinio que o leu alto, com enthusiasmo, estendendo a mão espalmada ao poeta: — Obrigado! Mas, continuando: O Jornal substitue a bema do Pnix e a arena; se nelle são discutidas as grandes questões sociaes, nelle tambem devem apparecer as grandes scenas vibrantes. O povo é barbaro e, como não tem mais as luctas sangrentas, satisfaz-se com as descripções tragicas: o assassinato de um homem, num canto de estrada, sendo descripto com talento, agita mais a massa do que a noticia secca da derrota dum exercito. Mas, os

meninos não querem comprehender assim, entendem que o noticiario é humilhante e fazem cara quando se lhes pede uma noticia. Pois serei eu o noticiarista. Deixem-me com a gerencia e com o noticiario que, em menos dum anno, ponho ahi um jornal como o *New York Herald*. Queres tomar conta da reportagem?

— Tomo.

— Palavra?

— Palavra, homem! Mas, um sujeito aproximou-se e chamou o jornalista á parte. Estiveram algum tempo conversando, de pé; de repente o Neiva bramio:

— Então, José!

— Já vou, espera um instante. Olha que essa despeza está paga. O Neiva voltou-se para Anselmo:

— Então vais trabalhar com o Zé do pato?

— Vou.

— Fazes bem. Elle é o hierophanta. Considero-o o primeiro homem do Brasil. Sei que ha outros mais eruditos: elle, porém, é o mais fecundo, é o de maior cerebro. Dá-me a impressão de uma selva virgem, é um espirito onde apenas trabalhou rudemente o machado do lenhador. Os artigos dos outros que por ahi ha são bem feitos alguns, outros detestaveis, sem bom senso e sem grammatica mas, eu refiro-me apenas aos que podem resistir á analyse; têm fórma mas não emocionam como os deste bruto. Posso chamal-o bruto porque os gregos chamavam a Demosthenes — o *monstro*. Mas é isto: os outros artigos são

como a colheita de um campo intensivamente cultivado, são paveias; os do José não, são como immensos jequitibás que vêm possantemente arrastados do fundo da selva virgem — são colossos cheios de seiva que passam fragorosamente mas, dentre a folhagem verde, saem gorgeios de ninhos que vêm presos aos ramos e pios d'aves que vôam acompanhando a arvore que era, por assim dizer, a sua cidade. E' a minha impressão. Num artigo de José ha imagens para vinte artigos — elle não trabalha com as dynamisações: é um nababo de materia prima. Basta isto: a campanha abolicionista... pois é um diabo que, ha não sei quantos annos, escreve sobre este thema: o senhor e o escravo — sempre com uma imagem nova e magnifica de esplendor. Elle fere todos os assumptos: elle entende de cambio, discute a politica internacional e as philosophias, é catholico e faz conferencias sobre budhismo, pharmaceutico, trava polemicas sobre mechanica com os engenheiros, dá planos estrategicos, escreve romances, sermões, panegyrias, libellos, é eleitor e tem voz de barytono; não é um homem, é uma complicação genial. Para mim elle é quem ha de personificar a época tremenda que atravessamos. Desse cháos negro é que ha de sahir a luz. Se o José não tivesse nascido no Brasil, se tivesse nascido em Pariz, por exemplo, seria uma celebridade universal. E' um bruto! Garção, outro grog! Você não bebe? Fortunio estava triste, de olhos baixos. Queres mais um grog?

— Não: vou comer uma empada.

— Ainda não almoçaste?

— Almocei hontem.

— Porque não disseste, homem. Eu tenho aqui.

— Tambem eu, disse Anselmo.

— Então jantarei. Antes, porém, vou tirar este peso da consciencia; e metteu os dedos pela gaforinha.

— Vamos juntos, convidou Anselmo.

— Ao mesmo cabelleireiro! exclamou o Neiva. Vocês entulham o salão.

— Uma empada, disse Fortunio, em segredo, a um dos caixeiros.

— Vais comer empadas agora? Olha que perdes o apetite.

— Quem me dera! Ainda que o perdesse elle havia de voltar na manhã seguinte, como o annel de Polycrates. Depois, eu tenho um vermouth magnifico.

— Qual?

— A fome: quem tem fome tem apetite.

— Bem, vamos sahir. Que é do José? Patrocinio havia desapparecido. O Neiva levantou-se justamente quando o caixeiro entregava a Fortunio uma empadinha espetada num palito.

— Agora tenham paciencia; deixem-me comer em paz. Os dois esperaram e, logo que o poeta mastigou o ultimo bocado, encaminharam-se para a porta: Fortunio, sempre erecto, como se tivesse o rei na barriga, quando tinha apenas um grog

e uma empadinha de tostão. O Neiva despedio-se.

— Perdão. Não te esqueças do meu almoço de amanhã, disse o poeta.

— E' verdade. Passou-lhe disfarçadamente uma nota e seguio :

— Até logo !

— Até logo.

— Vais ao theatro ?

— Pois onde hei de ir ?

— A qual ?

— A todos.

— Então encontramo-nos.

— Com certeza.

— Até logo !

— E nós agora ? vamos cortar as tranças.

— Sim, vamos. Temos alli na rua de Gonçalves Dias...

— Não, nada de ostentação. Vamos á rua 7. Ha um cabelleireiro que faz abatimento quando se corta em porção, como nós. O diabo é que eu fico sem travesseiro. Emfim ! E encaminharam-se para a rua 7.

Jantaram juntos, no *Renaissance*, e, ás sete horas da tarde, Fortunio seguio para a rua do Riachuelo despedindo-se de Anselmo que ficou na cidade, dissipando em livros, na rua de S. José, o dinheiro que lhe havia dado o Patrocinio.

Foi nessa noite que, por intermedio do Freitas, um satyrico bahiano, elle conheceu Octavio

Bivar. Desciam a rua do Ouvidor quando encontraram o poeta diante de uma vitrina admirando os braceletes que faiscavam nos escrinios de velludo. O Freitas atirou-lhe uma palmada ao hombro; o poeta voltou-se repentinamente, espantado, dando, porém, com elle, tranquillisou-se.

— Que fazes ahi?

— Admiro. E tu, como vais?

— Bem. Conheces aqui o Anselmo?

— De nome.

— Este é o Bivar, o homem que ouve estrellas. Vamos tomar alguma cousa.

— Podemos ir.

— No Deroche.

— Não, aquillo alli é impossivel; não se póde estar á vontade. Vamos ao *Gambrinus*, é uma bodega honesta e desconhecida ainda.

— Na rua 7?

— Sim. Dirigiram-se pausadamente para a cervejaria e, logo que se abancaram, o Freitas atirou-se aos tremoços pedindo ao poeta que recitasse alguma cousa. Bivar desculpou-se, andava atropellado, não tinha tempo para escrever um verso, uma vida de cão, perseguido por um senhorio inclemente. Podia recitar qualquer cousa antiga...

— Pois sim. O *Julgamento de Phrynéa*, por exemplo. Tu não conheces, Anselmo?

— Não.

— E' uma cousinha, disse o poeta, pigarreando. Voltou a cadeira, fincou o cotovello na mesa,

lançou um olhar pela casa e, com os dedos enfeixados, disse solemnemente, num tom profundo, balançando o corpo :

> Mnezarete — a divina e pallida Phrynéa —
> Comparece ante a austera e rigida assembléa
> Do Areópago supremo. A Grecia inteira admira
> Aquella formosura original, que inspira
> E dá vida ao genial cinzel de Praxiteles,
> De Hiperides á voz e á palheta de Apelles.

....

Os olhos immensos do poeta saltavam á flor do rosto e rolavam num extase divino; elle erguia-se, como que uma força mysteriosa o suspendia, por vezes, da cadeira e a sua voz, cáva e lenta, tinha alguma cousa de prophetica como se viesse dum adyto pronunciando oraculos. O Freitas, embevecido, dava com a cabeça, cerrava os olhos e mastigava tremoços; Anselmo fitava o poeta com admiração. Ao fundo da casa dois homens, em mangas de camisa, fallavam alto. O Freitas não se conteve, voltou-se com um « psio ! » e os homens, começaram a sussurrar — só a voz do poeta rolava, profunda e grave, num turbilhão de rimas sonorosas.

— Admiravel! exclamou o Freitas quando o poeta, num gesto largo, repetio as palavras de Hiperides:

> « Pois condemnai-a agora ! — »

Arrancando dos hombros da hetaïra a tunica que encobria o seu maravilhoso corpo. Não ficaram,

por certo, mais maravilhados do que os dois rapazes, os velhos austeros do Areopago.

— Soberbo! exclamou o Freitas reclamando mais cerveja. Anselmo ficou algum tempo a fitar o poeta, sem dizer palavra, arroubado.

— Agora, o senhor: recite-nos alguma cousa.

— Isto não faz versos, disse com desprezo o Freitas. E' só prosa chilra.

—Faz muito bem. A prosa, se não tem a nobreza do verso, é mais ampla, o pensamento move-se livremente no periodo sem os apertos da metrica, sem a preoccupação monotona da rima. A prosa! a excelsa prosa! Não imagina como eu amo a prosa, acho-a mesmo mais difficil que o verso. A prosa marmorea de um Flaubert, de um Saint-Victor... oh!

— Preferes, então, a prosa ao verso?

— Prefiro.

— E porque não fazes, de preferencia, prosa?

— Hei de fazel-a.

— Ora, qual!

— Has de vêr.

— Tu és poeta e has de ser sempre poeta, homem, quer queiras, quer não queiras.

— De accôrdo, mas poesia não quer dizer rima, poeta não é aquelle que faz estrophes. Ha por ahi muito animal que faz versos impeccaveis e que tem tanto de poeta como eu tenho de cantor de arias. A estrophe é um excipiente, é um meio de expressão, é a plastica — o sentimento é tudo.

— A proposito de poetas, disseram-me que tu assassinaste aquelle poeta que andava comtigo?

— Que assassinei...!

— Sim...

— Perdão... Eu conto o caso. Esse poeta, que era o meu algoz, foi jantar commigo e comeu desbragadamente. Só havia um prato mas, abundante: bacalhau. O homem empanturrou-se e, á sobremesa, que constou de uma penca de bananas, recitou-me o famoso soneto *Dor*! que terminava por um terceto abracadabrante :

> Africana sem fim a marchar sem chapéo
> Cheia de magua e dor a mãi tonitruosa
> Uiva como uma cobra através do escarcéo...

Eu, quando ouvi taes cousas, tive impetos de esganal-o, confesso, mas contive-me, fui prudente; o homem, porém, depois do jantar, acompanhou-me e quiz dormir commigo. Foi. A's duas horas da manhã accordou avido, pedindo agua. Eu, que estava morto de somno, disse-lhe que não tinha agua no quarto. Elle uivou: « Que morria! » Eu, então, para livrar-me de tal monstro, disse-lhe: Vai ao banheiro, abre-o e bebe no chuveiro... Disse e voltei-me para a parede recahindo no somno. De manhã o homemzinho estava a estourar, arfava, urrava, vociferava :

> Africana sem fim a marchar sem chapéo...

Foi transportado para a casa da familia em carro e curou-se. Ainda, depois disso, ouvi o

soneto tremendo ; elle morreu depois, duma febre. Era hediondo ! Levantaram-se. A noite negra ameaçava.

— Parece que vem muita chuva.

— Parece.

— Eu vou já para casa, adeus ! Vocês ficam ainda por aqui, não ?

— Ficamos, disse Anselmo. Eu, com uma noite destas, não me atrevo a ir á Cascadura.

— Está em Cascadura ?

— Estou, mas desço amanhã ou depois, mesmo não posso morar tão longe trabalhando em um jornal da tarde. Entrei para a *Gazeta.*

— Ah !

— Bem, adeus, rapazes ! disse o Freitas.

— Adeus ! E nós ?

— Vamos dar uma volta por ahi. Eu adoro esta cidade á noite.

Seguiram lentamente. Fulvos relampagos fremiam encandescendo o céo ; raros transeuntes, presentindo a tempestade, apressavam o andar ; de espaço a espaço uma rija lufada levantava columnas de poeira ; batiam janellas e rumores longinquos de trovões rolavam surdamente.

— Em que jornal trabalha ? perguntou Anselmo rompendo o silencio.

— Eu ? não trabalho em jornaes : considero a imprensa uma industria intellectual. Entra a gente para o jornalismo com um bando de idéas originaes e retalha-as para o varejo do dia a dia. Quando vejo um poeta ou um prosador a fazer

noticias tenho piedade. Que diria você se encontrasse o Dalou, o grande Dalou, em casa dum marmorista da rua da Ajuda, com um gorro de papel á cabeça, talhando, no marmore industrial, anjos funereos para as sepulturas de Catumby ? E' ignobil ! O jornalismo está para a Arte como um desses anjos bojudos de cemiterios estão para o Laocoonte. Eu, se me mettesse a fazer noticias, enlouquecia; sinto-me incapaz, a local aterra-me. Fui uma vez fazer a mais simples das noticias: um caso de desastre em bond ; pois, meu amigo, sahio-me um substancioso artigo politico. Quem é que póde compor um periodo perfeito numa sala de redacção, interrompendo-se, de instante a instante, para acudir á reclamação dum sujeito que pede providencias contra a falta d'agua ? E' hediondo !

— Pois eu vou trabalhar na *Gazeta*.

— Vae escrever chronicas...?

— Não sei ainda.

— Não faça noticias ; a noticia embota. Ataque as instituições, desmantelle a sociedade, conflagre o paiz, excite os poderes publicos, revolte o commercio, assanhe as industrias, enfureça as classes operarias, subleve os escravos mas, não escreva uma linha, uma palavra sobre notas policiaes, nem faça reclames — mantenha-se artista: nem escriba nem camelote. Havemos de vencer mas, para isso, é necessario que não façamos concessões. O redactor não quer saber se temos ideaes ou não : quer espremer, quanto mais succo

melhor; o prelo é a moenda e lá se vai o cerebro, aos bocados, para repasto do burguez imbecil e, no dia em que o grande industrial comprehender que nada mais póde extrahir do desgraçado que lhe cahio nas mãos sonhando com a gloria litteraria, despede-o e lá vai o infeliz bagaço acabar esquecidamente, minado pela turberculose. Um homem de talento que se mette em jornaes suicida-se. Já se vê que não me refiro aos agitadores da opinião, aos que fazem o fluxo e o refluxo das marés sociaes, esses não têm outro campo senão o jornal. Os politicos que escrevem sobre a emoção ephemera do momento nem devem fazer livros — o livro fica, o jornal passa e raramente deixa vestigio: o artigo do dia mata o artigo da vespera, a opinião de hoje prevalece, a de hontem morre, mas com o artista consciencioso não. Demais, meu amigo, egoismo antes de tudo: o jornal é o redactor politico o mais... que vale? fica-se sempre á sombra por mais que se faça. Não vale a pena. O trabalho de um anno no jornal não vale a pagina requintada de um livro d'Arte.

— Mas que se ha de fazer?

— Escreva livros.

— Para que, se não ha quem os edite?

— Escreva contos, fantasias, chronicas...

— Não pagam. Fazem ainda grande favor quando os publicam.

— Pois, meu amigo, que me venham pedir versos ou prosa de graça. Quer saber? os culpados

da depreciação litteraria são os proprios litteratos: Alencar vendia os seus romances ao Garnier por quatrocentos mil reis. Quantas edições tem *O Guarany*? Esta ainda na primeira e é conhecido em todo o Brasil — o editor fez com o romance o milagre de Tiberiade: multiplicou-o. Se houvesse fiscalisação a cousa seria outra.

Chegaram ao largo do Rocio justamente quando cahiam as primeiras gottas grossas da chuva. O povo corria mettendo-se pelas casas; tilburys passavam á disparada e a chuva ruflava tocada pelo vento aspero que atirava bátegas aos vidros das lojas.

— Que tempo! exclamou Bivar levantando a gola do casaco.

— Para onde vamos nós? Se fossemos á *Maison*? estamos encharcados.

— Queres affrontar a rafale?

— Vamos.

— Então vamos. Encolhidos, rente das casas, saltando sobre os jorros das gargulas, foram apressadamente até a rua da Carioca e detiveram-se na esquina, indecisos, sem animo de atravessar a rua. Já pelas sargetas rolavam córregos grugulhando nos ralos dos escoadores, relampagos flammejavam e os trovões, mais proximos, reboavam num canhoneio incessante.

— Um! dois!... e Bivar atirou-se, a grandes pernadas, atravessando a rua seguido de Anselmo. A *Maison* transbordava. Os dois, escorrendo, lançavam os olhos procurando uma mesa, quando

ouviram um « psio » e logo descobriram o Patrocinio, num grupo, a uma das mesas do centro.

— Donde vêm vocês ?

— Ora ! apanhamos esta carga d'agua nas costas. Eram do grupo o Lins, o Neiva, Ruy Vaz, o Duarte e um rapaz alto e claro, d'olhos miudos e espessos bigodes negros, muito reluzentes; um largo feltro desabado escondia-lhe a fronte.

— Conhecem o Luiz Moraes? o grande poeta republicano? Anselmo Ribas, Octavio Bivar. O poeta dos grandes bigodes estendeu a mão aos rapazes e resmungou uma amabilidade. Sentaram-se. Os caixeiros substituiram os copos e as garrafas. Patrocinio estava com a palavra:

— Fallavamos do jornal...

— Novos planos ?

— Novos e verdadeiros. Dizia eu que se pudesse contar com todos vocês faria o primeiro jornal da America do Sul. Com dois annos de trabalho estavamos todos ricos, fretavamos um vapor e partiamos para a Europa...

— E a abolição, José...?

— A abolição está feita : é questão para mais uns mezes.

— Pois sim !

— Pois sim? mas que ha de fazer o governo constrangido, como está, pela opinião publica ? o Norte já se manifestou e o Sul ha de acompanhal-o. Demais, meu amigo, o escravo já não é um submisso, é um revoltado; nas fazendas cada negro é um combatente e o exodo ahi

vem: quando começar o abandono da terra, não um a um mas, aos bandos, ostensivamente, em face dos senhores que não hão de querer jogar a vida, que ha de fazer o governo ? mandar contra os que defendem um direito sagrado a tropa armada? não! e ainda que mande: conheço o exercito, sei que nenhum soldado se prestará a exercer o officio miseravel de capitão de matto. A abolição, para mim, é uma questão vencida.

— Deus queira!

— Depois da abolição a republica, rosnou Moraes.

— A republica! exclamou o Lins, com assombro.

— E porque não? A republica, sim! affirmou o poeta assomado. Quer você que continuemos com um rei de burla e com uma freira melomaniaca? Está enganado...! Pego em armas se fôr preciso...!

— Ora, Luiz...ia a dizer o Neiva, contrariando o poeta; elle, porém, atirou um murro á mesa e, erguendo-se, com os bigodes arrepiados, os olhos fuzilantes, bufou:

— Pego em armas e em você tambem, pelo cós das calças, está ouvindo ?... em você mesmo. Ruy Vaz interveio:

— Que é isto? Já vocês começam.

O Neiva levantou-se, distribuio apertos de mão:

— Bôa noite... bôa noite... E encaminhou-se para a porta.

— Pois não! Este senhor entende que ha de sempre impor a sua opinião. Onde elle está

ninguem mais falla. Pego em armas...! que tem elle com isso? E se me apparecer pela frente, quando eu estiver defendendo os direitos do Homem, prego-lhe uma bala no figado...

— Mas, Luiz...

— No figado, já disse. Em politica e em Arte sou intransigente. Mas o Neiva voltou:

— Se não estivesse chovendo tanto eu mostrava... Sentou-se.

— Mostrava... mostrava o que? Homem, você não me aborreça...

— Mas que é isto, gente...?

— O' Luiz, pelo o amor de Deus, deixa-me em paz...!

— Pois é isto! Não me contrarie. Tome a sua cerveja muito quieto e deixe-me cá com as minhas idéas. Eu sou peior que Cimourdain. Estendeu o braço sobre a mesa e, com uma voz cavernosa, disse: Prestigio á lei! Mas esta gente não estuda. Falla-se em evolução e ficam todos embasbacados. Leiam Spencer... Mas o Patrocinio conseguio desviar a conversa para a litteratura e, á meia noite, tendo cessado a chuva, quando se levantaram, o Neiva, muito mysterioso, de braço com o Moraes, offerecia-se para levantar uma barricada na rua do Ouvidor, esquina do largo de S. Francisco e o poeta respondia:

— E lá me has de achar com as armas na mão.

— Correcto! Então está feito?

— Está feito, porque não? E poz-se a cuspinhar.

— Para a vida e para a morte!

— Para a vida e para a morte!

E despediram-se. Anselmo seguio só para o hotel, pensando nas palavras de Bivar: «Não faça noticias, a noticia embota». Uma lua sinistra rolava entre grossas nuvens e as gotteiras pingavam lentamente.

Anselmo estreou na imprensa com um piedoso artigo sobre os velhos negros. Antes de o mandar para a typographia quiz ouvir a opinião do Patrocinio. O jornalista, ás ultimas phrases do escripto pathetico, atirou-se ao escriptor aos beijos, sagrando-o em presença do vesgo que redigia, com rarissimo tino, o noticiario, cujas notas um magro reporter ia cavar nas delegacias trazendo-as esparsas pela camisa, nos punhos, no peito porque, com a precipitação, nem lhe sobrava tempo para procurar papel. Anselmo esperou, com ancia, o jornal e, quando o primeiro rôlo appareceu no escriptorio, avançou, sofrego, para o balcão, tomou uma folha e sahio triumphante indo para o Paschoal ler aos do grupo, os «periodos dourados».

Justamente nesse tempo a campanha abolicionista chegára á sua maior intensidade. A' luz do sol, nas ruas, concitava-se á revolta; para os lados da Gavea, em frente ao mar livre, havia um quilombo mantido pela Confederação Abolicionista e, no escriptorio da *Gazeta da Tarde*, que era o grande homizio de Chan, negros e negras,

sentados melancolicamente, fumavam esperando que lhes dessem destino. Eram constantes os conciliabulos, fallava-se em furtos de escravos; e gente de todas as castas procurava os redactores denunciando crimes de escravagistas despeitados. A policia punha em campo os seus esbirros mais sagazes e os mais atrevidos capoeiras para que desfizessem as reuniões e interrompessem as conferencias espavorindo o povo. Patrocinio, convidando outros chefes da propaganda, resolveu fazer um grande comicio no Polytheama, á noite. Todos os jornaes abolicionistas annunciaram e, no dia aprazado, á tarde, um homem mysterioso appareceu na redacção para prevenir o intrepido jornalista: « que uma grande malta estava assalariada para invadir o theatro no momento em que o primeiro orador apparecesse na tribuna. »

Patrocinio transmittio o aviso aos companheiros e, á noite, com estandartes, seguiram todas as sociedades abolicionistas para a rua do Lavradio. O immenso barracão regorgitava quando assumio á tribuna Quintino Bocayuva, calmo, dirigindo-se ao povo numa phrase sobria e ponderada. Repentinamente, porém, uma grita, á porta, alvoroçou o auditorio: eram os capoeiras commandados por Benjamin. Aos gritos da malta respondeu o povo com uma assuada tremenda. Anselmo estava em um dos camarotes da entrada e, assomado, tomou uma cadeira e, levantando-a, arremessou-a no meio da farandula; foi o signal da lucta. O povo avançou em columna e começou

o combate — navalhas reluziam, tiros estrondavam, as cadeiras entrebatiam-se, partindo-se no ar, impetuosamente arrojadas. Em pouco os destroços formaram uma grande barricada por traz da qual o povo continuava a defender-se heroicamente. Anselmo, já rouco, bradava contra a infamia; de repente, num impeto, com um pé de cadeira em punho, atirou-se do camarote caindo no meio do grupo furioso, a desancar. Varios populares seguiram o seu exemplo arrojado e, na estreita passagem, travou-se uma lucta tremenda sendo os capoeiras repellidos.

Só então appareceu a policia azafamada, atirando os cavallos sobre o povo. Houve protestos, ameaças: por fim, na platéa, uma voz bradou possantemente: « A baixo o *rapa-côco* ! Morra o escravocrata ! » e um clamor tormentoso de duas mil vozes furentes atroou: « Morra! » mas varios « psios » silvaram; voltaram-se todos para a tribuna: Quintino Bocayuva, muito calmo, erecto, alisava a barba. Houve uma estrepitosa salva de palmas e, o orador, retomando o fio do discurso, com grande serenidade, continuou a demonstrar que a causa dos escravisados, que todo o Brasil adoptara, havia de vencer, embora a policia, que estava entregue a fazendeiros crueis, procurasse, por meios criminosos, sustar a marcha victoriosa da idéa. Seguio-se com a palavra José do Patrocinio que lançou um repto á monarchia: « Ou cede á vontade do povo ou rola por terra abalada pelo impeto popular. Citou Quinet, reproduzindo

a imagem do oceano que se vai impondo a pouco e pouco, subindo degráo a degráo, ameaçador e sinistro e, terminando, annunciou para muito breve, a Redempção da Patria Brasileira. » A' sahida, como circulasse o boato de que a malta estava á porta, armada, para desfeitear os oradores, o povo reunio-se e desfilou arregimentado, levantando vivas aos heróes da noite. Anselmo, com as roupas retalhadas, sem chapéo, vociferava e, diante da policia, levantou um — morra! desesperado que, por felicidade, não lhe sahio da garganta, tão rouco estava. Na redacção, onde ficaram um momento, repousando, Patrocinio e outros chefes abolicionistas, commentaram a bravura do escriptor: « Não o julgavam tão valente... » Anselmo estava allucinado: « Queria ir á policia! Queria encontrar o Benjamin para quebrar-lhe a cara. » E fulo, suado, esbaforido, com os olhos coruscantes, brandindo uma bengala lascada, rugia:

— Parto-lhe a cara! Se elle é homem tambem eu sou! Parto-lhe a cara! Num salto agil quiz ganhar a porta; detiveram-n'o a tempo, elle, então, aos arrancos, fallando para o povo que enchia o escriptorio, contou todos os seus feitos abolicionistas.

— Tambem acoutei escravos! Estão aqui oito que mandei de S. Paulo... e hei de acoutar. Canalhas! Estava louco.

— A escravidão é um roubo! esguelou um velho agitando o guarda chuva. « Apoiado! »

bradaram todos e o velho, inspirado, poz-se a fallar do meio da turba, espichando a cabeça, erguendo em uma das mãos a cartola e na outra o guarda-chuva:

— Patrocinio, teu nome ha de ficar gravado no Pantheon da Historia do Brasil. Tu és a nossa esperança... Não desanima, Patrocinio, meu velho, e, no dia em que fôr necessario um homem para combater a teu lado, conta commigo! O Januario, Patrocinio... o Januario calafate! O guarda-chuva e a cartola dansavam acima das cabeças e o velho, frenetico, energumeno, já rouco, urrava: Conta commigo... e stentorou: «Viva José do Patrocinio... gente!» Todos bradaram. «Oôôôh!» Mas ia-se tornando inconveniente a reunião; gritos sediciosos rompiam por vezes: — «Morra o carrasco!... Viva a Republica!» e Patrocinio dirigio-se ao povo pedindo calma. Varios vivas! atroaram e a multidão foi escoando até que recahio o silencio. A patrulha passeava rua abaixo, rua acima.

— Menino, você é uma furia!

Anselmo procurava compôr o casaco feito em tiras.

— O diabo é que não tenho outro casaco e perdi o chapéo.

— Não tens outro casaco?

— Não.

— Quem não tem roupa não se mette em camisa de onze varas, disseram.

— Oh! és tu, Lins?

— Sou eu. Venho offerecer-te o meu braço forte. Num rapido olhar Anselmo comprehendeu

que o poeta não estava em estado de lhe offerecer soccorro.

— Amanhã mando levar um casaco á tua casa, disse o Patrocinio.

— E um chapéo, ajuntou Anselmo.

— Queres tomar um tilbury ?

— Acho melhor.

— Toma ; tenho aqui pouco mas chega. Não estás ferido ?

— Não.

— Então vai.

— Até amanhã. Olha o casaco.

— Não ha duvida. A' porta, o Lins, agarrado ao braço de Anselmo, oscillava, muito risonho, offerecendo-lhe o braço forte :

— Estou damnado ! Sou capaz de agarrar um permanente por uma perna e bumba ! abaixo do cavallo ! Não imaginas ! quando eu tinha quinze annos derrubava touros a murro. Estou damnado! Perdeste o chapéo ?

— Perdi.

— Queres o meu ?

— O teu ? e tu...?

— Eu? Já estou de touca, não faz mal. Rompeu a rir, ás guinadas, pendurado ao braço de Anselmo. E' isto: eu não posso comer feijoada, fico logo assim.

— Foi então a feijoada que te poz nesse estado...?

— Foram os pertences. Vendo, porém, que Anselmo encaminhava-se para o meio do largo, fez um esforço e deteve-o: Onde vais ?

— Vou tomar um tilbury.

— Qual tilbury ! Vamos tomar alguma cousa.

— Não, não posso. Olha como estou. Queres que me vejam assim roto?

— Que tem? ha razões gloriosas. Eu hoje estou damnado! vou dormir comtigo. Ha espaço na tua cama?

— Pois não.

— Então vou comtigo. Não posso dormir no meu quarto: é cada mosquito que parece um frango. Quando ouço a zoada vou devagarinho com a mão, agarro o bicho pelas pernas e zúquite! dou com elle na parede e esborracho-o. Vamos tomar alguma cousa.

— Não, Lins; estou fatigado. Vamos ver se o cocheiro nos leva no mesmo tilbury.

— Eu não peso nada. Posso ir ao collo. Vamos, falla tu. Felizmente Anselmo encontrou um cocheiro amavel. Mas que trabalho para acommodar o Lins!

— Para onde vamos ?

— Rua do Riachuelo.

— Olhe, cavalheiro, vá de vagar porque a rua está jogando muito. Decididamente não posso comer feijão. Estou damnado! Que morro é aquelle alto?

— Onde ?

— Alli! pois não estás vendo as luzes.

— Que morro! que luzes ? pois não vês que são estrellas ?

— Estrellas?! E' verdade! estrellas... Ma como o céo é alto, hein...! Que horror! Mais

vagar, cavalheiro. Queres saber? ha dias, quando eu voltava para casa, ás cinco da manhã, encontrei um cavallo de tilbury deitando fumaça pelo nariz. O seu cavallo fuma, senhor? Mais de vagar... Homem, tu moras na rua do Riachuelo ou na estação do Riachuelo? Parece que estou andando desde o principio do mez.

— E tu pesas, Lins!

— Não sou eu, filho, é a cabeça... uma feijoada completa, imagina!

— Ahi! Pare. Ah! que trabalho para descer o Lins e, para deital-o, que trabalho!

Uma tarde, terminado o trabalho da redacção, Anselmo descia a rua do Ouvidor quando se sentio agarrado por um pulso formidavel: voltou-se impetuosamente e deu com o poeta Luiz Moraes, sempre carrancudo:

— Onde vais?

— Não tenho destino. Estou arejando o cerebro.

— Dize-me cá: Fortunio fallou-me de uns contos teus que foram rejeitados ahi por um certo jornal litterario...

— Sim, não são propriamente contos; são umas ligeiras fantasias. Porque?

— Eu te digo. Vamos aqui um instante. Tenho de esperar o Arthur. Já conheces o Arthur?

— De vista.

— Excellente rapaz e magnifico poeta. Seria um dos primeiros lyricos americanos se, por vezes, não estragasse a lyra afinada para melodiosos

carmes em chulas e zangarreios fazendo concessões ao publico. Um poeta não deve descer á multidão, não achas ? a multidão é que deve subir ao Parnaso para contemplal-o. Tomarias a serio Petrarcha ou Musset tocando na orchestra para rhythmar o passo bambo de uns tantos saltimbancos ? Não, por certo. A arte é hieratica — o poeta é sacerdote : officia para o coração e o Arthur não é só um poeta, é um grande poeta natural, correcto, suave e brilhante. Acho que elle não devia escrever para o theatro. Ficasse nos sonetos.

— Il faut vivre, mon ami.

— Ora ! il faut vivre ! e eu ? eu não estou aqui ? e Deus me livre de escrever uma linha para o theatro, não que deteste a litteratura dramatica mas, porque não temos interpretes. Um poeta não deve descer á imbecilidade erotica do maxixe. Faça versos honestos, escreva poemas, isso sim. Vamos tomar alguma cousa. Entraram na *Maison Rouge*. A casa era sombria e lugubre como uma adega. Estava deserta ; tomaram uma das mesas e Anselmo, puxando uma cadeira, disse em tom sentencioso :

— Dai a Cesar o que é de Cesar, dai a Deus o que é de Deus, disse o Christo. Ao povo dá elle as revistas, á Arte dá os esplendidos versos que tanto exaltas.

— E com razão porque são admiraveis. Mas eu fico indignado quando ouço um bom verso estropiado por um palhaço. Um alexandrino na

opereta! Sabes que me lembra? um leão das montanhas com a sua juba dourada, virando cambalhotas num circo ou correndo cavalgado por um macaco. O verso alexandrino é nobre, fez-se para os labios de um Leconte e não para a boca desdentada de um histrião de feira... E' natural que a Sarah recite as estrophes do grande « Impassivel » mas um clown que declamasse *Bhagavat* faria estourar de riso um frade de pedra. Senhor, poeta é poeta! Só então o Moraes vio que o caixeiro estava de pé, junto á mesa, esperando ordens: Homem, estavas ahi...? Está bem; não perdeste o teu tempo, sempre ouviste alguma cousa aproveitavel. Da-nos cerveja.

E cuspinhando, continuou: Tenho dito ao Arthur: Que diabo! tu que tens tanto talento porque não deixas essa borracheira de theatros? Escreve versos, tu que os sabes fazer tão bellos, lida com a tua musa delicada e abandona de vez esse rancho de *cabotins*... Mas, o homem está viciado. O escriptor habitua-se com o meio que o applaude e, para o não perder, vai fazendo todas as concessões até que um dia nivela o seu espirito com o daquella gente ignobil e está perdido. E' como o homem que ganha a mania da morphina. Ha glorias affrontosas, eu cá penso assim. O Arthur é homem para ser applaudido por nós, emtanto prefere ao nosso julgamento o babariso idiota das platéas. E' um vicio.

— Mas que ha de elle fazer se os nossos theatros não aceitam peças litterarias? Consta-me

que elle tem uma traducção magnifica de Moliére, em verso.

— Uma não, tem varias.

— Então.

— Mas escreve revistas.

— Para ganhar.

— Faz mal! um poeta como elle não faz concessões.

— Mas... e sobre os contos?

— Ah! sim. Vamos fundar uma revista litteraria. Temos ahi um homem que está enthusiasmado e quer tentar a cousa... vai ganhar dinheiro, affirmou o poeta torcendo os fartos bigodes. Estamos resolvidos a trabalhar de graça nos primeiros tempos mas depois elle ha de entrar com o cobre... Oh! O caso é este: Resolvemos, o Arthur e eu, fazer um jornal novo, com idéas novas... nada de antigualhas, e queremos chamar todos esses rapazes que andam por ahi cheios de talento mas repellidos porque ninguem quer tentar a experiencia. Aqui é assim — só têm talento os dum certo grupo da rua do Ouvidor: alli estão os romancistas creadores, os poetas incomparaveis, os mestres da critica... uma sucia de bestas que vive num elogio reciproco, escancarando as mandibulas em hiatos encomiasticos ao coxear dos versos cambaios ou ao chirinolar do periodo fanhoso e vasio do primeiro mú que zurra. Uma cafila! Vamos cahir sobre a sucia a golpes de talento... e havemos de desbaratal-a porque não vale nada: gente

que não lê, genios sem syntaxe, aguias com pennas de ganso. O Arthur está disposto a começar a razzia. Você vai ver o estouro e eu quero os teus contos.

— Pois não.

— Publico-os e fico á espera da critica. Tambem se vier algum, dou-lhe tamanha tunda que elle nunca mais se mette em cousas de Arte.

— Que titulo tem a revista?

— *Vida Moderna.* Vai sahir magnifica, has de gostar.

— Você e o Arthur?

— Eu e o Arthur.

— Pois trago amanhã os contos.

— Quantos tens?

— Cinco ou seis.

— Pois traze todos amanhã e vais ver como se desmantella uma igrejinha. Conto com pouca gente mas sou como Gedeão: nada de fracos na phalange, nada de exercitos de Xerxes — um punhado de Spartiatas. Elles lá têm gente a valer... mas que gente! Emfim trazes amanhã sem falta?

— Sem falta.

— O jornal deve sahir no sabbado.

— Trago amanhã.

Anselmo ia levantar-se quando appareceu o Arthur. Gordo e sanguineo, o rosto largo, expressivo, apresentava-o como um perfeito exemplar dos filhos da Provença dourada do Brasil, que é o Maranhão, terra de sonhadores onde as lendas pullulam e a poesia é a linguagem commum dos que

vivem nos campos largos, á grande luz do sol ou ao pallido luar sem nevoa. Os olhos vivos pareciam guardar ainda um pouco da scintillação dos dias equatoriaes, a fronte vasta, os cabellos negros violentamente atirados para traz, reluzindo com um brilho proprio. Sentou-se acaçapado olhando por cima das lentes do pince-nez de tartaruga que lhe escorregava do nariz. De quando em quando, erguia a cabeça com impeto como se o ar lhe faltasse, com a mão espalmada derreiava os bigodes ou alisava os cabellos. Moraes balançava a perna, passando o index pela mesa.

— Então ?

— Aqui estou. Que ha de novo ?

— Está tudo feito.

— Fallaste ao Lombaerts ?

— Para que? Pois elle não te disse que podiamos mandar os originaes ?

— Não, mas sobre o formato do jornal, sobre a escolha das gravuras ?

— E' illustrado ? perguntou Anselmo que se havia conservado calado.

— Illustrado. Homem, vocês não se conhecem ainda. O Arthur fitou Anselmo.

— Anselmo Ribas, foi companheiro de casa de meu irmão.

— Pois não. Trocaram um aperto de mão.

— Vem trabalhar comnosco, disse o Moraes, accrescentando : Tem talento. Mas vamos ao caso. Tu estás disposto a abrir lucta?

— Acho que não convém.

— Ora! não convém... Mas, seu Arthur, nós havemos de deixar que um bando de imbecis viva por ahi, com muita empafia, inculcando-se como director do movimento intellectual? Sujeitos sem valor, que rimam babuseiras e escrevem uma prosa mais chata do que o diabo?

— Mas que temos nós com isso?

— Que temos?! Se não apparecer um homem de coragem que opponha embargos á dominação da grey dos thuriferarios ficamos reduzidos a que, faça favor de dizer, a que? Não, senhor: hei de ser implacavel. Se tivessem talento, muito bem, mas são todos uns nullos, sem originalidade, sem estylo e pretenciosos como tudo. Chefes...! Ora pelo amor de Deus!

— Mas, Luiz, eu não te entendo. Combates aggremiações litterarias, achas, e com razão, que a coterie esterilisa...

— E' indecente!

— E' indecente e allicias um grupo, organisas uma *coterie*, respondes ao mal com o proprio mal. E' exquisito. Vamos trabalhar sem idéas preconcebidas; nada de luctas, para que nos havemos de indispor com os rapazes que não nos fazem mal? Não ha razão...

— Pois eu rompo! e começo pelo chefe: derrubado o bonzo vem abaixo o pagode. Seu Arthur, eu não sou litterato de catalogo — eu estudo e não ando por ahi a apregoar que os meus versos são os mais bellos da lingua portugueza e aqui ninguem os faz melhor, nem aqui nem lá... nem lá!

Emtanto estou calado, não ando a esmolar elogios. Se apparecem artigos nos jornaes a meu respeito são escriptos expontaneamente pelos que se impressionam pelo meu verso. Porque não fazem elles o mesmo? Não! é um nunca acabar de elogios, é um *Te-Deum laudamus* que não tem fim. Rompo! Rompo e acabo com aquillo tudo!

— Faze lá o que entenderes; eu não concordo.

— Pois concordo eu.

— Ah! sem duvida: tu has de concordar comtigo. Mas, vamos a saber: já tens o artigo?

— Que artigo?

— De apresentação?

— Qual artigo de apresentação; digo duas cousas: os intuitos litterarios do jornal e nada mais.

— Pois é isso.

— E tu?

— Eu dou a chronica, um soneto...

— Podias dar um trecho da tua revista.

— Como? pois não te cansas de dizer que devo abandonar esse genero e queres dar, no primeiro numero do jornal, um trecho da ignominia?

— Perdão, eu digo mal das revistas mas, elogio incondicionalmente o teu verso. Aquelle monologo do *Prologo* é um primor; não concordo com as cantorias, isso não, mas dou o justo valor á obra d'Arte.

— Bom, estamos combinados.

— Perfeitamente. Arthur voltou-se para Anselmo:

— Em que jornal está escrevendo?

— Na *Gazeta da Tarde.*

— Faz uns folhetins aos sabbados. Tem talento mas abusa muito do adjectivo e tem a mania do Oriente.

— E' a coqueluche litteraria.

— Mas vicia.

— Não, é um meio facil de fazer vocabulario: ensaio-me no descriptivo para ganhar vigor, colorido e ductibilidade.

— Não, você é exuberante, é um excessivo. Senhor, o ideal do artista deve ser a simplicidade. Ha a simplicidade: pobreza que facilmente se reconhece e ha a simplicidade: distincção; e quer saber, meu amigo, é mais difficil ser sobrio do que ser abundante. A idéa só se manifesta num termo o resto, versas, meu amigo, versas. Mas vocês não entendem assim: para exprimirem a cousa mais comesinha deste mundo deitam abaixo diccionarios, é uma mania. O Arthur levantou-se: Já vais?

— Já, tenho ainda a minha secção.

— Então não queres romper?

— Não, não vejo motivo.

— Ah! não vês?

— Não vejo. E' uma aggressão injustificavel.

— Pois sim. O Arthur levantou-se, offereceu a casa a Anselmo e, despedindo-se do Moraes, disse sorrindo:

— Então estás decidido a romper?

— Decididissimo!

Ainda o Arthur não havia desapparecido, quando Anselmo se poz de pé, resolutamente:

— Adeus! não me posso demorar mais. Tenho um amigo á minha espera.

— Quem é?

— O Estevão.

— Que Estevão?

— O pintor

— Ora! deixa o pintor, vamos conversar.

— Não posso; e já vou tarde.

— Que horas são?

— Tres e meia.

— Chii! Adeus! Até amanhã.

— Olha os contos.

— Não esqueço. Sahio apressado porque, effectivamente, promettera estar ás tres horas com o pintor para ver a sua ultima composição.

A casa em que elle havia installado o seu *atelier* era na rua do General Camara, um pardieiro sombrio e lobrego. Subia-se por uma velhissima e desconjuntada escada que rangia sob os passos, ameaçando desabar; ao alto tomava-se um corredor onde nunca havia entrado um raio de sol e ganhava-se os aposentos do artista negro. Na sala, illuminada por duas janellas, tinha elle o cavallete e o seu banco. As paredes estavam litteralmente cobertas de trabalhos: eram telas de genero, algumas em moldura, esboços a carvão, manchas, desenhos, caricaturas, varios estudos do natural; uma expressiva cabeça de lazzarone impunha-se á admiração mas, o que attrahia os olhares, era a grande quantidade de fructas: abacaxis, mangas, algumas descascadas mostrando a polpa dourada, racimos de uvas, pencas de bananas, cachos de ameixas, corbelhas de morangos, cajús,

melões, melancias, todos os dons de Pomona alli estavam esplendidamente copiados. O Lins costumava dizer quando ia ao atelier do artista: « Vou hoje á quitanda. » Quando Anselmo entrou, o pintor, de pé no meio da sala cujo soalho desapparecia entulhado de papeis, contemplava o quadro que havia terminado.

— Cá estou eu. O pintor voltou-se surprendido e, dando com o rapaz, avançou sorrindo, as duas mãos estendidas: estava em mangas de camisa, descalço.

— Oh!

— Já não contava commigo?

— Não, contava. A sala tresandava a terebenthina; um gato gordo, deitado sobre uma larga pasta atochada, lambia as patas preguiçosamente.

— Está aqui a obra, disse o pintor timidamente. Era uma grande tela de um metro: fructas — um grande cesto transbordante: mangas, abacaxis, laranjas, uvas, pitangas. As côres eram admiraveis e sentia-se, a bem dizer, o vellutineo da pellicula dos pecegos, as pitangas eram como gottas grossas de sangue — uma maravilha de perfeição. Anselmo teceu os mais vivos elogios ao artista.

— Magnifico! O Lins já me havia fallado.

— Ah! o Lins é muito meu amigo. Anselmo sentou-se no tamborete diante da tela e o artista continuou, sorrindo: O Lins, grande pandego! pregou-me uma peça em certa occasião...

— Que foi?

— Ora! troça. Encommendaram-me um quadro — o Lins estava passando uns dias commigo, depois

da scena em casa do Madeira — tratei de escolher as fructas. Como o amador era um homem intelligente e rico escolhi o que havia de melhor: pêras, uvas, mangas, marmellos, metade de um melão que arranjei por muito favor num hotel conhecido, figos e por ahi... Fiz um embrulho cuidadoso e trouxe tudo para casa. Como era tarde, não quiz começar o trabalho e sahi para jantar. Levaram-me ao theatro, andei em pagode até ás duas horas da manhã. Quando cheguei á casa já o Lins dormia profundamente. Accordando, tratei de ver se as fructas haviam sido tocadas pelos ratos e achei apenas os marmellos e duas talhadas do melão. Eu não tinha mais vintem... imagine! fiquei desesperado. Fui accordar o Lins:

— Foste tu que comeste as minhas fructas?

— Hein?

— As minhas fructas.

— Comi hontem.

— Ora, Lins... eram os modelos.

— Que modelos, homem?

— Para o meu quadro.

— Eu logo vi que eram fructas de quadro porque as mangas tinham um gosto horrivel de tinta a oleo.

— E agora? como ha de ser?

— Não pintes fructas: apodrecem depressa. E voltou-se para a parede.

— E como te arranjaste?

— Fui ao amador e pedi que me adiantasse alguma cousa para que eu pudesse comprar outras

fructas. Comprei e o Lins, logo que as vio, muito guloso, pedio-me que, ao terminar o trabalho, não me esquecesse de lhe dar os modelos. Terrivel!

— E o caso do Madeira?

— Não conhece?

— Não.

— Esse é mais serio. Custou-lhe uma bordoada.

— A quem? ao Madeira?

— Não, ao Lins.

— Como?!

— O Madeira é um velhote alegre que costuma festejar o S. João com fogueira e comezaina no seu chalet da rua dos Coqueiros. Tem elle em sua companhia uma irmã solteira, dama quarentona, de muita virtude. Pelo que ella diz está solteira, não por falta de noivo mas, porque fez voto de castidade; appareceram-lhe varios partidos, alguns vantajosos e ella sempre firme no seu voto. Vive com o irmão e com a cunhada. O Lins foi levado a uma das taes festas de S. João á casa do Madeira e portou-se galhardamente; no meio da noite, se não o agarrassem, teria saltado a fogueira apezar da perna dura e da vinhaça; estava como louco. Sahiram todos os convidados, elle foi o ultimo a despedir-se. Na occasião de sahir, porém, elle, que não conhecia bem o chalet, em vez de tomar pela porta da rua, metteu-se por outra. Fechada a casa, quando a irmã do Madeira, em camisa, recolheu-se ao leito, deitou-se em cima dum homem. Um grito de pavor e de pudor offendido alarmou a casa — acudiram todos: o

Madeira com uma bengala nodosa, a mulher com uma vela e a pequenada berrando — a pobre senhora, tremula e pallida, olhava assombrada, encolhida n'um canto. Quando o Madeira entrou o Lins estava sentado na cama, tambem assustado.

— Que é isto, senhor? urrou o Madeira indignado. Pois eu o recebo na minha intimidade com toda a delicadeza para o senhor ultrajar assim uma senhora respeitavel que podia ser sua mãi

— Ultrajar ? ! Como ? pois eu ultrajei ! Eu não ultrajei... não me lembro !

— Não se lembra?! Com que intuitos procurou o senhor este leito candido?

— Eu não procurei nada, eu achei.

— E com que intenção nelle se deitou?

— Eu! sei lá!

— Ah! não sabe ? pois sei eu. E o Madeira vibrou a bengala. O Lins, sentindo a bordoada, levantou-se dum salto:

— Espere! Não bata! não bata! Espere, eu me explico. Não bata assim, eu sou seu hospede...

— Então explique-se.

— O senhor disse que eu ultrajei a senhora...?

— Sim, senhor!

— Pois não briguemos por isso : se ultrajei eu caso. Disse-me o velho Madeira que custou a conter o riso mas, para manter a força moral, agarrou o Lins por um braço e levou-o até á porta da rua. A pobre senhora ficou de cama e mandou rezar uma missa em acção de graças por ter escapado incolume daquelle perigo.

— E' fantastico !

— O Lins... ? Isso não é nada; o Lins tem casos interessantissimos: é a vida mais cheia de peripecias comicas que eu conheço. Sabe que elle anda agora apaixonado...?

— Por uma menina, uma visinha.

— Sim, que tem a perna direita como elle tem a esquerda. Diz elle que vai casar para estabelecer o equilibrio. Riram, mas Anselmo, erguendo-se, lançou um olhar de inspecção ás paredes do *atelier* e, plantando-se no meio da sala, perguntou:

— Então já se póde viver da pintura no Brasil, Estevão? O pintor fitou-o com espanto e, baixando a cabeça, sorrio tristemente.

— Ah! meu amigo, não entremos nesse particular. Se alguem vive de quadros no Brasil não é propriamente o artista, é o dourador. Vou contar um facto significativo e perfeitamente caracteristico. Um dos homens que, entre nós, passam por muito entendidos em Arte, encommendou-me um quadro para a sua galeria, mandando-me, num enveloppe, um barbante que era a medida da téla e explicava: «Faça-me o quadro desse tamanho, nem mais, nem menos, porque é o espaço que tenho na parede.» Comecei o trabalho e confesso que não fui de todo infeliz... se as minhas fructas não eram como as de Parrhasio nem por isso mereciam ser atiradas ao lixo. Envernisada a téla, mandei um aviso ao homem que, tres dias depois, appareceu

aqui. Mostrei-lhe o trabalho. Elle, com um ar entediado, poz o seu pince-nez e, sem dar attenção á téla, fitou-me franzindo a fronte:

— Mas não está prompto.

— Sim, senhor.

— Como! e a moldura?

— Ah! o senhor queria que eu pintasse a moldura?

— Não que a pintasse, queria uma moldura dourada de um palmo. Não veio a medida?

— Não, senhor, talvez tenha ido para a casa do Vieitas.

— Ah! bem... E, sem mais preoccupar-se com o trabalho, contando as notas, insistio: E o senhor cingio-se á medida?

— Estrictamente: nem mais, nem menos. Ahi tem o senhor. Para o homem o que alli estava era um metro e 75 de panno, nada mais. Quem vive de Arte? uns dois ou tres favorecidos e não são os de mais talento. O Firmino Monteiro, que é um esforçado, não consegue collocar os seus quadros e é um artista de merecimento, talvez o mais consciencioso dos nossos pintores historicos. O seu *Vercingetorix* lá está enrolado, a um canto do *atelier*, porque não ha um homem que tenha uma parede bem larga para a formosa téla. Estou certo de que se o meu amador a visse mandaria retirar uns quatro ou cinco legionarios dos que acompanham, á presença de Cesar, o *Chefe dos cem valles* afim de que pudesse encravar a téla entre outras,

disparatadamente. As minhas fructas estão entre a copia de uma batalha, de Detaille e uns touros, dum pintor inglez. Por cima uma *marinha* do De Martino e, por baixo, uma *gouache*: o *Rialto*. Não ha gosto artistico—o quadro é uma ostentação. Não ha quem diga: Tenho aqui um original de fulano. Dizem todos: estão aqui tantos contos. Infelizmente essa é a verdade. E' possivel que venhamos a ter um publico que dê o justo apreço á obra d'Arte, por emquanto temos apenas vaidosos que entendem tanto de pintura como eu entendo o grego. Agora, já que ferimos este ponto, vamos á verdade: tambem não temos Escola. Aquillo que ha alli na travessa das Bellas-Artes, é um Asylo de mentecaptos. O governo, querendo dar a sua protecção a uns tantos homens, nomeou-os para as differentes cadeiras do ensino artistico e, sob a cupola daquella casa silenciosa, durante os dias lentos do anno, uma turma de rapazes desenha academias; raramente alli apparece um modelo. Não ha quem se lembre de haver feito uma excursão ao campo, de sorte que os rapazes, habituados ao exercicio passivo da copia, naquella penumbra somnolenta das salas, quando chegam ao grande ar, em face da natureza forte, cercados da luz viva, ficam encandeados e são incapazes de transmittir á téla a menor impressão de agua, de céos, de campos ou de arvoredo. Uma folha que se agite basta para desnorteal-os, os olheirões d'agua dão-lhes vertigens, os matizes de uma

campina deixam-nos assombrados, e o governo continúa a manter aquelle mosteiro de Apollo de onde sahem apenas copiadores. Se um rapaz tem decidida vocação para a Arte faz como o Castagnetto — rasga a matricula, mette-se num bote e, aguas em fóra, com as suas télas e os seus pinceis, uma merenda frugal e a caixa das tintas, vai pintar ao sol, sobre as aguas, trazendo-nos, ainda com o cheiro das brisas salitradas do mar largo, essas esplendidas marinhas, ou faz como Parreiras que, de quando em quando, abala para a floresta de onde volta abraçando uma porção de estudos do natural. Ha verdadeiros talentos na Academia mas murcham logo que se habituam áquelle meio merencoreo e sombrio onde ha apenas cabeças pagãs estampadas em *papier maché* e bustos de gesso que são verdadeiras ignominias. O publico, que vai ás exposições annuaes daquella casa, porque entende que Arte é o que lá está, não pede senão cousas que se pareçam com aquillo. A Academia é a mais terrivel inimiga do artista.

— E afinal, como vives?

— Eu? assim. Aqui pinto, aqui durmo; saio apenas para comer, quando é possivel. Agora, felizmente, tenho dois discipulos: um dá-me o jantar...

— E outro o almoço...?

— Não, paga-me.

— Então não vives exclusivamente dos fructos do teu trabalho...

— Homem, dos fructos fica-me a casca, que é amarga.

— E esse novo quadro?

— Está vendido.

— Bem?

— Nem por isso: calculo em duzentos a duzentos e vinte mil réis.

— Como isso?

— Eu digo. Sabe que estive á morte, com uma molestia pulmonar...?

— Quando?

— Ha uns seis mezes.

— Não sabia.

— Pois estive por um fio. Estava sem vintem; pedi a um amigo que me vendesse algumas télas pelo preço que encontrasse mas... que deu isso? um quadro de um metro, fallo agora como o amador, foi vendido por cento e cincoenta mil réis e as receitas succediam-se. Já não havia meio de avial-as quando o meu companheiro lembrou-se de pedir um pequeno credito ao pharmaceutico, tomando a responsabilidade da divida, caso eu fallecesse. O homem é generoso, aceitou. Logo que me restabeleci fui entender-me com elle sobre as condições do pagamento: « Olhe, disse-me, faça-me uma *cousinha* para a minha sala de jantar e ficamos quites. Agora não vá fazer um quadrinho para crianças, mesmo porque eu sou curto de vista. Faça-me alguma cousa que se veja de longe.» E... ahi tem.

— Mas isso é uma infamia! bramio Anselmo.

— Uma infamia? podia ter sido peior.

— Ah! mas eu vou escrever um artigo! arrazo o boticario! exclamou Anselmo tomando o chapéo e a bengala. Arrazo o boticario...!

— Pelo amor de Deus! não faça isso: eu sou um homem doente.

— Mas é uma infamia! E' uma exploração!

— Que se ha de fazer?!

— E' verdade! e estamos numa cidade artistica, capital de um imperio!

— E' para ver.

— Bem, adeus Estevão!

— Adeus! e obrigado. E Anselmo, indignado, desceu as escadas lentamente, receioso de que aquella ruinaria desabasse.

Chegando á rua do Ouvidor encontrou Fortunio macambuzio, a mascar um charuto, encostado á porta da *Maison Rouge*.

— Que é isso, homem? estás funebre...

— Estou com a morte nalma; e suspirou profundamente: Ai!

— Mas que tens? falla...

— Recebi uma carta do Norte! Sou um grande desgraçado! arrancaram-me a alma! Atirou a ponta do charuto á sargeta e, com os olhos humidos, fitando, com desprezo, o resto do trabuco que fumegava: E ainda ha quem defenda a industria nacional... Está um homem com o coração alanceado, compra um charuto bahiano para distrahir-se e dão-lhe uma espiga daquella ordem. Ai! meu Deus!

— Mas que dizia a carta? Tens algum enfermo na familia?

— Não. Eu te digo, vou contar-te a verdade mesmo porque preciso desabafar senão estouro, estouro, palavra de honra. Estou até aqui! e poz um dedo na garganta. Tudo me irrita — a alegria do céo, a alegria da terra. Eu digo como Job: maldito seja o dia... Que supplicio! um homem com o coração dolorido, com a alma despedaçada obrigado a estar aqui contemplando a alegria dos felizes. Se eu pudesse agarrava toda essa gente e esganava. Ah! não poder eu fazer com as minhas lagrimas um diluvio... Ai!

— Mas conta-me a tua tristeza.

— Conto mesmo. Valha-me Deus!

— Tu não estás muito direito, Fortunio!

— Como não estou direito?!

— Parece-me que o teu mal...

— E' todo moral...

— ... e de espirito...

— Ah! espirito... pensas que andei pelas baiúcas. Seja tudo pelo amor de Deus! Pois vou contar-te. Vamos: quero que me ouças religiosamente.

— Como se fosse o teu confessor.

— Não! exclamou empertigado, não admitto confessores, sou atheu: Meu confessor é o meu amigo. Entraram. Uma garrafa de Guiness...

— Vais tomar cerveja preta?

— Vou: estou de luto: só como feijão e não bebo bebidas brancas. Tu já amaste, Anselmo?

— Já.

— E soffreste?

— Muito!

— Então podes comprehender a minha dôr. Ouve: Quando sahi de Alagôas deixei minh'alma com uma linda moça. Ah! não imaginas! a morena mais bella que Deus poz no mundo. Antes da minha partida, chamei-a e disse-lhe: «Fulana, este meio é muito acanhado para as minhas aspirações, vou tentar a vida em outra parte, vou fazer fortuna para que possa offerecer-te, com a mão de esposo, os gosos que só a riqueza dá. Somos ambos jovens. Tu, se me tens amor, como confessas, posto que venhas a soffrer saudade, não me esquecerás; eu serei teu e, pensando em ti, redobrarei de esforços para abreviar o meu retorno. Se me promettes esperar, parto contente e, por aquella estrella clara, que nos olha do céo, juro que, em breve, estarei a teus pés depondo não só minh'alma como o fructo do meu trabalho.» E ella, Anselmo, a perfida, que é muito versada em romances de cavallaria, illudio-me com palavras doces e com lagrimas fallazes: «Porque não te hei de esperar? não era maior que o meu o amor das damas de outr'ora que juravam fidelidade aos cavalleiros empenhados na guerra santa. Muitas, porque os seus noivos não tornavam, fieis ao juramento feito, vestiam a estamenha e encerravam-se nos claustros. Queira o senhor que eu não seja forçada a seguir esse destino mas, por aquella estrella juro, meu Fortunio, que, se por mal do nosso amor, não tornares

ou por morte ou porque me hajas esquecido, eu seguirei o caminho triste dum mosteiro e, na minha cella solitaria, direi tanto o teu nome que os proprios muros hão de decoral-o. Se entendes necessaria a partida parte, e que o bom Deus te guie, o meu amor será comtigo, e vai! certo de que, á tua volta, me has de encontrar fiel ao que prometto.»

Foi isso no quintal de minha casa, perto da cerca. Sellamos essa promessa com um beijo e parti... Não lhe podia escrever; ella, porém, lendo os meus versos, revia-se em todos elles porque, até hoje, outra não foi a inspiração de minh'alma e, por um amigo fiel, mandava-lhe recados. Aqui, tu bem sabes que faço pela vida, procuro accumular fortuna porque eu não desembarco em Maceió senão com muito dinheiro! ainda não consegui ajuntar o peculio, por emquanto nada tenho.

— Nem casa.

— Nem sapatos, só tenho busto porque, emfim, o meu casaco é quasi novo mas, hei de ter calças finissimas e o resto e quando tiver... então sim! Dirigio-se ao caixeiro: Outra garrafa de Guiness. E continuou: Eu confiava nas palavras fementidas da ingrata e, muita noite, com os olhos no céo, contemplando os astros, pedi ás estrellas mensageiras que lhe fallassem em meu nome mas, tambem não sei para que ha estrellas no céo que nem para um recado servem. E confiava quando hoje me veio ter á mão esta

carta de minha irmã annunciando-me o proximo casamento da ingrata.

— Vai casar ?!

— Vai casar e com um inimigo meu ; duas affrontas ! Vê como sou desgraçado ! Lastima-me !

— E agora ?

— Sinto não ter azas. Ah! se eu pudesse ir a Maceió amanhã, bem cêdo. Que escandalo...! Primeiro ia ter com ella e atirava-lhe em rosto as suas palavras hypocritas, dizia-lhe horrores, humilhava-a, depois então ia ajustar contas com o patife. Dava-lhe tal tunda, Anselmo, tal tunda! que elle nunca mais se havia de lembrar de pedir moças compromettidas. Mas, não tenho azas nem vintem. Ai! juntou as mãos e, com os olhos altos, suspirou : Mas Deus é grande !

— E que pretendes fazer ?

— Eu ? vou andar, vou andar por ahi até não poder mais.

— Queres que te acompanhe ?

— Não, vou só. Preciso estar só com minha alma. Adeus ! tu és um homem feliz: não amas. Ai ! Levantou-se, accendeu um cigarro e encaminhou-se para a porta. Lá estava o Neiva rugindo, num grupo e, mal avistou os rapazes, levantou a bengala :

— Hoje, no Lucinda, a postos !

— Eu não vou, disse Fortunio.

— Porque ? estás incommodado ? perguntou o Neiva com interesse e meiguice.

— Sou um desgraçado ! Ai ! e foi-se lentamente rua abaixo, fumando.

— Que tem elle? perguntou o Neiva a Anselmo.

— Paixão.

— Ah! tambem dá para isso? está arranjado. Logo, porém, mudando de tom:

— A' noite, no Lucinda; conto comtigo.

— E' hoje a entrega da joia?

— Sim, é hoje. E não tenho concurrente. Ah! todas as noites eu lá estava pedindo a um, pedindo à outro. Dei excellencia a muito sevandija mas tenho dois mil e tantos coupons. Não faltes.

— Não falto. Tratava-se da entrega de um adereço, avaliado em oitocentos mil réis, ao frequentador do theatro que mais coupons de entrada apresentasse. O Neiva, desde a primeira noite, mal jantava, corria para o Lucinda e, postando-se junto á taboa de annuncio, pedia a todos os espectadores que entravam o coupon que o porteiro havia destacado. Aos conhecidos dizia intimamente: « Dá cá o bilhete para a minha collecção ». Aos desconhecidos dirigia-se com cortezia senhoril, de chapéo na mão: « Bôa noite, cavalheiro... Se V. Ex. não faz grande empenho em guardar esse papelucho póde ceder-mo?... « Pois não... » diziam quasi todos, muitos porque ignoravam a utilidade do destacado, outros porque não contavam com a promettida joia. Raros resmungavam, negando. O Neiva, então, empertigava-se e fulminava o avaro com uma satyra.

Dias antes da contagem dos coupons já era certa a victoria do Neiva « unico campeão que

se apresentara para disputar o adereço. » O theatro regorgitava quando Anselmo entrou; estava toda a « bohemia » a postos. Dum lado e doutro da platéa, nas alas da feira que alli fôra exposta em barracas onde havia a joia, o brinquedo, a perfumaria, o charuto, a sêda, verdadeiros mostradores que annunciavam grandes casas das ruas commerciaes do Rio, o povo apertava-se com um zum-zum incessante. Noite quente, de luar; no jardim, a palmeira solitaria tinha a folhagem triste prateada e, em torno do seu tronco enfezado, sob as estrellas vivas, ao ar tepido, bebia-se avidamente, com algazarra. As cocottes batiam com os leques nas mesas de ferro, tiniam copos, estouravam rolhas e da platéa apinhada vinha um hausto quente, de fornalha. A uma das mesas o grupo, unido para aquella prova suprema da tenacidade do companheiro, bebia. Mas o panno subio. O espectaculo correu sem interesse, porque todos esperavam o momento da « joia ». Foi no intervallo do segundo para o terceiro acto que Furtado Coelho, em scena aberta, annunciou que ia fazer entrega do adereço a quem maior numero de coupons apresentasse. Houve um silencio largo e, de repente, o Neiva sahio dentre os bastidores sobraçando um grosso embrulho. Desatou o barbante que o apertava e, estendendo a mão com solemnidade, disse:

— Eis aqui o fructo das minhas economias. Depois, voltando-se para a platéa, accrescentou: Creio que não ha concurrentes?! Houve uma

estrepitosa gargalhada e o artista, tomando o escrinio, abrio-o para que fosse vista a joia e abraçando o bohemio fez a entrega promettida. Nova gargalhada irrompeu: O Neiva, porém, muito grave, dirigio-se a Furtado Coelho e, logo ás primeiras palavras que pronunciou, todo o publico, surprendido, entrou a agitar-se:

« Meu caro Furtado. A pilheria de um mez tem hoje o seu remate. Assiduamente, quer jorrassem aguaceiros, quer a inclemencia da canicula entrasse atrevida e indebitamente pelas horas da lua fria, muitas vezes enfermo, todas as noites eu aqui estava com a minha esportula, recolhendo os coupons que o generoso publico, com rarissimas e indignas excepções, me entregava. Reuni dois mil e tantos, não sei bem o numero porque a paciencia foi curta para tamanha somma, e sou agora o possuidor do adereço que foi pelos peritos avaliado em oitocentos mil réis. Não o quero para mim; não tenho collo para collares, nem punhos para pulseiras e, se me quizessem furar a orelha para ornamental-a com pingentes, eu bradaria pela policia. Emquanto nos divertimos ha os solitarios que não tiveram o afago maternal, ha os anonymos do berço que não conhecem os prazeres do mundo e vivem, como penitentes, guardados pela caridade, no limbo que se chama o orphelinato. A joia que conquistei, a rir, destino-a á orphã que mais se distinguir pela virtude e pela applicação até ao fim do corrente anno. Que o prazer de muitos, proporcionado pelo teu talento, Furtado,

concorra para a alegria de uma criança infeliz.
E tu mesmo podes ficar encarregado de dar o
devido destino á joia que conquistei com o suor
do meu rosto e com muida zumbaia e algumas
descomposturas. Tenho dito. »

Furtado Coelho, commovido, apertou o bohemio
d'encontro ao peito e, todo o povo, de pé, saudou
com uma prolongada salva de palmas tão generoso
quão inesperado procedimento. Fóra, porém,
quando o abraçaram, o Neiva irrompeu:

— Eu conheço a cabilda em que vivo! Estava
tudo de orelha em pé e rosnava-se que eu, mal
recebesse a joia, correria direitinho para o Leitão
ou para o Cahen... Estão enganados! bramio
com a bengala erguida. Eu não seria capaz de
perder as trinta noites de um mez ouvindo declamações
emphaticas, humilhando-me diante da
imbecilidade para pagar-me uma ceia. Fiz esse
grande sacrificio á esthetica e ao meu orgulho para
dar uma lição a esta horda. Pensavam que eu
ia beber, não é? Pois sim... Garçon, um grog a
credito. E sentou-se a uma das mesas, esbravejando,
furioso, assomado, a brandir a bengala.
Anselmo apartou-se do grupo e, chegando ao
fundo, junto ao balcão, deu de face com Fortunio,
sempre triste, mordendo os labios. Duas grossas
lagrimas rolavam-lhe pela face morena.

— Ai! ai!

— Que é isso? pois ainda estás assim?

— Como queres que eu esteja firme se sou tão
desgraçado! e desatou a chorar. Só então Anselmo

percebeu que a dor abalava tanto o poeta que elle mal se podia ter de pé.

— O' Fortunio, tu não estás firme.

— Como queres tu que eu esteja firme se perdi o amparo do meu coração !

— Só o conde de Mattozinhos poderá salvar-te dando-te uma passagem para o Norte.

— E' verdade... Ai ! ai ! Mas terminára o espectaculo, o povo sahia atropelladamente e Anselmo convidou o poeta:

— Vamos, anda dahi. Onde estás morando?

— Não sei, não me perguntes. Não sei nada; sou um desgraçado!

— Mas onde dormes?

— Eu não durmo: meu coração está tão agitado que me não deixa dormir. Valha-me Deus ! Uma menina que se creou commigo, tão falsa !

— Deixa, homem; não te preoccupes : ha um Deus no céo...

— Qual Deus...! ha mas é um grande patife em Maceió mas, palavra de honra ! eu ainda parto-lhe a cara. Elle casa, casa porque, emfim, já estão correndo os proclamas mas, o casamento ha de custar-lhe caro. Sahiram. Anselmo queria, á viva força, levar o poeta para o Ravot; elle, porém, resistia:

— Não, tem paciencia, eu preciso de ar; se entro num quarto de hotel suffoco. Ah! como eu comprehendo o Othello... o ciume é terrivel ! Vou tomar uma canja, depois atiro-me por essas ruas até cahir estafado. Quero que ella saiba que

morri nas ruas, como um cão! ha de ter remorsos e, no dia do casamento, quando estiver nos braços daquelle grandissimo sem vergonha, ha de ver-me livido, abrindo o cortinado para dizer-lhe quatro cousas bem duras e com uma voz...! Entraram na *Maison*. O poeta, apezar do soffrimento moral, engolio, com apetite, uma canja, um espesso churrasco, dois ovos quentes, uma talhada de queijo, vinho, café e cognac; depois convidou Anselmo para uma partida de bilhar que se prolongou até ás quatro da manhã. Foram os ultimos a sahir da casa e na rua, ao doce luar, no grande silencio, Anselmo, que sentia os olhos ardidos, propoz de novo que fossem para o Ravot.

— Qual! eu agora hei de ver o sol: vou para o Boqueirão. Vou confiar as minhas maguas ao mar... Quero que as brisas levem um dos meus suspiros áquella ingrata.

— Emfim, já agora... E' quasi dia. Pois vamos!

No grande silencio soavam fortes os passos lentos dos dois. Ao longe os combustores apagavam-se como se a treva viesse devorando, uma a uma, todas aquellas gottas de ouro; turmas de italianos desciam a caminho do mercado com os cestos pendentes dos páos e oscillando como duas conchas de balanças; alguns cantavam, outros riam ao ar fresco da manhã nascente. Todas as casas fechadas, apenas um botequim, com uma luz triste e baça como de vigilia, tinha as portas abertas e um negro, de calças arregaçadas, despejava baldes dagua pelo soalho, emquanto um

caixeiro somnolento ia empilhando as cadeiras sobre as mesinhas de marmore. Uma carroça pesada, rangendo, passou vagarosamente tirada, por um touro robusto, cheia de capim que se levantava nos angulos em pontas e, sobre os mólhos, deitado, ia um homem cantando bucolicamente, como nos campos, no tempo farto das colheitas, quando tornam das louras searas os carros atochados de trigo, ao som das cantilenas rusticas dos ceifeiros. Iam os dois calados, embebidos em pensamentos diversos, quando ouviram uma alegre cantilena, á maneira singela do campo nortista.

— Ai! ai! suspirou Fortunio. Quem me dera a minha terra!

— Ora! tua terra...! Porque vieste?

— Sei lá!

— Vieste attrahido pela vida. Que diabo querias tu fazer em Maceió? Nós temos muita saudade da terra em que nascemos, por chic: a prova é que nenhum de nós pensa em tornar aos penates nataes. A vida é aqui, meu amigo. Eu tambem tenho saudade do meu sertão mas, que poderia eu fazer se lá vivesse? estava em plena natureza nos campos gordos vendo o gado e vendo as culturas, trabalhando como um camponio. A' esta hora, junto do alpendre da casa, o cavallo de sella escarvando a terra e eu, com uma malga de café no buxo, o rebenque enfiado no punho, prompto para partir a galope, pelos campos humidos de orvalho, ouvindo o mugir dos touros,

aspirando o aroma das silvas e ao sol violento idas e vindas, do algodoal á malhada, da malhada ao algodoal, até á hora da tarde, para recolher-me estafado á minha rede e procrear bestamente como os rebanhos, como a terra, dando filhos com a mesma regularidade com que o algodoeiro dá o algodão, o arroz dá a sua estriga e a ovelha põe em terra o anho. E' hediondo! Aqui não.

— Ora, aqui não! E que diabo fazemos nós aqui?

— Trabalhamos.

— Morremos de fome e de fadiga porque nem cama temos.

— Mas havemos de ter.

— Na Santa Casa da Misericordia.

— Qual Santa Casa! Então tu não esperas vencer?

— Eu não. Que publico temos nós? Pensas então que se prepara um povo em dez ou vinte annos? Qual! Havemos de viver sempre como vivemos. Quando vierem os cabellos brancos, se a morte não tomar a frente ao tempo, aquella estrella que lá está no céo nos ha de ver, como agora nos vê, caminhando sem destino e rimando sonhos.

— Não ha de ser tanto assim.

— O Brasil nem daqui a cem annos comprehenderá a obra d'Arte.

— Ora!

— Ora?! queres fazer uma aposta?

— Para daqui a cem annos? Não. Espero não viver tanto, se Deus quizer.

— Dizem que a população do Brasil é de treze milhões...

— Mais ou menos.

— Pois bem: doze milhões e oitocentos mil não sabem ler. Dos duzentos mil restantes, cento e cincoenta lêm apenas jornaes, cincoenta lêm livros francezes, trinta lêm traducções, quinze mil lêm a cartilha e livros spiritas, dois mil estudam Augusto Comte e mil procuram livros brasileiros.

— E os estrangeiros?

— Não lêm livros nacionaes.

— Ora, não lêm...

— Não lêm! Isto é um paiz perdido. Chegaram ao largo da Carioca. Em torno de um kiosque illuminado homens apinhavam-se e discutiam alegremente chuchurreando café; uma negra, sentada nos degráos do chafariz, apregoava, com uma voz lamentosa, prolongando muito as palavras: «Miiingáo de ta...pióca... tá...quentinho, freguez.» Homens dormiam estirados na pedra, de papo para o ar. Dois cães corriam pelo largo perseguindo-se; longe, em tons finos, vibrantes, uma corneta soava. O dia raiava. Uma luz tenue vinha cahindo do céo largo e purissimo e, como se um véo se fosse afastando da terra, descobrindo as casas e as montanhas, tudo ia apparecendo indistinctamente, vagamente a principio. Chilros vibravam no ar. Passavam, chalrando, os banhistas que se dirigiam á praia, aos casaes, familias completas, com cestas, os olhos ainda empapuçados de somno. Os bonds

desciam cheios, transbordavam no largo; subiam quasi vasios. Na esquina da rua de S. José um pequeno, ajoelhado na calçada, diante de uma pilha de jornaes, dobrava folhas, ás pressas, amontoando-as, e a casa da Ordem, alta, enorme, como uma immensa e formidavel muralha, tinha ainda uma luz, a claridade passava por entre as frinchas da persiana de uma das janellas; alguem que morria, talvez. E no alto, muito branco, como um castello antigo no seu rochedo, o mosteiro dormia. Seguiram e, quando chegaram ao Boqueirão o céo, ao longe, estriado sanguineamente, estava côr de bronze; na praia branca, o mar, muito liso, metallico, rutilava. Uma multidão chapinhava na areia humida que guardava a pegada funda até que a onda, subindo preguiçosamente, a desmanchava. Havia barracas de lona como brancas pyramides mas, a maioria dos que mergulhavam, vinha já prompta nas roupas de flanella dos estabelecimentos balnearios. As senhoras, sorrindo, esfregando as mãos, iam timidamente para o mar que mandava á praia as suas ondas como para buscal-as, curvavam-se, tomavam nos dedos um pouco dagua, como se se benzessem naquella immensa pia verde e, friorentas, dando-se as mãos, entravam, aos saltinhos, quando a onda rolava panda, espumosa, despenhando-se na praia com um suave marulho, esgarçando-se.

Cabeças appareciam longe e gente sahia gottejante, e gente entrava a correr e todo o mar fervilhava de banhistas; ao longo da praia e no

terraço do Passeio gente curiosa olhava. Não longe, na agua lisa, um bote negro, remado lentamente, bordejava. O cheiro da marezia dominava. De repente Anselmo gritou:

— Olha, Fortunio! Era o sol, o grande, o magnifico, o combusto sol americano que subia. O céo estava encandecido, era de ouro liquido, e, quando o disco do astro, immenso e translucido, fulgindo como uma patena polida que gyrasse vertiginosamente, appareceu acima dos montes longinquos de Nitheroy, houve uma chuva mirifica e doirada, todas as eminencias foram polvilhadas, o espaço e as aguas ficaram como Danae na hora amorosa do lentejo d'ouro; mesmo para o fundo a serra accidentada de Therezopolis que, de tão azul, quasi se confundia com o céo, teve a aurea bruma da manhã triumphal e o sol subia—a luz alastrava. A agua voluptuosa tornou-se mais languida como uma odalisca que vê apparecer o sultão apaixonado; gaivotas cruzavam-se contentes e o Pão de Assucar e os fortes ficaram, como num paiz de sonho, de ouro, sobre um mar de ouro. A luz chegou ás arvores do Passeio e as folhas, galvanisadas, rebrilharam, o mesmo bote funebre, negro, que ia e vinha com a lentidão de um esquife, teve a sua orla de luz e reflectio-se nagua espelhenta e mansa. Os que se banhavam pareciam incrustados na superficie serena e rutila das aguas vastas e longe, enorme e escuro, fumegando, com uma bandeira tremula solta ás brisas, um paquete sahia, á pressa, sem oscillação, fechado, em direitura á

barra por onde vinha entrando, rebocado, um brigue, as vellas colhidas, os mastros seccos, vagaroso e pesado.

A alegria do céo communicou-se aos que nadavam e gritos alegres vinham do mar, e sempre a sahir gente anciosa para a onda: velhos, senhoras, crianças; uma menina aleijada ao collo dum banhista foi levada aos gritos, chorando e, diante desse rumor de vida, nessa azafama jocunda, Fortunio, com os olhos no paquete suspirou:

— Ah! pudesse ir eu alli!

— Ora qual! Deixa-te disso, homem! Tu que és poeta olha para aquelle sol, admira aquella belleza e dize se é possivel que Deus estrague tão formosa aureola numa terra destinada á miseria e ao abandono. Uma patria que tem este sol ha de ser grande por força. Viva a nossa terra, deixa lá, homem! A nossa manhã ha de vir, descança. E os dois, extasiados, ficaram a olhar o astro deslumbrante que ganhava a altura magestosamente.

V

O primeiro numero d'*A Vida Moderna*, apezar das esperanças de Luiz Moraes, não conseguio abalar a grande Alma do povo. O poeta contava com um successo ruidoso porque os jornaes, annunciando o apparecimento da publicação, haviam ajuntado, como garantia do seu valor litterario, os nomes laureados dos redactores mas, os garotos debalde rouquejavam apregoando o hebdomadario, debalde faziam ver a gravura terrifica da primeira pagina, o povo passava indifferente, discutindo valentia de pôtros de raça, discursos altiloquentes de deputados ou escandalos, sem dar ouvidos á atroada dos pequenos que iam e vinham, com os jornaes, desanimados.

A' tarde desappareceu da circulação a notavel revista, sendo substituida pela *Gazeta* de extracção mais facil. Moraes, cofiando os espessos bigodes, desceu a rua do Ouvidor, contando não

encontrar um só numero da folha na qual havia dado prodigamente todos os sonoros versos dum poemeto e achou um negro triste, á esquina da rua dos Ourives, já sem voz, quasi derreado, murmurando, com desfallecido esforço: «*A Vida Moderna*...» Teve um assomo e, sacudindo o tibio pregoeiro pelos hombros, disse-lhe furente:

— Grita, homem! Berra! Estás ahi com uma voz de recem-nascido que ninguem ouve! Tu não comes? O negro abrio muito os olhos, surprendido e balbuciou: Que ninguem queria...

— Qual ninguem quer! Estás mais morto do que vivo. Grita! Com tal intimação o negro resolveu fazer um escarcéo atroador e, escancellando a boca, soltou tamanho berro que o proprio poeta, atordoado, apressou o andar para não ensurdecer

Encontraram-se todos na *Maison Rouge*: Ruy Vaz, Fortunio, Anselmo, Patrocinio e Moraes recebeu os applausos enthusiasticos pela sua victoria principalmente depois que recitou o poemeto estampado na revista. Patrocinio, com os olhos em alvo, confessou que nunca ouvira versos de tão fino quilate: «Era a imaginação de Hugo trabalhada pelo cinzel de Leconte». E, no fundo lobrego da casa, que era o cenaculo da bohemia, o poeta da *Tarantula* declarou solemnemente, como um augure que, dentro em pouco o Brasil analphabeto e ignaro seria um paiz de grandes luzes porque as lyras, vibradas como de Orphêo na Thracia agreste, haviam de agitar

as almas, conclamando-as para a vida intellectual.

— Meus amigos, se não temos aqui a triplice Hecate com as suas sacerdotizas truculentas, temos a ignorancia que é um pouco peior. Comecemos a campanha, tenhamos a audacia de Orphêo, que o Ideal seja a nossa Eurydice. O artista é um iniciado, deve ter a coragem da sua crença e, se fôr preciso, façamos como o grande hierophanta que, de lyra em punho, atravessou o campo dos thracios chegando corajosamente á presença temerosa de Aglaonice para dizer-lhe em face todas as verdades, embora lhe custasse a morte como lhe custou mas, succumbindo, não deixou de ser a representação espiritual da primitiva Grecia. Nós somos os precursores — alhanemos o caminho para os que vêm. Eu não descoroçôo, tenho como certa a victoria. Que diabo! pois então este povo ha de viver eternamente chafurdado na ignorancia? Não, senhores! Abram escolas, eduquem a infancia, ponham a criança em contacto com os heroes da patria, apontem-lhe os episodios gloriosos da nossa historia, dêm-lhe os poetas vernaculos e o homem do futuro não será francelho como esses que andam por ahi algaraviando « Bon jour, comment ça va? » e dizendo desfaçadamente, apezar dos diplomas e dos anneis inuteis: « Me dê isso, me dê aquillo... quero que faça-lhe » e outras sandices do mesmo quilate. Nem vendedores ha neste paiz...! Encontrei um

negro apregoando «*A Vida Moderna*» com uma vozinha tão fraca, tão tenue, que parecia que diabo estava a dar á casca. Dei-lhe tamanho sa fanão que elle foi parar no meio da rua e berrando como uma locomotiva. Energia! é o que eu digo: sem energia nada se faz.

Fortunio, passando os dedos pela pennugem do buço, sempre sceptico, disse num tom abandonado :

— Isto ha de ser sempre o que é. O povo não tem tradições e, sobretudo, é a gente mais melancolica do mundo. Você vê um grupo de brasileiros é funebre, parece que estão sempre discutindo um enterro.

— Ou segredando pornographia, accrescentou Ruy Vaz.

— Ou fallando mal da vida alheia, ajuntou o Neiva.

— Nem tanto, corrigio o Patrocinio. Nem tanto. Ha brasileiros de espirito.

— Ora, brasileiros de espirito... quaes são elles?

— Nós, por exemplo...

— Ah ! sim... mas nós não entramos na conta.

— Perdão, interveio o Moraes. Já vocês começam com as discussões futeis, tratemos de cousas sérias. O Neiva inclinou-se sobre a mesa :

— Eu tenho uma communicação a fazer.

— Se é pilheria...

— Não é pilheria, homem.

— Que é? perguntaram todos.

— Vocês, em tempos, pensaram em fundar um club litterario...

— Ahi vem a mania.

— Perdão, não é mania; ouçam primeiro. Eu estou organisando as bases de uma sociedade artistica e litteraria. Nós não temos um centro de reunião, não temos uma sala onde possamos conversar um minuto, em intimidade. Vem um estrangeiro aqui, é uma vergonha: temos de recebel-o em um botequim ou em um hotel, se ha dinheiro. Somos tantos, reunamo-nos e, contribuindo cada um com uma quota mensal, podemos ter perfeitamente a nossa sala de sessões para discussão de theses, palestra, recepção de confrades, etc. Eu tenho em vista uma sala, ou antes, o primeiro andar de um predio magnifico na rua do Hospicio. Aluga-se aquillo, installamo-nos e, á proporção que fôr entrando dinheiro, iremos dando expansão ao club até que, com o tempo, possamos editar as obras dos socios que mais dignas parecerem á commissão julgadora. Conto com uns vinte e tantos membros, tenho os nomes aqui na minha lista. Que acham vocês? Patrocinio achou a idéa excellente e todos applaudiram ficando immediatamente convocada a primeira reunião para a quinta-feira proxima. O titulo « *Gremio de Lettras e Artes* » proposto pelo Neiva foi aceito sem discussão. Patrocinio e o Neiva despediram-se: o primeiro tinha reunião na Confederação Abolicionista, o segundo ia mandar

arranjar a casa, encarregando o Teixeira d
entender-se com o senhorio. Ruy Vaz pouco s
demorou tendo um negocio com o Garnier. Fi
caram os tres: Fortunio, Moraes e Anselmo.

Anselmo estava macambuzio, a fronte carregada, silencioso e, recahido sobre a bengala que mettera debaixo do braço, balançava a perna com desalento; Fortunio atirava baforadas para o tecto e o Moraes, preoccupado, tamborilava no marmore da mesa.

— Que diabo! vocês estão tristes, disse por fim o poeta da *Tarantula*. Que tens, Anselmo? já brigaste com o Patrocinio? Anselmo resmungou. Homem, tambem não fazes outra cousa. Quantas vezes tens sahido da *Gazeta*? mais de vinte. O José já sabe —, quando lhe appareces enfarruscado, annunciando que vais deixar a folha, elle pergunta logo: quanto queres, e está a questão decidida. Se precisavas de dinheiro porque não fallaste emquanto elle aqui estava?

— Não se trata de dinheiro.

— Então que ha?

— Divergencia politica, aventurou Fortunio.

— Qual politica! Bem me importa a mim a politica. Aquelle gerente da *Gazeta* julga-me, ao que parece, um menino de doze annos. Se lhe peço dinheiro vem sempre com cinco mil réis, dez, quando muito, e eu que me contente. Estou com os sapatos neste estado, já não têm sola, o casaco é uma nodoa, o chapéo é isto; não tenho meias, não tenho camisas, devo dois mezes de casa. Que diabo! assim não ha quem possa escrever.

— E' o que eu digo, rosnou Fortunio.

— Mas não te pagam? perguntou Moraes.

— Aos pingos: não é um gerente, é um conta-gottas.

— E que vais fazer?

— Vou tomar conta do *Diario Illustrado*. O Henrique Steel vai deixar a redacção e os proprietarios convidaram-me.

— Aquillo dá alguma cousa?

— Sei lá.

— E quando começas?

— Talvez amanhã.

— Já disseste ao Patrocinio que ias deixar a *Gazeta*?

— Já.

— E elle?

— Poz-se a rir.

— Homem, queres um conselho? fica na *Gazeta* e não vás atraz de promessas enganadoras. Esse *Diario Illustrado* não vive um mez.

— Como não vive!?

— Não vive. Qual é o teu programma politico?

— Eu sou opportunista.

— Qual opportunista! tu não és nada.

— Ou isso.

— E é com essas idéas que vais escrever artigos de fundo?

— Qual artigo de fundo! isso é uma chapa; o jornal vive muito bem sem artigo de fundo. Tenha elle noticiario variado, uma parte litteraria, sport e charadas — vai longe. Has de ver.

— Pois sim.

— E tu, Fortunio?

— Eu? Eu vivo perfeitamente. Tenho a cidade por menagem, que mais quero? Isso de comer e dormir só me preoccupa quando tenho fome ou somno. Faço os meus versos e escrevo-os em qualquer mesa de café, tenho como alampadarios as estrellas do céo, amo todas as mulheres bellas, a rua do Ouvidor é a minha sala de visitas; o meu quarto só Deus conhece! Vivo muito bem.

— E se adoeceres? Fortunio encolheu os hombros e atirou uma baforada.

— Que diabo! vocês não pensam...

— Felizmente! Que seria de nós se pensassemos.

— Pois eu acho que devias procurar alguma cousa.

— Queres que me empregue no Paschoal? queres que me faça conductor de bonds ou que vá rolar fardos na alfandega?

— Não digo isso, mas podias arranjar lugar num jornal.

— Ora, Luiz, eu sou brasileiro e tu bem sabes que os nossos jornaes são emprezas estrangeiras creadas no intuito pratico de explorar commercialmente o sentimento publico, com certa discrição ou ás escancaras. Um jornal é um escriptorio de commissões... de idéas. Quando leio um estirado artigo tratando das glorias da patria, invocando a alma da nação, com muita rhetorica e muita hypocrisia, tenho vontade de rir porque penso

immediatamente nesses prestidigitadores que fallam, fallam para illudir o publico emquanto preparam as sortes, emquanto fazem os passes. Qual imprensa brasileira, qual historia! Meu amigo, Portugal está com o grito do Ypiranga atravessado na garganta, elle não nos perdôa a independencia e, como não se póde assenhorear da terra, apodera-se do espirito do povo. A escravidão é muito peior. Agora não é o territorio que pertence á Luzitania, é o povo que se sente opprimido pelo reinol, dono da imprensa e, por isso mesmo, senhor da opinião publica. Elle faz a politica como faz o cambio e, para que vejas o cumulo, basta que eu te diga que ha emprezarios que mandam contratar jornalistas em Portugal para virem dirigir a opinião brasileira. Vivemos sob a tutela de feitores. Aqui só ha um jornal brasileiro: é a *Gazeta da Tarde*...

— Estás exagerando...

— Estou exagerando..? mostra o exagero. Eu bem sei porque fallo. Não, deixem-me com a minha liberdade. Prefiro dormir debaixo da ramaria duma arvore da minha terra a ouvir increpações dum sapateiro qualquer que, por haver enriquecido na tripeça, entendeu de se fazer proprietario de folha. Deixem-me cá com as minhas idéas, podem parecer ridiculas mas são sinceras.

— Que diabo! vocês estão hoje azedos.

— Eu não, disse Anselmo.

— Nem eu, ajuntou Fortunio.

— Olha, o Anselmo vai dirigir um jornal, emtanto não me consta que elle tenha nascido na outra banda.

— Sim, vai dirigir... mas quaes são os proprietarios do jornal ? dois commissarios de café, portuguezes.

— Mas que odio é esse a Portugal, homem de Deus ?

— Perdão, eu não tenho odio algum, estimo e admiro Portugal mas, como brasileiro, não devo deixar sem protesto a intervenção do estrangeiro na vida nacional. Você não vê um francez intrometter-se comnosco, nem um inglez, nem um allemão — é só o portuguez.

— Mas ha as affinidades de origem, a lingua, os costumes...

— Historia, homem ! é que quem foi senhor entende que ha de sempre dominar, esta é verdade.

— Estás bilioso.

— Não estou tal.

— Estás. Vamos sahir ; a tarde está linda.

— Não, eu despeço-me. Vou ver um patricio. Até amanhã.

— Não queres jantar commigo ?

— Não.

— Olha que lá em casa só o vinho é portuguez mas é excellente.

— Perdão, pensas que eu sou inimigo dos portuguezes? não ha tal, já expliquei a minha opinião. Que farias tu se um hospede começasse a dar leis em tua casa?

— Quebrava-lhe a cara. Riram-se todos e, sem mais explicações, apartaram-se.

Anselmo estava *in albis* e, como pretendia passar a noite trabalhando porque tencionava dar começo a um romance para o rodapé do *Diario Illustrado*, deteve-se na esquina da rua da Uruguayana farejando um jantar; onde, porém, havia elle de encontral-o? Os jantares não passeiam na rua do Oüvidor e, certo disso, o futuro redactor-chefe foi subindo vagarosamente, descoroçoado, quando, no largo de S. Francisco, ao dar com a estatua do patriarcha que o sol crepuscular polvilhava de ouro, teve uma inspiração feliz: «E' verdade! porquè não hei de ir jantar em uma casa de jogo? Fortunio come regaladamente e declara que as tavolagens têm os primeiros cozinheiros desta cidade. Que mal ha nisso? Vou; não jogo, mesmo porque não tenho vintem, como e ponho-me a andar antes que a policia me apanhe na batota. O diabo é que não conheço ninguem... se ainda pudesse encontrar o Lins... mas onde?!» Resolveu procurar o poeta no Castellões mas só achou o Neiva, na ultima mesa, diante de uma papelada esparsa, a tomar notas.

— Salve! O bohemio fitou-o com os olhos piscos, sem pince-nez.

— Oh! senta-te. Tomas alguma cousa?

— Não.

— Sabes? o nosso Lins está á morte. Anselmo deu um salto na cadeira:

— Como?! Se ainda hontem estivemos juntos.

— Pois, meu amigo, já está sem falla. Estou chegando da casa delle; nem me reconheceu.

— Mas que tem?

— Sei lá! congestão ou cousa assim. E, pondo o pince-nez, bramio com os olhos rutilantes: Extravagancias! Vocês não me querem ouvir. Eu vivo aqui a bradar como um João Baptista contra as extravagancias e todos pensam que estou a fazer pilheria. Seu Lins é um homem fraco, doente, pois hontem, á noite, em vez de tomar o seu cognac do costume, entendeu que devia experimentar um sorvete. Sorvete! neste paiz...! o resultado ahi está: não escapa. Os medicos não têm esperança de salval-o.

— Então está grave... ?

— Se estou a dizer que já perdeu a falla.

— Vou vel-o.

— Deves ir.

— Onde mora elle?

— Fóra de portas: nos confins da rua do Senador Pompeu.

— E eu vinha aqui procural-o para ir com elle a uma casa de jogo.

— Hein?! vaes jogar?

— Qual jogar! não tenho vintem: ia jantar.

— Ias á ficha de consolação.

— E' verdade.

— Janta commigo, queres?

— Onde?

— Alli defronte, no Londres.

— Pois vamos.

— Mas, espera um instante, deixa-me arranjar esta papelada... posso morrer de uma hora para a outra e não quero comprometter umas tantas senhoras que me amam. Estou agora com seis

complicações: duas no largo do Rocio, uma na rua do Lavradio, outra na rua do Riachuelo, ainda outra no Daury e uma senhora honestissima em Paula Mattos... ! Ah ! meu amigo, só a minha paciencia, só a minha paciencia. A de Paula Mattos, então, é uma féra ! quando appareço tarde desaba em cima de mim como uma avalanche, e são beijos, e são lagrimas e são dentadas. Um desespero! Tenho o corpo como um mappa-mundi, sou um homem tatuado pelo amor. Hontem fui ao cabelleireiro e o homem esfregou-me a cabeça com uma loção não sei de que, pois, meu amigo, quasi me matam, as seis! Foi um trabalho para convencel-as de que eu sahira de um salão de cabelleireiro e não da camara de uma rival, e, á noite, estava amassado, triturado... um horror! Não te mettas com mulheres ciumentas, mira-te neste espelho e, arregaçando a manga do casaco, mostrou o braço manchado, denegrido. E isto não é nada, se visses o resto choravas; é um horror! Mas, que hei de fazer? E a despeza? uma quer frutas, outra quer camarotes, outra reclama um leque, a de Paula Mattos anda a perseguir-me por causa dum chapéo que vio na Douvizy e seu Neiva que cave ! Eu já ando atordoado, não sei mais como hei de arranjar dinheiro. Toma alguma cousa.

— Vou tomar um Xerez.

— Olha um Xerez aqui!

— E o *Gremio*, Neiva?

— Vou tratar disso. Hoje mesmo decido a questão da casa. Já amanhã poderemos installar-nos.

Era uma necessidade. Em toda a parte os homens de lettras têm um centro onde se reunem, aqui não: ou a rua do Ouvidor ou o botequim, é uma vergonha. E querem que haja solidariedade. Vamos levar isso a effeito: é uma idéa que nos póde trazer magnificos resultados. Atirou a mão espalmada á coxa do companheiro: Seu Anselmo, nós somos uma potencia. Se nos unissemos, se não andassemos num eterno schisma provocado pela vaidade, porque cada qual se julga o maior, o pontifice das lettras, já teriamos feito alguma cousa, emtanto não valemos nada. Uma das causas da decadencia litteraria, talvez a causa principal, é esta maldicta rua do Ouvidor. Vocês mal sahem do banho frio, ainda molhados, engolem, ás pressas, a chicara de café e correm para aqui e aqui passam os dias beberricando, elogiando-se, discutindo sonetos e chronicas ou farejando cocottes. Que diabo! não é assim que se faz um artista... Trabalhem, dêm algumas horas ao livro, façam alguma cousa a serio, deixem este maldicto vicio da rua do Ouvidor.

— E tu?

— Perdão, eu não sou um homem da penna nem me apresento como tal — eu sou um folhetinista oral: a rua do Ouvidor é o meu rodapé. Eu faço com a palavra o que vocês fazem com as pennas com a differença, porém, de que eu estudo e vocês espreguiçam-se, bocejam inertemente.

— Tu estudas?

— Não faço outra cousa — os meus livros andam encadernados em cheviots, em flanellas, em sedas;

ha alguns brochados e são os miseraveis. Cada typo dá-me um folhetim, cada vida, a mais simples, dá-me assumpto para fallar uma hora. Vivo a dizer verdades. Bem sei que a minha obra é precaria mas ha de ficar o beneficio. Eu fallo: a minha enxada está aqui e, espichando a lingua, tocou-a com o indicador.

Levantaram-se e seguiram, caminho do hotel. Justamente Anselmo chegava á porta quando esbarrou com o Lins que entrava, com um grande charuto encravado nos dentes.

— Que é isto! Tu aqui?!

— Então? onde querias que eu estivesse?

— O Neiva disse-me, ha pouco, que estavas á morte, sem falla...

— Sem vintem é que estou, desde hontem.

— Mas não estiveste doente?

— Qual doente! Não tenho nada, nem ceroulas... estou aqui sem ceroulas. E' uma vergonha!

— E com os sapatos num estado...

— Um homem de espirito não olha para os pés, murmurou o poeta; Anselmo levantou os olhos e desatou a rir:

— Onde foste buscar esse chapéo, Lins?

— Sei lá! appareceu-me na cabeça hoje de manhã. Era um velho chapéo de palha, de grandes abas, crivado de furos. Creio que servio de alvo em alguma casa de tiro... mas assim é bom, o ar penetra livremente e, como os medicos recommendam que se deve trazer sempre a cabeça fresca, estou bem contente com este colmo. O Neiva, que

havia parado a conversar com um patricio, deu um salto para a calçada quando vio o poeta:

— Tu! Donde vens! Tu és o Lins?!

— Em carne e osso.

— Pois não morreste?

— Não, como vês.

— Nem esteve doente, disse Anselmo, emtanto tu affirmaste que o havias visitado e que elle estava sem falla.

— E' exacto; mas eu sou capaz de jurar... Eu não estive hontem em tua casa, Lins?

— E' possivel; não garanto porque lá não fui.

— E' extravagante...!

— E' macabro!

— Pois eu hontem estive comtigo, por Deus! estavas agonisando, sem falla. Pensou: Onde jantei eu hontem, Francisco? Ah! jantei no Daury... Então foi sonho.

— Com certeza.

— E tu? que fizeste hontem?

— Homem, para dizer a verdade, não sei. Accordei hoje ás 9 horas da manhã em casa de uns estudantes, na rua do Nuncio. Não me interrogues: sou um poço de discrição.

— Queres jantar comnosco...?

— Vá lá. Entraram.

— Pois olha, eu já tinha começado a recolher uns cobres para mandar rezar a missa de setimo dia.

— E arranjaste alguma cousa?

— Seis mil e que...

— Pois vamos beber essa missa e vê se tiras depois para um *Te-Deum* em acção de graças pelo meu restabelecimento... e bebe-se tambem o *Te-Deum*. Sentaram-se á mesa e iam começando á jantar quando Fortunio appareceu rindo a bandeiras despregadas.

— Que é isso, homem? O poeta sentou-se e contou, por entre gargalhadas, a «noite» do Duarte. Havia fallecido uma das suas muitas apaixonadas — menina loura, de olhos azues, quinze annos, com o doce nome de Carmen. Exaltado o Duarte, para sopitar a grande dor, atirou-se á adega paterna e, durante tres dias, encafuado entre os canteiros, bebeu e chorou desesperadamente. Na noite da vespera, inconsolavel, resolveu ir visitar a noiva que se finára e abalou para o cemiterio de S. João Baptista conseguindo penetrar no Campo Santo. Errou muito tempo entre tumulos sem acertar com o que escondia o formoso corpo da donzella até que, por fraqueza das pernas, rolou sobre um delles abraçando-se com a cruz. E começou a soluçar, blasphemando contra Deus, pedindo a morte e, tanto fez que, nem elle mesmo sabe dizer como, arrancou a pesada cruz do sepulcro sahindo com ella como uma reliquia. Tomou o bond mas, um soldado, desconfiando do pesado fardo que mal o poeta sustentava nas mãos, interpellou-o:

— Quem é o senhor?

— Eu sou o homem mais desgraçado deste mundo, camarada.

— Que vai fazer com essa cruz?

— Vou leval-a ao Calvario... e desabou sobre a praça chorando inconsolavelmente. Diz elle que o soldado ficou commovido mas, nem por isso o deixou ir em paz: convidou-o a acompanhal-o até a estação e lá o Arthur, em pranto, contou a scena nocturna —que effectivamente penetrara no cemiterio e que arrancara a cruz do tumulo da sua amada para crucificar-se quando a saudade fosse muito forte e o caso vem hoje contado na « Gazeta », sob o titulo *Profanação* e o Arthur vio, com pasmo, que a cruz era do tumulo de um commendador...

— O *Convidado de pedra*... mas elle?

— Anda por ahi indignado.

— E o processo?

— Qual processo! a familia metteu-se no caso. Mas é doido!

— Inteiramente. Já jantaste?

— Não.

— Janta comnosco.

— Não, estou compromettido.

— E' caso de amor?

— Não, qual amor... não tenho tempo para essas cousas. Vou jantar com um carnavalesco que me pedio um puff.

— Ah! bem. Amanhã, á noite, primeira reunião do Gremio.

— Lá estarei. E já marcaste o dia da dissolução?

— Como da dissolução? Então não acreditas que possamos manter um centro de palestra?

— Não acredito.

— Porque?

— Porque conheço o meio.

— Pois ha de viver.

— Duvido muito. Nós não temos espirito de associação.

— Mas é necessario que tenhamos.

— Não dou dois mezes ao *Gremio.*

— Uma aposta! bradou o Neiva dando um salto.

— Apostemos!

— Cem mil réis!

— Está feito.

— Não dura um mez?!

— Não dura um mez, repetio Fortunio tranquillamente, e, sem mais dizer, estendeu a mão aos rapazes e sahio.

No dia seguinte, ás onze horas da manhã, sem almoço e sem esperança de encontral-o, Anselmo assumia o posto honroso de redactor-chefe do *Diario Illustrado* com um reporter, o Franco, e um continuo, o Maia. O escriptorio era na rua da Uruguayana, um sobrado novo, com duas janellas de frente, claro e arejado. Anselmo, muito grave e sisudo, conferenciou com os proprietarios da folha sobre o programma politico que devia traçar no artigo de fundo e sobre as idéas financeiras que tinha a defender. Quanto á politica percebeu que os homens entendiam que a monarchia era o idéal, que o imperador era o unico monarcha decente do universo, que S. Christovão era a suprema côrte, que a princeza era uma santa e o conde d'Eu um sobrio; quanto ás idéas financeiras

nada percebeu porque os homens fallaram tanto em cambiaes, em stocks, em avos e, em outras cousas extranhas ao ouvido do redactor que elle sahio do gabinete tão alheio a tudo como se acabasse de conversar com dois japões mas, compromettеu-se, com muita gravidade, a promover a alta do café e a cimentar o throno com a logica formidavel da sua penna. Os proprietarios sahiram satisfeitos e Anselmo passou á sala da redacção para distribuir o serviço. O Franco, de mãos nos bolsos, passeiava pela sala, fumando; Anselmo chamou-o e, com autoridade:

— Senhor Franco, tem alguma cousa?

— Não tenho nada, disse o reporter continuando a passeiar. Estou fazendo horas para ir ás secretarias.

— Quem vai á policia?

— O moleque. O moleque era o Maia. Eu não tenho botas de sete leguas. Mande o moleque. Que custa? As notas estão promptas. Eu não vou.

— Mas vae ás secretarias?

— Sim senhor, posso ir. E, á noite, aos theatros.

— E o senhor redige as noticias?

— Eu não. Deus me livre! Não faltava mais nada! Por sessenta mil réis. Ora! Não redijo nada. Quem quizer que redija, eu não. Anselmo exacerbou-se e, de pé, franzindo a fronte, com a espatula em punho:

— Mas, afinal: que faz o senhor? O Franco voltou-se.

— Que faço? vou á secretaria do imperio, vou á secretaria da justiça, vou á secretaria da

guerra, vou á secretaria da marinha, vou á secretaria das obras publicas, vou á secretaria dos estrangeiros, vou á camara municipal... e então? pensa o senhor que sou de ferro? isso não! Com o senhor Steel eramos dois, eu e o Reis, agora sou eu só para tudo... isso não! então paguem mais. Saio daqui estrompado para ganhar sessenta mil réis; isso não! Mande o moleque. Que fica elle fazendo aqui? é um vagabundo que passa os dias cochilando e chupando balas; que vá. Eu não vou, já disse, nem que me rachem. Anselmo, mais calmo, resolveu entender-se com o Maia e chamou-o. O continuo era gago e, para dizer uma palavra, contorcia a face, escancellava a bocca como num accesso epileptico.

— Senhor Maia, o senhor sabe ir á policia?

— Sê... ê... ê... i... e sim se... nhô... ô... ô... or...

— Não sabe outra cousa, um bebedo como esse, rosnou o Franco. O Maia lançou-lhe um olhar feroz.

— Então dê um pulo até lá e veja se ha alguma cousa.

— A' noite, aconselhou o Franco, é melhor que elle vá á noite, porque traz tudo de uma vez.

— Eu...vô...u...ô... vou sem... empre á noi...te, disse o Maia.

— Pois então á noite; mas não se esqueça.

— Nã...õ és...es...quê...ê...ço nã...o...se...ê...nhor.

— Póde ir. O Maia retirou-se e o Franco, puxando uma cadeira, repoltreou-se diante da mesa de Anselmo.

— Então é o senhor só que vem fazer o jornal?

— Eu só.

— E aguenta?

— Não sei, vou ver.

— O senhor não aguenta. Olhe que esta folha come materia que não é graça. A gente escreve, escreve, escreve e, quando pensa que tem muito, meu amigo, nem meia columna. Vai ver. O senhor, sem um companheiro, não faz nada.

— Quem sabe!

— Vai ver. Ah! eu sei bem como se faz um jornal.

— Tambem eu.

— Pois não parece. O senhor arria... se não chamar um companheiro não faz nada. Depois, meu amigo, quando a gente trabalha e vê cobre ainda vale a pena, mas aqui... ?!

— Não pagam? perguntou Anselmo sobresaltado.

— Ora! uma ninharia. Eu ganho sessenta mil réis; e o senhor?

— Duzentos.

— Não é dinheiro.

— E' pouco, concordo, mas, em todo o caso, já se vive.

— Qual! Um homem não vive decentemente no Rio de Janeiro com menos de quinhentos mil réis. Quanto pensa o senhor que eu gasto por mez? pensa que eu vivo com esse cobre magro que levo daqui? pois sim... Eu regulo gastar quatrocentos a quinhentos mil réis. Ah! faço a minha feriasinha

todas ás noites; vou a um *bico*, vou a outro e pingando aqui, pingando alli, faço a minha feriasinha. Ah! se eu só contasse com o jornal estava bem aviado.

— O senhor joga?

— Jógo, não por vicio, por necessidade: sustento minha mãi e uma irmã. Só de casa pago quarenta mil réis e, com vinte hei de dar de comer a duas pessoas e roupa e calçado e botica e mais uma cousa e mais outra? pois sim! Atirou uma cusparada, por entre dentes, silvando. Faço a minha feriasinha e vou arranjando a vida. Não vale a pena ser jornalista no Brasil, não vale, repetio meneando com a cabeça desoladamente. Eu gosto ahi duma moça, queria casar, mas tenho lá coragem de pedir a menina com essa bagatella? Eu não! Quando casar quero que minha mulher appareça, não ha de andar como muitas que conheço, isso não. Estou aqui esperando cousa melhor. Vim para a imprensa porque pensei que isto era outra cousa, mas, logo que ache um empregosinho ahi numa secretaria, musco-me. Fincou os cotovellos na mesa e, com as mãos no rosto: O senhor não se dá com o ministro do imperio?

— Não.

— Mas conhece alguem que seja uma boa cunha para elle?

— Não, não conheço.

— E' o diabo! se eu arranjasse um lugarsinho de amanuense... não digo que deixasse a imprensa, não, porque, emfim, isto é uma cachaça,

podia, de vez em quando, escrever o meu folhetim, o meu sonetosinho... mas contando com o ordenado certo no fim do mez. Deixe lá! não ha como a gente ser empregado do governo. No fim do mez o cobre está cantando e isso é que serve.

– E o senhor escreve folhetins?

— Não sabia?

— Não.

— Escrevo; e faço os meus versos. Tenho aqui um soneto, se o senhor quer. E metteu a mão no bolso fundo do casaco.

Tirou um papelucho amarellado, abrio-o lentamente, pigarreou e leu, com grandes gestos largos:

A' CONSTANÇA

Constança morena tú es a aurora
Do meu porvir magnanimo e sublime.
Se o meu verso o meu amor exprime
Eu deixo aqui o meu verso, senhora.

Hontem de tarde quando a carpidora
Pomba rola, mais debil do que o vime,
Cantava a sua ballada, ai! eu senti-me
Capaz de acompanhal-a pelos campos a fora.

Porque a vida é dor, loura criança,
E eu choro tanto por ti que o meu peito
Já está secco assim como o Sahara.

Olha para mim, ó pallida Constança!
Vê como estou por dentro todo desfeito
Diz a minha dor duma vez: O' dor, para!

Dobrou o papelucho e, fitando Anselmo com ar triumphante, perguntou:

— Então? que tal.

— E o numero de syllabas? e o conceito?

— Conceito! para que isso?

— Pois não é uma charada novissima? O Franco bufou:

— Que charada! Trate serio. Pois eu vou lá fazer charadas á minha noiva, seu? E' um soneto e está muito bem feito. Não vejo por ahi quem faça melhor, agora se não quer publicar isso é outro caso.

— Tem uns versos quebrados. O reporter poz-se de pé como se houvesse soffrido uma grande injuria e, arrancando o soneto que havia descido ao bolso profundo, repetio, com espanto: Versos quebrados... Onde?

— Leia lá. E o Franco, com emphase, declamou:

Constança morena tú es a aurora

— Um...

— Um, como? Então este verso está quebrado? Onde está a quebradura?

Constança morena tu és a aurora

— Vamos adiante...

Do meu porvir magnanimo e sublime

Voltou-se intimativo: — Tambem está quebrado!

— Não, mas é imbecil. Porvir magnanimo e sublime é uma asneira.

— Asneira... asneira! Ora tire o cavallo da chuva. Então eu não sei portuguez! asneira porque...! Vamos ao diccionario. O' Maia, que é do diccionario portuguez? O Maia esticou o beiço e bateu com uma das mãos na outra. E', já foi para o *cêbo*... Pois se houvesse aqui um diccionario eu mostrava.

Se o meu verso o meu amor exprime

Diga que está tambem errado; e poz-se a contar pelos dedos.

«S'o meu vers'o meu amor exprime...»

Ficou pensativo, depois disse: Tem nove, falta uma... Baixou os olhos, de repente, erguendo a cabeça exclamou: Mas espere, ha um que tem onze, tira-se-lhe uma e passa-se para este e fica tudo arranjado.

— E'... disse Anselmo que já havia lançado o titulo do artigo de fundo, numa lettra caprichosa e esbelta: *Caveat!*

— Vai escrever o artigo?

— Sim, vou.

— Então eu vou dar um gyro; posso apanhar alguma noticiasinha fresca. Olhe, hoje ha uma primeira; o senhor vai?

— Vou.

— Eu posso ir, se quizer... e faço a noticia.

— Obrigado; eu vou. O Franco foi debruçar-se á sacada e ficou a cantarolar; por fim, resolvido, tomou o chapéo e sahio recitando:

Constança morena tu és a aurora
Do meu porvir magnanimo e sublime
....

Anselmo dedicou-se de coração ao jornal. Morava na rua do Marquez de Abrantes, numa pensão nobre, em companhia do Steel, o antigo redactor do *Diario*. Levantava-se muito cedo, tomava o seu banho e descia para a cidade, sentando-se immediatamente á mesa de trabalho. Escrevia o artigo de fundo, a *Bohemia*, romance *au jour le jour*, a chronica do dia, redigia o noticiario e todas as secções; corrigia as notas que o Maia trazia da policia e ainda passava os olhos pelas noticias do Franco, cuja orthographia era das mais complicadas. A' noite estava derreado mas com que prazer, na manhã seguinte, abria o jornal e revia o seu trabalho, emmoldurando a gravura central que elle sempre acompanhava de algumas palavras explicativas.

Os proprietarios, emtanto, não pareciam satisfeitos porque o jornal não tinha venda e era um trabalho para o agente conseguir um annuncio. O Franco, sempre a protestar contra a miseria:—que não havia talento possivel com aquella pingadeira, apparecia, ás vezes, á noite, resmungando, com a papelada numa confusão horrivel e, accumulando as notas, monologava:

— Qual! quando não se está de sorte é isso...

O meu numero! o meu numero!... Se eu tivesse feito o meu jogo, aquella banca tinha estourado. Mas é isso, quando a gente não está de sorte... Depois o diabo daquelle cabula a chorar, a chorar. Detinha-se, cravava os cotovellos na mesa e, com as faces nas mãos, ficava olhando perdidamente: Tres vezes! parece incrivel! e eu no pequeno! Ah! pedaço de burro! é bem feito. Mas qual! quando não se está de sorte é assim mesmo. Estão aqui as notas.

— Houve alguma cousa?

— O 29...

— Foi preso? perguntou Anselmo julgando que elle se referia ao idiota que escandalisava a rua do Ouvidor com os seus improperios mas, o Franco amuou:

— Qual preso! deu tres vezes e eu no 8.

— Ah! na roleta...?

— Sim, mas não jogo mais, nem uma ficha. A roleta é um jogo besta. Afinal qual é a sciencia da roleta? nenhuma, é só questão de sorte. Ha tres dias que não ganho um vintem, é só perder, é só perder. Vou acabar com isso.

— Mas o senhor foi ás secretarias?

— Fui; pois não estão ahi as notas? Não houve nada. Amanhã sim, ha despacho.

— Bom, vamos trabalhar.

— Eu vou dar uma volta pelos theatros. Sahio. A's dez horas o Maia ia ao *Diario Official* e á meia noite, quando o paginador, saciado, declarava que o jornal estava prompto, Anselmo sahia

lentamente, tomava um copo de leite no *Java* e no bond ia cochilando até a porta de casa e, ás vezes, passando pelo quarto do Steel ouvia palavras sussurradas, risinhos, estrepitos de beijos e lembrava-se de Amelia com voluptuosa saudade mas, tanto que repousava a cabeça no travesseiro, adormecia pesadamente como um trabalhador da terra.

Apezar de todos os esforços, o jornal não lograva impor-se ao favor publico e, quinze dias depois de haver Anselmo assumido a redacção, os proprietarios, vendo que o café continuava a baixar zombando dos artigos violentissimos do redactor chefe, resolveram « suspender a cesta », como disse, com muito pittoresco e muita resignação o Franco, quando recebeu o saldo.

Voltaram os dias difficeis. Forçado a abandonar a casa da rua do Marquez de Abrantes, onde se achava tão confortavelmente installado e podendo dispôr do magnifico guarda-roupa do Steel que era pichoso e franco posto que, algumas vezes, franzisse o nariz encontrando na rua do Ouvidor as suas calças cobrindo as pernas magras do companheiro, Anselmo partio á aventura como o moço Perceval, não á conquista do santissimo calice mas, em busca de um tecto e de uma sopa que o resguardasse da intemperie e lhe saciasse a fome. A *bohemia* parecia haver emigrado — só o Neiva e o Lins appareciam. Ruy Vaz annunciava um romance. Havia tambem abandonado, não por gosto, o palacete das

Laranjeiras, o amoravel e penseroso arvoredo os jantares pantagruelicos e vivia num sotão modesto com a sua musa e um cachimbo. Fortunio tambem andava afastado; Bivar, com idéas scientificas, ia, de quando em quando, dar uma vista d'olhos ao amphitheatro e compunha poemetos; o Duarte, sempre apaixonado, contava a toda gente os seus infortunios; o Moraes e o Arthur laboravam. *A Vida Moderna*, em lucta aberta com a *Semana*, sahia aos sabbados, tremenda, com a sua gravura pantafaçuda e os formidaveis artigos do poeta da *Tarantula*. Estava travada a batalha, e, uma tarde, como se encontrassem os dois grupos num botequim, correu copiosamente o caldo de canna que foi o hydromel do festim espiritual, e, diante dos burguezes aterrados, poetas dum e doutro partido recitaram, como em Wartburgo quando os bardos, tendo á frente o grande Wolfran, empenharam-se na grande lucta lyrica. O Moraes, assomado, lembrava aos do seu bando o que deviam recitar e Fortunio, com uma voz branda, disse uns versos repassados de melancolia, o Alberto respondeu-lhe com um soneto admiravel; Moraes ergueu-se e os versos fortes da *Guerra* atroaram com o fragor de catapultas; outro poeta bucolico veio trazendo por uma rechan, ao romper do dia, um carro de bois rangendo aos solavancos e Anselmo frenetico, com os olhos despedindo raios, arregaçando as mangas do casaco, despejou sobre a mesa a sua cornucopia hellenica e, de mistura com pastores que

sopravam syrinx, sahiram hoplitas e deuses, hetairas e pallakai, philosophos e poetas, Eschylo ás voltas com Aristêo, Menandro de braço com a lubrica Lycenion, Laïs e Minerva, as bacchantes e as coephoras, as eumenides e as thesmophorias e, ás cinco e meia da tarde, encharcados de caldo de canna, sahiram triumphalmente os poetas daquelle Parnaso onde havia um moinho de café e um homemzinho, corcunda como Thersytho, que apregoava bilhetes de loteria.

A victoria ficou indecisa mas, o Moraes, querendo dar uma batalha decisiva, no numero seguinte da *Vida Moderna*, atirou-se com a furia de um Ajax sobre um dos grandes poetas do outro lado e desancou-o.

A resposta seria violenta se houvesse sahido, mas o jornal contrario appareceu calmo, sem referir-se á questão, e os da *Vida Moderna* entoaram o pœan da victoria.

Por esse tempo, o *Gremio de Lettras e Artes*, que já havia conseguido reunir no seu seio oito socios dispostos a tudo, annunciou a segunda sessão. A' noite, onze lettrados assignaram o livro de presença e o presidente declarou que ia dar começo aos trabalhos. Cahio um grande silencio e foi lida a acta da sessão anterior; logo em seguida um poeta de Nitheroy, já avô, pedio a palavra e, desatando um grande embrulho, annunciou a leitura de um poema. Um calefrio percorreu toda a sala e o relogio da torre de S. Francisco batia vagarosamente oito badaladas quando

o veneravel poeta disse com uma voz circumspecta, com o gesto sobrio de quem vai tomar uma pitada: *Canto primeiro*...! A's dez e meia da noite, num silencio funebre, o genio, depois de haver engulido dois copos dagua gelada annunciou: *Canto segundo*. O Lins dormia profundamente; Duarte, recostado, fazia castellos; Moraes arrancava fios do bigode; o presidente estava succumbido, um dos secretarios havia abandonado a mesa e; ao fundo, o Teixeira, empoado de caspa como se tivesse sobre os hombros um arminho, passeiava resmungando. A' meia noite a voz do poeta annunciou: *Canto terceiro*. Era demais!

O Neiva deu um salto feroz:

— Hein! canto terceiro!? Está enganado. O Moraes rugia e Fortunio, muito calmo, estirou os braços bocejando.

— Vou me embora! disse o Moraes.

— Faltam apenas quatro cantos, explicou timidamente o poeta.

— Quatro cantos! exclamou o Neiva, e o senhor pensa que eu não tenho trabalho para ficar aqui até depois de amanhã ás suas ordens? Ora, meu amigo...

— Mas eu estou com a palavra.

— O senhor está com a palavra e eu estou cahindo de somno.

— Senhor presidente, decida: Os meus dignos consocios entendem que a hora vai muito avançada.

— A hora está correndo... para fugir do poema disse Fortunio; e o poeta continuou:

— Eu peço a V. Ex. que me garanta a palavra para a sessão seguinte.

— Não apoiado! exclamou o Neiva e outros bradaram: Não apoiado!

— Como não apoiado? é do regimento...

— Qual regimento. Para um caso como este só um regimento de policia. Peço a palavra. Sr. presidente... Mas o presidente dormia e foi necessario que um dos secretarios o sacudisse para que elle desse attenção ao Neiva que gesticulava, trepado em uma cadeira.

— Tem a palavra o Sr. Francisco Neiva.

— Sr. presidente, peço a V. Ex. que suspenda a sessão. E' mais de meia noite, as nossas familias já devem estar alarmadas, e eu estou com fome. Não jantei ainda, sahi da Ilha das Flores e vim logo para aqui e, se eu soubesse que havia uma cilada, palavra d'honra: não me apanhavam.

— Uma cilada?!

— Pois não, senhor presidente: tres cantos dum poema maior do que a paciencia dum santo. E' necessario que V. Ex. ponha cobro a taes escandalos. Se começam a fazer pilheria como a de hoje, não dou nada pelo gremio. Eu serei o primeiro a pedir demissão... Ah! não ha duvida!

— Eu não sabia que os senhores não gostavam de versos.

— Perdão, nós gostamos de versos mas detestamos essas cousas que o senhor fez com o proposito criminoso de destruir a obra do nosso esforço...

— Como ?!

— Como!? dando cabo da paciencia dos socios. Olhe, alli naquelle quarto ha dois dormindo a somno solto, aqui dormiram todos, menos eu, porque queria ver até onde ia a sua coragem: foi até ao canto segundo e iria ao decimo se não protestassemos. Ora, meu amigo, ao menos por condescendencia...

— Vá ser poeta assim para o diabo! rosnou o Moraes.

— Meia resma de papel!

— Mas eu pedi licença.

— Pedio licença para ler um poema mas não disse que era um absurdo, uma cacaria metrica.

— São alexandrinos.

— Alexandrões! Ha versos ahi que têm mais pés do que um escolopendro. Senhor presidente, meus senhores, bôa noite! Deante da disposição do Neiva, o presidente suspendeu a sessão.

Para Fortunio e Anselmo o *Gremio* foi uma instituição providencial; não lhes deu glorias litterarias mas, que somnos magnificos alli dormiram os dois! Uma noite, depois duma tumultuosa sessão, como chovesse copiosamente, foram os dois entender-se com o Teixeira, chamado o « mar Caspio » titulo allusivo á carambina que lhe cahia da cabeça branqueando-lhe o casaco, para

que lhes permittisse ficar em um dos quartos, que era chamado o archivo e onde apenas havia jornaes, um almanach de Laemmert e uma lata pequena a um canto. O Teixeira, que era o zelador do *Gremio*, não o queria ver transformado em albergue nocturno e resmungou, mas os dois bohemios, com argumentos fortes e pondo-se logo á vontade, convenceram-n'o. O architecto sahio recommendando o maior cuidado e que não accendessem cigarros com os preciosos authographos que havia na pasta.

— Não ha duvida, Teixeira : dormiremos tranquillamente e, se não houver um terremoto has de encontrar amanhã a casa como nol-a confiaste e Deus no céo levará ao teu activo dois somnos repousados que vão dormir um poeta e um prosador.

— E de manhã, quando sahirem, puxem a porta.

— Puxaremos a porta, Teixeira. Vai com Deus!

— Até amanhã.

— Até amanhã. Sós, com todo o gaz da casa acceso, sentaram-se nas cadeiras dos « immortaes » e Fortunio, accendendo um cigarro, estirando as pernas, rompeu o silencio.

— Ora muito bem. Já é alguma cousa a litteratura: fornece hospedagem. Graças ao nosso talento temos uma casa para dormir. Verdade é que não ha cama mas tambem Roma não se fez em um dia. Contentemo-nos com o quarto, amanhã virá o resto.

— Mas, a proposito, onde vamos nós dormir...?

— No chão.

— Com este frio!?

— Temos alli jornaes, podemos forrar o soalho com jornaes.

— E para cobrirmo-nos?

— O *Jornal do Commercio* é um magnifico lençol.

— Então vamos arranjar isso porque eu estou a cahir de somno.

— E eu tambem, disse Fortunio: passei hontem uma noite de cão.

— Onde?

— Na praia de Botafogo.

— Em casa de quem?

— Numa estação de policia.

— Foste dormir em uma estação!?

— Fui, não: levaram-me.

— Porque? que fizeste?

— Eu? nada, mas o Duarte é louco. Era uma hora da madrugada, iamos os dois pela rua de S. Clemente, quando o Duarte vio uma barrica abandonada. Quiz fazer de Diogenes e poz-se a rolar a barrica e teria ido com ella ao Jardim Botanico se um soldado não lhe embargasse o passo. Nós, para dizer a verdade, não estavamos muito direitos e começamos a discutir com a policia e o resultado da discussão foi o homem zangar-se ameaçando-nos com o refle. Diante da attitude atrevida do permanente o Duarte, que não é molle, sacudio o corpo e atirou uma cabeçada tão valente que o soldado virou de pernas para o ar e nós.. é por aqui! Mas o homem

levantou-se e, apitando, lançou-se desesperadamente atraz de nós e, quando iamos tomando um bond que passava, fomos agarrados... Ah! meu amigo, que noite! Na estação protestei, quiz resistir mas, havia tantas espingardas... Quando me pediram o nome tive uma esperança e disse com arrogancia:

— Fortunio, jornalista... mas o cabo rosnou: «Hum! é a mania de todos... Já appareceu aqui um que disse que era Fagundes Varella, outro que era o barão de Cotegipe e estava numa mona que não se lambia. Pois sim... Metta os homens no xadrez!» e lá fomos de cambulhada. Eu vociferei, jurei vingar-me, agarrei-me ás grades mas, tive que resignar-me e fiquei com o Duarte entre uma negra bebeda e um italiano feroz que rangia os dentes e jurava por todas as madonas do Paraiso. Uma noite medonha. A's tres horas entrou um sujeito que fôra encontrado tentando arrombar um kiosque. Que lamuria! Esse não esteve calado um segundo. «Ahi está, um homem vai com o seu dinheiro procurar alguma cousa para comer e vem um camarada dizendo que a gente está arrombando o kiosque... Eu, ladrão! seja tudo pelo amor de Deus! ai! ai! e ainda por cima trazem a gente para um chiqueiro destes, cheio de pulgas... isto até faz mal. E' por isto que ha tanta febre amarella no Rio de Janeiro, pois não limpam o xadrez como é que a gente ha de ter saude? Um homem sai daqui direitinho para o Cajú. Ai! não é pela prisão... Quantos homens

importantes têm sido presos? o Tasso... e o Tasso era um poeta supimpa... Eu só me zango porque me tomaram por gatuno. Ha muita injustiça neste mundo de Deus, um homem velho, doente, arrombando kiosques...» Depois implicou com o italiano que, cochilando, cahia sobre elle: «chega p'ra lá, mussiú...» e, duma vez, atirou tamanho murro repellindo o dorminhoco que, se um soldado não acudisse, teria havido uma scena terrivel, talvez sangue. Por fim, cançado, adormeci. Mas, de manhã, quando tivemos de subir á presença do delegado, entre praças, no rol dos vagabundos, pela praia de Botafogo... Ah! Anselmo, quasi morri de vergonha. Bonds passando, gente conhecida... um horror! Felizmente o subdelegado conhecia o Duarte e, depois de muitos conselhos, mandou-nos em liberdade mas eu fiquei sem quinze mil réis que levava...

— Furtaram-t'os?

— O escrivão pedio-m'os sob promessa de liberdade. Ah! estou morto.

— Vamos dormir. Estenderam os jornaes, um ficou com o almanach de Laemmert e, cobrindo-se com as largas folhas do *Jornal do Commercio*, adormeceram profundamente sobre a imprensa da capital.

Accordaram com o rumor das carroças que desciam a rua aos trancos. Fortunio estirou os braços preguiçosamente e sahio em exploração pela casa, com esperança de encontrar um banheiro; mas apenas existia uma bica avara e os

dois resignaram-se a uma affusão ligeira, dizendo Anselmo, com máo humor, sacudindo a agua do rosto, como quem sacode o suor:

— Bem se vê que esta casa foi construida pelo Teixeira. O monstro é tão entranhadamente patriota que, apezar de viver no Brasil ha trinta e cinco annos, ainda tem no corpo terra de Portugal. Vejam isto—um predio com pretenções a palacio sem banheiro. Voltando ao quarto rasgaram as camas e os lençóes e Anselmo teve curiosidade de ver o que havia na lata.

— Ha alli alguma cousa, Fortunio; vamos ver?

— Olha, cuidado! Talvez sejam ossos de algum parente do Teixeira.

— Se forem ossos põem-se alli um epitaphio. Eu vou ver... E, sem mais hesitar, abrio a lata, lançando aos ares uma exclamação ruidosa.

— Que é? um thesouro?

— Roupa branca, meu amigo! roupa branca; uma camisa, um par de meias, ceroulas e dois lenços... O' maravilhoso achado! Eu devia hoje mudar o meu linho e foi Deus que me inspirou.

— Pois queres vestir a roupa do Teixeira, homem?!

— Certamente.

— Mas tu desappareces e vai ser um trabalho para eu encontrar-te. E' uma loucura.

— Qual loucura! Antes de mais nada a limpeza. Bem vês que a minha camisa está ganhando uma cor neutra, porque nem é branca nem é cinzenta e esta é alva como a innocencia;

o diabo é a gola. Ora! ao menos andarei folgado. E, atirando para um canto a camisa neutra, vestio a do Teixeira que rescendia suavemente a herva de S. João... mas a gola! Se Anselmo baixava a cabeça lá se lhe ia o queixo pelo abysmo, se a levantava, apparecia-lhe metade do peito. «Mas o ar penetrava livremente... era como se estivesse nú...» disse o bohemio arregaçando as mangas compridas. Valente pescoço, sim, senhor! Valente pescoço!

— Anselmo, tira essa camisa, está indecente.

— Qual indecente! pois uma camisa que cheira como o mez de Maio. O' inveja, bem te conheço. E vestio as ceroulas. Fortunio não se conteve — desatou a rir vendo o companheiro naquellas amplas bombachas; mas as meias... as meias cobriram os pés e ainda ficaram como etc., etc., duas pontas indefinidas.

— O pé do Teixeira é do tamanho dos dos versos do Silva. As meias parecem folhetins... com o «continua»; tanto melhor: quando estiver suja uma metade calço o resto.

— Não são meias, são caixas economicas, porque é nellas que o Teixeira guarda as economias.

— Em compensação os lenços são magnificos.

— Mas tu pretendes sahir assim, Anselmo?

— Então?!

— Tu estás hediondo.

— Mas estou limpo.

— Procura um espelho...

— Qual espelho! eu tenho consciencia de que estou muito bem. Vamos tomar café. Agora, se eu desapparecer na camisa, puxa-me.

— Não olhes para baixo.

— Por que?

— Por causa da gola: podes ter a vertigem do abysmo.

— Descança — olharei para diante. Vamos. Contendo o riso, Fortunio sahio com o companheiro. Na rua varias pessoas olharam com espanto a immensa gola por onde o vento entrava com uivos; mas o bohemio, de cabeça alta, seguia para o *Java*, onde fez um almoço de assobio em companhia de Fortunio. Ás duas horas estavam no Paschoal, discutindo a litteratura do Norte, quando o Teixeira rompeu, fulo de ira:

— A minha roupa, senhor Fortunio. Pois os senhores pedem-me o *Gremio*, transformam-no em hospedaria e, ainda por cima, carregam a minha muda de roupa?

— Perdão, disse Fortunio sisudo, eu não tenho a sua roupa.

— Eu não sei quem a tem, o caso é que ella desappareceu da lata. Então está com o outro. Anselmo, que vira entrar o Teixeira, alteou a voz, fallando dos russos mas, o architecto interrompeu-o:

— Minha roupa! E, vendo a immensa camisa, reconheceu-a immediatamente e, de braços cruzados, meneando com a cabeça, exclamou: Ora, seu Anselmo... pois então o senhor!

— Que é?

— Que é! é a minha camisa que o senhor tem no corpo.

— E' tua?

— De quem ha de ser?

— Pois olha, eu não sabia.

— Ah! não sabia? pois saiba então. A camisa, as meias, as ceroulas e tudo que o senhor tem no corpo.

— Perdão: as calças são minhas, o collete, o casaco, a gravata, o chapéo, as botinas...

— Eu fallo da roupa branca.

— Branca é um modo de dizer, amarella porque está encardida, tu tens uma lavadeira detestavel.

— Não sei, vamos ao *Gremio* porque eu preciso da roupa. Quem o alheio veste...

— No *Gremio* o despe, concluio o bohemio, e, fleugmaticamente: mas eu não dispo.

— Como não despe? Então o senhor pretende ficar com a minha roupa? o senhor acha que eu devo andar com um collarinho amarfanhado e o senhor ahi muito janota...

— Janota! com esta gola? ora seja tudo pelo amor de Deus! Teixeira, deixa-me com a roupa, eu quero entregar-t'a lavada pela minha lavadeira que é uma artista.

— Mas eu não quero! rugio o architecto. Das outras mesas já olhavam curiosamente quando o Patrocinio e o Moraes decidiram intervir na questão, responsabilisando-se o primeiro pela camisa

e por um pé de meia, o segundo pelas ceroulas e pelo outro pé de meia, e o Teixeira foi convidado para a mesa tomando furiosamente uma cajuada, emquanto o queixo de Anselmo apparecia e desapparecia no abysmo do collarinho.

Quinze dias depois o *Gremio de Lettras e Artes*, esperança do Brasil litterario, fechava as suas portas depois de uma renhida discussão, que ia degenerando em pugilato. Os illustres fundadores do grande cenaculo sahiram pezarosos e convencidos de que, entre homens de lettras, não ha espirito de associação. «Não coadunam, dizia o louro secretario, homens de talento não fazem liga, é escusado. Um poeta e um romancista podem engalfinhar-se, mas ligar-se... isso nunca!» E durante um mez, aos jantares, não appareceu proposta alguma para fundação de clubs litterarios. Fortunio e Anselmo sentiram profundamente porque perdiam uma casa magnifica, posto que o Teixeira, escarmentado, não quizesse mais permittir dormidas no sanctuario do espirito; mas resignaram-se e atiraram-se ao mundo com coragem e fé. Uma manhã Anselmo rondava os cafés lançando olhares compridos, quando o Neiva appareceu esbaforido:

— O' homem! madrugaste?!

— Não dormi.

— Como, não dormiste?

— Não, passeei... fui a Botafogo a pé, fazer horas.

— Deves estar estafado.

— E louco por uma chicara de café.

— Vamos tomar. Entraram no *Java* e o Neiva, servindo-se de assucar, disse de repente: Homem, queres uma impressão?

— Eu preferia um par de sapatos.

— Isso agora é difficil.

— Mas qual é a impressão?

— Vem commigo a bordo. Vou receber a primeira leva de retirantes.

— Os cearenses?

— Sim.

— E' hoje?

— E' agora; o paquete está entrando.

— A que horas poderemos estar de volta?

— A's duas. Se queres decide-te.

— Vou. O diabo é que perco a hora do almoço.

— Almoçamos a bordo.

— Mas... haverá alguma cousa?

— O' homem, avia-te!

— Vamos lá, seguiram. O Neiva, muito loqua poz-se a fallar dos patricios que vinham ne exodo triste, tocados pela fome. Pobre gente! o sertanejo da minha terra, é o rustico do campo cearense, é o caboclo serrano, é tod população do grande centro flagellado. Vais que miseria. Deus não se compadece da min terra, de vez em quando é isso—um sol tremendo que bebe toda a agua dos rios, que secca todas as fontes e começa o abandono da terra. Quem annuncia a calamidade é o gado que vem arribando das varzeas adustas levantando o «choro»

lamentoso que se ouve á distancia como um prantear da natureza sacrificada; parece que é a propria terra que geme e clama misericordia; depois é o homem que, vendo mirrar a sua roça e não encontrando uma gotta d'agua no açude árido, fecha a porta da cabana e emigra. Oh! a retirada...! O gado vai cahindo exhausto pelos caminhos e os corvos baixam sobre os grandes bois magros e acabam-nos á bicada devorando-os em vida; o homem, mais resistente, caminha afundando os pés na areia combusta, com a cabeça ao sol, cantando para suavisar a marcha dolorosa. E são velhos tropegos que mal podem mudar um passo e mulheres e crianças e moças virgens, sertanejinhas formosas, vêm em bandos e caminham sem ver um oasis, através da esterilidade inclemente. Se um pantano apparece ao longe, precipitam-se atropelladamente, ajoelham-se á beira d'agua morta e bebem e arrancam a tabôa vão envenenados mas saciados: alguns morrem ficam nos caminhos abandonados; outros, com desanimo, deixam-se cair á sombra escassa de uma arvore sem folhas e morrem á mingua ou devorados pelas onças avidas que atroam o silencio das noites mornas com os seus berros; e quanta tristeza nas cantilenas! Este lembra a sua casinha de palha, entre os milhos, aquelle falla com saudade da sua roça, do lugar em que nasceu donde sahio pela primeira vez, expulso pelo sol e o clamor, que é assim que eu chamo ao canto dos retirantes, o hymno maguado dos banidos,

echoa de quebrada em quebrada lamentavelmente. Mas, meu velho, mais cruel que o sol é o coração do homem. Esses infelizes são explorados na sua miseria. A' virgem, quando chega á primeira villa, apparece logo o libertino propondo um punhado de farinha a troco da sua pureza e a desgraçada, que tem fome, entrega-se, ás vezes perto dos pais moribundos, diante dos pequeninos irmãos que olham espavoridos.

— E' infame!

— E' uma miseria! mas que queres? é assim. Eu queria que me mandassem dirigir o serviço no Ceará e eu que encontrasse um desses patifes! O Neiva arregalou os olhos e bufou colerico, com os punhos cerrados: Esganava-o, palavra de honra! Esganava-o! Tu vais ver a miseria. Haviam chegado ao caes Pharoux, catraieiros acudiram de chapéo na mão, offerecendo botes:

— E' para o nacional? temos alli a *Maria Flora*, patrão... Olha a *Ventania*... E' para o francez? Quer um bote, patrão? Eu tenho toldo. Podemos ir á véla... E todos avançavam, fallavam ao mesmo tempo, disputando os dois rapazes, e o Neiva, muito calmo, sem dar attenção aos homens, olhando o mar, bradou:

— Lá está ella! Alli vem! Irrompeu então contra os homens. Pois os senhores não me vêm embarcar aqui todos os dias? não sabem que tenho lancha? não me conhecem? e, empertigado, ameaçando com a bengala: Emquanto eu não vier um dia disposto a fazer uma limpeza neste caes isto não

endireita. Os catraieiros retiraram-se cabisbaixos e o Neiva, rugindo, acompanhou-os algum tempo com o olhar chispante. Depois voltou-se para o Castello: Lá está o signal do paquete. Vamos, está ahi a lancha. E caminharam para o embarcadouro.

Como deviam entrar dois paquetes, já assignalados no Castello, era grande o movimento de embarcações no mar — botes que iam á vela ou a remo, lanchas que partiam sulcando fundo as aguas e, como o sol brilhava no céo limpido, a bahia tinha um raro fulgor; gaivotas circulavam no ar puro, grasnando. Os dois tomaram a lancha que logo se pôz em marcha, demandando o navio que entrava, lento e negro, vagaroso, pesado.

— Ah! meu Deus! exclamou o Neiva com a mão em pala diante dos olhos encandeados, parece que vem alli um pedaço da minha terra infeliz, o meu Ceará amado. Porque ha de o Senhor causticar aquella bemdita região dos palmares? E' uma praga! parece que o Ceará foi escolhido pelo sol para victima. De tempos em tempos, bumba! lá vem a secca e é isto que estás vendo — o sertão a emigrar, a fugir diante do incendio e da aridez. O paquete avançava magestoso e a lancha ia passando entre um cruzador e um pontão quando sons agudos de corneta retiniram, depois apitos e um escaler foi baixando dos turcos sobre o mar onde começou a balouçar-se graciosamente.

— Bello navio, disse Anselmo.

— E' a *Guanabara*.

— A minha carreira...

— O' homem, pois tu gostas disso?

— Da marinha? não estou alli a bordo porque meus pais entenderam que eu tinha uma decidida vocação para medico, fui mesmo á escola mas, diante do primeiro cadaver, no amphitheatro, o meu estomago protestou com tanta energia que resolvi abandonar o escalpello e o esqueleto e atirei-me á balança e á espada. Ah! meu amigo, o mar... Não imaginas como eu adoro o oceano, o largo oceano...

— Pois eu detesto-o.

— Enjôas?

— Não, a bordo devoro como um escrivão de cartorio mas, deixa lá! não ha como a terra firme, pisa-se em cheio. Isso de saber a gente que está a mercê do vento e da vaga não é commigo. Shakspeare já disse: perfida como a onda, e eu já me vi com agua pela barba, em uma viagem.

— Naufragaste?

— Quasi! fomos sobre umas pedras e, não te digo nada... que horror! Mas sabes o que mais pena me causou? foi lançarem ao mar um precioso carregamento de cognac... Ah! meu amigo, eram caixas sobre caixas. Eu quiz protestar com uma objecção razoavel: Commandante, se continúa a dar bebidas ao oceano então é que elle nos arranja alguma com a ressaca... mas o homem estava tão grave no seu posto de responsabilidade que eu retirei o meu conselho e metti-me no beliche chorando o desperdicio. Nada como a terra firme,

sempre ha mais segurança. Em terra só naufragam emprezas. Isso de ir um de nós para as areias alimentar as sardinhas não é nada seductor. Não ha como um homem sahir da sua casa barbeado, vestido, em um caixão de primeira com os seus parentes e amigos para o cemiterio — sempre a gente sabe onde está... e póde ter a sua corôa no dia de finados.

— Ora, isso é uma preoccupação futil.

— Como preoccupação futil? Não acho. Eu é porque não tenho dinheiro; logo, porém, que arranje um cobrinho compro quatorze palmos de terra em S. João Baptista e mando edificar o meu mausoléo. Ora tão certo como estarmos nesta lancha ronceira.

— Para que quatorze palmos?

— Porque eu conto com a familia que ha de querer morar commigo, mesmo algum amigo, terá casa ás ordens.

— Pois eu preferia descer ao fundo do mar.

— Pois meu caro, se para lá fores não contes commigo para acompanhar-te o enterro. O' patrão, esta lancha não anda. Parece que não sahimos do mesmo lugar. O paquete passava enorme, sereno. A' prôa uma multidão apinhava-se — homens, mulheres, crianças alongando olhares para a terra desconhecida que lhes ia offerecer hospedagem. O Neiva poz-se de pé e, com o chapéo na mão, bradou: — Salve, Ceará! E logo, visivelmente commovido, poz-se a fallar como se pudesse ser ouvido: Cearenses, está aqui o Neiva, vosso

irmão, vosso patricio que vos veio esperar. O Neiva! E o paquete seguia para a boia. A lancha partio então á toda a força, acompanhando-o e o Neiva, sempre de pé, bradava: — Cearenses, aqui estou eu! aqui estou eu!

— Vem cheio que nem um ovo, disse um dos homens da lancha.

— Gente feia! exclamou outro.

— Feia mas honrada, protestou o Neiva.

— Parece chim.

— Que chim?!

— E' sim, seu Neiva.

— E eu? eu tenho alguma cousa de chim?

— Vosmecê não.

— Pois eu tambem sou cearense.

— Mas vosmecê não é arretirante, lá dos cafundós.

— Quaes cafundós! Um homem daquelles vale por dez de vocês!

— Qu'esperança! farinha secca não engorda. Aquillo é gente!? é barriga só.

— Pois sim. Vão lá vocês metter-se com um daquelles caboclos.

— Ora, seu Neiva! era num tempo só... tudo aquillo junto não dava para a brincadeira de cinco de nós. A ancora mergulhava e a lancha avançou, manobrando, para atracar á escada de bombordo.

Subiram. O paquete estava litteralmente tomado pelos retirantes — era uma população que alli vinha apertada, constrangida, chorando o mesmo infortunio. A prôa humida tresandava,

redes cruzavam-se, umas estiradas, nas quaes mulheres cadavericas, macilentas, tostadas pelas grandes soalheiras dos campos largos, em mangas de camisa, com as aduellas dos peitos apontando, fumavam nostalgicamente, com os olhos ao longe, perdidos num sonho. Velhos abaçanados, dolhos fundos, cabellos hirsutos, um chapéo de couro á cabeça, a camisa de madapolão desabotoada, deixando ver os bentinhos e os amuletos pendurados do pescoço, com as mãos cruzadas nos joelhos não se moviam como se não houvessem chegado ao termo da viagem; rapagões sacudidos, uma faca á cinta, na bainha de couro, fallavam num rhythmo dolente de canto, num tom interrogativo. Mocinhas puberes, dolhos lindos, a tez macia e rosada, os cabellos dum negro de azeviche, mal levantavam as palpebras timidamente, acotovellando-se ; crianças núas, ventrudas como gnomos, rebolcavam-se no chão ; pequenitos de mama dormiam em esteiras, ao sol, nús, as mãosinhas na boca. A um canto, sobre um rolo de cabos, um velho cego cantarolava e uma robusta rapariga côr de azeitona, de labios grossos e sensuaes, muito dengosa, fazia crivo com a almofada ao collo. Havia um rumor indistincto — eram risadas, cantilenas, suspiros, gritos, choro, pragas; uma viola gemia escondida, mas, dominava o grande zumbido da colmeia a grasnada ruidosa dos papagaios que elles haviam trazido como uma lembrança da terra. O Neiva ia dum grupo ao outro, fallava, interrogava, querendo

saber donde eram, se haviam soffrido muito, se a secca ainda era grande e os infelizes, como se nelle, á primeira vista, houvessem reconhecido um patricio, uma victima, talvez, do mesmo flagello, cercavam-no com sympathia e confiança; os que estavam longe avisinhavam-se com os chapéos na mão respeitosamente e contavam as suas miserias. O Neiva afagava as crianças, animava os moços e as raparigas:

— Vocês aqui estão muito bem, a terra é boa, a gente é boa, ganha-se muito dinheiro. Depois é o mesmo Brasil. Vocês não são brasileiros? Um velho, com uma longa camisa que lhe descia aos joelhos por cima das calças, accenou com o dedo negativamente:

— Nhôr não.

— Como! então você não é brasileiro, velho?

— Cearense té morrê! disse atirando uma cusparada por entre os dentes.

— Então o Ceará não é uma provincia do Brasil, velho?

— Iche! Iche! Ceará é delle só... té morrê. E foi-se resmungando convencidamente. Té morrê... O Neiva rompeu a rir e perguntou: —Até morrer, hein? e o velho, de longe, sacudio a cabeça e repetio!

— Cúmu não? Té morrê!

Uma mocinha, mais desembaraçada, interrogou o bohemio:

— Mecê é nortista?

— Cearense! cearense da gemma...

— Eu logo vi! Só gente do norte é que falla assim. O velho, como se houvesse sido interrogado, resmungou de novo: té morrê!

— Lá está elle. Um caboclo poz-se a assobiar uma cantilena de vaqueiro. Com que melancolia o infeliz ia rememorando o tempo feliz na terra natal: a cavallo, pela verde campina, a vara de ferrão em punho, tocando os marroás atrevidos.

— Eh! patricio. . ! você era vaqueiro? O caboclo accenou com a cabeça: que sim e continuou a assobiar. Anselmo apartou-se querendo ver detalhadamente aquelle sinistro quadro de miseria — o navio lembrava a jangada da *Medusa:* os homens, com raras excepções, tinham physionomias espectraes, como se viessem de uma longa tortura. Junto á amurada descobrio elle uma velhinha encarquilhada, encolhida nos seus andrajos, o cachimbo nos beiços, olhando fixamente — parecia uma bruxa em evocação.

— Eh! velha! A mégera meneou com a cabeça tristemente, como se o saudasse. Você veio só, minha velha? ella accenou negativamente. Veio com seu marido? ella rio num pincho. . . com seu filho?

— Muié... disse ella.

— Sua filha?

— Hen-hen.

— Que é della?

— No má... elles botaram no má.

— Morreu?

— Hen-hen...

— De que, velha? Encolheu os hombros e repetio :

— Botaram no má...

— E você não tem mais parentes aqui?

— Nhor não.

— Nem conhecidos ?

— Nhor não.

— Está só ?

— Nhor sim.

— Como te chamas ?

— Maria Nazareth.

— De onde é você ?

— De Sobrá.

— Que idade, velha ?

— Não sei... não sei mais. Oie, idade tá aqui, moço. E puxou uma falripa branca. Adiante estava um pequenote de pernas finas, quasi nú, com um cachimbo nos beiços e uma mulher nova, sentada na rede, com o peito descoberto, amamentava o filho que era um esqueletinho.

Deslisando sobre a lama escorregadia que, em espessa camada, forrava o navio, Anselmo foi seguindo lentamente, detendo-se diante dos grupos, a olhar, a interrogar. Junto á amurada uma familia olhava a cidade, ao longe, muito branca, reverberando ao sol glorioso, com o casario accumulado, as torres agudas das igrejas hirtas como que espetando o céo e o fundo de montanhas em recortes irregulares, sob uma pulverisação de ouro e como que vinha na brisa o grande rumor da vida agitadissima daquelle

pandemonium, mysterioso para os sertanejos que chegavam dos campos e das serras, tendo deixado a grande e rude natureza agreste.

No mar tambem era incessante o movimento de botes e de lanchas. Falúas corriam a todo o panno, outras passavam arrastadas pelos rebocadores; um grande transatlantico sahia partindo o mar, deixando um fundo sulco nas aguas lisas que logo inchavam em ondas, nas quaes subiam e baixavam os leves botes mercantes; os couraçados, quietos como ilhas, pareciam embandeirados, era a roupa da maruja que seccava á proa, e as grandes barcas como casas errantes, cruzavam-se serenas em caminho para Nitheroy e outras para a côrte, e eram silvos e uivos e dos botes que atracavam ao paquete subia gente anciosa. Um empregado da alfandega, de boné, fallava ao commandante e uma velha mulher, que entrara com grande espalhafato, ia e vinha atordoada, fazendo momos de nojo, a olhar de esguelha os miseraveis que recordavam a terra abandonada. Terra simples, mas bem mais formosa para elles do que a grande cidade que apparecia além alvadia, luminosa, duma grandeza imponente. Anselmo deteve-se junto da familia rustica e um velho, typo patriarchal, physionomia biblica, longa barba a descer-lhe do rosto escaveirado ao peito concavo, dando com elle sorrio, fazendo um leve cumprimento com a cabeça :

— Deus salve a vasmicê. Que cousa é aquella alli, moço? Aquillo no meio das casas que parece um ovo, mal comparando.

— E' a Candelaria.

— Cumu é, mãi? perguntou curiosamente, com os olhinhos muito vivos, uma rapariguinha já pubere, dirigindo-se á velha cabocla que, com os cotovellos fincados na amurada, a face nas mãos, olhava perdidamente.

— Eu sei, muié...

— O moço está fallando.

— Apois! e continuou na mesma posição contemplativa.

— E' uma igreja; explicou Anselmo.

— Ahn...

— Igreja? perguntou a rapariga.

— Sim.

— E' igreja, mãi.

— E' sua filha? perguntou Anselmo.

— Nhôr sim, esses todos; e umsinho ficou lá. E os olhos da velha elevaram-se para o céo como se o pequenino filho perdido lá andasse pela altura azul. Cantavam perto uma doce cantilena repassada de melancolia. O' noites serenas de luar do Norte, ó amenissimos sertões nas serras, ó descantes nas varandas, emquanto o gado recolhido muge! ó vida singela, ó amabilissima vida campesina... que saudade! Mas uma voz atroou:

— Vamos, gente! Nada de choro! isto aqui é a nossa terra, nós somos todos irmãos, toca a embarcar. Vivo! Vivo! Anda velho! Oh! vocês nem parecem do Ceará, terra de jangadeiros. Onde se vio um cearense ter medo do mar. Vamos! Vamos! Era o Neiva.

O bohemio, como um pastor, guiava o grande e infeliz rebanho humano. Já haviam chegado os batelões que deviam transportar a leva para a ilha das Flores — os rebocadores faziam ruido espadanando, e a negralhada chacoteava dos batelões, rindo da pobre gente que descia em avalanche pela escada oscillante do navio, apinhando-se nos transportes, como animaes. As mulheres, sobraçando trouxas, resingavam dando safanões nas crianças que seguiam receiosamente, quasi de rastos. Os homens levavam as cargas: canastras, cofos, as redes enroladas, gaiolas de passaros, a viola, e todos fallavam, gritavam uns pelos outros, procuravam-se com ancia. A's vezes, do meio da escada, tornavam ao navio, gritando: — Mariazinha! êh, muié... caminha! E lá iam a correr precipitadamente, e o Neiva sempre a animal-os:

— Vamos! Vamos! O outro tem de atracar. Vivo com isso, deixemo-nos de choro; ninguem vai morrer. Vamos! E o rebanho infeliz descia chapinhando na lama do convés onde havia detrictos immundos, trapos e cascas de fructas e trouxas sordidas. Vamos! Não ha tempo. Por fim o batelão cheio, atupido de gente, tão sobrecarregado que as bordas iam quasi rentes d'agua, começou a mover-se lentamente, arrastado por um rebocador e do meio sinistro daquelle povo que o sol inclemente havia banido da terra natal, como dum só peito, foi subindo, dolentemente, uma cantiga sertaneja — e o batelão seguia. Os

de bordo acompanhavam-n'o com os olhos entristecidos; e o canto maguado foi se tornando mais forte, mais forte, subio aos grandes ares, como que avassallou o rumor, e, sob o azul do céo, na serenidade daquellas aguas lisas, por muito tempo não se ouvio outro ruido. Os proprios catraieiros indifferentes calaram-se escutando, com piedoso interesse, aquella canção do exodo, hymno triste do campo abandonado, lyrica suavissima da terra que além ficara, canto do monte e do campo, ó doce e rustica poesia que lembrava o para sempre perdido, a doce provincia das palmas verdes, dos verdes mares, inclemente e sempre amada. E lá ia, já longe, o batelão, o canto, porém, parecia estar alli perto, dentro do navio... Ah! e estava! porque os que haviam ficado, esperando que atracasse o outro batelão, filhos da mesma terra, victimas da mesma dôr, repetiam, como em echo, a mesma cantilena.

— Ah! seu Anselmo!... disse apenas o Neiva com a voz presa e os olhos arrasados d'agua.

VI

A idéa da abolição ia ganhando terreno: a palavra «escravocrata» tornou-se um labéo; mesmo fazendeiros faziam garbo em dizer-se abolicionistas e, quasi diariamente, chegavam cartas do interior e noticias que eram publicadas nos jornaes precedidas de commentarios lisongeiros annunciando que fulano ou beltrano libertara todos os seus escravos, conservando-os na fazenda como colonos. Com a partida do imperador para a Europa, começando a regencia da princeza Isabel, logo se propalou que o monarcha, comprehendendo que a idéa republicana começava a impor-se, ameaçadora e forte, deixara a filha no poder com instrucções para que assignasse o decreto que o povo, do Norte ao Sul, reclamava, julgando que, assim, creando uma corrente sympathica, manteria a dymnastia ameaçada pela temeraria propaganda republicana que tinha em Silva Jardim

o principal campeão. Aos domingos o povo enchia o «Recreio», onde os mais ardentes abolicionistas iam, como prophetas, pregar a suave doutrina da redempção dos negros. Patrocinio, com a sua palavra fogosa, em reptos de eloquencia, fazia a descripção da vida infeliz dos escravos. «Nos verdes pastos uberrimos andavam as ovelhas com as suas crias, as mãis negras, emtanto, apartavam-se dos filhos que ficavam vagindo no fundo das senzalas emquanto as miserandas, com os peitos pojados e os olhos inundados de lagrimas, ao sol inclemente, zurzidas pelo vergalho do feitor, iam capinando as ruas dos cafezaes. O esposo negro soffria calado todas as injurias, mesmo a deshonra — alguns, mais violentos, arremettiam armados caindo sobre os miseraveis que os infamavam e, ensanguentados, fugiam para as brenhas onde levavam vida selvagem, de feras, encurralados em cavernas; outros buscavam a morte e, ás vezes, quando as turmas seguiam para o serviço, detinham-se perto d'uma arvore de onde pendia, oscillante, o corpo de um parceiro; nos troncos gemiam victimas; e muitos caminhavam arrastando algemas pesadas e, com gargalheiras, como galés, trabalhavam pela fructificação fecundando a terra que iam regando com suor e lagrimas.» Quantas vezes era a palavra flammejante do tribuno cortada pelos apartes dos secretas que se mettiam entre o povo para perturbar o propagandista com assuadas e ameaças; quasi sempre, porém, eram repellidos á bengala, á pedra, ás

vezes á bala, abandonando o theatro diante da furia da multidão e o orador, serenando o tumulto, continuava, annunciando para muito breve « a grande misericordia ». Todos os moços acompanhavam-no: Octavio Bivar, Luiz Moraes, Fortunio, Neiva, Ruy Vaz, Anselmo e o Pardal que chegara do Recife com dois romances, uma gravata sanguinea, idéas explosivas e uma carta de bacharel. Era um typo romantico de mosqueteiro, um d'Artagnan d'olhos azues, de pelle branca e macia, mãos delgadas, cabellos louros, violentamente atirados para traz e uns bigodes impertinentes, espichados em duas pontas finas, compridas e rijas e a mosca que elle retorcia constantemente, rindo sarcasticamente, numa rinchavelhada irresistivel, um riso percuciente, satyrico que valia por uma vaia quando irrompia da platéa ou do fundo de um camarote. Era ousado e, como brandia a bengala nodosa, esgrimindo, tinham-n'o por espadachim, um cavalleiro de Eon, e temiam-n'o: Era um anjo, dizia o Neiva « O Pardal anda a provocar duellos e quer sangue, quer devastação, tem fome de figados humanos, pois mostrem-lhe ahi um velho enfermo ou uma criancinha com frio e hão de ver como se desfaz em lagrimas. E' até capaz de empenhar os bigodes». Pardal não ia ás conferencias sem o seu revólver e uma faca na cava do collete. Todos fallavam, o povo já os conhecia: eram os apostolos do Messias da raça negra. Entre os artistas a idéa tinha fanaticos: os Bernadelli eram dos mais

enthusiastas; no theatro: Dias Braga, Vasques, Guilherme de Aguiar, Arêas, Galvão, Peixoto, Mattos, Eugenio de Magalhães, Maia, Ferreira, André, Castro, Suzana, Oudin, Balbina, Clelia; entre os musicos Pereira da Costa, Miguez, Tavares, Nascimento e a doce Luiza Regadas, alma meiga, o rouxinol da propaganda e Francisca Gonzaga, a maestrina. O Amazonas já se havia libertado — não havia mais um escravo nas margens do rio-oceanico e o Ceará, seguindo o exemplo da sua irmã do Norte, concluio num dia a obra intrepida dos jangadeiros, iniciada nas aguas pelo valoroso caboclo Nascimento; e na serra paulista, entre as grandes arvores, crescia o quilombo de Jabaguara, engrossado diariamente por bandos foragidos que chegavam dos mais longinquos municipios da terra dos Andradas. Era impossivel suster a marcha triumphante da idéa que vencera as reprezas: a tropa confraternisava com o povo e, nas duas camaras, era grande a maioria dos abolicionistas a cuja frente estava a valida e sympathica figura de Joaquim Nabuco.

Patrocinio, desligando-se, com saudade, da *Gazeta da Tarde*, havia fundado a *Cidade do Rio* chamando Anselmo, que andava em disponibilidade, sem casa e sem botinas, escrevendo contos e fantasias á mesa dos cafés, jantando, nem sempre, parcamente, na rua da Uruguayana, onde, de quando em quando, havia lautos banquetes, com discursos, a 500 réis por boca, duas moringas d'agua inclusive. Esse hotel modico e

discreto, pelos grandes e inolvidaveis serviços que prestou á litteratura, ás Artes e mesmo ao funccionalismo, merece menção especial e honrosa.

Dava almoços e jantares a quinhentos réis, mas, que almoços! e que jantares! o primeiro prato era: um *começo;* o segundo: uma *continuação*; o terceiro: um *ultimo*. Emquanto os Ugolinos devoravam ouviam os caixeiros que, em mangas de camisa, vociferavam: «Dois *começos!* Olha tres *ultimos*... Duas *continuações*...» Não eram abundantes os pratos nem saborosos mas nutriam, e tanto bastava. Como havia um gabinete reservado eram alli realisados, de tempos a tempos, sumptuosos festins.

Em certa occasião, sendo a fortuna do grupo limitada e havendo um dos convivas se excedido em libações, Fortunio lembrou-se de substituir com agua da Carioca a quantidade da outra agua que havia sido ingerida; mas o caixeiro, dando pela fraude, protestou e exigio o que não havia, porque todos os poetas juntos não valiam 220 réis. Houve uma larga discussão e uma bengala ficou como refem nas mãos do hoteleiro, representando um extraordinario de seis calices. Ruy Vaz, que não se podia habituar com aquella casa sordida, frequentada pelo que havia de peior na cidade, rejeitava os convites que lhe faziam os companheiros.

— Não, ao *quinhentão* não vou. Aquillo é detestavel, cheira á graxa. Depois, aquelles caixeiros immundos, de tamancos, que parecem folhetins

encarnados com aquelles brados de: *continuações*, irritam-me os nervos. Prefiro ficar *in albis*. A mesa para mim não é simplesmente um comedouro, deve ter algum encanto que delicie a vista. Os olhos comem tambem, comem os ouvidos, o nariz come e o tacto igualmente. Eu não dispenso a baixella, os crystaes, as flores e gosto de sentir nos dedos uma toalha lustrosa e um guardanapo liso... e alli o guardanapo tem a côr de um esfregão, a toalha parece um panno de açougue; as moscas vêm comer com a gente á mesa e, ás vezes, com tanta gana que nos entram pela boca, succedendo lá ficarem.

— Oh! não é tanto assim, Ruy Vaz!

— Como não é tanto assim? Aquillo é horroroso!

— Como sabes?

— Por informações. Um amigo meu que alli jantou comeu taes immundicies que, no dia seguinte, teve de ir ao escriptorio de um medico lavar o estomago e com sabão.

— As feijoadas são excellentes, Ruy Vaz. Já uma vez comi alli mocotós de porco.

— Eram pés de algum dos caixeiros.

— Ora... has de lá ir commigo.

— Eu?

— Tu, sim.

— Estás enganado.

— Pois eu vou todos os dias.

— Tu? perguntou Ruy Vaz com espanto.

— Então?

— A que horas almoças?

— A's dez.

— Ahn... fez o romancista. Pois só te digo que é uma immundicie. Prefiro a fome.

— Pois eu não.

Uma manhã, como de costume, entrou Anselmo no *quinhentão*. A's mesas os freguezes habituaes devoravam: eram caixeiros de casas visinhas, em mangas de camisa, sem gravata, mastigando com furia, operarios, estudantes. Ouvia-se o rechino das frigideiras e as moscas, em enxames, punham grandes manchas nas toalhas, no chão e perseguiam impertinentemente os famintos. Anselmo, para não ser visto da rua, procurava sempre uma das mesas do fundo da sala, mais recatada, e, dando as costas á porta, empanturrava-se, ouvindo as chalaças dos caixeiros e as estrondosas gargalhadas do dono da casa, typo acabado de Sileno, ventrudo, com uma papada roxa que se lhe derramava pelo collarinho, dando uma impressão de sordida fartura; quando ria toda a casa atroava. Ia Anselmo sentando-se quando, olhando para um dos angulos, rompeu a rir vendo Ruy Vaz inclinado a devorar com grande convicção e apetite um *ultimo*, que era o classico bifezinho tenue, com tres batatinhas mirradas. Caminhou e, diante da mesa do romancista, cruzando os braços, perguntou:

— Que é isto? tu?! Ruy Vaz levantou a cabeça e, dando com o companheiro, sorrio sem vexame. Então, sempre te resolveste?

— Ah! meu amigo, eu faço tudo pela Arte. Senta-te. Vens almoçar?

— Sim, venho.

— Pois eu aqui estou. Decididamente não se póde amar a Verdade. Se o publico soubesse quanto custa ser naturalista pagava os meus romances a peso de ouro. Vê tu... vou ás estalagens apanhar em flagrante a grande vida das colmeias e, para que a gente não se perturbe com a minha presença, visto-me de carregador, metto-me em tamancos. Subo ás pedreiras, penetro, com risco de vida, as reles tavolagens, passo horas e horas entre a gente tremenda dos trapiches, converso com catraieiros e, finalmente, venho comer nesta baiúca, como vês.

— Mas, então, não foi por fome?

— Qual fome! Eu podia ter ido almoçar ao Globo mas, ando acompanhando um typo que vai entrar no romance que estou annotando.

— Onde está elle?

— Comeu e sahio. Para que não desconfiasse, porque elle já deve ter notado que o sigo, pedi um almoço e puz-me a comer... machinalmente.

— Quizeste tambem fazer um estudo do bife que aqui se dá?

— Homem, não estás muito longe da verdade; e queres saber? não é tão máo como eu imaginava; é pequeno, muito pequeno, é apenas uma amostra, mas passa. Tenho comido peiores em hoteis de primeira ordem.

— As apparencias illudem, meu amigo.

— Estou convencido. Vou agora provar o chá. Que tal?

— Hediondo!

— Já agora vou ao fim. E chamando o caixeiro com superioridade:

— Arranja-me um chá com pão quente.

— Pão quente é extraordinario. Ruy Vaz pasmou e, depois de fitar o caixeiro, que se poz a torcer a toalha immunda:

— Extraordinario, hein!? Extraordinario é tudo isto que aqui está. E pão frio..?

— Ah! pão ao natural?

— Ao natural?! Que diabo é pão ao natural?

— E' pão que não vai ao forno.

— Homem, esse é que é extraordinario. Pois ha aqui um pão que não vai ao forno, homemzinho?

— Para ser aquecido. Ora! o senhor está caçoando! Vá lá, diga duma vez: quer ou não o pão torrado?

— Não, quero ao natural. Francamente, Sr. Anselmo, isto é hediondo! isto é medonho! E tu almoças e jantas nesta casa? Quem é teu medico?

— Não tenho.

— Pois quem come em uma casa como esta deve sempre ter um medico á cabeceira. Anselmo tomou lugar á mesa e, almoçando, expoz a Ruy Vaz o plano de um romance que tencionava publicar na *Cidade do Rio*; tinha por titulo *O Rei Fantasma* e toda a acção desenvolvia-se num paiz imaginario da Africa.

— Porque não deixas essa mania de orientalismo, homem?

— Gosto.

— Ora, gostas... Trata de applicar o teu espirito ao meio; podes fazer obra magnifica sem sahir da tua terra. Tens natureza, tens almas, que mais queres? Preferes lidar com titeres a lidar com homens. Nunca farás um livro verdadeiro, sentido, farás sempre obra convencional. Deixa em paz os deuses gregos e as odaliscas turcas, não te preoccupes com os templos da Hellade nem com os minaretes de Stambul — trata de fazer relação com a natureza colossal da tua patria, tens um campo vasto de explorações — desde o sertão quasi virgem até á rua do Ouvidor que é o circulo central das almas brasileiras. Deixa-te de Oriente.

— Mas o romance está quasi prompto.

— Pois publica-o mas, fica nesse, não escrevas outros.

— E os contos?

— Tambem os contos. Queres assumptos deliciosos para contos admiraveis? estuda o povo. A alma moderna é mais soffredora do que a antiga e a Dôr é um manancial inexgotavel; deixa-te de nymphas e de faunos, trabalha com homens. Queres saber a razão porque muitos escriptores preferem o orientalismo? porque é mais facil fazer a pompa do que a verdade: são os discipulos de Apelles. Manda á fava essa mania e trata de fazer obra sentida.

Anselmo começava a irritar-se com essa observação que lhe soava aos ouvidos com a insistencia de um remorso. Taes palavras eram pronunciadas

ɔor todos e já se lhe iam tornando uma obce-ɜação, por isso revoltou-se contra o romancista.

— Que diabo! vocês fallam tanto contra a nania do orientalismo e admiram *Salammbô*.

— Perdão, *Salammbô* não é apenas uma obra le ficção: aquella tela deslumbrante é feita com ·erdadeiros fios de ouro. Ha alli, a par do quadro ıistorico de uma civilisação, um largo estudo de :aracteres. Salammbô tem alma, Hamilcar vive, Spendius é uma figura palpitante e o povo de bar-ɔaros assim como a gente punica não são um ajun-ɩamento de titeres. Ha naquella obra lapidaria uma ılma forte que vitalisa os typos; ainda assim, ape-ɜar de mestre Flaubert haver trabalhado aquelle narmore africano com o mesmo escrupulo com que Phidias burilava as suas figuras immortaes, pre-firo á grandeza deslumbrante do rutilo poema a simplicidade de *Mme. Bovary*. Lança os olhos á obra de Balzac e compara o *Israelita* com *Eugenie Grandet* ou com o *Père Goriot*. Tu mesmo, no dia em que começares a lidar com almas, has de con-vencer-te da verdade. Vê o artista que copia uma academia quão differente é daquelle que vai esbo-çando com os olhos num modelo vivo. Posso di-zer-te palavras taes porque conheço ambos os pro-cessos, sei quanto custa transportar para o livro uma alma surprendida na grande vida e quanto é facil fazer obra maravilhosa. Experimenta.

— E tu porque escreves paginas de ficção?

— Por desfastio. Tenho uma valvula de ex-pansão de sonhos.

— Pois é o que se dá commigo. A minha faculdade essencial é a imaginação — vivo a sonhar, as idéas pullulam exuberantemente no meu cerebro e sinto que são as sementes antigas que se fazem floresta. Comecei a estudar em livros orientaes — foram as *Mil e uma noites* a obra que mais funda impressão deixou em meu espirito quando elle se ia formando, depois as historias que me contavam nos serões tranquillos e finalmente as leituras. Eu procurava, de preferencia, nos poetas, as descripções da vida levantina—em Byron o *D. João*, *A noiva de Abidos*, o *Giaour*; em Gautier o seu grande mundo fantastico, em Flaubert, *Salammbô* e assim successivamente; a minha imaginação, assim fecundada, foi-se desenvolvendo nesse meio e hoje sinto que, se deixar o Oriente, fico como um homem que, trazido vendado, acha-se, de repente, como por encanto, num intrincado labyrintho donde não póde sahir por desconhecer os meandros. E' possivel que, mais tarde, consiga livrar-me do que chamas a minha obcecação mas, deixa que eu extravase primeiro; é necessario que eu alije de mim todos os sonhos para que então possa emprehender nova carreira. Por emquanto é impossivel e não quero contrariar as tendencias do meu espirito. Demais, quer me parecer que se póde fazer obra verdadeira com o scenario faustoso. Um homem, pelo facto de andar vestido com uma cabaia de seda oriental e de trazer á cinta um alfange e um turbante á cabeça, não deixa de ser homem. Gautier vivia em Pariz

vestido á oriental. A alma é como a luz: pousa em toda a parte.

— Mas queres dizer-me que podes descrever a vida de Bassora ou de Cachemira como descreverias a vida do Rio de Janeiro? Podes fazer o estudo sincero de um homem de Bombaim como farias o de um desses sujeitos que encontramos a todo o instante nas ruas? Podes descrever o sentimento de um paria?

— Posso.

— Como?

— Imaginando.

— Ah! imaginando... Ah! meu amigo, e porque não has de descrever vendo e sentindo a dor triste de um homem que soffre a teu lado, cujo pranto vês cahir gotta a gotta, cujas lamentações escutas? Não achas que assim farás obra mais completa, mais viva, mais duradoura?

— No fundo do sonho ha sempre a verdade.

— Preferes então sonhar?

— Prefiro.

— Pois, meu amigo, acho que fazes mal.

— Póde ser.

— Queira Deus que te não arrependas.

— Não me hei de arrepender.

— Veremos.

— Pois sim.

— Bem, vamos sahir; o hotel começa a tornar-se insupportavel. Para onde vais?

— Para a *Cidade do Rio.*

— Estás outra vez com o Patrocinio?

— Como secretario da folha.

— Então, até logo. Vou retocar umas paginas. Adeus.

— Adeus, Ruy Vaz.

A *Cidade do Rio* tornou-se « o estuario do genio indigena » como bramia o Neiva atirando bengaladas ferozes sobre as mesas dos cafés.

Para o orgão da propaganda abolicionista affluia a flor da inspiração — Luiz Moraes era assiduo, ora entrava levando uns formidaveis alexandrinos que resoavam tonitruosamente como carros de guerra ora, a pedido do Patrocinio, sentava-se a uma das mesas e, feroz, escrevia o artigo de fundo, com mais imagens do que uma igreja, reclamando, em nome do coração e em nome da Justiça e... de Spencer, a liberdade dos que soffriam. Octavio Bivar, ou mandava uma das suas poesias finamente buriladas ou, com a penna encandescida, rendilhava uma satyra. Pardal, sempre ironico, enchia tiras e tiras com os seus paradoxos ou pedia sangue e figados com a mesma calma com que, no Londres, á tarde, pedia o seu absyntho. Fortunio, Duarte, mesmo Ruy Vaz, sempre atarefado, parando um instante, escrevia algumas linhas rapidas sobre a questão palpitante ou sobre um livro que apparecia aproveitando o ensejo para expor a sua esthetica, defendendo o naturalismo. *A Vida Moderna*, apezar das grandes esperanças dos seus redactores, desapparecera da circulação e a « alma litteraria » como dizia o Luiz, andava

errante, esvoaçando estonteada pelo sarçal do jornalismo mercenario, como a ave que perdeu o ninho, piando aqui uma elegia, chilreando além um dythirambo, sem abrigo certo, peregrina e dorida. Patrocinio, sempre sonhando, depois de prompto o jornal, procurava os rapazes á hora do vermouth e, arrebatado, expunha os seus planos maravilhosos :

— Rapazes, vamos fazer a *Cidade do Rio* ; aquillo não é meu, é nosso... é uma mina, aquelle jornal é uma mina! tudo está em saber exploral-o. Que diabo! não é só ter talento, é preciso tambem um pouco de senso pratico. Andam vocês numa vida de eterna contingencia: um não tem sapatos, como o Fortunio que, ha dias, recordava, com saudade, o tempo em que descia as escadas a correr sem receio de que as solas lhe ficassem nos degráos porque não eram cosidas com barbante, como agora. Outro, o Bivar, anda com um chapéo de palha que parece uma cesta de compras. Anselmo appareceu-me com umas calças cor de telha que, quando elle as tirava, ficavam de pé no meio do quarto como se fossem de barro. Emtanto, se vocês quizessem trabalhar commigo, em um anno,... em um anno não digo, mas em dois, levantavamos uma fortuna e abalavamos para Paris. Alli sim poderiam vocês cultivar a grande Arte. Paris é uma cidade, não é esta choldra onde a gente, aos vinte annos, tem a cabeça toda branca e aos trinta começa a caducar. Mesmo eu começo a

sentir-me cançado, já não sou o mesmo homem. Ha occasiões em que fico debruçado á mesa, com a penna sobre o papel, a rabiscar, a rabiscar, e nada de sahir o artigo...

— Ah! mas quando sahe, exclamou o Moraes bamboleando-se, quando sahe é... como o corpo de bombeiros. Houve uma gargalhada estrepitosa porque o Moraes, juntando o gesto ás palavras, derrubou copos, garrafas e teria estourado um syphon se Ruy Vaz não acudisse ligeiro. Foi em uma dessas palestras que Patrocinio revelou o seu grande segredo : Tinha resolvido o problema da direcção dos balões.

— Já sei que vocês vão sahir daqui commentando as minhas palavras com pilheria ; pois meus amigos, é a verdade : tenho o segredo de Dedalo.

— As azas de cêra.

— Perdão, não ria : garanto que tenho o segredo e vocês não têm o direito de duvidar da minha palavra porque ainda não dei provas de loucura ou de imbecilidade.

— Então vai tudo agora pelos ares ? Patrocinio não respondeu a Anselmo e continuou contendo uma replica :

— Tenho estudado a questão com empenho e creio que venci as grandes difficuldades. Trabalho lentamente porque aqui no Rio de Janeiro não ha um fundidor que execute um molde perfeito : dá-se um desenho e o bruto que o recebe faz cousa inteiramente diversa e a gente que se

lembre de protestar. Vocês sorriem ? pois sim, eu hei de rir lá de cima quando, depois do meu banho frio e de um calice de cognac, sahir d'aqui no meu balão, ás seis da manhã para estar, ás onze, almoçando em Lisbôa. O sonho empolgou-o e o intrepido propagandista, o destemido tribuno, o polemista audaz poz-se a fallar com enternecimento inclinando-se para que as suas palavras não sahissem do circulo dos amigos que, impressionados, já não sorriam, ouvindo, com enlevo, a narração maravilhosa do grande homem :

— Mas, imaginem vocês a cousa nos ares, nós todos na barquinha, porque havemos de ir todos...

— Só se fôr uma das barcas Ferry, adiantou Fortunio.

— Espera, homem : a ascensão, hein? e foi levantando as mãos e batendo o espaço com ellas como se fossem duas azas; rapido jogou o braço e, inclinado, surdamente, explicou: depois, ganhando a linha desimpedida, a desaffrontada estrada aerea, voando, voando, voando, vendo a terra como um nevoeiro, como a vio Menippo, o mar como uma mancha lucida, depois as brumas inferiores, brumas, brumas, brumas e nós, como deuses, navegando em nuvens, numa celeridade vertiginosa, fazendo versos ao grande vacuo, fallando onde só os trovões atroam, rindo onde só riem as madrugadas e orvalhando a terra vil com champagne Cliquot... hein ? que dizem vocês ? E quando chegarmos a Paris, diante do

mundo pasmado e ouvirmos, nos Campos Elyseos, as acclamações do povo magnifico da cidade por excellencia... Vocês não pensam nisso? Que diabo! vocês não têm sangue! vocês não têm nervos...

— Eu penso, disse Fortunio, mas receio que nos aconteça o mesmo que aconteceu a Phaetonte.

— Qual Phaetonte! Phaetonte era uma besta! Você então não toma a sério a minha idéa?

— Como não tomo?

— E se visses o balão não entrarias nelle?

— Conforme: amarrado e com garantia de vida.

— Pois eu vou. Vou e vocês hão de ficar aqui de boca aberta e torcendo-se de inveja. Faço a volta do mundo em uma semana e depois...

— Depois...?

— Depois descanço. Tenho a minha obra. Achas pouco, talvez, a conquista do espaço?

— Eu não acho pouco: acho muitissimo!

— Então por que ris?

— Não estou rindo.

— Watt foi tambem julgado um louco.

— Mas ninguem te julga louco.

- Nem eu admitto. Affirmo que resolvi o problema e, dentro em breve, vocês terão a prova. Um dia, accordando, hão de vocês ver um pontosinho fugindo no espaço, fugindo, fugindo e, quando perguntarem, aterrados, á gente do observatorio: «que meteóro é aquelle que vai pelos

ares fóra tão vertiginosamente,» ouvirão dos sabios as palavras solemnes: «é o Patrocinio que está passeiando em balão. Vai jantar no Caucaso». E então... rira bien qui rira le dernier. E com esta, meus amigos, até logo. Tenho hoje uma conferencia no *Club Tiradentes.* E sahio justamente quando entrava Montezuma, o velho, o amavel Montezuma, grande historiador do Rio da Prata, portador do *althéa* providencial.

Montezuma, official de marinha reformado, apezar dos cabellos brancos e da feição veneravel de patriarcha conservava no coração todo o viço dos vinte annos. Alma que se não regelava, longe de aggregar-se ás neves da ancianidade, chegando-se aos homens do seu tempo que andavam curvados, entristecidos, á espera do vencimento da lettra da vida, buscava a companhia dos rapazes, vivendo nella muito á vontade e com éstos nada inferiores aos do mais ardente bohemio. Como o Timon de Luciano andara com Pluto e com a Miseria sendo intimo de ambos: esbanjara milhões e tivera dias sem lume, longe da patria, em terras sopradas pelo minuano. A historia da sua vida, narrada miudamente, daria um copioso romance de aventuras, qual mais extraordinaria, umas felizes, outras desastrosas. Andara nas aguas do Sul governando um navio carregado de generos e outro transformado em hospital, que ardeu sobre as aguas paraguayas

quando os nossos guerreiros desaffrontavam a bandeira que os guaranys de Lopez ousadamente ultrajaram. Foi elle quem, a 11 de Junho, tendo a noticia da victoria do Riachuelo, sahio a annunciar o feito pelas terras do Prata transmittindo a nova ao Brasil com abundancia de hyperboles. Intimo de todos os grandes homens das Republicas do Sul, fallava dos dictadores como de companheiros de noitadas—empenhara capitaes em revoluções, andara compromettido em golpes de Estado e, depois de haver dissipado milhões, vivia das suas glorias, não como o misanthropo de Athenas, encolhido e bilioso mas, sonhando com emprezas complicadas, sempre a sommar milhares. Homem dos casos analogos e das satyras, tinha sempre uma anecdota a proposito e um commentario caustico para todos os acontecimentos politicos. A mulher era a sua intemperança e raro era encontral-o sem « uma senhora virtuosissima, esposa, viuva ou filha dum amigo do Rio da Prata ». Com essas Penelopes Montezuma apparecia no Paschoal e gastava largamente, não em linho para que fiassem honestamente mas, em sedas, em carros, em champagne. Muito amigo dos rapazes, além de outras virtudes, possuia um talisman inestimavel: o *althéa*. Era um guarda-chuva de cabo branco que, nos momentos precarios, passava das mãos do seu dono para o *prégo*. A's vezes Montezuma entretido em grupos politicos, discutia, com azedume, questões financeiras quando sentia que lhe puxavam o guarda-chuva: era algum dos bohemios.

— Estás com fraqueza pulmonar? queres o cházinho de althéa? e rindo lá o entregava e o rapaz corria ao Hoffmann que, por conhecer intimamente o « objecto », dava os cinco mil réis, que era tudo quanto conseguia arrancar o precioso talisman. Quantas e quantas vezes, sob aguaceiros torrenciaes, Montezuma, encolhido em algum vão de porta, lamentava o seu guarda-chuva:

— E' isto! Tenho um guarda-chuva que é um tapa-miserias. Nem sei em que *prégo* está... E, se via um dos rapazes, ia immediatamente perguntando: Foste tu que penduraste o *althéa*?

— Não.

— Quem foi?

— Não sei.

— Nem sabes em que casa está?

— Não. E bem necessitado ando eu delle.

— E eu! Vou tiral-o amanhã.

— Olha, se o tirares e se não chover, empresta-m'o, porque estou precisado de uma gravata.

— Pois sim. E lá ia Montezuma encharcado, á procura do homem que havia empenhado o guarda-chuva providencial. Estimado por todo o grupo o velho bohemio, que era incapaz de negar auxilio a quem o procurava, só era avaro das relações femininas. Se alguem se aproximava «das honestas senhoras» que elle occultamente protegia, abespinhava-se, declamando grandes moralidades e sahia furioso, com desabalados gestos: « Que não havia respeito! Pessoas de tão

reputada virtude não mereciam a menor consideração.

Como uma personagem de lenda, Montezuma andava quasi sempre a tinir; um dia, porém, irrompia a noticia de que havia comprado carruagem e parelhas caras e, effectivamente, á tarde, gente acudia á rua de Gonçalves Dias para ver o homem tomar o *landau* e bater para Botafogo com muitos embrulhos e varios *pince-nez* no nariz: dias depois reapparecia com o *althéa*, muito murcho, contando que vendera a equipagem e que viera a pé da praia de Botafogo ao Cattete, para pedir a um velho amigo dez tostões para o bond. Nesse tempo, porém, andava elle em bôas relações com a fortuna, — a sua carteira mal fechava, engorgitada de cedulas e elle sabia de cór o numero das apolices que tinha. Vendo os rapazes aproximou-se e, logo de longe, como Anselmo afastasse uma cadeira, declarou que não se queria sentar. Andavam pessoas acompanhando os seus passos e tudo quanto elle fazia era sabido em casa, de sorte que vivia em constante guerra civil. Era forçado a retrahir-se para que não se desse com elle o caso de... fulano, que tanto alvoroçara Montevidéo em mil oitocentos e tantos: e, para contar o caso, sentou-se, pedio um vermouth e esqueceu-se da guerra civil, pondo-se a fallar do imperador com irreverencia: « Que era um velho mentecapto que vivia a quebrar versos e a espiar os astros para fingir de poeta e de sabio. Neto

de Marco Aurelio... Neto de D. João VI, o suino, isso sim. Prophetisou a abolição com energia: Ou isso vem ou nós escangalhamos essa caranguejola em dois tempos. A America deve ser livre. Olhem para as Republicas do Prata, vejam como nadam em prosperidade, sem que precisem de escravos para as suas culturas. Isto é uma vergonha! Confesso que, ás vezes, tenho pejo de dizer que sou brasileiro. Pois havemos de viver sempre no ultimo plano, e porque? porque temos um rei de burla. Está enganado: ou acaba com a escravidão, cumprindo a vontade do povo, ou vai passear; não precisamos de figura de proa na náo do Estado. Eu sou republicano, não de hoje. Já na escola de marinha escrevia manifestos republicanos, posso lá com isso! Eu sinto não ter fortuna senão... ah...» Mas appareceu á porta uma das «senhoras virtuosissimas» accenou com o leque a Montezuma e o velho, muito commovido, pondo mais um *pince-nez* no bico, despedio-se para receber dignamente a dama «viuva de um illustre commodoro.»

O grande acontecimento dessa época foi, sem duvida alguma, o estabelecimento da cozinha na *Cidade do Rio*. Dando ouvidos ás queixas dos redactores que viviam lividos e magros, mal nutridos no sóbrio *Quinhentão*, Patrocinio resolveu realisar um dos seus idéaes que era ter a mesa das refeições ao lado das mesas de trabalho,

de modo que os seus prestimosos auxiliares, mal pingassem o ponto final no artigo, subissem a curta escada que levava á sala dos repastos, quente como uma fornalha e sem luz. A mesa era vasta e occupava toda a sala. Um cozinheiro, mestre perito em adubos, homem dum alto poder inventivo em materia de iguarias, tomou conta do fogão e, nas suas vestes do rito, amplo avental e o competente boné, appareceu, num radioso dia de março, tresandando á cachaça e bambo — foi justamente no dia em que se inaugurou, com urrahs! e um perú de fôrno, a prestimosa innovação. Anselmo quiz escrever um estirado artigo, muito burilado, proclamando a generosidade do redactor-chefe, varios poetas rimaram sonetos, a alma lyrica expandio-se largamente com o aroma seductor dos refogados; nessa apetitosa manhã a inspiração nobre não surgio do cerebro mas da cozinha que perfumava toda a casa. Ao meio dia, descendo o ultimo original, Patrocinio, muito grave, recebendo os representantes dos jornaes, convidou-os para o primeiro almoço. Passaram todos á sala que havia sido ornamentada vistosamente e as cadeiras foram todas occupadas. No centro da mesa uma dourada mayonnaise rutilava. Era um prato digno do triclinio dum Apicio não só pela belleza com que o mestre o dotou, mas pelo cheiro que delle se desprendia, que era de pôr em risco de peccado ao mais abstinente monge da Thebaida. Os *frios* foram desprezados — todos

os olhos, como os dos argonautas, estavam voltados para aquelle Pactolo saboroso de sorte que, quando o copeiro, que era o mesmo criado da redacção, começou a servir, houve um alegre sussurro entre os convivas cujos olhos faiscavam; e, bravamente, com famosa gana, a mayonaise foi atacada ficando um dos revisores com a boca cheia d'agua porque, por impericia do copeiro, na distribuição nada tocara ao infeliz que teve de se contentar com tres douradas e oleosas sardinhas de Nantes. Houve depois um peixe admiravel e, seguidamente, as carnes e por ultimo o perú que arrancou applausos. Ao estouro do champagne, Patrocinio, muito commovido, uma taça em punho, explicou, num brinde magistral, o motivo d'aquella innovação:

« Senhores: instituindo os almoços e os jantares da *Cidade do Rio* não tive em mente concorrer com o *Jornal do Commercio* que era, até hoje, o unico orgão brasileiro que dava de comer aos seus redactores. Não! quiz apenas dar o bem estar aos meus companheiros de trabalho e, como entendo que a primeira condição para que um espirito produza é a saciedade do estomago, tomei um cozinheiro e, ao lado da officina typographica, estabeleci uma despensa. Sacco vasio não se põe em pé, diz a sabedoria popular — com fome não ha talento — é preciso que haja carvão na fornalha para que se gere vapor na caldeira. Quanto tempo perde um redactor em andar procurando um hotel? que riscos tremendos corre a vida de um desses

rapazes que são a gloria futura da nossa patria, entregando-se a esses cozinheiros mercenarios dos hoteis *à la carte*, onde a limpeza é um problema e a virgindade dos vinhos tão suspeita como a da Russia imperatriz famosa ?! Não, com a cozinha em casa tenho certeza de que todos os generos são de qualidade e os vinhos serão analysados cuidadosamente por meu compadre, o illustre chimico Campos da Paz. Este é o primeiro passo. Começo a reforma pela cozinha e espero poder, em breve, ver realisado o meu grande e nobre idéal. Dentro em pouco os redactores da *Cidade do Rio* terão o seu *coupé*, o seu palacete e o edificio do meu jornal será o primeiro da America do Sul. Para isso, porém, é necessario que todos me auxiliem porque a gloria e o conforto que eu procuro não são para mim sómente, todos terão a sua parte. » Houve alarido e uma salva de palmas.

Anselmo, magnificamente repastado, prometteu dar quanto lhe permittisse o seu talento para o brilho da folha e manutenção da respectiva cozinha e Octavio Bivar, enternecido, fez o mesmo protesto. O mestre cozinheiro foi então acclamado, com delirio, por quantos haviam saboreado as finas iguarias que elle, com tanta arte, arrecamara de folhas tenras e temperara com sabedoria incomparavel.

Installada a cozinha, o perfume dos guizados attrahio á *Cidade do Rio*, que se tornou o Hymetto das abelhas lyricas, toda a poesia perambulante. A's onze horas começava invariavelmente a

entrada, como no castello de Wartburgo, não para o repto poetico, mas para a manducação ; e, ao meio-dia, tendo Patrocinio terminado o artigo de fundo, dirigiam-se todos para a mesa, e quanto folhetim foi alli improvisado entre um e outro prato! O jornal dava apenas para a boca e mal, ás vezes sem vinho. Anselmo andava farto, mas com os pés em petição de miseria e o Oliveira estava tão atrazado com a lavadeira que, em certa occasião, puxando um punho diante de Fortunio e pedindo um lapis, o poeta perguntou pasmado :

— Para que ?

— Para tomar uma nota.

— Onde ?

— Aqui no punho.

— O' filho, pede antes um giz.

Ah ! o pobre Oliveira, Oliveira o troglodyta que morava em uma verdadeira caverna, em Paula Mattos: era o «speleo» da imprensa. Delle contava Ruy Vaz que, tendo mandado á lavagem chimica, no *S. Mauricio,* um paletó cor de castanha, quando o foi buscar, com a cautela, recebeu apenas, do caixeiro, os botões... o resto ficara na lixivia. Pobre Diogenes que trazia no corpo o azeite da sua lanterna. Fortunio, sempre que o via, com as calças enlameadas, o paletó poeirento, o chapéo como um canteiro, dizia-lhe compadecido:

— Que a terra te seja leve !

Mas havia alegria e Patrocinio, presentindo proxima a victoria da sua idéa, trabalhava empenhadamente para a definitiva batalha.

Effectivamente alguma cousa andava no ar. princeza governava fragilmente, pensando mais em sermões e nos accordes do violino do White do que nos negocios do Estado e os republicanos solapavam o throno invectivando a regente.

Patrocinio, emtanto, domando a sua penna tremenda, aparava todos os golpes que eram vibrados contra a princeza pelos republicanos que, com Silva Jardim á frente, começavam ostensivamente a propaganda, na tribuna e na imprensa. Contra o redactor da *Cidade do Rio* avançava toda a legião, elle, porém, como se não sentisse os golpes, continuava sereno, impassivel, pregando o seu programma, como se apenas escutasse o lamento dos escravos, tão alto, que não lhe deixava ouvir o rumor dos tumultos dos novos combatentes que o injuriavam.

Uma manhã, porém, Anselmo invadio a sala particular do redactor-chefe, com um numero d'*O Paiz*, onde Silva Jardim havia publicado um artigo, violento e injurioso, no qual Patrocinio era tratado de traidor.

— Já leste este artigo ?

— Que artigo...?

— Do Silva Jardim.

— Quem é ?

— Homem, fallo serio.

— Que diz elle ?

— Um pavor. Acho que deves responder.

— O' filho, eu tenho hoje tanto trabalho !...

— Mas queres deixar de pé essas accusações ?

— Que accusações ! ? Esse homemzinho entende que eu sou um infame e eu não quero matar uma illusão. Actualmente não me pertenço : José do Patrocinio não é um homem, é uma causa ; a minha pessoa não vale a minha idéa : elles que me insultem á vontade, isso orgulha-me. Olha que tenho dado assumpto, hein ?

— Então não respondes ?

— Não. Vou escrever um artigo sobre o quilombo de Jabaguara.

Curvou-se, tomou a penna, mas, de repente, erguendo-se com impeto, rugio :

— Não respondo ! Que me insultem, que me ameacem, tenho o meu programma traçado e não será a penna romba desse merovingio que me ha de fazer abandonar o roteiro. Justamente quando se vem annunciando a grande aurora é que elles querem que eu, esquecendo e abandonando um trabalho quasi concluido, vá cuidar de outro. Ora não faltava mais nada. Republica numa patria escrava ! Que rosne ! que vocifere, tenho muito que fazer. E sentou-se de novo.

— Queres que eu diga alguma cousa ?

— Nada ; nem uma palavra.

E, placidamente, continuou a escrever o artigo.

Uma tarde, já Anselmo havia « encerrado o expediente » do jornal e passeiava pela rua do Ouvidor, o seu jardim, admirando a « mancenilha

humana quando um criado da *Cidade do Rio*, que o procurara em todas as confeitarias, lhe entregou uma carta do Neiva, com a nota de urgencia. Abrio e leu, commovido, estas palavras rapidas e tristes: «O Lins está agonisando. Vem!» e o endereço do moribundo. Anselmo ficou um momento hesitante: talvez fosse uma pilheria do incorrigivel bohemio mas... e se fosse verdade? Desceu a rua e encontrou o Duarte que subia carregado de embrulhos.

— Sabes? o Lins está agonisante, disse-lhe ex abrupto.

— Como?! não é possivel! Quem te disse?

— O Neiva. Escreveu-me; está aqui a carta.

— Não creias, homem: é pilheria. Ainda antehontem estive com o Lins numa cervejada. Não creias.

— Que horas são? O Duarte arrancou do bolso um monstruoso relogio de nickel e consultando-o disse:

— Cinco mil e quinhentos.

— Hein?

— Cinco mil e quinhentos.

— Que historia é essa?

— E' simples: este relogio custou-me doze mil réis, a mil réis por hora, assim eu, em vez de dizer, como toda a gente: são quatro horas, são duas horas, dou o preço correspondente ao tempo, que é dinheiro, como sabes. Em vulgacho são cinco e meia.

— Pois eu vou á casa do Lins; póde ser verdadeira a communicação do Neiva e não

quero ficar com um remorso eterno. Queres vir commigo ?

— Não posso, tenho uma irmã que faz annos hoje. Não vês como vou aqui carregado ? Em todo o caso, se houver alguma cousa, manda-me um recado ao largo dos Leões onde vivo, actualmente, como Daniel.

— Então, adeus ! Apartaram-se ; Anselmo desceu a rua para tomar o bond que o devia deixar á porta da casa do Lins, á rua do Senador Pompeu. Lá chegando saltou lesto — era uma casa assobradada, bateu : veio uma mocinha recebel-o e, tanto que o vio, posto que não o conhecesse, accenou convidando-o a entrar e, vendo-o no corredor, perguntou com uma vozinha branda :

— O senhor vem ver meu primo ?

— Sim, senhora.

— Entre. E lá o foi levando pelo corredor sombrio. Na sala de jantar já o gaz estava acceso e havia gente conversando surdamente em torno da mesa redonda onde havia um vaso com flores. Houve um sussurro de vozes e Anselmo, sempre guiado pela mocinha, passou a outro corredor e foi entrando em um quarto cuja porta ella abrira conservando-se fóra. Numa cama de ferro, ao fundo do quarto triste, sem moveis, illuminado por um bico de gaz, agonisava, ankylosado, o sensibilissimo poeta. As mãos cruzadas sobre o peito magro, as faces cavadas, os olhos fundos, movendo-se sinistramente, elles apenas, em toda a immobilidade rigida daquelle corpo, como se

fossem os primeiros vermes que se houvessem alojado nas orbitas e andassem a roer silenciosamente. O resto da vida refugiara-se nas pupillas negras, eram o ultimo reducto da alma, de sorte que eram os olhos que fallavam, que sorriam, que perguntavam, que respondiam, que vertiam lagrimas dizendo adeus para o sempre, despedindo-se pelo coração que batia ainda, lentamente, como se estrebuchasse. Agonisava quando Anselmo entrou e o Neiva, soluçando, com a vela na mão, tomou-lhe o braço, puxou-o para o peito de modo que elle podesse empunhar o cirio alumiador da ultima hora. Vendo Anselmo fez um gesto desanimado, trincando os labios e, mostrando, com um olhar, o companheiro que acabava. Fóra houve um surdo rumor de passos, gente chegava á porta como para ouvir o silvo da dyspnéa e o soluço final do que atravessara a vida atordoando a agonia com o estrepito das gargalhadas. Elle, entretanto, num derradeiro esforço, volveu os olhos para Anselmo, os olhos que ainda lutavam como os derradeiros naufragos, e fitou-o. Veio um resto de luz á tona, mas foi, aos poucos, minguando, minguando até que as palpebras cahiram como duas tampas de esquife.

Nem um fremito — extinguio-se preso na paralysia. Alguns soluços quando correu a noticia; vozes abafadas, passos leves, segredos; vieram os cirios que põem quatro lagrimas de fogo junto aos mortos, veio a agua benta com um ramo de

alecrim num vaso de crystal; um Christo de bronze, secular, gasto pelos muitos beijos, foi pousado á cabeceira do poeta. Neiva e Anselmo guardaram o corpo do companheiro, vestiram-no chorando. Os de casa pareciam desafogados, choravam por obrigação: deixavam a gotta crescer nos olhos até que se precipitava pelas faces, punham-na, então, em evidencia para que todos vissem que sabiam ser delicados, que conheciam as regras convencionaes do sentimento, como depois provaram indo á missa e vestindo o lucto, essa carapaça negra da hypocrisia humana. Eram oito horas da noite quando o Neiva, atarantado, chamou Anselmo para o vão de uma janella para fallar-lhe em segredo porque os parentes do poeta suspiravam no quarto, esfregando os olhos reseccados.

— Não saias daqui; eu vou aos theatros. A' meia-noite virei render-te. Anselmo recuou assombrado:

— Pois vais aos theatros hoje ! ?

— Então, homem? que queres? vou arranjar algum dinheiro para comprar duas ou tres corôas: uma por mim, outra por ti e outra pela imbecilidade humana. Que os idiotas prestem, ao menos, este culto a um poeta que teria sido genial se nascesse em outra terra. Até já. Tomou o chapéo e, em pontas de pés, deixou a camara funebre. A casa encheu-se porque toda a visinhança quiz ver « o moço. » As velhas chegavam ao leito, de mãos cruzadas, um ar muito compadecido, a cabeça inclinada ; ficavam um instante a fital-o

sacudindo-lhe no corpo umas gottas d'agua benta e voltavam para o grupo onde se discutia politica e a vida livre duma certa dama. Anselmo sentia-se mal naquelle meio e, como ninguem lhe dirigia a palavra, procurava affazeres ora espevitando os cirios que crepitavam, ora arranjando a roupa com que haviam vestido o poeta, tão folgada no seu corpo magro que, bem se via que era de emprestimo, talvez dum tio, gordo e baixo, que ia e vinha pelo corredor escarrando forte. Ia alta a noite ; os que faziam quarto ao morto conversavam francamente com excepção do velho gordo que roncava numa cadeira de vime, as pernas abertas, a cabeça cahida, as mãos papudas cruzadas no ventre rotundo, quando o Neiva entrou, de leve, com um embrulhinho e, depois de haver contemplado o cadaver, chamou Anselmo á parte e, em segredo, disse-lhe :

— Tens aqui uma *porção*, come porque esta gente nem uma chicara de café é capaz de offerecer. Anselmo, retirando-se, foi devorar deixando o bohemio á cabeceira do Lins, muito commovido, a enxugar lagrimas teimosas. Inesperadamente houve um tinir de louça e uma negrinha entrou na camara mortuaria com uma bandeja offerecendo café. O Neiva sussurrou a Anselmo :

— Teriam elles ouvido a minha observação ?

— Talvez.

— Melhor. Pois, que diabo! não podemos passar toda uma noite a fazer cruzes na boca. Nem

parecem nortistas. No Norte offerecem-se ceias lautas aos que fazem quarto. E, aqui mesmo, já apanhei uma indigestão em casa de uns minas no dia da morte de um delles: foi um banquete, meu amigo! um verdadeiro banquete. E aqui... nem um biscouto, ao menos.

— Arranjaste para as corôas?

— Se arranjei! E já encommendei flores, flores em profusão; devem trazel-as aqui. Descansa; o Lins não fará figura triste, isso não: eu estou aqui! O somno não conseguio vencer os rapazes que viram nascer a luz coando-se pelos vidros baços da janella. O Neiva, então, sentindo-se molle, convidou Anselmo para o Ravot:

— Vamos tomar a nossa ducha para resistirmos; eu estou esbarrondado: ha seis noites que não durmo.

— E eu! exclamou Anselmo apanhando o chapéo e, sem se despedirem, foram sahindo cautelosamente, deixando o morto desacompanhado porque só uma criança alli estava junto delle e dormia profundamente, estirada no chão, com um braço passado pela cabeça.

Eram quatro horas da tarde, linda tarde de Setembro! quando o corpo do poeta foi conduzido ao coche pelos bohemios. As lindas coroas levadas pelo Neiva faziam desapparecer a da familia do morto, feita de saudades roxas mas tão fanadas, que o Duarte, indignado, murmurou:

— Isto até parece de aluguel. O sahimento não foi numeroso: quatro carros apenas acompanharam a S. João Baptista o eterno enamorado.

A' beira da cova o Neiva, rompendo em soluços, despedio-se do amigo e o Duarte, com um pranto sincero, pedio ao finado que o viesse buscar porque já estava enfarado da vida imbecil. Um velhinho abeirou-se da cova, pigarreou como se preparasse a garganta, os coveiros encostaram-se ás pás, esperando o discurso mas o velhinho meneou com a cabeça e retirou-se. A sineta tinia.

-- Vamos, meus amigos; convidou o Neiva. Houve um rufo sinistro que se foi tornando soturno e abafado e a terra tomou posse do corpo amado. No carro Anselmo e o Neiva travaram uma discussão transcendente:

— Eu não temo a morte, disse Anselmo, o que me dá uma impressão livida de pavor é a idéa de morrer, é a certeza em que estou de que hei de acabar, é a sensação angustiosa do momento que me aterra. Não penso na morte, penso na vida. Queres ver a cousa? está claramente exposta em um sonho que me persegue. Vejo-me no fundo de um poço tenebroso, frio, luctando, debatendo-me, sem ar até que encontro a ponta de um cabo—agarro-me sofregamente e começo a guindar-me mas, com o attricto das minhas mãos, o cabo se vai esgarçando, esgarçando. Chegam-me aos ouvidos vozes, eu avisto a luz do sol, fraca e longinqua, sinto o perfume das flores mas, já á borda do poço, vejo que o cabo está por um fio tenuissimo—mais uma flexão e tudo estará perdido... e ouço e sinto a vida... Ah!

o instante horrivel deve ser esse: a espera, sentir o estalar das ultimas fibras do cabo, estar á beira da luz e dentro da treva. A queda é uma vertigem mas, antes da queda, o momento da resistencia da fibra mais forte...

Tenho passado muitas e muitas noites em claro, a pensar n'esse drama sinistro. A saudade da vida é que me assombra: o acabamento deve ser rapido, muito rapido...

— Não concordo comtigo, disse o Neiva; não concordo.

— Como não concordas?

— Não... Medo da morte não tenho porque sou catholico—o Alem não me aterra, o que me tortura é a idéa da destruição vagarosa, gradativa. Eu explico-me. Para mim a morte é como a lenta extincção de uma fogueira; desapparecem as labaredas mas, ficam as brasas, faiscas percorrem os troncos carbonisados, apagadas as faiscas fica a cinza quente, ainda é vida. A morte parcial... o aniquilamento das cellulas... hum! Imagina um pobre corpo immovel a extinguir-se: aqui um facto que se apaga no braseiro da memoria, alli um outro, mas, crepitando ainda, uma saudade e terrivel, como uma formiguinha presa num recipiente hermeticamente fechado, a correr afflicta de um lado para outro, a ultima idéa no corpo morto, a idéa ambiciosa de viver, descendo pelos nervos, do cerebro á sola do pé, subindo do coração, indo ao figado, aos pulmões, ao baço, aos rins, aos intestinos e achando

em tudo o frio e o silencio. A ancia de fugir... Ah! meu amigo, meu amigo, dessa sobrevivente é que eu tenho medo! até que ella acabe, até que succumba no grande frio mudo... ah!...

— Pois é *isso* justamente o fio tenue do cabo, disse Anselmo, é o «instincto» que lucta até...

— ... não poder mais! exclamou o bohemio, com um arrancado e desesperado suspiro. E atirando os braços bradou: Com todos os diabos, mudemos de assumpto. Fallemos da vida, das cousas da vida, do explendor da vida... E o carro chegou ao Largo da Carioca justamente quando os sinos dobravam ao *Ave, Maria!*

Foi com a violencia inesperada de uma erupção vulcanica que irrompeu na camara o projecto de lei extinguindo a escravidão. Discutido com a urgencia fogosa dos propagandistas que o reputavam uma «necessidade nacional» venceu impetuosamente a primeira repreza, subindo ao senado onde foi acolhido com sympathia quasi unanime. Os mais ferrenhos opposicionistas que haviam procurado travar a propaganda sentiram-se mesquinhos diante da massa avassaladora que se impunha ameaçando, com energia, o proprio throno. O projecto da camara tinha, a bem dizer, a feição ostensiva de um *ultimatum* e os senadores mantiveram a toga suspensa. Candido de Oliveira, requerendo que a 3ª discussão e subsequente

votação fossem excepcionalmente feitas no domingo, 13 de Maio, precipitou o desfecho. A certeza da victoria poz o povo em alvoroço. Os representantes da imprensa reuniram-se no *Club de Esgrima* para discutir o programma dos festejos commemorativos, todas as associações convocaram os seus membros e, no dia do pronunciamento do senado, a cidade amanheceu festiva; ás janellas de algumas casas tremulavam bandeiras. O povo affluia ás immediações do senado occupando as ruas adjacentes, enchendo o parque, como um exercito sitiante. O sol dardejava rijo sobre a multidão; as copas dos chapéos de sol moviam-se como carapaças que fluctuassem, lenços agitavam-se. As janellas do senado estavam atupidas e foi necessario que a tropa interviesse para vedar a entrada no recinto. Esperava-se com a alegria da certeza e, com o correr das horas, mais engrossava a multidão — havia gente nas moutas, nas grades do parque, pelos telhados acolhida á sombra de chapéos de sol, muito longe mesmo, sobre as casas, moviam-se vultos; homens agarravam-se aos lampeões, outros subiam pelos postes telephonicos — era a cidade anciosa que alongava os olhos para o templo donde devia ser lançado o misericordioso perdão sobre os captivos de Africa. Os bonds, parados em longa fila, traziam curiosos sobre a tolda; carros detinham-se intimados pelo povo, os mesmos soldados retinham os animaes na impossibilidade de vencer a massa compacta.

Repentinamente estrugiram brados no interior do recinto e um homem appareceu á janella afogueado gesticulando e clamando. Um pombo branco fugio por uma das janellas, tatalando as azas, atordoado outro, outro, outro e outro e voaram todos em direcção ao parque que, com a sua verdura viçosa, resplendia ao sol. O povo, como se visse naquelles animaes innocentes um symbolo das almas que se haviam libertado ganhando, como elles, a largueza vasta das terras e dos espaços, prorompeu em palmas e em vivas. O rumor estupendo abalou os espaços e, em varios pontos, num clangor triumphal, fanfarras atroaram. O povo ondulava ovante e mais de vinte mil bocas, em unisono, acclamavam, iam chapéos ao ar, lenços palpitavam e, aos arrancos impetuosos, foguetes rasgavam os ares espoucando na altura. Subito uma detonação abalou os echos — o povo conteve, por momentos, a alacridade, outro estampido longinquo — eram, no mar, os fortes e os navios saudando a Redempção da Patria. O enthusiasmo recrudesceu chegando ás raias do delirio mas, á porta do senado appareceu um estandarte, outros foram sahindo — eram os guiões do exercito benemerito e o povo recebia-os como se effectivamente elles voltassem gloriosos de campos cruentos de batalha; e, de tranco em tranco, asphyxiado, rouco, a gesticular, chorando e rindo, vinha um homem de bronze por entre o tumulto, de braço em braço como um idolo que todos quizessem veneradamente tocar e sentir — era Patrocinio. E fez-se a desfilada em direcção ao Paço

da cidade onde a princeza regente, que descera de Petropolis, esperava os triumphadores.

A noticia, communicando-se aos pontos mais extremos da cidade, trouxe á rua o povo feliz e o trajecto foi lento e difficil — ia-se por entre muralhas humanas, sob uma chuva de petalas, á luz radiosa dum dia lindo e amavel. O decreto foi assignado affluindo o povo á rua do Ouvidor onde já afflavam bandeiras em triumpho fazendo uma abobada polychromica, como numa scena imaginaria de lenda oriental. O dia passou-se em delirio. Bandos percorriam as ruas, cantando; sahiram serenatas e grupos de negros com os seus maracás e os seus *reco-recos* e, á luz de archotes, começaram os carpinteiros a martellar edificando coretos ou fincando postes para a ornamentação.

No dia seguinte, cêdo, Anselmo, que andára na vespera com povo, appareceu na *Cidade do Rio*. Logo ao entrar ouvio a voz de Montezuma que discutia acaloradamente com o paginador. O dono do *althéa* gesticulava frenetico:

— Isso não! Pois justamente no dia da victoria é que vocês querem abandonar o homem?

— Mas, Sr. Montezuma, que é que eu posso fazer? O senhor comprehende: os rapazes têm familia e, aqui entre nós, é natural—duas quinzenas e vamos entrando na terceira.

— Ora! duas quinzenas... A mim devem mais de cinco mil contos. Tenha paciencia, vá fallar aos rapazes para que façam a folha.

— Que é, Montezuma? perguntou Anselmo.

— Gréve. Não querem trabalhar porque têm na casa duas quinzenas. Se eu tivesse adiantava mas, a minha fortuna aqui está: $640 e dois gasparinhos. Logo hoje!... Mas a folha ha de sahir, custe o que custar. Eu vou ver se arranjo alguma cousa; vai lá dentro e improvisa um discurso, trata de chamar aquella gente á ordem; eu vou por ahi. Hoje ha de ser difficil mas, em todo o caso... até já.

— Até já.

Montezuma sahio gesticulando, furioso; mas, deteve-se á porta e, voltando-se, dirigio-se ao gerente melancolico que cochilava encostado á parede, um braço esticado sobre o balcão.

— O' homem, tu não mandas enfeitar o jornal?

— Enfeitar o jornal... com que, senhor Montezuma? perguntou desoladamente.

— Com que?! com bandeiras e galhardetes, homem de Deus.

— Bandeiras e galhardetes... mas onde vou eu buscar essas cousas?

— Tambem vocês não têm nada, que diabo!

— Infelizmente...! suspirou o desgraçado, recostando-se de novo á parede com uma invejavel resignação. Mas o paginador reappareceu radiante e dirigio-se a Montezuma:

— Os rapazes fazem o jornal.

— Ainda bem.

— Mas é necessario que o senhor Anselmo não escreva muito.

— Não ha ahi encalhes ? perguntou o secretario.

— Temos um conto.

— De quem ?

— Não sei ; está composto ha mais de um mez.

— Dê o conto. Que mais?

— Uma poesia daquelle poeta de S. Gonçalo... uma que falla em Nossa Senhora fugindo para o Egypto.

— Isso não. Que mais ha ?

— Ha ainda umas outras cousinhas... eu vejo. Basta que o senhor escreva um artigozinho de umas tres tiras; com o noticiario e os ministerios, a folha fica prompta.

— E sae ?

— Já se vê.

— Então estamos arranjados. Agora vou dar umas voltas para ver se consigo arranjar as taes quinzenas.

— Uma ao menos, senhor Montezuma.

— Vou ver. E, com desabalados gestos, Montezuma partio, fallando só, com dois *pince-nez* encravados na penca.

Anselmo subio com disposição de escrever um artigo monumental dando as suas impressões mas, diante das tiras alvas, como se uma nuvem lhe houvesse subitamente toldado o espirito, sentio-se incapaz e fincando os cotovellos na mesa, com o olhar disperso, ficou-se a fumar. Apezar da hora a rua começava a encher-se e a gente que passava

discutia; alguns detinham-se diante do jornal, entravam no escriptorio e sahiam á pressa, á cata de novidades. Anselmo viajava no paiz azul do sonho quando se sentio agarrado por um pulso formidavel; voltou-se e deu com os olhos no poeta da *Tarantula*.

— Ah! Moraes, vieste salvar-me. Estou morto de fadiga! Escreve ahi umas linhas.

— E eu! pensas, então, que tenho estado inerte? Já fiz para cima de vinte discursos. Estive com o Bivar, está sem voz. Mas que bello, hein? exclamou o poeta empertigado. Que victoria..! a conquista do talento, hein! Decididamente não ha arma como esta! e empunhou, com orgulho, uma caneta. Sim, senhor! Arrastou uma cadeira, sentou-se e, diante das tiras, exclamou de novo: Bella cousa!

— Pois sim, pois sim mas, escreve.

— Que diabo queres tu que eu escreva?

— Escreve sobre isso mesmo — a conquista do talento.

— Isso dá um artigo de duas ou tres columnas. Queres?

— Não, filho; sê sobrio, nós estamos ameaçados de greve; sê sobrio.

— Pois sim. E poz-se a escrever balançando a perna. De repente, porém, uma voz rouca bradou na rua: «Viva José do Patrocinio! Viva Joaquim Nabuco!» Anselmo correu á janella, palpitante. Estava uma multidão diante do escriptorio e um mulato gordo, esbaforido, atirando

o chapéo ao ar, fazia uma grande algazarra, contando o successo dos abolicionistas. Anselmo desceu e, rompendo o povo, chegou até ao homem que logo avançou, muito rouco, encharcado de suor e apertou-o nos braços, gritando com furia: « Viva José do Patrocinio! Viva a *Cidade do Rio!* primeiro jornal do mundo!» e, sem mais, arregaçando as mangas do casaco surrado, subio para o balcão e, com grande esforço, arrancando as palavras, poz-se a fallar:

« Cidadãos, não ha mais escravos no Brasil, aqui agora todo o mundo é livre, não ha negro nem branco, ha brasileiros...»

Houve um rugido: Apoiado! e o orador, enthusiasmado com o acoroçoamento do povo, poz-se nas pontas dos pés e, cada vez mais rouco, continuou:

« Hontem era o castigo: era a mãi arrancada ao filho, o filho arrancado á mãi, uma patifaria, uma pouca vergonha...! Sucia de vagabundos que queriam viver á custa dos desgraçados pois agora que vão trabalhar... Cidadãos, a nossa patria estava manchada... «Apoiado!... » a nossa patria estava manchada mas, de hoje em diante, nós poderemos dizer com orgulho: somos brasileiros, porque já não ha escravos em nossa terra. Viva José do Patrocinio...! Viva Joaquim Nabuco...!» e atirou-se abaixo do balcão.

O mulato, dando com os olhos em Anselmo, adiantou-se e, posto que o secretario não o

conhecesse, não se revoltou com a intimidade com que foi tratado:

— Dá cá ahi um cigarro. Ah! não imaginas como estou: não tenho voz, a camisa está como uma papa mas, tambem hontem berrei como um homem. Que pensas? eu cá não conto com desgraça, sou muito homem! Se grimparem commigo, ahn! Mas passou, hein? e atirou uma palmada ao hombro de Anselmo.

— Por quantos votos? perguntou um sujeito magro.

— Sei lá de votos! sei que passou e se não passasse voava a quitanda: os *cabras* estavam dispostos. Metti lá a minha gente e aquillo era só um grito.

— E o José?

— Que José?

— O Patrocinio...

— Sei lá. Aquillo fica hoje sem costella, hontem andava no ar que nem o Blondin, a gente só via a cabeça e os bracinhos do preto... Mas é homem! é homem. E sacudio-se urrando: Viva o grande abolicionista José Carlos do Patrocinio!

O povo correspondeu com delirio.

— Qual! quando eu digo... Ha ahi alguma cousa que se beba? Estou zarro. Viva Joaquim Nabuco! Diabo! esta gente não presta, vou ver a minha cabralhada, quero fazer hoje uns bonitos nesta cidade. Olhe! eu não tenho nada com isso, sou mulato, mas nunca fui escravo,

é preciso que se note; mas sou brasileiro, não queria a minha patria manchada, ahn! isso é que é.

Luiz Moraes, tendo concluido o artigo, despedio-se para almoçar e Anselmo esquivava-se ao mulato gordo quando Montezuma, amarrotado e gottejante, abrindo o grupo dos populares, appareceu no escriptorio com gestos largos e um embrulho:

— Então, Montezuma?

— *Consummatum est*. Patrocinio está immortal e aqui está o dinheiro; suei! Agora, antes de fazer o pagamento, eu devia desafivellar uma descompostura das minhas porque o procedimento dos taes senhores typographos não tem classificação. Vamos lá para cima contar isso, e você, homem, disse, dirigindo-se ao gerente, sempre acabrunhado, mova-se, trate de arranjar algumas bandeiras e flores; é preciso que o jornal appareça digno.

— Mas como, senhor Montezuma? tenho seiscentos réis em caixa... Isto é uma desgraça... Mas que hei de fazer?

— Levante-se, tenha energia. Eu, no Rio da Prata, fiquei uma vez sem um nickel, pois, meu amigo, não descoroçoei: puz-me em campo, furando a vida, e, á tarde, estava com o bolso cheio de *duros* e rodando em Palermo. Mova-se, vá aqui ao Alves sirgueiro e peça umas bandeiras, alugue-as, compre-as; vá depois á Rosenwald e diga-lhe, em meu nome, que venha enfeitar a sala de trabalho do José.

— Bandeiras de que paiz, senhor Montezuma?

— De todo o mundo: brasileiras, portuguezas, russas, africanas, chinezas, allemães, as que encontrar. Mas ande!

— Vou calçar as botinas.

— Que botinas? pois você está ao balcão sem botinas?

— Sim, senhor, por causa dos meus callos...

— Onde foi o Patrocinio descobrir este homem? Antes de ser gerente que diabo era você...?

— Conductor de bond.

— Ahn! E querem que este jornal ande para diante com um conductor ao balcão! Pois sim! Vamos lá para cima.

E Montezuma avançou para a escada seguido de Anselmo, sempre a resmungar contra os compositores e contra o gerente; e, diante da mesa do Patrocinio, deteve-se meneando com a cabeça. De repente, resoluto, atirando o chapéo sobre o divan, arregaçou as mangas e, ordenando a Anselmo que fechasse a porta, poz-se a rasgar os papeis que encontrava, pondo em ordem a mesa do grande heróe.

— Montezuma, não rasgues os papeis. Olha que ahi ha cousas necessarias.

— Mais necessaria é a ordem. Quer você que o povo que ahi vem, veja esta vergonha? Não, senhor. Que é do servente?

— Deve andar por ahi.

— Pois é preciso que elle passe uma vassoura nisto. Vai chamal-o e vê lá se esse conductor já foi vêr as bandeiras e as flôres. Um conductor na gerencia de um jornal! Anselmo sahio e quando tornou com o servente estremunhado, ainda vestindo o casaco, Montezuma, de pé, admirava o trabalho que fizera e resmungava contra o gerente :

— Ao balcão, sem botinas! Falta de vergonha! Num dia como o de hoje! Então não está melhor assim?

— Parece.

— Parece não, está magnifico, tem aspecto. Vamos, homem, varra este gabinete.

— Já foi varrido.

— Como já foi varrido?!

— Sim senhor, de manhã.

— Pois tu não vês que está cheio de papeis?

— Mas eu varri.

— Pois varra outra vez. E leve aquella cesta de papeis lá para dentro. Sempre atarantado, Montezuma desfez o pacote e notas rolaram sobre o canapé. Vá chamar o paginador. Que venha cá em cima. Já tinha um maço contado e amarrado. E poz-se a contar as outras notas.

— Estás rico, Montezuma?

— Rico, hein?... Foi uma campanha para arranjar dois contos de réis. Tudo fechado. Emfim... Vamos agora vêr se enfeitamos isto. O gerente já foi?

— Creio que sim. Vivas atroavam e, através do altisonante clamor jocundo do povo distinguia-se o nome de José do Patrocinio.

— Está fresca a redacção. Pois o José sabia disso e porque não mandou arranjar convenientemente o jornal? Que me fallasse, que diabo? se me houvesse dito, eu, hontem mesmo, com dois homens, punha esta casa como um brinco. Mas não, é tudo para a ultima hora. Está fresca...

O paginador appareceu em mangas de camisa, radiante.

— O senhor Montezuma chamou-me?

— Sim, estão aqui as quinzenas — isto é: uma quinzena; vou ver se posso arranjar a outra para amanhã. Que esperem, eu tambem espero; todos esperam. E a folha?

— Está prompta.

— Pois é pol-a na rua.

— Já está rodando.

— E o gerente?

— Sahio.

— Ora graças a Deus! Que é do servente?

— Estou varrendo. Pois o senhor não mandou varrer?

— Sim, mas depressa! Que diabo! estás dormindo em pé!

— Eu não sou machina.

— Bem vejo que és um pedaço de idiota, mas anda com isso.

O homemzinho resmungou e Montezuma ia dar uma ordem, quando o povo, que se havia ajuntado diante do jornal, prorompeu em vivas. O grande heróe ficou atordoado: ia e vinha com o pacote de notas, gesticulando, sem saber que

fizesse, quando, da rua, começaram a bradar por alguem. Voltou-se impetuosamente para Anselmo ; ia dizer-lhe alguma cousa mas, resoluto, avançou para a saccada, sendo recebido com uma prolongada salva de palmas. Pigarreou e, gesticulando desabaladamente, sempre com o pacote de notas na mão direita, disse :

— Meus senhores... Depois, voltando-se, chamou o secretario, que ria a bom rir, vendo a sua entallação : Anselmo, toma conta deste dinheiro emquanto eu dirijo duas palavras a este excellente povo.

Entregando o pacote declarou, muito rouco, atirando os braços como se nadasse :

— O Patrocinio não está e eu... em nome da *Cidade do Rio*, só posso dizer... Pigarreou, passou o lenço pela fronte, fez um aceno de adeus e disse naturalmente com os olhos no *La Paix* : Como vais Coutinho... Depois, lembrando-se do discurso, concluio-o: Viva a Liberdade!

O povo acclamou-o delirantemente e Montezuma, recolhendo-se, depois de agradecer, disse victorioso :

— Isto é assim... a gente diz duas cousas e está acabado. O povo não ha de ficar ahi a ver navios.

Mas a onda que avançava compacta atroava os ares com uma grita stentorosa. Anselmo chegou á janella commovido; a rua estava apinhada, negra e fervilhando, e todos os olhos fitavam a taboleta do jornal que fôra o inexpugnavel reducto

da abolição. O dia, muito azul, concorria para a imponencia da festa e o povo, frenetico, agitava-se com um sussurro perenne. As bandeiras balouçavam-se, estouravam foguetes, vivas estrugiam.

Da janella d'*O Paiz* um redactor, purpureo e suado, arengava; mas o povo reclamava a presença de Patrocinio e foi necessario que Anselmo, commovido, repetisse o que já havia dito Montezuma — que o chefe da propaganda não se achava presente. Mas o enthusiasmo ia-se communicando; logo que o secretario, terminando a sua explicação levantou um viva á Patria livre, unisonamente correspondido pelo povo, da janella do hotel *La Paix*, um mocinho, de bigode ruivo, bateu as palmas e, assomado, começou um discurso retumbante no qual, de mistura com deuses da mythologia grega, passou á figura ensanguentada de Marat, cantaram «jandaias em frondes de carnaúbas» deslisaram igaras, rebentaram grilhões. Como o orador tinha magnificos pulmões o povo, que não se preoccupava com a fórma e muito menos com a substancia das orações, contentando-se com palavras que explodissem, rompeu em applausos delirantes e, perorando o mocinho, mais adiante outro começou e, em pouco, em todas as janellas da rua do Ouvidor, braços agitavam-se convulsivamente como se todos os moradores da apertada passagem houvessem enlouquecido. Por fim, do meio da rua, apertados, constrangidos, agoniados, oradores começaram aos berros furibundos, fazendo a apologia do grande libertador, pedindo uma estatua, outros

contestando, «que não! não havia necessidade de estatua porque o vulto do grande homem havia de ficar no coração dos brasileiros e nas paginas da historia.» Grandes e descabelladas hyperboles jorravam das bocas dos oradores, roxos de calor e de enthusiasmo e o povo sempre a applaudir com frenesi, batendo palmas. Montezuma, enthusiasmado, queria a todo o transe fazer outro discurso; ia e vinha ao longo da sala com derramados gestos e o nariz carregado de *pince-nez*, quando o Neiva irrompeu trovejando:

— Temos uma patria! E atirou o chapéo sobre uma das mesas.

— O' Neiva, vens a proposito. Vê se nos salvas.

— Que ha?

— Dize da janella duas cousas ao povo, implorou Montezuma.

— Estou estafado. Venho fallando desde o largo de S. Francisco até aqui. Deixem-me descansar um momento. Da rua começaram a reclamar a presença do Neiva, aos gritos; e o bohemio, levado aos empurrões por Montezuma, assomou á janella sendo recebido com uma salva de palmas. O discurso que pronunciou, inspirado na religião, foi vivamente applaudido. Ia elle perorando quando pela travessa do Ouvidor uma grande massa precipitou-se e Montezuma, com a sua carga de lentes, reconheceu, no meio do povo, José do Patrocinio; e, delirante, accenando com um lenço roxo, o bom velho, em lagrimas, poz-se a acclamal-o. O povo, que enchia aquella parte da rua do Ouvidor, aos

recuos, com risco de suffocar alguns enthusiastas, abrio alas para que passasse o heróe.

Patrocinio vinha carregado e arquejante e quando chegou á frente do seu jornal, acclamado por todos os seus companheiros de trabalho, inclusive os compositores que haviam subido á sala da redacção, não poude conter as lagrimas.

O povo, vendo-o, prorompeu em vivas e os populares que o carregavam, orgulhosos do grande fardo, reclamavam caminho.

Um velho negro ajoelhou-se e, juntando as mãos, com o pranto nos olhos, dirigio-se ao libertador, e parecia que resava diante de um santo.

Um silencio respeitoso permittio que fosse ouvida a oração do infeliz:

« Nhô Patrucinu... Deu du ceu bençôe suncê. Eu, pobre véio, já não se importava co captivêro; morte tá hi módi libertá corpu di negru cançadu di trabaiá má zêre, nhô, fio, fia, neto piquinino, esse sim i parceru turu... rapaziada moça, esse sim vai pruvêtá liberdade. Nossinhô tá lá in cima; elle ha di óiá suncê, nhô Patrucinu, antonce não hai Deu nu ceu. Viva o sarvadô di nóss! viva! ». E o negro, tremulo, foi-se arrastando de joelhos para beijar os pés do redemptor da sua raça; Patrocinio, porém, avançando precipitadamente, apertou-o nos braços e, em pranto, emquanto o povo commovido parecia petrificado, correu entrando na *Cidade do Rio*.

Estava exhausto e, quando vio os companheiros no patamar da escada, pedio que o deixassem em paz:

— Pelo amor de Deus, meus amigos, eu já não tenho costellas, estou macerado. Deixem-me!

— Não, tenha paciencia.

E todos quizeram apertar o valente propagandista que gemia torturado.

O povo bradava por elle e o heróe, mal se podendo ter nas pernas, foi á janella corresponder á manifestação que lhe faziam; e, rouco, as suas palavras mal chegavam aos que se achavam mais perto e, de longe, os que não o ouviam, bradavam, agitavam lenços, e dum extremo a outro da rua, o nome de Patrocinio estrondava.

Até á noite Patrocinio, de quando em quando chamado á janella, fez discursos, levantou vivas, foi comprimido em braços, foi beijado. Se o viam na rua rapazes avançavam, atirando-se-lhe aos botões da sobrecasaca e do collete, porque todos queriam, como reliquia, uma lembrança do grande homem; e ás dez da noite, já a cidade fulgurava illuminada, sahindo elle para o jantar, pedio uma guarda.

— Venham commigo, pelo amor de Deus. Imaginem vocês que um homem teve a idéa extravagante de pedir-me um fio de cabello para encerrar num relicario. Se pega a mania, pellam-me na rua. Para garantir a barba e os cabellos do heróe formou-se um grupo que o conduzio ao *La Paix*, onde foi servido o jantar. Logo á

entrada os criados do hotel, desfolhando rosas, fizeram tamanho alarido que os que comiam avançaram pressurosos e dando com o propagandista foi tamanha a atroada que Montezuma, receiando ensurdecer, espalmou as mãos nos ouvidos, declarando que nem no Paraguay ouvira rumor como aquelle. A' mesa, mal havia tempo para levar-se á boca duas garfadas — de todos os cantos surgiram oradores com taças de champagne, e eram discursos em todas as linguas: em inglez, em allemão, em italiano, em hespanhol; houve um em turco e outro em grego e uma senhora rubicunda e anafada, exprimindo-se em francez, fez estalar nas bochechas do tribuno um beijo sonoro « au nom de la fraternité ». Explodiram hurrahs! e, como houvessem pedido uma *omelette*, o tostado appareceu, enorme e tremulo, com as iniciaes de Patrocinio muito espoucadas e uma rosa repolhuda espetada no meio. Foi uma surpresa do *maître d'hotel* que, por sua conta, muito generoso e commovido, mandou abrir uma garrafa de champagne e bebeu *à la liberté*, muito rouco.

A retirada foi lenta e difficil; havia gente de sentinella na escada e, quando Patrocinio, derreado e com fome, porque mal pudera tocar nos pratos, appareceu no patamar, um rapazola esguelou: — Ahi vem elle! e uma avalanche precipitou-se, e o misero grande homem foi de novo comprimido e beijado e, por maiores que fossem os esforços empregados pelos companheiros para o arrancarem á turba, nada conseguiram.

Patrocinio foi rolando na multidão como uma rolha no oceano e desappareceu. Viam-se-lhe, apenas, os braços que se debatiam anciosamente. Estaria elle agonisando? estaria pedindo soccorro? estaria applaudindo? Mysterio. O Neiva, lembrando-se da promessa que havia feito, dirigio-se aos companheiros:

— Nós não podemos ficar aqui de braços cruzados quando o nosso chefe corre tamanho risco. Se não vamos immediatamente, levam-lhe os cabellos e a barba — o povo está com o delirio epilatorio. Vamos! E, corajosamente, metteram-se pela multidão. Para caminharem da travessa do Ouvidor á *Cidade do Rio,* foram necessarios dois afflictissimos quartos de hora. Montezuma perdeu um *pince-nez* e bramio de colera, defendendo os cinco que lhe restavam; Anselmo, asphyxiado, queria usar da força e já estava disposto a fazer um motim para conseguir caminho, quando um compositor, homem de musculos, metteu os hombros e, como um Hercules, foi abrindo passagem, apezar dos protestos. Quando chegaram á *Cidade do Rio,* a sala da redacção estava cheia de gente anciosa que reclamava o redactor-chefe. Os rapazes pasmaram; Patrocinio não estava.

— Oh! exclamou Montezuma.

— Oh! repetio o Neiva. Anselmo balbuciou: —Hom'essa! e todos, com terror, perguntaram: « Onde andará elle? » Um retranca, que tudo vira, declarou que o povo havia levado o chefe em charola, rua ácima, ajuntando que elle já estava

tão rouco que abria a boca sem conseguir emittir o som mais breve.

— E' necessario salval-o! bradou o Neiva. E Pardal, que surgira, segredou: « Que estava armado... se fosse preciso... »

— Mas como? perguntou Montezuma. Como havemos de vencer esse mundo que enche a rua? Eu estou aqui moido e pisado, perdi um *pince-nez*, ferraram-me um beliscão. Francamente, não me atrevo.

— Mas, havemos de deixar sosinho o desgraçado?

— Então? Eu confesso que não posso.

O Neiva, porém, atirando uma palmada ao peito, declarou com emphase:

— Pois vou eu... e hei de achal-o! Enterrou o chapéo na cabeça e ia já perto da escada, quando Anselmo declarou que o seguia, jurando, com solemnidade: « Para a vida e para a morte! » Pardal acompanhou-os.

— Para a vida e para a morte! disse o Neiva; e desceram.

Montezuma ficou para fazer as honras da casa.

De vez em vez surgia um grupo, subia as escadas com fragor, dando vivas a Patrocinio e, em cima, encontrava o velho que accommodava quatro *pince-nez* no nariz, deixando um na reserva. O interprete dos sentimentos do grupo não esfriava e, avançando uma perna, esticando um braço derramava a eloquencia, entrecortada pelos hurrahs! do auditorio. Montezuma ouvia com

muita dignidade e, para corresponder, dizia algumas palavras e atirava as mais violentas braçadas, equilibrando os *pince-nez* que saracoteavam — isso começou ás dez horas e até á meia noite, sem descontinuar, subiram commissões com oradores; e Montezuma, de pé, com um fio de voz, roxo e hirsuto, foi respondendo arrependido de não haver seguido com os rapazes, porque já se sentia exhausto e com a lingua mais secca que a de um papagaio.

Quando tornaram á redacção Neiva, Anselmo e Pardal, que vinham acompanhados do Patrocinio, encontraram o bom velho arquejante, banhado em suor, estirado em uma cadeira, rolando os olhos.

— Que é isso, Montezuma!

— Estou liquidado! Vocês arranjaram-m'a completa. Cheguem-se mais porque eu já não tenho voz: foi-se toda em discursos; fiz para mais de quarenta e cinco, alguns com imagens e todos com um viva retumbante á liberdade. Eram tantas as commissões que, duma vez, subiram quatro com os respectivos oradores e então, imaginem vocês, eu tive de responder aos quatro; mas fiz como os padres na roça, no tempo do captiveiro, quando tinham de baptisar pequenos — com um só discurso respondi a todos, foi só o trabalho de mudar o rotulo. Mas estou morto... e o Patrocinio? Dum canto sahio um finissimo gemido — era o propagandista, muito rouco, que explicava com um dedo na garganta, que estava sem voz.

— E tu não fizeste quarenta e cinco...

Patrocinio tocou castanholas.

— Mais, homem! ?

Novas castanholas de Patrocinio, seguidas d'um assobio.

— Então foi um horror!

Signal affirmativo de Patrocinio.

Estavam nessa discussão castanholada e assobiada, quando uns rapazes, que haviam visto Patrocinio entrar, invadiram o escriptorio, galgaram a escada e começaram aos vivas e logo um orador, diante da porta fechada, desfechou a primeira bomba :

« Promethеu, tu que roubaste o fogo sagrado da liberdade para alumiar a alma escura do captivo... »

Patrocinio cahio de joelhos, juntou as mãos e implorou; Montezuma correu para a janella, sem duvida para suicidar-se, mas o povo que estava na rua prorompeu em vivas, reclamando que fallasse. Debalde o bom velho apertou a garganta, espichou o pescoço, explicando, com uma complicada mimica, que estava exgottado. O povo bramia, urrava, queria a todo o transe o discurso. Montezuma, desalentado, voltou-se para os companheiros :

— Como ha de ser ?

— Dize qualquer cousa.

— Como ? se eu não tenho voz.

— Com esforço.

E o velho poz-se a tirar do bolso todos os *pince-nez*, e, pacientemente, os foi arranjando no nariz.

O povo continuava a reclamar, elle fez um gesto solemne, espalmando a mão — que esperassem, abrio a boca e começou a tossir. Tossio, descançou e disse o que lhe veio á cabeça empregando, com prodiga fartura, as palavras *liberdade, rehabilitação, misericordia, hegemonia.* O povo rompeu em hurrahs e da multidão sahio uma voz aguda e vibrante. Era outro orador.

Montezuma exaltou-se, enfureceu-se e, atirando grandes braçadas, declarou colerico:

— Não, a esse não respondo!

O orador da commissão que subira, ululava á porta e Anselmo, que fôra nomeado para representar a folha, ouvia impassivel; e, quando o homemzinho, afogueado, gottejante, deu por finda a arenga, o secretario respondeu; mas, querendo dizer quatro palavras, foi alongando o discurso, arrastado pelo enthusiasmo.

O Neiva, vendo tamanha prolixidade, indignou-se.

— Ora, estão vendo *seu* Anselmo! Pois não é que o homem está esperdiçando discursos. Em vez de poupar, porque nós vamos ter trabalho como diabo, está o homem a esticar a oração, e vai longe. Vou arrancal-o.

— Não, deixa.

— E se vier outra commissão ?

— Que se arranje.

— Mas é que o povo fica mal habituado. Já o tinhamos na dóse das quatro palavras e agora vem esse Demosthenes com uma enxurrada de

periodos. Isto é um desaforo! Foram necessarios meios violentos para que o Neiva se contivesse — estava possesso. Felizmente Anselmo poz remate ao discurso. Estalaram palmas; Montezuma e Patrocinio respiraram; mas não foi longo o momento de tranquillidade — os rapazes começaram a bradar que queriam ver o grande homem, queriam ver e abraçar Patrocinio e foi mister dar-lhes caminho. A onda precipitou-se, invadio o gabinete.

Patrocinio, muito molle, ergueu-se e, passivamente, deixou-se abraçar por vinte e tantos moços robustos, que o apertavam com enthusiasmo, que o levantavam, que o agitavam ; e elle, risonho, guinchando, com muita emoção: « obrigado, obrigado », soltava gemidos, de quando em quando, como se lhe estivessem a afundar as costellas.

Tudo parecia ter acabado quando um dos moços arremetteu, estirando o braço e bradou:

— Patrocinio, tu és um novo Christo...

— Estamos perdidos, sussurrou Montezuma.

Patrocinio tomou um ar resignado e o orador proseguio, comparando-o a Jesus, dizendo, porém, que a cruz que lhe estava reservada não era a do supplicio mas a da historia.

O Neiva fez uma careta á comparação mas o orador, que talvez a percebesse, quiz explicar o seu pensamento, mas embrulhou-se de tal modo que os proprios companheiros, querendo salval-o, romperam em palmas, e, de novo, foi Patrocinio apertado, beijado, levantado, sacudido, dando-se

por muito feliz quando um dos rapazes disse estrondosamente :

— Vamos á redacção d'*O Paiz*. Joaquim Nabuco e Quintino devem estar lá. Vamos!

— Pois sim, disse baixinho Montezuma, guardando o *pince-nez*, vocês hão de achar o Nabuco e o Quintino; não que nem todos são tolos como nós. Quando os rapazes, com um ultimo viva estrepitoso, deixaram o escriptorio, Patrocinio derreado, gemeu :

— Não posso mais. Essa gente não vê que eu sou um pai de familia...

— E eu! esguelou Montezuma. Só lhes digo que com outra noite como a de hoje entisico. Estou com os pulmões num estado lastimavel. Apre! Tambem tanto não... Quarenta e seis! Nem no Paraguay!

Quando deixaram o escriptorio da *Cidade do Rio*, lentos, curvados como enfermos, ainda erravam enthusiastas e alguns tão desequilibrados que começavam um viva numa calçada e iam terminal-o na outra.

Sentados nas soleiras das portas populares estafados faziam guarda ás botinas ou resmungavam cabeceando; mas, como numa cidade que se prepara, ás pressas, para um assedio, em todas as esquinas havia montes de sarrafos e de taboas; homens subiam por escadas altas e, á luz fumarenta e escura de candeias martellavam com furia, cantarolando, assobiando.

No largo de S. Francisco um grupo, com violas e flautas, num zangarreio jocundo, attrahia a attenção

dos retardatarios; e como uma voz fanhosa, que accusava zangurriana, levantasse um viva a José do Patrocinio, o abolicionista tremeu aterrado, e para que não fosse conhecido acolheu-se junto dos companheiros apertadamente, assombrado, pedindo, em voz surda, que o não deixassem exposto, livrando-o de mais um discurso e de mais abraços. Passaram sem que os da serenata vissem o tribuno; mas, junto ao pateo exterior da Escola Polytechnica um noctambulo, avistando Patrocinio, levantou o chapéo acima da cabeça e escancellou a boca, mas não poude gritar. Montezuma, furente como Ajax, agarrou-o pelo collete e, com uma voz temerosa e rouca, disse-lhe ameaçadoramente:

— Se grita morre!

Mas o homem, com os olhos esbugalhados, explicou que ia levantar um viva ao grande brasileiro.

— Aqui não ha grande brasileiro, não ha nada, só te digo que se gritas morres...

— Então a gente não póde ter opinião?

— Não... Quarenta e seis! Sabes tu que são quarenta e seis discursos?

— Não, senhor.

— Pois sei eu que os fiz. Vai e lembra-te das minhas palavras: Nem um viva..!

— Pois sim, senhor... Bôa noite.

— Bôa noite.

O pobre homem afastou-se seriamente intrigado com aquella aggressão. Caminhava, mas, como se o enthusiasmo o picasse, de quando em quando

voltava a cabeça e lançava um olhar ao grupo em que se achava o abolicionista. Perto da rua da Conceição não se conteve — preparou-se para a corrida e, a plenos pulmões, lançou aos ares socegados um estrondoso: « Viva José do Patrocinio! » Montezuma sapateou de colera e quiz sair em perseguição do recalcitrante, mas os amigos oppuzeram-se. Felizmente ninguem havia ouvido o grito. Ao longe a .serenata continuava, languida.

— Queres saber, José? Acho melhor que tomes um tilbury.

— Mas não ha.

— Eu vou ver, disse Anselmo.

— E eu, ajuntou o Neiva.

— Então depressa.

Partiram os dois; e Montezuma ficou acompanhando o amigo e escondendo-o.

Pouco depois dois tilburys chegavam em grande disparada; Patrocinio precipitou-se para o primeiro, dizendo desafogadamente:

— Estou salvo!

— Bôa noite!

— Dize, antes, bom dia, emendou Anselmo, porque os gallos já começam a cantar.

— Bom dia então. Até logo.

— Não venhas hoje a cidade.

— E' melhor...

— Eu por mim declaro que, emquanto houver festejos, não ponho os pés na rua. Estou com a garganta em miseravel estado. Deixa-te estar em

casa. Já fizeste a grande obra; está a patria livre; não queiras tu ser o captivo. Não venhas!

— Pois sim. Adeus!

E o cocheiro fustigou o cavallo, que partio a galope. Pardal, que estava fatigado e com um ameaço de enxaqueca, despedio-se tambem.

Ficaram os tres Neiva, Anselmo e Montezuma, diante do outro tilbury, discutindo o grande facto. Montezuma, porém, não achava extraordinario o acontecimento: parecia-lhe muito mais importante a sua eloquencia.

— Meus amigos, a libertação dos negros era uma cousa esperada, a campanha havia de ter um desfecho, mas, quarenta e seis discursos de improviso... ufa! Olhem, eu no Rio da Prata, em presença do Urquiza, numa festa politica, fiz quatro brindes e todos declararam, assombrados, que eu era um phenomeno. Os jornaes commentaram, e, nos salões, durante mais de um mez, o assumpto das palestras foi essa exuberancia... Que diriam esses homens se soubessem que, num dia e sem jantar, pronunciei quarenta e seis discursos com imagens? E' um absurdo.

— E eu? exclamou o Neiva. Cheguei a fazer dois discursos a um tempo, para andar mais depressa. E o Patrocinio...

— Ah! mas o Patrocinio tem o habito da tribuna.

— O habito não faz o monge, observou Anselmo.

— Ahi vem você com os disparates. Vamo-nos embora. E' muito tarde.

— Acho que é muito cedo. Começa a amanhecer. Se fossemos ás ostras, no Mercado ?

— E' uma idéa.

— Toca para o mercado.

E os tres, despedindo o tilbury, desceram a rua do Ouvidor, que começava a enfeitar-se azafamadamente para a celebração da grande festa, e romperam a cantar, muito roucos, de braço dado, seguindo em passos largos :

Allons enfants de la Patrie
Le jour de gloire est arrivé...

Um bebedo, muito bambo, levantou um viva ao Brasil e começou a algaraviar um discurso. Tiniram campainhas, e no silencio da rua, a voz de um tropeiro que vinha tangendo a récua rompeu afinada e dolente :

Eh ! dona do chale branco,
Cumu é seu coração ?
Si é máo, porque me buscou,
Si é bom, porque me diz não ?
Eh ! dona, eu não comprehendo
Tamanha vacillação !...

— Deixemos passar a bucolica, disse o Neiva encostando-se á parede.

E a tropa, com um alegre tinir de campainhas, passou num trote lento.

Quando chegaram á rua Direita ainda havia sombra nocturna. Italianos seguiam em grupos

com os cestos pendentes dos páos ; carroças rodavam lentamente parando de espaço a espaço. Os tres tomaram pelo largo do Paço ; Montezuma, enfezado, resmungava :

— Que já não era homem para aquellas estroinices, estava com cincoenta annos, era tempo de tomar juizo. Que havia de dizer em casa quando apparecesse ? Contava com a guerra civil — sempre que fazia alguma ao voltar cahiam-lhe todos em cima : a mulher e os filhos, e era uma grita de enlouquecer. E com razão : um homem como elle devia dar-se a respeito. Que haviam de dizer se o vissem, áquella hora da manhã, batendo a calçada, em troça ?

— Ora, Montezuma ! Deixa-te de escrupulos. A vida é isto.

— Pois sim.

Chegavam ao largo do Paço.

Ao fundo, no mar, confundindo-se com as estrellas, luzïam os pharóes dos barcos e o relogio da companhia Ferry, illuminado, parecia uma grande lua muito baixa. Uma carroça, atulhada de verdura, passava lenta, aos solavancos ; tiniam campainhas e, de longe, no ar, vinha o cheiro acre da maresia. Cães rosnavam nos monturos, o mercado accordava; as differentes barracas enchiam-se e, á luz do gaz, os mercadores iam arranjando a hortaliça verdoenga, empilhando os molhos das alfaces, do agrião, das couves: os repolhos rolavam nos cestos, os rabanetes e os nabos confundiam-se e, constantemente, iam e vinham carregadores,

com grandes cestos atochados ; arriavam, descarregavam e iam, ás pressas, algaraviando e rindo. Bácoros coinchavam, grasnavam patos, ganiam cães e os gallos, nas prisões, presentindo a manhã, cocoricavam triumphantemente, saudando a luz. Uma negra, sentada num tamborete, mexia, com uma immensa colher de páo, a panellada de angú ; outra adiante, cercada de negros e pescadores, enchia canecas de mingáo de tapioca, respondendo, com calma, aos gracejos grosseiros da freguezia. Nos açougues a carne sangrenta destacava-se : eram metades de rezes, carneiros e porcos estaqueados e, no cepo, os homens iam esquartejando, espostejando, ás machadadas e logo corriam aos ganchos espetando as grandes postas que ficavam oscillando e sangrando.

— Onde vamos nós ?

— A's ostras ; pois não ficou combinado ?

— Já haverá ostras ?

— Como não ? Ha ostras como ha medicos : a qualquer hora do dia ou da noite, affirmou Montezuma. Eu conheço isto. Vamos ver o grego.

— Que grego.. ?

— Um grego que aqui ha, do Pireu, vende ostras quando não está na Detenção, ou no jury — é homem que abre barrigas com a mesma facilidade com que Hercules estrangulava leões. Dou-me com elle.

— Pois vamos lá ao grego.

Chegaram á praia justamente quando começava o leilão de peixe. As canôas, enfileiradas na

rampa, estavam abarrotadas de pescado. Uma multidão fervilhava em torno dellas, discutindo, berrando: eram gritos, improperios, pragas, ameaças e, vencendo todo o rumor, a voz tonitroante de um alentado cabo verde que apregoava. Na beira da rampa os taboleiros de ostras, entre os cestos, onde os homens mettiam as mãos com estrepito. Dum golpe abriam-nas e expunham-nas: « Ostras frescas! Ostras frescas! Mariscos... »

— Vamos ao grego. Ao grego... e Montezuma encaminhou-se para o sitio em que estava o primeiro taboleiro, mas deteve-se:

— Oh!

— Que é?

— Não é o grego. Querem vêr que já está na Detenção?

Um homem alto, barbado abria as ostras com uma faca curta e larga. Montezuma abordou-o.

— Bom dia, patricio.

— Deus lhe dê bom dia.

— Sabe dizer-me se o grego ainda vive?

— O grego...? Vossoria quer fallar do Alexandre...

— Não sei se é Alexandre; o grego...

— Sim, senhor: o grego, é como l'o chamam. Ah! o grego foi filado desde pelo carnaval?!

— Foi filado?!

— Sim, senhor.

— Está preso?

O homem, sempre a abrir as ostras, encolheu os hombros.

— Que quer vossoria... a policia mette-se em tudo. A gente tem uma quistãsinha com um camarada, as vezes inté amigo e, cando mal se precata, está ahi a patrulha com máos modos, azangando tudo...

— E' verdade, apoiou o Neiva. Se não fosse a policia não haveria tantos conflictos como ha: o elemento de ordem é o principal desordeiro.

— E' isso mesmo, vossoria falla como um adbugado.

— Mas que houve com o grego?

— Que hoube..? o que ha sempre... Vossoria sabe, quem se mette com mulher fica com um pé cá fóra e outro lá dentro. O Alexandre é homemzinho que, em vendo mulher, até esquece o nome. Aqui assim ao lado ficava um rapazinho que tinha um diabo de mulata que até fazia tonteiras, palavra de honra; a gente punha os olhos nella e aquillo era uma vez. Vossoria quer ostras? estão frescas.

— Sim, queremos.

— P'ros tres? isso é um maná p'ro peito. Olhe aqui vem todas as manhãs um moço doutor que esteve disinganado porque a tisica lhe comeu um pulmão. Não tomou drogas, não senhor, veio ás ostrinhas e está que é um texugo; até parece que tem agora quatro pulmões, e se algum dos senhores tem molestia do peito, não queira saber d'oleos de figado nem d'oitras babuzeiras, atice-lhes... uma ou duas duzias d'ostras pela manhã e um calixto do bom,

e diga-me depois se o Timotheo tem ou não olho p'rá cousa.

— Chama-se Timotheo?

— De Azevedo e Almeida, pr'a servir a vossoria.

— Mas vamos ao caso do grego.

— Ah! sim, ao caso do Alexandre... Mulheres, mulheres.

— O diabo são: disse sentenciosamente Anselmo.

— O caso foi o conseguinte. Os dois, o grego mal o mulato, fizeram-se de boa amizade; aqui a gente só os via juntos, mas não era pelos olhos do mulato que o grego andava perdido, que elle até, Deus não me castigue, tinha uma cara de desmamar crianças, o grego andava de olho na cachopa que era destorcida. E vai daqui e vai dalli um dia, zaz! o grego metteu-se em casa e começaram os presentes e o homem ficou embeiçado duma vez, que até o serviço esquecia e, quando vinha á banca, em vez de tratar da vida, punha-se a arrancar suspiros e até tratava mal a freguezia. Estava virado duma vez. O mulato não dava pela cousa e a marosca já ia adiantada. Uma manhã, foi o diabo que se metteu no meio, o mulato estava aqui muito bem, a fazer o seu mercado quando, de repente, atirando a faca para cima da banca, chamou um companheiro, entregou-lhe o negocio e coriscou por ahi fóra que nem que um cão damnado lhe tivesse ferrado os gravetos. Ainda me alembro que o Zé da Terceira

perguntou se elle fugia do arrecrutamento, mas o pequeno estava tapado e sumio. Eu sabia do caso, mas nunca pensei que o diabo do grego houvesse arranjado as cousas tão depressa. Eram onze horas, mais ou menos, quando a noticia bateu no mercado — que o grego havia esvasiado o buxo do mulato com uma lingua de ferro.

— Por causa da rapariga? perguntou Montezuma.

— Por minha causa não foi, isso garanto a vossoria. O mulato encontrou o grego no quente e, como dóe á gente gastar o seu dinheiro com uma traidora, o rapazinho, queimado, desmunhecou com a navalha em cima do grego, que não ficou partido de meio a meio porque o diabo tem santo. Saltou da cama e, ligeiro como um raio, espetou o mulatinho, que ficou com tudo exposto e acabou sem ter tempo de tomar o Christo. O grego veio logo p'ra praia, tomou um bote e mandou cortar para a ilha do Governador; mas os pequenos foram dar com elle e lá o têm na casa grande até que o Senhor seja servido.

— O mulato morreu?

— Se morreu!? Pois vossoria queria que um homem naquellas condições vivesse? Morreu e bonito.

— E a mulata?

— A gente sabe lá dessas creaturas? Anda por hi, hoje com um, amanhã com oitro. Já me andou por aqui a fazer fosquinhas mas eu não quero endrominas com mulher que já puxou sangue.

Ella que se arranje por lá com quem quizer; commigo é que não, não tenho estomago para essas cousas. Não ha nada como a gente viver com o que é seu, deixem lá.

— E' casado?

— Casado? eu! Não, senhor. Vivo como casado, mas sou independente. Quando não me servir, bôa noite! passe muito bem e venha outra. Senhor doutor, eu tenho quarenta annos e tenho visto muita cousa. Dois homens não brigam senão por mulher — se vossoria vir um desgraçado com um palmo de ferro no corpo póde jurar que foi por questão de mulher ou de jogo, que é outra cousa damnada. Eu tambem já estive para me perder, cheguei mesmo a metter na cava do collete o ferro, mas Nossa Senhora me alumiou e, em vez de eu fazer uma asneira fiz uma cousa de homem de juizo — fui para casa, agarrei a mulher pelo gasnete, dei-lhe um ponta-pé e mandei-a com Deus — foi logo p'r'uma rotula e ainda me escreveu cartas, pedindo perdão e jurando que se havia de portar como uma santa; mas eu... moita. Não, que quem escapa duma queda não deve ir espiar o lugar donde esteve para cahir. Que se arranje. Quer mais uma duzia? Estão frescas e são de rocha. Eu cá não vendo ostras de navio, não que tenho consciencia. Já um pobre senhor, por signal que era medico, escapou da morte por ter comido umas endiabradas ostras, que vieram do casco velho dum pontão. Eu cá posso garantir a minha fazenda.

— Estão bôas.

— Ah! e saborosas, afiou a faca na borda da taboa e, com um sorriso, para continuar a palestra, disse:

— Antonces agora não ha mais escravos?

— Felizmente! disse Anselmo sorvendo uma ostra.

— Felizmente, diz vossoria muito bem. Eu é porque sou pobre, senão ia offerecer um rico presente ao senhor Patrocinio. Grande homem! Aquelle é como o Pombal que acabou com os Jesuitas. De homens assim é que nós precisamos. Era uma vergonha, isso era! um paiz rico como este não precisa de escravos. Eu digo a vossoria: se fosse cousa da gente fazer com armas, eu mesmo, estrangeiro como sou, sahia para a rua e havia de fazer o meu filé. Porque, verdade, verdade eu, com odio, sou homem para mandar um freguez desta para melhor, num tempo; mas, a sangue frio, juro por Deus! sou incapaz de bater num cão, num cão! que até me perco muitas vezes pelo coração e quando lia a relação dos castigos que soffriam os pobres negros, os figados me subiam á guela, palavra de honra. O senhor Patrocinio ganhou o céo.

— Conhece-o?

— A quem? Ao Zé do Patrocinio? Ora! meu freguez. De vez em quando aqui vem elle; não come muito, é de pouco comer, meia duzia d'ostras e já diz que tem para o dia todo.

Tomou um ar muito grave e, limpando as mãos a um panno sordido, disse como se jurasse:

— Agora elle póde vir aqui cando quizer; não lhe cobro vintem, sim porque é até vergonha cobrar dum homem como aquelle.

— Apoiado! affirmou o Neiva. E Montezuma, receioso de que o homemzinho, levado pelo enthusiasmo, quizesse improvisar um discurso, pagou e despedio-se:

— A's ordens de vossoria, Timotheo de Almeida.

— Sim, até outra vez.

Durante oito dias longos e agitados o povo festejou, com enthusiasmo, a promulgação da lei egualitaria. Anselmo, que conseguira o dom da ubiquidade para poder gozar de todas as festas sumptuosas e alegres que foram celebradas, como se já se houvesse habituado áquella vida de atropello, accordando com o silvo agudo da machina de uma fabrica, estirou os braços e bocejou com preguiça, deixando-se ficar na cama, a olhar o papel do quarto, manchado de humidade.

— E agora, seu Anselmo? a campanha está vencida... Quererá ainda o Patrocinio continuar com a *Cidade do Rio*? com que programma? Emfim... Levantou-se mollemente, foi ao banheiro e, refrescado, vestio-se e sahio. A vida retomara o seu curso normal: pulsavam as grandes machinas das officinas, caminhões rodavam carregados, turmas de crianças, com os saccos a tiracollo, seguiam a caminho dos collegios. Reviviam os pregões dos vendedores ambulantes; nas

esquinas o calçamento estava deslocado, havia pyramides de parallelipipedos e covas fundas; pilhas de sarrafos e pannos sarapintados atravancavam as calçadas — eram os restos dos coretos que os operarios desfaziam com pressa como barbaros que destruissem uma cidade. Escudos e lanças eram levados em carroças e calceteiros andavam a reparar as ruas esboroadas. Aqui, alli, ás janellas, ainda esvoaçavam flamulas esquecidas e bandeiras, muito espichadas e encolhidas, pendiam molles, como fatigadas. A cidade tinha um ar morno de cansaço. A rua do Ouvidor, acamada de areia, era como uma estrada fôfa onde o rumor dos passos morria e toda a vida parecia decorrer, morosa e derreada, dum bocejo cavo e lento, de tedio.

Entrando na *Cidade do Rio* Anselmo perguntou pelo Patrocinio. «Já alli estivera, muito cedo, com um corretor» disse-lhe o gerente. Subio. As salas estavam ainda desarranjadas; grandes ramos de flôres murchas jaziam pelos cantos, num abandono triste, bandeiras enchiam uma grande lata, do tecto pendiam sanefas esvoaçantes e corymbos e sobre a mesa central, entre jornaes, havia uma *corbeille* atufada de rosas dentre as quaes passarinhos, d'azas abertas, pareciam querer fugir para o espaço luminoso.

Anselmo procurou umas tiras e, afastando velhos ramilhetes que entulhavam a sua mesa, poz-se a escrever machinalmente. Em baixo, na officina, os compositores chalravam. Justamente

terminava a chronica e começava a rubricar o noticiario quando Patrocinio appareceu esbaforido com o chapéo derreado sobre a nuca. Atirou-lhe uma palmada ao hombro e sentou-se á sua secretaria procurando alguma cousa nas gavetas.

— Então, seu José... que vamos fazer agora ?

— Hein ? escrevia, muito inclinado, de costas para o secretario.

— Qual é o teu programma ?

— Que programma ? Ergueu-se e, sorrindo, estendeu a mão: Dá cá um cigarro. Queres saber qual é o meu programma ?

— Sim, conquistaste o teu ideal e agora...?

— Agora ? e, rindo, inclinou-se ao hombro do companheiro, dizendo-lhe ao ouvido: agora eu vou alli ao banco com esta lettra para arranjar dinheiro. Os rapazes estão lá em baixo trabalhando e... Já almoçaste ?

— Ainda não.

— Então espera-me no Globo, ao meio dia. Ia sahindo mas voltou-se: Olha, manda limpar a redacção que está immunda, ouviste ? E desceu as escadas precipitadamente.